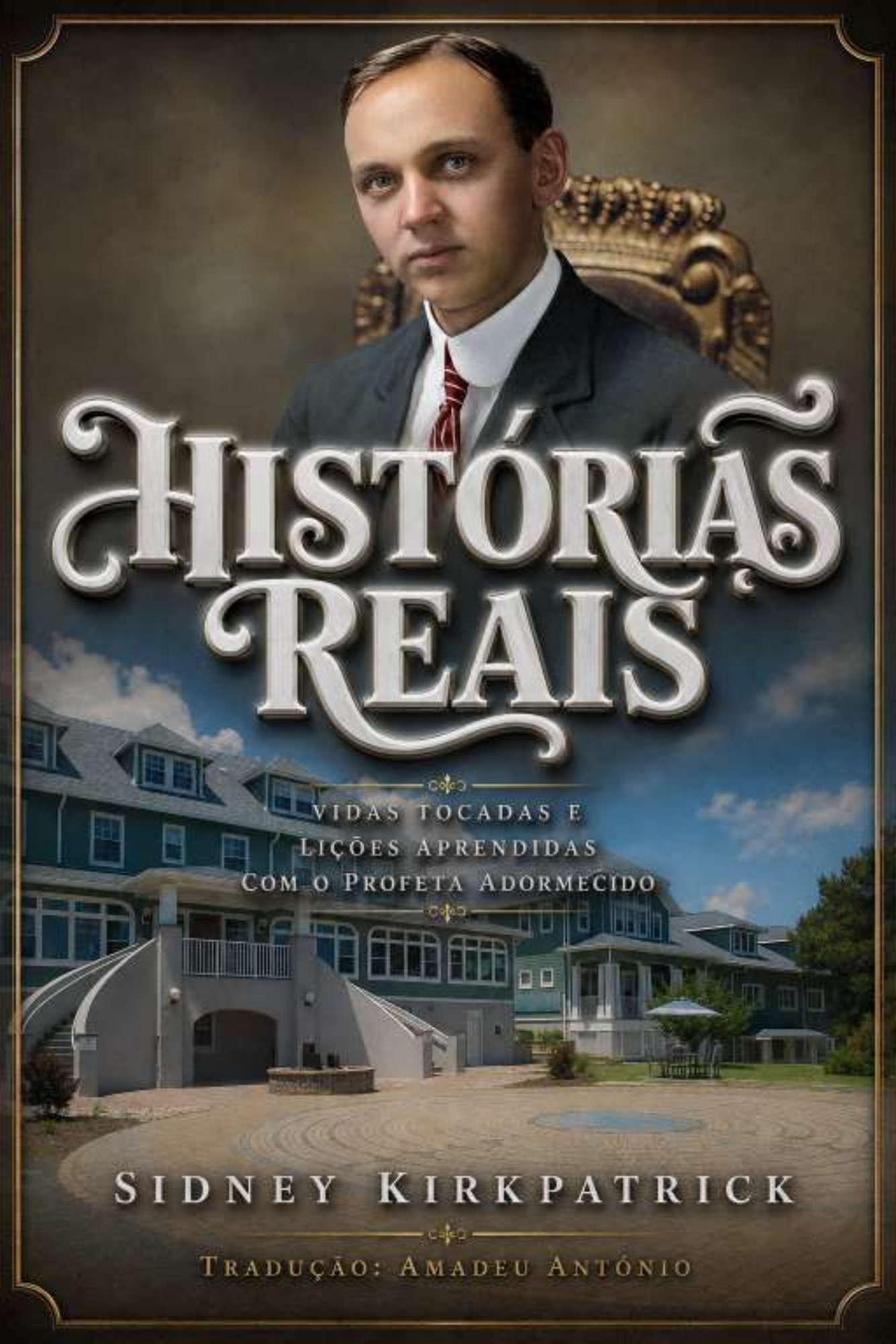

HISTÓRIAS REAIS
VIDAS TOCADAS E
LIÇÕES APRENDIDAS
COM O PROFETA ADORMECIDO
SIDNEY KIRKPATRICK
TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

HISTÓRIAS REAIS DOS ARQUIVOS DE EDGAR CAYCE

VIDAS TOCADAS E LIÇÕES APRENDIDAS COM O PROFETA ADORMECIDO

Sidney Kirkpatrick e

Nancy Kirkpatrick 2015

Sumário

Agradecimentos
Introdução: Porquê Edgar Cayce?
Lulu Boyd Cayce: Anjos e Demónios
Anna e Barnett Seay: Juntos Outra Vez
Dwight Moody: Um Pastor Nesta Vida e na Próxima
Gertrude Evans: A Jovem da Colina
Al Layne: Apresentando o Diagnóstico Psíquico
Carrie House: O Seu Bebé Moribundo
Wesley Ketchum: A Parceria Psíquica
Hugo Münsterberg: Harvard Chega a Hopkinsville
Hugh Lynn Cayce: O Filho da Psíquica
David Kahn: O Judeu de Lexington
Ethlyne Clair: Rumo a Hollywood
Edgar Davis: Explorador de Petróleo do Texas
Gladys Davis: A Jovem com um Bloco de Notas
Evangeline Adams: Regida pelas Estrelas e pelos Planetas
Arthur Lammers: Outrora Monge

Edgar e Gladys: Eros ou Ágape?
Morton Blumenthal: O Aquiles Mítico
Edgar Evans: Na Atlântida
Marion Stansell: O Motor de Movimento Perpétuo
Tom Sugrue: À Sombra das Pirâmides
Patrícia Devlin: A Alta Sacerdotisa
Mitchell Hastings: Desaparecido em Combate
Eileen Garrett: Uma História de Dois Médiuns
Ernest Zentgraf: Contemplando o Suicídio
Maurice Mitshkun: Prendam o Cayce!
Anne Neumark: Artista no Asilo
Faith Harding: A Pequena Profetisa
Burton Wheeler: Candidato à Presidência
Louise Brigham: A Filha da Hospedeira
George Conjar: Curado!
Edgar Cayce: Na Sua Presença

PORQUÊ EDGAR CAYCE?

Como muitos jornalistas, em tempos julguei arrogantemente que os fenómenos psíquicos eram um assunto indigno de estudo sério e que qualquer pessoa que depositasse a sua fé num médium em transe estava a enganar-se a si própria ou era vítima involuntária de fraude. Depois apareceu a Nancy Webster, que viria a tornar-se minha parceira de escrita e esposa. “Edgar Cayce vai ser o tema do teu próximo livro”, declarou profeticamente a Nancy. Não querendo ser rude nem condescendente, recusei educadamente continuar a discussão. Mas a Nancy, uma estudante dedicada da obra de Cayce desde os tempos do ensino secundário, foi implacável. Livros e artigos sobre o chamado “profeta adormecido” de Virginia Beach começaram a aparecer na minha caixa de correio com tanta regularidade que, para finalmente dar o assunto por encerrado, li um.

Dizer que a história de Cayce desafiou a minha imaginação é um eufemismo. Um rapaz do campo vindo dos confins do Kentucky, com a escolaridade do oitavo ano, tinha alegadamente a capacidade de entrar num transe hipnótico profundo a partir do qual conseguia diagnosticar doenças, presenciar eventos num passado distante, antever o futuro e conversar com anjos. Nenhum assunto era proibido, por mais simples ou complexo que fosse o questionamento — quer fosse ajuda para encontrar um relógio de bolso perdido, como realizar um procedimento cirúrgico ou o que esperar da vida do além. Cayce deitava-se num sofá, cruzava as mãos sobre o estômago, parecia adormecer e respondia milagrosamente a qualquer pergunta que lhe fosse feita. Raras vezes, ou quase nunca, se provou que estivesse errado.

Ao longo da sua carreira de quarenta e um anos, consta que Cayce salvou centenas de pessoas de doenças intratáveis e lesões incapacitantes. Um hospital dedicado às suas artes de cura foi construído em Virginia Beach, onde os pacientes recebiam as suas leituras em transe e se utilizava tecnologia especializada, anos à frente do seu tempo, para os tratar. Ele orientou os interesses comerciais de fabricantes de peças para automóveis de Detroit e ajudou corretores de bolsa de Nova Iorque, bem como homens do petróleo do Texas, a tornarem-se milionários. Identificou a localização de tesouros enterrados, resolveu um homicídio e ditou guiões de Hollywood induzidos por transe. No entanto, Cayce e a sua família levaram vidas de constante luta e dificuldade, mudando de casa para casa, muitas vezes sob a ameaça de serem perseguidos por adivinhação ou por praticarem medicina sem licença. Ele não lucrava com os conselhos dados em transe nem se promovia a si próprio. Durante grande parte da sua vida, ganhou o sustento como fotógrafo de retratos e foi um marido, pai e diácono da igreja muito admirado.

A história de Cayce era, no seu todo, demasiado incrível para ser verdade. Era por isso, suspeitava eu, que se tinham decorrido cinquenta anos desde que tinha sido escrita uma biografia abrangente de Cayce. Nenhum escritor ou jornalista sério dedicaria tempo a fazer um exame rigoroso dos factos, porque estes não resistiriam ao escrutínio. Se se escavasse mais fundo, a história de Cayce iria com certeza desmoronar-se. Ou assim eu supunha.

Sempre um passo à minha frente, a Nancy enviava-me transcrições das leituras de Cayce em transe. A acompanhá-las iam relatórios médicos e testemunhos convincentes em primeira pessoa sobre como os tratamentos de saúde por ele recomendados — frequentemente descartados durante a sua vida como frutos fantasiosos da sua imaginação — tinham mais tarde vindo a ser plenamente aceites pela comunidade médica convencional. Os discursos em transe que fez sobre temas como alimentos para a saúde e cura, hidroterapia, massagens e a ligação íntima entre a saúde psicológica e física valeriam a Cayce a distinção de pai indiscutível do movimento de saúde holística da atualidade. As informações que forneceu sobre história mundial, física, engenharia eletrotécnica e ciências da Terra também se revelaram assustadoramente precisas. E, embora tenha morrido décadas antes do interesse popular generalizado pelos fenómenos paranormais, as leituras em transe de Cayce sobre temas como visão remota, vida após a morte, reencarnação, o segredo da Esfinge e o continente perdido da Atlântida viriam a definir o padrão pelo qual quase toda a informação metafísica tem sido subsequentemente julgada. Ele foi para o mundo dos psíquicos e médiuns o que Babe Ruth foi para o mundo do basebol.

Mais convincente ainda, Cayce não falava em termos vagos e ambíguos que estivessem abertos a interpretação, mas usava terminologia médica e científica precisa, muito além da sua escolaridade e formação. Além disso, não realizou estas proezas sobre-humanas apenas algumas centenas de vezes no decorrer da sua carreira. Ele deu bem mais de dezasseis mil leituras em transe, cada uma diferente da outra, e algumas durando de trinta minutos a uma hora. Em muitas ocasiões, professores de universidades da *Ivy League*, líderes religiosos notáveis, presidentes de bancos, historiadores, médicos, inventores e cientistas assistiram às suas sessões em transe. O mestre do ilusionismo Harry Houdini, tendo-se dedicado a expor as práticas fraudulentas de centenas de médiuns ocultistas e espiritualistas, não conseguiu desmascarar nem explicar o fenómeno Cayce, tal como aconteceu com Hugo Münsterberg, da Faculdade de Medicina de Harvard.

Mesmo isto, contudo, não era o que tornava o material de Cayce mais relevante. Como as suas leituras em transe deixam claro, o seu objetivo final não era simplesmente fornecer diagnósticos para ajudar os médicos, operar curas milagrosas, localizar tesouros perdidos ou entusiasmar o intelecto. Eram disponibilizadas para ajudar os indivíduos a compreender e a aceitar a verdade do mundo multidimensional em que vivemos. Cayce tinha fornecido provas incontroversas da existência de uma consciência além dos nossos cinco sentidos. O seu trabalho era uma porta aberta para outra dimensão através da qual podemos compreender mais plenamente quem somos e o nosso lugar no universo.

A pergunta que em breve eu fazia a mim próprio não era se Cayce tinha feito o que se alegava que fizera — a evidência era avassaladora —, mas sim como o fizera. Assim começou o nosso estudo sobre Edgar Cayce e, juntamente com ele, formou-se uma

parceria entre mim, um não crente, e a Nancy, cuja fé em Cayce nunca vacilou. Juntos iríamos investigar a vida e a obra de Cayce como nunca antes tinha sido feito, produzindo a sua biografia definitiva, *Edgar Cayce, An American Prophet*; sendo autores de numerosos artigos; contribuindo para projetos de cinema e televisão; e, o mais importante, esforçando-nos por aplicar a sua orientação em transe no nosso dia a dia e no dos nossos quatro filhos.

Uma viagem a Virginia Beach, na Virgínia, foi o nosso ponto de partida. Aqui, na *Association for Research and Enlightenment* (A.R.E.), estão alojados os arquivos de Edgar Cayce, que consistem em cerca de meio milhão de páginas de leituras em transe, correspondência, documentos familiares e fotografias. Como Cayce dava leituras primariamente para indivíduos específicos que solicitavam a sua ajuda, e dado que tinha sido realizada uma investigação biográfica de acompanhamento para determinar a eficácia dos seus conselhos, tínhamos uma coleção massiva de material de referência adicional que usaríamos para rastrear as pessoas que receberam as leituras e julgar a verdade por nós próprios. A grande maioria dos nomes desses indivíduos pouco ou nada nos dizia no início da nossa investigação, pois tinham levado vidas de resto banais como agricultores, donas de casa, empreiteiros da construção civil, músicos, estudantes e enfermeiras — até mesmo um cortador de pedras tumulares do Alabama. Crianças e adultos de quase todas as profissões que se possam nomear recorreram a Cayce em busca de conselhos.

No entanto, entre estes indivíduos estavam nomes que reconhecemos instantaneamente. O compositor George Gershwin e o pioneiro do cinema de Hollywood Jesse Lasky tiveram leituras, assim como os inventores Thomas Edison e Nikola Tesla, engenheiros eletrotécnicos da RCA e da NBC, e o

presidente e fundador da *Goodyear Tire and Rubber Company*. Foram realizadas leituras para a mãe de Ernest Hemingway, em nome do marido da aviadora Amelia Earhart e, embora envolto em segredo, para o Presidente Woodrow Wilson. Este aspeto do trabalho de Cayce não tinha até então atraído atenção porque Cayce nunca se promoveu a si próprio. Ele não tirava partido dos nomes dos ricos e famosos que o consultavam pela mesma razão que não cobrava uma taxa para dar leituras. Acreditava que o seu dom vinha de Deus e não devia ser usado para fins egoístas ou para proveito próprio, mas sim para a fraternidade humana; aquilo a que as leituras se referem como o nosso propósito coletivo ou destino da alma.

Em Hopkinsville, no Kentucky, onde Cayce viveu e trabalhou durante a primeira metade da sua carreira, a Nancy e eu acampámos à beira do campo de um agricultor, caminhámos pelas matas onde Cayce brincava quando jovem e visitámos o palheiro de tabaco onde ele tinha começado a comunicar com o mundo dos espíritos. Em Selma, no Alabama, visitámos a *First Christian Church*, em cujo arquivo lemos as actas outrora redigidas pelo seu secretário da igreja, Edgar Cayce. Em Cleburne, no Texas, conhecemos o filho de um repórter de jornal que tinha trabalhado com Cayce para desenvolver os campos petrolíferos de Desdemona, uma das maiores jazidas de petróleo e gás natural alguma vez encontradas. Em Dayton, no Ohio, entrevistámos um homem cujo patrão tinha o sonho de construir o hospital dedicado às artes de cura de Cayce. Muitos outros que conheciam Cayce pessoalmente ou que tinham recebido leituras apresentaram-se com histórias que anteriormente não tinham sido registadas. Como viríamos a descobrir, o entusiasmo deles por Cayce ia além do conselho em transe que ele fornecia. Gostavam da sua companhia — quer estivesse a ensinar no estudo da Bíblia, a trabalhar ao lado deles no estúdio de fotografia ou a juntar-se a

eles no seu pesqueiro favorito. Um homem humilde, bondoso e afetuoso, preferia a companhia de crianças, amigos e colegas de trabalho acima das suas muitas amizades ricas e famosas. Ele tocou as vidas deles, e eles tocaram a dele.

Aqui reside o tema deste livro. Edgar Cayce não podia fazer o que fazia sozinho. Em transe hipnótico profundo, não tinha memória consciente de nada do que era dito. Precisava de alguém — na maioria das vezes a sua esposa, Gertrude — para o guiar no transe e lhe colocar as perguntas. Precisava também de alguém para registar e transcrever o que ele dizia, uma tarefa que viria a recair sobre a sua dedicada secretária, Gladys Davis. Precisava de muitas outras pessoas — médicos, enfermeiras, fisioterapeutas, cientistas, engenheiros e estudiosos bíblicos, até mesmo um cortador de pedras tumulares do Alabama — para ajudar os destinatários das leituras a aproveitar ao máximo os conselhos fornecidos. O mais importante: precisava de alguém que quisesse genuinamente a sua ajuda. Quanto mais sentido e verdadeiro fosse o desejo por essa ajuda, mais longa, detalhada e frequentemente mais profunda era a informação que transparecia. Ele precisava de uma equipa, tal como as leituras em transe nos dizem que todos nós precisamos de uma equipa ou de parceiros com os quais, por projeto, devemos partilhar a experiência da vida.

Agora, mais de duas décadas após ter entrado pela primeira vez no arquivo de Cayce em Virginia Beach, não é apenas o Edgar que nos faz voltar para mais investigação e estudo, mas sim as muitas pessoas cujas vidas deram forma e significado às suas leituras em transe. Compreender os seus desafios, triunfos, fracassos e desejos é compreender o propósito mais elevado da jornada da nossa própria vida. É isto que se quer dizer com “a obra de Cayce”. Não é apenas a obra dele, mas também a nossa obra.

LULU BOYD CAYCE:
ANJOS E DEMÓNIOS

O primeiro encontro espiritual relatado por Edgar Cayce foi com o seu falecido avô Tom Cayce, que foi morto em 1881 depois de ter sido projetado de um cavalo na quinta de tabaco da família em Beverly, no Kentucky. O assunto não preocupou a mãe de Edgar, Carrie, que acreditava que o seu filho de quatro anos tinha simplesmente uma imaginação fértil. O pai de Edgar, Leslie, um agricultor fracassado e grande consumidor de álcool, ficava fora de casa durante semanas a fio e pode não ter notado o comportamento cada vez mais estranho do seu filho. O membro da família mais preocupado era a tia de Edgar, de vinte e quatro anos, Lulu Boyd Cayce, que recomendou que o Pequeno Eddy devia ser levado a um médico. Era isso ou a um padre. "Ele tem o Diabo no corpo", disse Lulu aos pais de Edgar. "Nenhum bem pode vir disto."

Lulu e os membros da sua família alargada sabiam quão próximo o Pequeno Eddy tinha sido deste avô. A criança tinha muitas vezes dormido a sesta nos braços de Tom e nunca estava mais feliz do que quando estava embrulhada no sobretudo comprido de Tom. Tom tinha-o ensinado a pescar, a andar a cavalo e a cuidar do jardim. Até ajudou Edgar a construir casas de brincar com a vegetação alta que crescia ao longo das margens do *Little River*, um ribeiro meandrante que atravessava a propriedade dos Cayce.

A família de Lulu Boyd e Clinton Cayce de Beverly, Kentucky, c. 1882. Da esquerda para a direita: Maud (com

boneca); Lulu Boyd; Florence (ao centro); Clinton Cayce; Granville.

Edgar ia a andar a cavalo atrás de Tom na sua égua favorita quando o trágico acidente ocorreu. Segundo contaram as testemunhas oculares, Tom estava a regressar dos campos de tabaco quando pararam num lago para dar de beber ao cavalo. Tom tinha descido Edgar da sela para brincar nas zonas rasas, o seu passatempo favorito. Momentos depois, o cavalo assustou-se com o que poderá ter sido uma serpente boca-de-algodão. O cavalo empinou-se, projetando Tom para a água. Da margem, Edgar assistiu enquanto o cavalo descia os cascos sobre o peito de Tom. Um médico que morava nas proximidades foi chamado para ajudar, mas Tom já estava morto antes de o marido de Lulu Boyd, Clinton, retirar Tom da água.

Como Lulu logo notou, o Pequeno Eddy parecia imperturbável com a tragédia. Pouco depois do funeral, ela encontrou-o sozinho no palheiro de tabaco. Quando perguntou o que ele estava a fazer, Edgar declarou com a maior das naturalidades que estava a falar com o Avô. Segundo Eddy, muitas vezes o Avô também estava nos campos, a sussurrar aos trabalhadores agrícolas para lhes lembrar as tarefas ou como reparar as máquinas agrícolas. Mas o Avô, dizia ele, às vezes podia ser difícil de ver. Aparecia em “feixes de luz”. Se Edgar olhasse com muita atenção, conseguia ver através dele.

O avô de Edgar, Thomas Jefferson Cayce, c. 1875. O lago onde foi projetado de um cavalo e morreu em 1881.

O lugar favorito do Avô para se sentar, confidenciou Edgar, era debaixo das traves do palheiro. Edgar queria mostrar o local a Lulu, mas ela recusou severamente. Era de facto um

comportamento estranho. Mas o que realmente a assustou foram as histórias que Edgar dizia que o seu avô lhe andava a contar sobre o passado da família Cayce na Virgínia, anterior à Guerra Civil. Estas histórias não eram do tipo facilmente produzido pela imaginação fértil de um jovem, mas relatos autênticos da família Cayce antes de vir para o Kentucky. Apenas a geração de Tom saberia estas coisas. Lulu aconselhou Edgar a não contar a ninguém sobre as suas visões e encorajou Leslie e Carrie a procurarem ajuda para a criança.

Além disso, Edgar continuou a exibir outros comportamentos estranhos e perturbadores que inquietavam a família. Entre eles esteve um incidente ocorrido em 1882, depois de a mãe de Edgar dar à luz um segundo filho, a quem a família chamou Thomas em homenagem ao seu falecido avô. Não há registo de que Carrie tenha levado a gravidez do recém-nascido até ao fim, nem se conhecem detalhes sobre as circunstâncias do parto, apenas que Thomas nasceu a 19 de novembro, viveu durante dez dias e foi sepultado no talhão da família Cayce. O pai de Edgar, Leslie, por razões agora desconhecidas, desapareceu durante várias semanas, deixando Carrie e Edgar sozinhos na cabana a cuidar de si próprios.

Carrie ficou de cama durante três e quatro dias de cada vez, muito provavelmente sofrendo de depressão pós-parto e dores pela morte do seu filho. A sua angústia deixou uma impressão indelével em Edgar, e ele referia-se frequentemente a este período da vida da sua família como particularmente perturbador. Nem na altura, nem mais tarde, o nome de Thomas seria pronunciado ou apareceria na correspondência familiar. Mas para Edgar viria a surgir, em última análise, uma perceção de afirmação da vida a partir desta experiência.

Edgar e a sua mãe estavam sozinhos na cabana quando ela inesperadamente desatou a chorar e ruiu no chão de terra batida. Isto foi notável para Edgar porque era a primeira vez que via a sua mãe chorar. Quando ele tentou confortá-la, ela puxou-o para os joelhos dele e ela, erguendo-se sobre os joelhos, colocou as mãos em concha sobre as dele e começou a rezar. Isto, também, era algo novo para Edgar, pois não tinha visto ninguém rezar antes. Lulu e o seu marido Clinton eram cristãos dedicados e membros da *Liberty Church,* o único local de culto de Beverly, mas não era esse o caso da família de Leslie Cayce.

Enquanto Carrie rezava — pedindo fervorosamente ao Senhor as Suas bênçãos e a Sua ajuda no seu momento de necessidade —, Edgar vivenciou o que os investigadores hoje chamam de clariaudiência ou a capacidade de ouvir e percencionar sons que estão além do alcance auditivo humano normal. Embora ninguém estivesse a tocar um instrumento e ele e a sua mãe estivessem sozinhos na divisão, Edgar ouviu música. "As orações dela eram como notas musicais", descreveu ele mais tarde sobre a experiência.

Edgar passou muitos anos a ponderar sobre a relação entre a oração e a música, mas só em adulto é que articulou o que acreditava numa palestra pública. Ele comparou uma única pessoa a rezar a uma nota musical, subindo em direção ao céu. Duas pessoas a rezar juntas podiam criar um acorde ou uma harmonia, e uma sala cheia de pessoas a rezar juntas podia criar uma sinfonia divina. Ele referir-se-ia ainda a Jesus como o Mestre Músico.

O que exatamente Lulu pensou da sua experiência é algo que cada um pode imaginar. Uma mulher de rosto contorcido e sem humor, como descrita por alguns, ela e o seu marido, um

agricultor de terceira geração e chefe dos correios de Beverly, eram também profundamente empáticos. Quando Carrie e Leslie eram incapazes de cuidar de Edgar, Lulu e Clinton acolheram Edgar e rapidamente cuidaram da sua educação, algo que se revelou bastante desafiador.

Edgar na *Beverly School*, (fila de trás, 3.º a contar da esquerda, em frente a uma janela).

Como mais do que um dos seus professores viria a notar, a coisa mais assustadora sobre Edgar era a sua capacidade de pressionar a cabeça contra um livro, fechar os olhos e de algum modo saber todo o conteúdo do livro, até ao ponto exato da página onde uma determinada palavra ou parágrafo podia ser encontrado. O mesmo acontecia com cartas não abertas. Bastava-lhe manusear um envelope para saber o que estava lá dentro — um talento que em breve lhe valeu uma alcunha, o *Freak*. Estas eram capacidades especialmente estranhas para um jovem rapaz que tinha dificuldade em aprender a ler ou em prestar atenção na aula.

Tal como acontece com outros relatos sobre as suas capacidades estranhas, os céticos descartariam tais histórias como fabricações destinadas a abrilhantar o que mais tarde se tornou uma lenda. O registo histórico, contudo, fornece provas surpreendentes em contrário. Em jovem adolescente, encorajado pelo seu pai que desejava exibir os talentos do filho, Edgar apresentou-se perante públicos de quarenta ou mais pessoas, incluindo o presidente da câmara da vizinha Hopkinsville e um congressista dos EUA. Edgar recitou, *ipsis verbis*, um discurso de 110 páginas proferido no Congresso.

Ler a Bíblia tornou-se em breve o único assunto que interessava a Eddy. Isto foi desencadeado por uma conversa que Edgar tinha tido com um lenhador negro que vivia na antiga quinta do seu avô. As pessoas em Beverly chamavam-lhe "Crazy Bill" porque ele não era, como o próprio Edgar disse mais tarde, "muito bom da cabeça". Aconteceu encontrarem-se no seu caminho de regresso a casa da escola, num dia em que Bill estava a limpar uma árvore que tinha caído através da estrada. "Sinto-me tão forte como Sansão", declarou Bill, balançando o seu machado. Como Edgar não sabia quem era Sansão, Bill contou as histórias do Antigo Testamento de como o heróico Sansão, investido por Deus de uma força sobre-humana, derrubou um templo com as suas próprias mãos e subjugou um leão.

Edgar queria agora saber tudo sobre a Bíblia. A sua mãe e o seu pai não tinham nenhuma, mas a Lulu tinha. Ela ficou especialmente satisfeita por deixá-lo manusear a sua Bíblia e depois por o acompanhar à *Liberty Church*, onde ela disse que as pessoas a estudavam. O facto de a oração fazer parte da equação entusiasmou-o ainda mais.

A Bíblia de Lulu, transmitida através da sua família, era bastante grande e muito ilustrada. Ela mostrou-lhe gravuras em madeira do divinamente inspirado Sansão a derrubar os pilares do templo e a manter abertas as mandíbulas escancaradas de um leão feroz com as suas próprias mãos. Também entre as ilustrações estava uma do Arcanjo Miguel com as asas abertas. Edgar em breve pediu uma Bíblia própria, que lhe foi oferecida por Elijah Hopper, da livraria *Hopper Brothers Bookstore* em Hopkinsville, onde Edgar um dia viria a trabalhar.

Edgar tentou imediatamente ler a Bíblia. Ao início não conseguia pronunciar os nomes e tinha de ter a Lulu e depois a

sua mãe a acompanhar a leitura com ele. As sessões de leitura terminavam sempre com uma oração. No início do ano seguinte, Edgar já conseguia ler muitas passagens sem ajuda. Sentia-se especialmente atraído pelas histórias do Antigo Testamento sobre o que hoje são considerados fenómenos sobrenaturais ou psíquicos.

A partir dos dez anos de idade, raramente uma Bíblia estava fora do seu alcance, e ele lia-a de ponta a ponta uma vez em cada ano da sua vida. Carregava-a consigo com tanta frequência que a sua mãe coseu o que ele chamava de "bolso traseiro" no seu macacão, para a proteger no caminho de ida e volta para a escola ou em longas caminhadas pelas matas.

Edgar em breve juntou-se à *Liberty Church*, parte da imensamente popular *Disciples of Christ* sediada no Kentucky, que rejeitava todos os credos "criados pelo homem" e aceitava apenas a Bíblia como a sua autoridade plena e final. A tia Lulu e o tio Clinton, e outros elementos da família Cayce, testemunhariam o seu batismo por imersão no *Little River* aos doze anos de idade.

Lulu, sem dúvida, ficou aliviada por ele se ter afeiçoado à igreja daquela maneira. Ele assistia aos serviços religiosos de duas horas, participava em reuniões dos anciãos da igreja e tornou-se o sacristão da igreja — uma posição que nunca antes ou depois tinha sido ocupada por uma criança. Ele também conseguia citar longas passagens e interpretar as Escrituras. Tal como a sua experiência na escola, no entanto, a sua entrada na igreja apresentou desafios inesperados. Os milagres dos profetas, declarava ele, ainda eram possíveis. Ele sabia-o porque Deus lhe tinha falado através de um anjo.

O encontro angelical teve lugar no seu quarto, depois de Edgar ter passado um longo dia a ler a sua Bíblia e a perguntar como poderia ser útil ao Senhor. Tinha jantado com a família e tinha ido para a cama ao pôr do sol, como era habitual. As suas três irmãs mais novas estavam profundamente adormecidas na cama ao seu lado quando ele subitamente acordou e viu o que descreveu como uma luz poderosa a entrar pela porta.

Senti como se estivesse a ser elevado. Uma luz gloriosa, como a do sol nascente da manhã, parecia encher todo o quarto, e uma figura apareceu ao pé da minha cama. Tive a certeza de que era a minha mãe e chamei[-a], mas ela não respondeu. Por momentos fiquei assustado, saí da cama e fui até ao quarto da minha mãe. Não, ela não tinha chamado. Quase imediatamente após regressar ao meu leito, a figura apareceu novamente. Depois pareceu tudo gloriosamente brilhante — um anjo, ou o quê, não sabia eu, mas suavemente, pacientemente, disse: 'As tuas orações foram ouvidas. Terás o teu desejo. Permanece fiel. Sê fiel a ti próprio. Ajuda os doentes, os aflitos.'

Edgar não conseguiu voltar a adormecer. Em vez disso, caminhou para o exterior e sentou-se debaixo do seu sabugueiro favorito, onde ia frequentemente ler a sua Bíblia. Ajoelhou-se, agradecendo a Deus por responder às suas orações e fornecer orientação para a sua vida. O que iria fazer e como se haveria de preparar eram perguntas que não se tinha lembrado de fazer.

Três anos decorreriam antes que ele ganhasse coragem para contar a alguém sobre a visita do anjo. Tê-lo feito teria certamente perturbado ainda mais a Lulu e o resto da família e, mesmo que se sentisse capaz de enfrentar um interrogatório em casa e o que inevitavelmente se teria seguido na igreja, não sentia ter as capacidades para transmitir a intensidade da sua visão ou para

evitar a troça pública. “Não tinha como saber qual era mais real”, confessou ele mais tarde, “se a visão da senhora ou a almofada onde apoiava a minha cabeça.”

Muitos mais anos se passariam antes que ele fosse capaz de compreender a sua visão no contexto mais amplo das suas experiências de infância. Edgar concluiu que tinha nascido com capacidades especiais e que, em jovem, experienciava frequentemente uma realidade que existia além dos seus cinco sentidos. O facto de o anjo que apareceu no seu quarto ser impressionantemente semelhante a uma ilustração na Bíblia da sua tia não invalidava a experiência, tal como não invalidava o facto de ver o seu avô falecido vestido com o mesmo sobretudo comprido que usava nos campos. Tais visualizações eram o único meio pelo qual um adolescente psiquicamente dotado podia interpretar o que viria, enquanto adulto, a experienciar quando entrava num transe hipnótico.

Terá a sua tia Lulu ficado convencida de que as visões do seu sobrinho eram um dom de Deus e não obra do Diabo? Infelizmente, sobre isto — a relação de longo prazo documentada mais antiga que Edgar teve com alguém além da sua mãe e do seu pai — poucos detalhes íntimos se conhecem atualmente. Tudo o que se pode dizer com certeza é que Lulu e a vasta maioria dos Cayce em Beverly eram relutantes em discutir ou até em dizer o que mais tarde aconteceu a Eddy quando ele se mudou de Beverly. Mesmo décadas mais tarde, alguns membros da família alargada acreditavam que Edgar e as suas leituras em transe tinham manchado o nome da família. Os paroquianos da *Liberty Church*, bem dentro da década de 1950, eram relutantes em reconhecer que ele tinha sido outrora o sacristão.

O papel de Lulu na história de Cayce, contudo, seria substantivamente diferente do dos seus outros parentes de Beverly ou dos vizinhos da família Cayce. Em janeiro de 1893, quando o pai de Edgar, Leslie, perdeu a sua parte da herança familiar e mudou com a sua esposa e as suas três filhas para Hopkinsville, Edgar, com dezasseis anos, permaneceu em Beverly. O facto de ter escolhido viver com Lulu e Clinton e trabalhar na quinta deles durante os nove meses seguintes é indicativo do amor e da confiança que existiam entre eles.

O lado da família de Lulu foi também o primeiro a aceitar aquilo a que chamavam o seu "chamamento". A irmã de Lulu foi a primeira dos membros da família alargada dos Cayce a receber uma leitura dedicada em transe, seguida pelo marido de Lulu, Clinton, e eventualmente pela própria Lulu aos sessenta e cinco anos de idade. Acamada, tinha contraído uma condição congestiva potencialmente fatal e não conseguia parar de tossir. O seu sobrinho, que vivia então em Virginia Beach, entrou em transe, diagnosticou imediatamente a sua condição e recomendou uma mistura única de ervas medicinais, compressas quentes e reajustes espinhais. Dias mais tarde ela estava de novo de pé, e em dois meses estava curada. Embora ela pessoalmente não tenha escrito a agradecer a Edgar nem tenha feito referência a amigos e vizinhos de que tinha tido uma leitura, Clinton fê-lo em seu nome. Além disso, depois de Lulu e Clinton se reformarem e se mudarem para Hopkinsville, convidavam sempre Edgar para ficar com eles nas suas visitas anuais de regresso ao Kentucky. Como ela e Clinton finalmente reconheceram ao acolhê-lo em casa, Deus atua por caminhos misteriosos.

ANNA E BARNETT SEAY: JUNTOS NOVAMENTE

A aparição fantasmagórica de Tom Cayce foi o início de uma porta giratória de entidades espirituais na vida de Edgar. Os seus primeiros companheiros de brincadeiras na infância eram do tipo "faz-de-conta" — assim acreditavam os seus pais. Só que o "Povo Miúdo", como Eddy se lhes referia, não era o conjunto habitual de amigos imaginários. Tinham nomes, personalidades distintas e contavam-lhe histórias sobre o Egito e a Pérsia — assuntos que normalmente não eram discutidos por crianças da zona rural em Beverly. As únicas coisas que incomodavam Eddy eram os factos de o Povo Miúdo nunca parecer molhar-se quando chovia e de não gostar de ser visto por outras pessoas. Eles desapareciam. Incomodados pela imaginação excessivamente fértil da sua criança precoce, os pais de Edgar ficaram aliviados quando Eddy fez amizade com a filha do vizinho Barnett Seay. Hallie, uma menina franzina de cabelo escuro, um ano mais velha do que Edgar, era chamada de "Pequena Anna" porque partilhava o mesmo primeiro nome que a sua mãe.

A Pequena Anna e o Eddy estavam sempre juntos. No inverno corriam pelos campos a tentar apanhar flocos de neve e brincavam debaixo de uma ponte coberta. As suas atividades de verão incluíam caçar libelinhas e colher flores, brincar nas margens do *Little River* ou observar os agricultores a trabalhar. Como Edgar contou mais tarde na história, o Povo Miúdo gostava tanto de Anna como gostava dele — só que ela acabou por os conhecer melhor porque lhes estava sempre a fazer perguntas.

O esconderijo favorito de Edgar e Anna era nas traves do palheiro de um vizinho, onde escavaram um espaço para eles num palheiro de palha e brincavam aos casais. Anna era a sua esposa, ele era o seu marido e o Povo Miúdo eram os seus filhos.

Em certa ocasião, pediram emprestado o chato de fundo chato de um vizinho e deixaram-se ir rio abaixo no *Little River*, onde se depararam com uma pequena ilha perto de uma bifurcação do rio. Aqui, também, juntou-se a eles o Povo Miúdo. Mas, como Edgar relacionou mais tarde a história, também se juntaram a eles criaturas que não eram muito maiores do que insetos. Ele chamou-lhes "duendes", pois libertavam cores cintilantes invulgares. Ele e Anna não conseguiram conviver muito tempo com eles porque eles não gostavam de brincar com crianças nem, aliás, com quaisquer outros humanos.

A família de Edgar, naturalmente, descartou a ideia de duendes, mas Edgar nunca o fez. Tal como a visão do anjo e do Povo Miúdo, eram todos parte da multifacetada dimensão espiritual. Apenas os duendes, Cayce veio a acreditar, eram "formas de energia" que viviam em e entre plantas e árvores e desempenhavam um papel integral no seu processo de crescimento. Tal como o Povo Miúdo lhe aparecia como crianças, os duendes apareciam-lhe como estrelas cintilantes, que era como ele, um adolescente, podia melhor compreender ou descodificar o que observava na sua mente. O facto de Edgar partilhar a experiência com outra pessoa, a Pequena Anna, tornava tudo ainda mais real para ele.

Os dezoito meses que Edgar passou com a Pequena Anna foram os mais felizes da sua infância. Terminaram quando Leslie vendeu a cabana onde viviam e se mudou para um pavilhão de caça a várias milhas da herdade dos Seay. A separação dele e da Pequena Anna tornou-se permanente quando ela contraiu e morreu de pneumonia. Consta que Edgar caminhou seis milhas e meia através de neve funda para estar com a sua amiga quando o fim chegou, apenas para chegar demasiado tarde para se despedir.

Ela foi sepultada num pequeno caixão perto da sua casa em Beverly, onde se lhe juntou um mês mais tarde o seu pai, Barnett Seay, que se julga ter morrido de pneumonia contraída enquanto cuidava dela. Os restantes membros da família Seay acabaram por vender a quinta de Beverly, e os seus descendentes fixaram-se na Virgínia e na Califórnia.

Esta história, no entanto, não termina com um rapaz jovem desolado e a morte trágica da sua única amiga. Tal como aconteceu com o avô de Edgar, a Pequena Anna também faria outra aparição, só que não como uma delicada menina de cabelo castanho com quem ele tinha explorado o *Little River*.

Quase cinco décadas após a morte da Pequena Anna, Edgar Cayce recebeu uma carta de uma contabilista de vinte e nove anos, Beatrice Coffing, de Altadena, na Califórnia. Ela tinha lido um artigo sobre a clarividência médica de Cayce em "Miracle Man of Virginia Beach", que tinha saído na popular revista *Coronet Magazine*. Ela procurou e depois recebeu conselhos em transe da parte de Cayce em nome do seu noivo, Richmond, um violinista e professor de música que sofria de um caso de cegueira por cataratas.

Edgar, então com sessenta e dois anos de idade e a viver em Virginia Beach, forneceu um diagnóstico médico notável. Descreveu a condição do noivo dela como decorrente de uma lesão que a sua mãe tinha sofrido durante a gravidez, a qual tinha tido como resultado o seu nascimento prematuro — informação que não tinha sido fornecida a Cayce, mas que mais tarde se confirmou ser verdadeira. Além disso, Cayce disse que as cataratas de Richmond podiam ser curadas e recomendou um tratamento composto por reajustes osteopáticos espinhais específicos na sua área dorsal superior e cervical e a toma de

Codiron, um suplemento de saúde composto por óleo de fígado de bacalhau e ferro com vitaminas A, B, C e G.

Após ser submetido a estes e outros tratamentos recomendados, a sua condição melhorou rapidamente. Como Beatrice e o seu noivo relataram vários meses mais tarde, pela primeira vez em quase meia década ele conseguia ler as notas numa página de pauta musical. Antes do Ano Novo, a sua cura estava completa. Tão bem-sucedida foi a experiência que Beatrice escreveu a Edgar a solicitar leituras para si própria e a dizer que ela e o seu noivo iriam conduzir da Califórnia para a Virgínia, uma distância de quase três mil milhas, com o noivo ao volante, para agradecer a Edgar pessoalmente.

O noivo de Beatrice Coffing, Richmond Seay.

A informação que transpareceu na leitura de Beatrice foi uma grande surpresa para a família Cayce, pois raramente uma sessão em transe falava diretamente sobre acontecimentos e ligações cármicas com a infância de Edgar em Beverly. Beatrice, com vinte e nove anos, nem sequer tinha nascido quando Edgar, em 1893, se tinha mudado de Beverly para Hopkinsville.

Edgar Cayce e Beatrice Coffing em Virginia Beach.

A reencarnação, nesta fase da carreira de Cayce, não era um assunto novo. Além de cerca de quase dez mil leituras médicas, ele tinha dado várias centenas de "Leituras de Vida", nas quais as encarnações anteriores de uma alma eram identificadas e eram fornecidas descrições que ajudariam os destinatários da leitura a compreender como os seus comportamentos e relações em vidas anteriores impactavam a sua vida presente. No caso de Beatrice, muitas dessas relações nas suas vidas anteriores tinham sido com Edgar.

Algo altamente invulgar aconteceu durante a Leitura de Vida quando a leitura começou com a curiosa afirmação: "Este não é o nome! [Mas] sim, temos aqui os registos dessa entidade agora chamada Beatrice Coffing." Depois, a leitura continuou:

No presente, então, encontramos que a entidade é uma daquelas que pode de facto dizer-se ser o pensador consistente e expoente do *todos por um, e um por todos*, naquelas coisas em que se uniu em serviço ativo. Estas atitudes provocam dificuldades por vezes na experiência material no presente. Mas naquelas atividades em que possa haver a saída para a maior

construção de lar, e a expressão do mesmo, possa a entidade encontrar o maior campo de serviço, a maior harmonia, a maior perspetiva de paz e alegria na experiência desta entidade.

Por outras palavras, ela encontraria a sua maior realização no lar e na vida que partilharia com os outros. Em termos de vidas anteriores, a leitura revelaria ainda que ela e Edgar tinham estado juntos tão recentemente quanto a presente encarnação de Edgar numa comunidade agrícola rural no Kentucky através da qual fluía o *Little River*. E, no entanto, na correspondência que Edgar enviou a Beatrice com a sua Leitura de Vida, ele permaneceu invulgarmente circunspecto sobre partilhar com ela como se tinham conhecido, dizendo apenas que se tinham conhecido.

Não foi senão quando conheceu Beatrice pessoalmente que Edgar deixou o "segredo escapar". Ele tinha de "ver a verdade" por si próprio antes de poder, como disse mais tarde, "estar absolutamente certo". Naquele dia, quando Beatrice e o seu noivo chegaram em frente à casa de Cayce em Virginia Beach, Edgar ficou no alpendre, incapaz de se mover. Nem sequer conseguiu falar para ela quando ela saiu do carro e ergueu a mão para o cumprimentar. As lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces. Mal conseguia juntar mais do que duas palavras. "Pequena Anna... Pequena Anna", repetia ele. "É verdade."

Antes de vir para Virginia Beach, Beatrice tinha lido tudo o que podia sobre Edgar e, embora acreditasse que ele era uma "alma gémea", não estava preparada para a forma curiosa como ele se lhe dirigiu. Quem era a Pequena Anna? Porquê as lágrimas? A esposa de Edgar, Gertrude, e a secretária Gladys Davis estavam igualmente mistificadas. Elas também nunca tinham ouvido falar da Pequena Anna nem conseguiam adivinhar por que razão Edgar estava comovido até às lágrimas.

Quando Edgar e Beatrice se sentaram no seu gabinete e conversaram, ela começou a compreender o que vê-la significava para ele. Ela ganhou também uma perceção impressionante sobre a mensagem maior que vinha através das leituras. Ela não só tinha conhecido Edgar na sua encarnação anterior como Pequena Anna, mas também tinha conhecido o seu noivo, Richmond Seay, de quem tinha cuidado durante a sua provação de anos com as cataratas. Ele era nada mais nada menos do que o pai de Anna, Barnett Seay, que tinha cuidado dela quando ela contraiu pneumonia. A Pequena Anna e o seu pai Barnett Seay, que tinham ambos morrido de pneumonia no Kentucky em 1887, eram agora em 1941 Beatrice e Richmond Seay, prestes a tornarem-se marido e mulher.

Beatrice cuidou de Richmond na sua hora de necessidade, tal como ele tinha outrora cuidado dela. Era assim que o karma, que é tão fundamental para o processo de reencarnação, muitas vezes funcionava nos ciclos de reencarnação descritos nas leituras de Cayce. As mães numa encarnação anterior tornavam-se muitas vezes filhas ou irmãs na seguinte. E invariavelmente havia pelo menos um membro da família que regressava dentro da mesma família, tal como o avô de Edgar, Tom Cayce, acabou por regressar como neto de Edgar, Charles Thomas Cayce.

O que era começado numa vida tinha continuidade na seguinte, trazendo lições e experiências de aprendizagem cruciais para aquilo que as leituras descreviam como a essência da evolução humana — o desenvolvimento ou crescimento de uma alma a preparar-se para encontrar ou regressar ao seu criador. Os membros da família podiam ser interpretados como membros de uma equipa a trabalhar juntos nesta vida e na seguinte.

Assim que Beatrice e Edgar começaram a comparar notas sobre as suas vidas presentes, perceberam o quanto tinham em comum. Ambos adoravam jardinagem e falavam frequentemente com as suas plantas. Tal como a infância de Edgar em Beverly, ela tinha passado os seus anos formativos em Attica, no Indiana, a brincar sozinha nas matas e a conversar com companheiros de brincadeira "imaginários". Os seus respetivos caminhos espirituais, embora muito diferentes, tinham-nos também trazido à mesma crença profundamente enraizada no Cristianismo.

Edgar e Beatrice tornaram-se amigos firmes e dedicados. Ela e Richmond, que em breve se tornou seu marido, mudaram-se para Blackstone, na Virgínia, e tornaram-se líderes ativos na nascente A.R.E. — a associação que levaria a obra de Cayce às gerações futuras. Nunca se referiam um ao outro como Edgar e Beatrice, mas simplesmente como Eddy e Anna. Beatrice derramava frequentemente o seu afeto por Edgar em cartas:

Tenho muitas coisas pelas quais estar grata, Eddy, mas penso que tu és uma das maiores e mais profundas dessas coisas pelas quais estou grata, por isso estou-te sempre muito grata por nos dares um pouco do teu tempo e da tua bênção", escreveu ela. "Acabei de ler e ponderar sobre todas as tuas cartas desde a primeira vez que te me dirigiste... Embora nessa altura eu não fizesse ideia de que a "Pequena Anna" ou o "Pequeno Eddy" tivessem sequer existido — algo cintilou mesmo nessa altura. E que revelação maravilhosa e que coisas bonitas saíram do facto de encontrar um certo Sr. Edgar Cayce.

Mais tarde, Beatrice escreveria: "A beleza e a maravilha disso! Eu não conseguia compreender o que puxava e arrostava o meu coração e a minha alma desde o momento em que ouvi falar de ti e do teu trabalho, até que pouco a pouco me contaste

experiências que me ajudaram a compreender... Parecia que fazias parte do meu coração e da minha alma." Edgar sentia o mesmo.

"[Para mim] tu estás entre os vivos e os mortos, e a praga da dúvida na minha própria mente é travada... quando [eu] estou contigo... Toda a dúvida se dissipa, e quando me permito recuar para dias há muito passados, uma parte de todo o processo de viver, [eu] sou simplesmente transportado para outro mundo. Um mundo onde não se pode deixar de ver, sentir e ouvir a bondade e o amor de Deus. Nunca sou capaz de traduzir em palavras o que sinto, mas está lá, e [eu] sei que fico mais capaz de pelo menos tentar e servir melhor os outros quando estive contigo."

Três anos após ter conhecido Beatrice, Edgar sofreu um acidente vascular cerebral que resultou na paralisia completa de todo o lado esquerdo do seu corpo. Foi enviado para Roanoke, na Virgínia, para recuperar. Sabendo que o fim se aproximava e desejando morrer na companhia de amigos e familiares, pediu para ser levado para casa. Mas, na viagem de regresso a Virginia Beach, solicitou que a ambulância fizesse um desvio por Blackstone. Desejava ver a Pequena Anna uma última vez.

Beatrice e Richmond Seay não estavam em casa quando a ambulância de Edgar chegou ao seu caminho de acesso. Eles também tinham pressentido que o fim estava próximo e tinham conduzido até Virginia Beach na esperança de o verem uma última vez. Tinham partido para Virginia Beach enquanto a ambulância se deslocava para Blackstone. Beatrice nunca conseguiu despedir-se do seu amado Edgar, tal como, cerca de quarenta anos antes, Eddy tinha chegado demasiado tarde para se despedir da Pequena Anna.

DWIGHT MOODY:
UM PASTOR NESTA VIDA E NA SEGUINTE

O *Union Tabernacle* era o local onde todos queriam estar nas noites de fim de semana em Hopkinsville, a sede do condado. Com lugares nas bancadas para duas mil pessoas, o auditório municipal, que ocupava um quarteirão inteiro, foi anfitrião do candidato a vice-presidente Theodore Roosevelt, do educador afro-americano Booker T. Washington, da líder do movimento pela temperança Carrie Nation, do orador William Jennings Bryan e do maestro John Phillip Sousa.

Edgar Cayce, com dezoito anos e visitante frequente, ia ouvir os evangelistas. Havia o ex-jogador de basebol Billy Sunday, "salvador de almas" e "eterno otimista"; o defensor da educação cristã George Stuart; o combativo e sempre bem-humorado Sam Jones; e Mordecai Ham, o pregador que mais tarde converteu Billy Graham numa reunião de reavivamento na Carolina do Norte. Edgar aguardava ansiosamente a chegada do imensamente popular e carismático Dwight L. Moody, conhecido simplesmente como "D.L.", que por vezes atraía dez e doze mil pessoas para ouvir os seus sermões.

Na manhã anterior àquela em que Moody estava agendado para falar, a 5 de abril de 1898, Edgar vivia com a sua família numa casa de tábuas de madeira brancas na esquina das ruas 7th e Young, a uma curta caminhada do tabernáculo. Ele tinha crescido bastante em altura, medindo pouco mais de um metro e oitenta e oito, com cabelo castanho desalinhado que cortava curto, o que acentuava a sua testa alta, os olhos azul-acinzentados fundos e o queixo proeminente. Como o seu pai continuava desempregado desde que deixara Beverly dois anos antes, o salário de Edgar como empregado na livraria *Hopper Brothers Bookstore* era agora o único meio de subsistência da sua família. Ainda assim, Edgar tinha tarefas domésticas a cumprir. Entre as suas responsabilidades estava a de ordenhar a vaca da família, que naquela manhã de terça-feira tinha desaparecido.

Edgar seguiu as pegadas da vaca através de um portão aberto nas traseiras da casa, atravessando um prado, descendo a margem de um rio e ao longo de um ribeiro que corria pelo meio da cidade. Depois de seguir o ribeiro por cerca de uma centena de metros, deparou-se com um homem de meia-idade, com excesso de peso, sentado num tronco. Tinha uma grande barba, que tinha começado a ficar branca, tal como o seu cabelo. Edgar não pôde deixar de notar que ele segurava uma Bíblia nas mãos.

"Bom dia, jovem", disse o estranho. "Arrisco dizer que estás à procura desta vaca aqui mesmo atrás de mim. Ela deve ter subido por este caminho a partir do trilho de onde vieste."

Edgar perguntou-lhe como sabia que ele estava à procura da vaca. Vestido com um casaco de fato e colete, ele não achava que ainda parecesse um rapaz do campo. Foi a ansiedade no seu rosto

que o denunciou, respondeu Dwight Moody, e depois apresentou-se.

Puseram-se à conversa e a discussão voltou-se inevitavelmente para a Bíblia, a livraria e o desejo de Edgar de se tornar pregador. Moody convidou-o então, como seu convidado, a assistir ao seu reavivamento no tabernáculo, que estava agendado para durar uma semana inteira.

Edgar apareceu nessa noite e ficou muito impressionado. Sentou-se na primeira fila, no meio de uma multidão que enchia a sala até não haver mais lugares de pé. O texto que Moody leu era do Evangelho de São Lucas, 10:25, a parábola do Bom Samaritano. Edgar já a tinha lido muitas vezes e ouvido várias interpretações, mas nunca a tinha visto abordada exatamente da mesma forma que Moody apresentou o tema. Edgar comunicou o seu entusiasmo a Moody na manhã seguinte, quando encontrou o evangelista à sua espera no mesmo local onde o tinha encontrado no dia anterior. Ele e "D.L." continuaram a encontrar-se junto ao rio durante toda a visita de Moody à cidade.

Edgar fazia a Moody a mesma pergunta que tinha colocado a muitos pastores diferentes. Alguma vez Deus tinha falado diretamente com ele? Ao perguntar o que tinha levado o jovem a fazer tal pergunta, Edgar contou a Moody as histórias da sua infância. Como a própria leitura da Bíblia por Edgar lhe revelava e Lulu lhe tinha chamado a atenção, o Diabo falava frequentemente através de espíritos. Como se podia ter a certeza? "Conhece-se a árvore pelos seus frutos", lembrou Moody a Edgar, partilhando depois com ele histórias de pessoas, muitas delas crianças, que tinham recebido mensagens de Deus.

Moody partilhou também a sua própria experiência numa viagem a Cleveland para realizar uma reunião de reavivamento. A visita planeada devia durar algumas semanas e esperava-se um público numeroso. Contudo, assim que chegou, teve um sonho no qual lhe foi dito para encerrar a sua reunião de imediato e ir para Londres, em Inglaterra. Como Moody nunca tinha estado em Inglaterra e mal podia dar-se ao luxo de o fazer, estava relutante. No entanto, como acreditava que o seu sonho era uma expressão genuína da vontade de Deus, terminou prematuramente o reavivamento de Cleveland e, com o risco de estagnar uma carreira promissora, partiu para Inglaterra, onde ninguém sabia quem ele era.

Moody sentia-se como um estranho em Londres e começou a duvidar de que a sua visão tivesse sido autêntica. Então, numa tarde, quando vagueava pelas ruas de um bairro pobre da cidade, deparou-se com uma floreira na janela de um prédio de rendimento próximo, na qual florescia um gerânio. Esta era a sua cor e flor favorita. Aproximando-se para ver melhor, ouviu uma voz angelical a cantar um hino favorito. Seguiu a voz para dentro do prédio e subiu as escadas até uma porta aberta. Lá dentro estava uma jovem criança incapacitada.

"Oh, Sr. Moody", disse ela, olhando para ele. "Eu sabia que Deus responderia à minha oração e o enviaria aqui."

A experiência deixou Moody convencido de que a sua ida ao apartamento da criança tinha sido o plano de Deus. Retomou o seu ministério com uma reunião de oração nessa mesma divisão e acabou por tocar a vida de um quarto de milhão ou mais de pessoas em Inglaterra. "Eu sei que foi Deus quem falou comigo", disse Moody a Edgar.

Edgar guardaria os seus diálogos com Moody com tanto carinho quanto guardava as reuniões de reavivamento do evangelista no *Union Tabernacle*. Em cada novo sermão, Edgar encontrava o que parecia ser uma mensagem especial destinada apenas a si. Ouvir simplesmente Moody, disse Edgar, causava-lhe arrepios na espinha. O que mais recordava era a última manhã em que se encontraram. Edgar tinha chegado antes do nascer do sol e encontrou Moody a segurar num pau e a fazer marcas na terra, tal como o Livro de São João relatava que Jesus tinha feito. Moody perguntou a Edgar o que ele ia fazer da sua vida. Edgar confessou que desejava ser um pastor, como ele. Moody aconselhou-o a ser fiel ao espírito dessa visão, mas a saber que havia muitas formas diferentes de servir a Deus além do púlpito. Podia ser um missionário ou ensinar no estudo da Bíblia. Ele saberia o caminho certo quando chegasse a altura.

Durante muitos anos, muito depois de Moody ter morrido, Edgar refletiria sobre quão especiais tinham sido os seus encontros. E, embora nunca mais tenha falado pessoalmente com ele em carne e osso, Moody apareceria tanto nos seus sonhos como em visões induzidas por transe.

Numa visão em transe, Edgar estava num comboio de passageiros em movimento, a andar num *Pullman* ornamentado em branco e ouro, com poltronas luxuosas. No exterior podia ouvir o ruído das rodas a rolar nos carris e os apitos do comboio. Os seus companheiros de viagem eram pregadores vestidos com túnicas brancas, muitos dos quais Edgar tinha ouvido pregar quando jovem em Hopkinsville. Embora mortos há muito tempo, apareciam a Edgar como estavam no auge das suas carreiras. Conversando com eles, Edgar soube que estavam a caminho de assistir a uma reunião de reavivamento na qual o Discípulo João iria falar. Edgar ia a acompanhar a viagem.

Entre os passageiros estava Sam Jones, que fazia piadas e mascava tabaco tal como fazia quando era um pregador itinerante de reavivamentos. Quando Jones cuspiu o sumo do tabaco, Edgar ficou perplexo, surpreendido com a falta de decoro do pregador num *Pullman* tão requintado. Como o próprio Edgar queria um cigarro, questionou Jones: "Sam, não tens medo de sujar os estofos com sumo de tabaco?" Jones não deu importância ao assunto. No sonho de Edgar, a vida continuava tão normal no além quanto continuava quando ele estava em carne e osso.

Outro passageiro era Dwight Moody, a quem Edgar ficou especialmente satisfeito por reencontrar após tantos anos. Perguntou a Moody se ele se lembrava de o ter conhecido em Hopkinsville. "Oh, sim", disse Moody. "Lembro-me de ti e lembro-me da história que te contei sobre a menininha."

À medida que conversavam, Moody disse que Edgar não estava no mesmo lugar que ele ou os outros no comboio. "Tu estás neste mesmo comboio connosco neste momento, mas não te esqueças de que tens de voltar e não te afastes demasiado."

Os outros passageiros, satisfeitos por estarem juntos, discutiam sermões que tinham dado e qual tinha sido a sua experiência no além. Um pregador disse que achava que tinha acertado quando estava no púlpito, enquanto outros não achavam que tivessem acertado.

Jones disse: "Bem, as coisas são bastante diferentes daquilo que eu pregava ou imaginava que fossem." Depois voltou-se para George Stuart e disse: "George, não achas que seja assim?"

George disse que as coisas eram de facto bastante diferentes. “Nós estamos... ainda a ir a reuniões; a única diferença é que estão a pregar para nós em vez de sermos nós a pregar, pois descobrimos que não sabíamos tudo.”

Noutro ponto do sonho, todos os pregadores se voltaram para Moody para saber o que ele pensava. “D. L., como é que tu achas que é?”, perguntou Jones.

Moody respondeu: “Bem, não é assim tão diferente. Sabem que aquilo a que chamávamos natureza humana ainda é a natureza humana. Não é assim tão diferente.”

Edgar ficou com a impressão de que estes homens estavam a ter um momento tão bom no além como tinham tido quando estavam vivos. Ele queria continuar a viagem com eles para ouvir o Discípulo João falar, mas foi aconselhado a desembarcar antes de chegarem a um túnel que se encontrava mais à frente. “Tens de descer antes que vá longe demais”, avisaram Cayce.

Em visões semelhantes que experienciava em transe, Cayce tinha sempre de sair do comboio. No entanto, houve um sonho que teve em 1942 no qual chegou ao seu destino. O sonho causou-lhe tal impacto que o escreveu para posterior estudo e reflexão:

Estava sentado sozinho na sala da frente [da minha casa em Virginia Beach] a jogar paciência quando bateram à porta da frente. Quando fui à porta, um cavalheiro que não reconheci disse: ‘Cayce, quero que venhas comigo a uma reunião esta noite.’ Ao início eu disse: ‘Mas eu raramente saio à noite...’ Ele insistiu que eu devia ir com ele e assim fiz. Ao sair, percebi que outra pessoa estava à nossa espera na rua. Caminhámos... em

frente como que no ar, para cima e para cima, até chegarmos ao que parecia ser uma grande tenda de circo... Aproximámo-nos da aba da tenda e, quando ele puxou a aba para trás, eu, pela primeira vez, percebi que os dois homens com quem tinha estado a caminhar eram os evangelistas Dwight L. Moody e Sam Jones.

No sonho de Cayce, eles entraram na tenda, que estava a transbordar de líderes religiosos inspiradores, alguns dos quais Edgar reconheceu e outros não. E então, Cayce recordou:

Parecia que havia... relâmpagos ao longe. Com os relâmpagos havia um barulho, não de trovão mas de vento, contudo nada parecia mover-se... Quando perguntei a um dos meus companheiros o que era, foi-me dito: 'O Senhor nosso Deus falará connosco.' Então uma voz, clara e forte, veio como que de dentro da nuvem e do relâmpago e disse: 'Quem avisará os meus filhos?' Então, do meio da multidão diante do trono, veio o Mestre... Ele falou, dizendo: 'Eu avisarei os Meus irmãos.' A resposta veio de volta: 'Não, o tempo ainda não se cumpriu para tu regressares...' Então o Sr. Moody falou e disse... 'envia o Cayce, ele está lá agora.' Então o Mestre disse: 'Pai, o Cayce avisará os Meus irmãos.'

Aqui o sonho terminou. Mas a mensagem para Cayce permaneceu.

Gertrude Evans, c. 1897.

GERTRUDE EVANS:
A JOVEM DA COLINA

Edgar estava a trabalhar na livraria *Hopper Brothers Bookstore* quando conheceu a sua antiga professora da escola de Beverly, Ethel Duke. Ela reconheceu-o imediatamente e, depois de se porem à conversa, convidou-o para uma festa. Iria ser organizada pelos seus primos, os Salter de Hopkinsville, que rotineiramente realizavam "noites de luar" nas quais a sua imponente casa pré-Guerra Civil, conhecida em toda a Hopkinsville como "The Hill", era iluminada com lanternas chinesas coloridas. Os convidados, maioritariamente jovens e estudantes do *South Kentucky College* de Hopkinsville, passeavam pela propriedade sob o luar e as estrelas.

Por muito entusiasmado que Edgar estivesse por ir, estava também preocupado. Como admitiu mais tarde, achava que os convidados o iriam achar "rude e sem instrução". A decisão, contudo, esteve fora do seu alcance. Leslie proibiu-o de visitar a casa dos Salter, nem que fosse apenas porque os seus ocupantes eram liberais conhecidos. Eles defendiam abertamente noções radicais como o direito da mulher ao voto e a exercer cargos públicos. Todos em Hopkinsville tinham ouvido pelo menos uma história sobre como as três irmãs Salter mais velhas — Elizabeth, Kate e Caroline — praticamente geriam "The Hill" e como entre

os seus convidados para o jantar se incluíam judeus, negros, hindus e nativos americanos. Leslie pode ter suspeitado de que todo o tipo de coisas "subversivas" ocorriam em The Hill e queria que Edgar não tivesse qualquer parte nisso.

Edgar cumpriu a decisão do seu pai. No entanto, isto não o impediu de descobrir mais sobre a vida em The Hill através da namorada do seu patrão Harry Hopper. Mary Greene, uma professora do *South Kentucky College*, conhecia bem os Salter e tinha ido a muitas noites de luar. Entre outras coisas intrigantes que ela tinha para lhe contar estavam histórias do patriarca da família, Sam Salter, de setenta e três anos, um respeitado engenheiro civil, arquiteto e médico não praticante vindo de Filadélfia. Desde que chegara a Hopkinsville, tinha supervisionado a construção dos maiores projetos da cidade, tais como o *South Kentucky College* e o *Western Kentucky Lunatic Asylum*, tornando-se mais tarde o superintendente principal de obras desse hospital. Ele era o pensador radical que definia o tom em The Hill. Mas eram as raparigas Salter que estavam no comando. Além de ampliarem a extensa biblioteca pessoal da família e de cultivarem as suas próprias colheitas, ervas medicinais e gado, todos os filhos e netos Salter foram enviados para a faculdade, estudaram línguas estrangeiras e música, e aprenderam competências comerciais e profissionais para levar o legado dos Salter para o futuro.

Elizabeth, ou Lizzie, a rapariga Salter mais velha, era extremamente inteligente e culta. Casou-se com Sam Evans, o proprietário do depósito de carvão de Hopkinsville, e acabou por ter três filhos: Hugh, Lynn e Gertrude, a mais nova. As crianças eram ainda bebés quando o pai morreu subitamente de uma rutura de apêndice, e Lizzie usou o rendimento da venda do depósito de carvão para construir uma casa de campo imediatamente

adjacente a The Hill. Embora vivessem ao lado, todos jantavam juntos na casa maior e ajudavam nas tarefas domésticas.

Kate Salter Smith, a seguinte na linha, era uma música talentosa e podia contar-se com ela para entreter ao piano ou ler poesia. Era também bastante dada à leitura, mantinha a biblioteca da família e era ativa em atuações teatrais na sua igreja. Graças a ela, também, as noites de luar da família incluíam convidados como pastores de visita e palestrantes e músicos distintos que vinham falar ou atuar no *Union Tabernacle* ou na *Holland's Opera House*.

Caroline, conhecida como Carrie, era a mais nova e a mais bonita. Compradora para os armazéns *Anderson's Department Store*, que se voluntariava em tempo parcial como professora de arte no asilo de Hopkinsville, não era tão vocal como Lizzie e não conseguia escrever poesia nem tocar música tão bem como Kate, mas tinha herdado toda a gama de talentos de Sam Salter e o seu feroz sentido de independência. Edgar conhecia Carrie e alguns dos seus jovens primos porque eles paravam frequentemente na livraria para comprar material para a faculdade.

Quanto mais Edgar aprendia sobre a família, mais lamentava não ter aceite o convite de Ethel Duke. Assim, quando ela entrou na loja no mês seguinte e fez um segundo convite para ir a uma festa em The Hill, Edgar aceitou imediatamente. Nesta ocasião, ele também vislumbrou a melhor amiga e prima em segundo grau de Ethel, Gertrude, que estava sentada numa carruagem no exterior. Poucas palavras foram trocadas nesse dia, mas Edgar ficou com a nítida impressão de que Gertrude, a pequena morena na parte de trás da charrete, e não Ethel, estava a fazer o segundo convite e era talvez responsável pelo primeiro. As suas suspeitas confirmaram-se quando, desrespeitando o édito do seu pai, Edgar

engraxou os sapatos, colocou óleo no cabelo e foi à festa na sexta-feira seguinte em The Hill.

Enquanto fazia entregas da livraria, Edgar tinha estado no interior de algumas das melhores casas de Hopkinsville. Tinham sido construídas pelos ricos plantadores e comerciantes de tabaco. Essas casas eram mais grandiosas e imponentes, tinham mais terrenos e estavam mais convenientemente localizadas perto do centro da cidade. The Hill, no entanto, construída pelo próprio Sam Salter, impressionou-o mais do que qualquer outra. No interior, Edgar foi confrontado por um arco-íris de cores. Havia roxos e azuis profundos nos tapetes orientais e porcelanas chinesas, folha de ouro nas molduras dos quadros, caixilhos de janelas num vermelho vivo e verdes e castanhos aveludados nos estofos de brocado. Mas o que mais lhe captou a atenção foi o aroma do perfume: lavanda, prímula, camomila e madressilva. Para um rapaz do campo, que tinha crescido numa cabana com chão de terra batida, entrar em The Hill era como entrar num ambiente novo, entusiasmante e distintamente feminino.

Ethel Duke tomou-o pela mão e apresentou-o a Sam, de cabelo grisalho, e à sua esposa Sarah, e depois às senhoras que governavam The Hill.

Lizzie, a mãe de Gertrude, de trinta e cinco anos, era tão franzina e de cabelo tão escuro como a filha. Ela supervisionava a plantação e a colheita das hortas e do pomar, além de garantir que a casa estivesse sempre cheia de flores e cor. Era também a principal responsável por The Hill ser um fórum de discussão política. Governantes eleitos ou aspirantes a cargos públicos eram sempre bem-vindos aos seus frequentes salões e jantares.

Depois havia a Kate, uma mulher de bochechas gorduchas e mãos finas. Ele reconheceu-a da *Hopper Brothers*, e a sua contribuição para a casa era evidente por todo o lado na biblioteca, onde também se podia encontrar o piano que ela tocava tão bem.

Carrie, de vinte anos, estava rodeada de jovens pretendentes masculinos que a adoravam. O facto de ainda não ter casado, percebeu rapidamente Edgar, não era por falta de pedidos. Simplesmente ainda não tinha encontrado o homem certo e não estava disposta a contentar-se com o segundo melhor só porque já não era uma adolescente. Ela, também, era um contraste impressionante com a experiência familiar do próprio Edgar, onde uma mulher não era bem-vinda para expressar uma opinião própria, conviver livremente com homens solteiros ou usar perfume.

Socializar, como Edgar em breve percebeu, era o objetivo da noite de luar. Em questão de minutos foi apresentado a clérigos da Igreja Metodista, engenheiros ferroviários e praticamente a toda a turma do segundo ano do *South Kentucky College*. Ele não conseguia entrar facilmente na conversa, mas era um bom ouvinte, e Ethel Duke preenchia as lacunas na conversa deles. Tudo demasiado depressa, contudo, ela desapareceu, deixando-o no relvado em frente a uma mesa com pequenas sanduíches, biscoitos e uma taça de limonada. Os jovens sentavam-se em bancos e cadeiras ou deitavam-se na relva a olhar para a lua. Quase milagrosamente, Edgar viu-se cara a cara com Gertrude, que lhe tomou a mão e o levou pelo caminho das carruagens para ver o seu rosal.

Edgar não conseguia tirar os olhos dela. Com quinze anos de idade, medindo apenas um metro e cinquenta de altura e pesando

trinta e seis quilos, ela tinha um cabelo castanho sedoso, grandes olhos castanhos, um rosto oval, pele branca de porcelana com feições finas e delicadas. Neta noite, vestia um fato de guingão bordado até aos tornozelos que a sua tia Carrie lhe tinha comprado em Springfield. "Uma simples jovem" foi a forma como Edgar a descreveu. "Franzina, cativante e grácil", diria outro.

Quanto tempo Edgar passou a inspecionar o rosal de Gertrude, ou a lua cheia acima deles, cada um pode imaginar. No entanto, nos anos vindouros, ele associou sempre a beleza dela às rosas. Levava-lhe uma rosa quando mais tarde saíam em encontros e nunca plantaria um jardim em nenhuma das casas onde viveram que não apresentasse pelo menos uma roseira produzida a partir do pé originário do canteiro de Gertrude em The Hill. Hoje, na sede da A.R.E. em Virginia Beach, ainda crescem rosas deste mesmo pé.

Para alívio de Edgar, Gertrude fez a parte de leão da conversa nessa noite. Uma romântica, ela encorajou-o a ouvir o som dos ramos das árvores a balançar ao vento. "As almas dos amantes, que foram cruelmente separados", consta que ela lhe disse. Eventualmente, fez com que ele falasse sobre si próprio e lisonjeou-o ao sugerir que ele era provavelmente tão bom como empregado que um dia seria dono da sua própria livraria. Uma grande leitora ela própria, conhecia o inventário da *Hopper Brothers* quase tão bem como ele. O clérigo e escritor de ficção E.P. Roe era o seu autor particularmente favorito, algo que Edgar tomaria nota no próximo aniversário dela.

Edgar deixou The Hill nessa noite convencido de duas coisas: de que ela estava com toda a certeza por trás do convite de Ethel Duke e de que ela sabia consideravelmente mais sobre ele do que

ele sobre ela. Isto, também, seria em breve confirmado. Graças a Ethel Duke, que tinha sido professora substituta na *Beverly School*, e à tia de Gertrude, Carrie, que conhecia a irmã de Edgar, Anne, dos armazéns *Anderson's Department Store*, Gertrude tinha sido informada de todas as histórias dos seus encontros fantasmagóricos e capacidades estranhas. O facto de Gertrude saber isto com antecedência e ainda assim estar interessada em prosseguir uma relação fez com que ele ficasse ainda mais enamorado por ela.

Assim que Edgar foi à festa em The Hill, recebeu inúmeros outros convites para festas e encontros sociais para os quais, não por coincidência, Gertrude também era convidada. Ainda assim, ele permanecia dolorosamente tímido ao pé dela, principalmente porque não conseguia conceber por que razão uma jovem bonita como Gertrude, de uma família abastada e instruída como a dela, poderia estar interessada num mero empregado de livraria com a escolaridade do oitavo ano. Ele não tinha a certeza de que ela realmente gostasse dele até a ter acompanhado a ela e a Ethel Duke num piquenique a Pilot Rock, um maciço afloramento calcário situado nas colinas do condado de Christian.

Partiram de Hopkinsville de carroça com cestos de frango frito, biscoitos batidos, tomates frescos e bolo. Fora da cidade, estacionaram no sopé da imponente formação rochosa e fizeram o resto do percurso até Pilot Rock a pé. Como era habitual naquele dia, e nos muitos encontros que teriam no futuro, iam acompanhados por uma ama. O piquenique em Pilot Rock foi seguido por uma viagem mais aventureira a uma fonte termal (rapazes e raparigas banhavam-se separadamente) e depois por uma exploração, à luz de lanternas, de uma mina abandonada.

Edgar e Gertrude em breve se tornaram um casal, juntando-se em festas, convívios da igreja, apresentações no *Union Tabernacle* e espetáculos na *Holland's Opera House*. Ambos gostavam imenso de se sentar nas bancadas sempre que os *Hopkinsville Moguls* entravam no campo de basebol. O irmão de Gertrude, Lynn Evans, jogava como *shortstop*. As manhãs de domingo eram dedicadas à igreja — Edgar frequentava a *Christian Church* e Gertrude a *Methodist Church*. Depois, Edgar ia de bicicleta até The Hill, e sentavam-se juntos na grande varanda ou no salão a jogar jogos ou a ler em voz alta livros que ele tinha trazido da *Hopper Brothers*.

Como um futuro parente por afinidade viria mais tarde a escrever, a deles era uma atração de opostos. "Ele [era] excitável, fervoroso, nascido dos extremos, um elemento fora do meio social; e ela — calma, curiosa, prática, uma encarnação da nobreza do sul. Ele tornou-se carismático e extrovertido [à medida que a relação deles se desenvolvia]; ela guardava os seus próprios pensamentos. A sua afinidade imediata manteve a relação intacta através de uma crise após outra."

A primeira crise foi a desaprovação dos Salter mais velhos. Edgar não era instruído, não tinha requinte e, o mais importante, não conseguia sustentar uma família a trabalhar como empregado de livraria. Mesmo quando, passados vários meses de namoro, Edgar recebeu um aumento substancial na livraria, ainda tinha dificuldades em sustentar os seus pais. Leslie ainda não tinha encontrado emprego, e a mãe de Edgar ganhava dinheiro a lavar roupa para fora e a trabalhar como costureira. As suas irmãs também ajudavam, mas Edgar era o principal sustento da família.

A geração Salter mais jovem — Ethel, Hugh, Lynn e outros —, contudo, acolheu Edgar como um irmão. Gostavam

verdadeiramente da sua companhia, tal como ele gostava da deles. Hugh e Lynn também o desafiavam de formas que poucos outros se atreviam. Desafiaram-no a ler psiquicamente um baralho de cartas de jogar voltadas para baixo (o que ele fez sem dificuldade aparente). Testaram também a sua capacidade assombrosa para encontrar objetos perdidos (o que ele era invariavelmente capaz de fazer) e para ler cartas não abertas. Para eles, ele não era um fenómeno mutante, mas uma maravilha de se ver.

Edgar e Gertrude na casa conhecida como The Hill, c. 1902.

A tia de Gertrude, Carrie, não estava interessada nestas atividades, mas ela, também, apreciava as suas capacidades únicas. Estava mais fascinada com a sua experiência com o anjo e como, ao rezar, ele ouvia por vezes música celestial. Sentindo-se seguro na sua companhia, ele partilhou aspetos de si próprio que tinha mantido ocultos. Entre outras coisas, revelou que por vezes conseguia ver cores ou padrões de cores ao redor das pessoas quando estas sentiam emoções fortes.

Gertrude não aceitou esta parte da vida de Edgar. Preocupada, discutiu o assunto com um dos seus professores da faculdade. Ele disse-lhe em termos inequívocos que Edgar se tornaria mentalmente instável se continuasse a experimentar e a ceder a atividades relacionadas com o psiquismo. Provavelmente

teria um dia de ser internado no asilo de Hopkinsville. Esta foi uma coisa particularmente difícil para Gertrude tirar da cabeça. Bastava-lhe sair para a varanda da sua casa para ver os pináculos do asilo, construídos pelo seu avô, no horizonte. Tornaram-se uma lembrança constante do que poderia acontecer. Incapaz de permanecer em silêncio sobre o assunto, ela finalmente discutiu o tema com Edgar. Ele contou-lhe a verdade. Não gostava nem compreendia as capacidades estranhas que parecia possuir e não desejava nada mais do que levar uma vida normal. Prometeu também não se envolver em mais experiências.

Dois incidentes, no entanto, deixaram Gertrude assustada. Numa noite de domingo, quando Edgar estava a cabecear no sofá do salão da família, Gertrude disse-lhe para "ir dormir". Edgar adormeceu imediatamente e não pôde ser acordado nessa noite nem na manhã e tarde seguintes. Só quando uma Gertrude frenética e assustada gritou: "Edgar, acorda!", é que ele abriu instantaneamente os olhos, agindo como se tivessem passado minutos e não um dia inteiro. De uma forma ou de outra, o eu inconsciente de Edgar tinha respondido às suas palavras como uma ordem. Era como se a voz dela tivesse um efeito hipnótico sobre ele.

Outro incidente curioso teve lugar na casa dos Cayce, na rua Seventh. Numa noite de inverno particularmente fria, Edgar e um amigo de fora da cidade regressavam de uma reunião de reavivamento no Tabernáculo. O plano era o amigo passar a noite com Edgar no seu quarto. Mas quando entraram na casa dos Cayce, ficaram surpreendidos por a família alargada ter aparecido inesperadamente de Beverly. Leslie tinha requisitado o quarto de Edgar, e não havia lugar para ele ou para o seu amigo dormirem. Edgar estava furioso. Aquele era o seu quarto. Além disso, era ele quem pagava a renda da casa. Enquanto Edgar e o seu pai

trocavam palavras azedas, o amigo de Edgar fez uma retirada rápida.

Edgar, totalmente vestido, foi dormir para o sofá da sala de estar. Como contou mais tarde na história, que foi corroborada por membros da família, em dado momento, depois de todos terem ido para a cama, o sofá onde Edgar dormia ardeu em chamas. Ele correu para fora e rolou na neve, apagando as suas roupas a arder. A esta altura, todos os outros na casa já tinham acordado e ajudaram a arrastar o sofá a arder para fora pela porta da frente. Como Edgar não tinha estado a fumar, os candeeiros estavam apagados e o sofá não esteve perto do fogão, a causa do incêndio permaneceu um mistério. No entanto, as provas sugeriam que o fogo tinha começado nas roupas de Edgar antes de se espalhar para o sofá e que, de uma forma ou de outra, o incidente estava diretamente ligado ao estado de espírito de Edgar.

Mas como ele e a família Cayce, e Gertrude também, viriam um dia a experienciar quando entraram no negócio da fotografia, os incêndios tinham uma forma estranha de se deflagrarem sob circunstâncias invulgares quando Edgar estava zangado. Dois dos quatro estúdios fotográficos de Cayce viriam a arder completamente, e um terceiro sofreu graves danos provocados pelo fogo. Em anos posteriores, seriam feitos esforços especiais para proteger contra incêndios os vários arrecadações que albergavam as leituras de Cayce em transe.

O impacto que tais incidentes tiveram em Gertrude foi mais profundo do que vulgarmente se pensa. Ela seria a última dos membros da sua família a receber ou presenciar uma leitura em transe. Durante os primeiros dezoito meses do seu namoro e nos anos vindouros, ela e Edgar não falariam nem discutiriam nada

relacionado com os seus dons psíquicos. Era assim que ela queria, e poderá ter sido uma condição quando Edgar, a 7 de março de 1897, dias antes do seu vigésimo aniversário, pediu Gertrude, de dezassete anos, em casamento.

"É verdade que te amo", disse-lhe ela. "Mas vou ter de pensar no assunto."

Edgar, naturalmente, queria saber quando teria uma resposta, e uma parte dele ainda acreditava que ela não aceitaria o seu pedido. Havia momentos em que Gertrude olhava para ele, dizia ele, como se ele fosse "um peixe estranho que devia ser devolvido à água".

Talvez, mesmo na sua relativa juventude, ambos suspeitassem que a deles nunca seria uma vida normal juntos. Nunca seriam simplesmente Edgar e Gertrude. Haveria sempre um terceiro "outro" invisível, aquilo a que nos anos vindouros se chamaria simplesmente "a Fonte". Parecia por vezes ameaçar acabar com a relação deles e, tal como os acontecimentos se desenrolariam, foi em última análise o que os manteve unidos.

Na noite em que Edgar a pediu em casamento, contudo, Gertrude manteve a sua posição por uma razão diferente. Uma das suas tias tinha aconselhado reserva em matérias do coração. Ela não devia parecer demasiado ansiosa. Gertrude foi até a um calendário no salão, fechou os olhos e pôs o dedo numa data. "Digo-te no dia doze."

Cinco dias mais tarde, sob uma chuva copiosa, Edgar regressou a The Hill a cavalo. Gertrude, depois de ter ponderado o assunto, disse que casaria com ele. Como Edgar contou mais tarde na história, ele não sabia o que fazer a seguir. Ela estava de pé à

frente dele, à espera que ele a beijasse. Quando ela lhe perguntou por que razão ele hesitava, ele explicou que nunca tinha beijado uma mulher antes. Gertrude mostrou-lhe como se fazia.

A questão de como a voz dela, em particular, tinha um efeito profundo sobre ele, e outros assuntos psíquicos, foram esquecidos no momento. Tal como ela, ele visionava um dia, não muito distante no futuro, no qual ele e ela passeariam pelo parque numa tarde de domingo, revezando-se a empurrar um carrinho de bebé e cumprimentando os amigos que encontrassem pelo caminho. Acreditava que, se tentasse com força suficiente, conseguiria deixar para trás os incidentes estranhos do seu passado.

AL LAYNE:
APRESENTANDO O DIAGNOSTADOR PSIQUICO

A hipnose é amplamente considerada uma técnica terapêutica eficaz para aliviar a dor, superar maus hábitos e recordar eventos passados. Menos compreendida é a sua capacidade de potenciar a capacidade psíquica. As pessoas que são hipnotizadas realizam rotineiramente melhores desempenhos em testes de laboratório de clarividência, telepatia e precognição. Foi este o caso de Cayce, de vinte e quatro anos, que, com a ajuda do hipnotizadora e osteopata autodidata Al Layne, produziu a sua primeira leitura em transe a 31 de março de 1901.

Colocar Edgar em transe foi mais difícil do que se poderia supor para um jovem que já tinha demonstrado uma vasta gama de outros talentos. A primeira tentativa para o hipnotizar foi feita por Stanley “The Laugh King” Hart, que convidou Edgar para o centro do palco na *Holland’s Opera House* pouco depois de Edgar e a sua família se terem mudado para Hopkinsville. Embora Hart fosse um fervoroso porta-voz dos alegados poderes do

hipnotismo para curar dores de cabeça, tratar o alcoolismo e eliminar comportamentos autodestrutivos, era a comédia que atraía multidões às suas atuações. Ele convidava membros do público para o palco, colocava-os num transe hipnótico e ordenava-lhes que fizessem coisas constrangedoras. Hart jurou, só de olhar para Edgar, que ele daria o sujeito hipnótico ideal, mas, para desapontamento de todos, Hart não conseguiu colocar Edgar num transe e pediu-lhe que saísse do palco.

Quatro anos mais tarde, "Herman the Great" fez uma segunda tentativa. Ao visitar a empresa de impressão de Louisville onde Edgar trabalhava então como empregado — Edgar precisava de um rendimento maior se quisesse casar com Gertrude e sustentar uma família —, Herman declarou que o jovem daria um sujeito ideal para o hipnotismo e pediu permissão para o colocar "sob transe". Edgar concordou em ser hipnotizado, mas avisou Herman da tentativa anterior. O hipnotizador não desanimou. Disse a Edgar que quanto mais frequentemente uma pessoa era hipnotizada, mais fácil era colocá-la sob transe e mais fundo ela podia ir.

Herman fez Edgar concentrar-se num objeto que segurava à sua frente enquanto Herman fazia repetidamente sugestões para que ele relaxasse e adormecesse. A coisa seguinte de que Edgar se lembrava era de estar deitado num balcão rodeado por colegas de trabalho. Não só tinha ficado sob transe, como tinha feito tudo o que o hipnotizador lhe tinha mandado fazer. Edgar riu-se da experiência e prontamente se esqueceu dela até um ano mais tarde, quando foi hipnotizado em Madisonville, no Kentucky, durante uma viagem de negócios com o seu pai, Leslie.

Edgar e Leslie estavam em Madisonville há apenas algumas horas quando as autoridades de saúde do estado chegaram ao seu

hotel e ordenaram o fecho das suas portas. O hotel estava a ser colocado em quarentena devido a um surto de varíola. Ninguém podia entrar ou sair durante três dias. Por coincidência, um companheiro de alojamento no hotel era um hipnotizador de palco que se voluntariou para dar entretenimento.

Tal como Herman the Great, o hipnotizador conseguiu colocar Edgar num transe. Novamente, Edgar não tinha memória do que aconteceu porque perdeu a consciência no momento em que o hipnotizador o colocou "sob transe". Edgar sabia apenas o que Leslie e os outros hóspedes do hotel lhe contaram quando acordou. De acordo com eles, o hipnotizador sugeriu que Edgar tocasse piano. Leslie tinha esperado que Edgar simplesmente batesse nas teclas como uma criança a fingir fazer música. Afinal de contas, ele nunca tinha tido uma única aula. Só que Edgar tomou a sugestão do hipnotizador à letra, exibindo uma habilidade muito além do que até o hipnotizador acreditava ser possível. Edgar tocou música bonita. O hipnotizador, sem dúvida, acreditou ter ajudado Edgar a descobrir uma capacidade latente. A verdade, contudo, era mais assustadora. Edgar era capaz de fazer coisas extraordinárias quando sob transe — do tipo que ninguém poderia ter imaginado.

O incidente que levou à entrada de Al Layne na história ocorreu no inverno de 1900 quando a Edgar, numa viagem de negócios a Elkton, no Kentucky, foi receitado um sedativo demasiado forte para tratar uma enxaqueca. Várias horas depois de tomar o medicamento, Edgar foi encontrado a vaguear semiconsciente no parque de manobras ferroviário de Elkton e foi trazido para casa em Hopkinsville. Os médicos não sabiam como ajudar, por isso puseram-no na cama. Ele parecia estar bem na manhã seguinte. O único problema era que a sua garganta estava seca e a arranhar, e a sua voz fraca e rouca.

Passaram-se dias, depois semanas e eventualmente meses, e a sua condição tornou-se mais grave. Incapaz de comunicar, Edgar perdeu o seu emprego como vendedor. Eventualmente aceitou um cargo, arranjado por amigos, a trabalhar numa câmara escura num laboratório fotográfico de Hopkinsville. Seria aqui que aprenderia o ofício que o levaria a tornar-se um fotógrafo profissional de estúdio. Aqui, também, lamentava o facto de ser agora desadequado para ser marido e pai. Num momento de desprezo por si próprio e pena, pediu a Gertrude que o libertasse daquele que se tinha tornado agora o seu noivado de um ano. Ela merecia mais de um potencial marido do que aquilo que ele podia dar. Gertrude não quis ouvir nada disso.

Após quase um ano inteiro sem qualquer melhoria, todos em Hopkinsville sabiam da condição de Edgar. Os amigos incentivaram-no a fazer uma nova visita a Stanley Hart, que estava agendado para atuar na *Holland's Opera House*. Hart tinha a certeza de que podia operar uma cura e estava sem dúvida satisfeito com a perspetiva de se provar perante um público pagante.

Edgar, magro como um espeto após um ano de laringite.

Na noite da sua atuação, Hart convidou Edgar para o palco. Quando as luzes de ribalta a óleo foram diminuídas, Hart colocou-se diretamente em frente a Edgar e disse-lhe para se concentrar num objeto que ele balançava em frente aos olhos de Edgar. Edgar entrou facilmente num transe.

Não existe registo das palavras que Edgar disse, apenas de que o fez. A sua laringite tinha desaparecido. O público susteve a respiração e, depois, começou a aplaudir efusivamente. Hart tinha feito a sua magia.

Ou não? Assim que Edgar foi libertado da sugestão hipnótica de Hart, a sua voz voltou a ser um sussurro.

Depois de o espetáculo ter terminado, Hart levou Edgar e Gertrude para os bastidores e explicou o problema. Edgar não conseguia entrar num transe suficientemente profundo para aceitar "sugestões pós-hipnóticas". Seriam necessárias mais sessões de transe.

Convencido de que poderia conseguir uma cura permanente, Hart prometeu que, por 200 dólares, continuaria a tentar até que Edgar tivesse recuperado completamente a sua voz. Edgar e os seus pais, e provavelmente Gertrude também, concordaram com o acordo, embora não tivessem o dinheiro para pagar os seus honorários exorbitantes.

O problema ficou aparentemente resolvido quando os editores do jornal Kentucky New Era se chegaram à frente. Reuniram-se com Hart e com um especialista de garganta de Hopkinsville que concordou em examinar Cayce antes e depois

das sessões hipnóticas. Em troca de um exclusivo, garantiriam que Hart fosse adequadamente compensado.

As sessões não correram como esperado. Hart conseguia facilmente colocar Edgar em transe, mas no momento em que a Edgar era ordenado que acordasse, voltava a perder a voz. Tendo em conta os eventos futuros, é razoável concluir que a avaliação de Hart sobre a condição de Edgar estava correta. A laringite de Edgar era psicossomática, uma condição que poderia ser ajudada com hipnose. No entanto, a sua condição era também em parte fisiológica. As suas cordas vocais contraíam-se quando ele estava em estado de vigília.

Isso devia-se, talvez, ao facto de Edgar, em estado de vigília, estar a esforçar-se tanto para suprimir os seus dons psíquicos. Com o seu desejo de agradar a Gertrude, ganhar um melhor rendimento e levar uma vida normal, tinha-se desviado muito da promessa que tinha feito ao anjo da sua juventude. A "voz" dentro dele estava a tentar ser ouvida, e a única forma de a suprimir era contrair as suas cordas vocais. Esta condição também poderia ter sido tratada com hipnose, mas Hart não sabia como fazer a sugestão correta a Edgar quando ele estava sob transe. Quando hipnotizado, Edgar tinha poderes sobre o seu próprio corpo que iam muito além do que Hart, ou qualquer outra pessoa, pudesse imaginar.

Hart desistiu de Edgar. Mas outros pegaram onde ele tinha ficado. O professor universitário William Girao, que estivera na plateia da Opera House, escreveu a John Quackenboss, em Nova Iorque, que era considerado um dos maiores especialistas em hipnotismo. O facto de ele ser também um fervoroso crente de que a doença podia ser curada se uma pessoa aprendesse a reunir as forças da mente inconsciente viria a revelar-se muito útil.

Quackenboss assumiu o caso e fez visitas repetidas a Hopkinsville. Antes de iniciar as suas experiências, interrogou longamente Edgar e os seus pais, ouviu o relato de Leslie sobre as experiências de infância de Edgar e tirou copiosas notas. Numa experiência, quando foi pedido a Edgar que dormisse durante vinte e quatro horas, ele fechou imediatamente os olhos e adormeceu. Não só isso, Edgar parecia estar em coma. Não acordou durante vinte e quatro horas — rigorosamente ao minuto. Este foi um modesto avanço, pois mostrou que quando Edgar era colocado num transe profundo, fazia verdadeiramente o que lhe era pedido. Contudo, não curou a sua condição.

Depois de Quackenboss ter desistido, Girao continuou a fazer experiências e solicitou a ajuda de Al Layne, a única pessoa que conhecia em Hopkinsville que tinha formação em hipnotismo. Um homem delicado de meia-idade com um fino bigode grisalho e uma calvície proeminente no topo da cabeça, Layne pesava menos de 120 libras, em contraste com a sua esposa, Ada, uma mulher pesada, de seios fartos e robusta. Como em breve se revelaria útil, Layne estava predisposto a ajudar Girao porque conhecia Edgar pessoalmente. A mulher de Layne, Ada, empregava a irmã mais nova de Edgar, Anne Cayce, e a tia de Gertrude, Carrie Salter, nos Armazéns Anderson.

Embora Layne se intitulasse simultaneamente hipnotizador e médico, e gerasse um pequeno consultório nas traseiras dos Armazéns Anderson, tinha pouca formação formal. A extensão da sua certificação era um curso por correspondência. Ainda assim, tinha um modesto grupo de clientes dedicados, muitos deles pessoas como ele próprio, que sofriam de doenças de estômago e que não tinham encontrado alívio na medicina alopática padrão. Tal como o Professor Girao, era um fervoroso crente num slogan

popular da época, "Cada homem o seu próprio médico", e fazia parte de uma onda de interesse popular naquilo que hoje seria chamado de saúde holística. O hipnotismo era meramente uma vertente de um tratamento médico que também incluía a osteopatia, a ciência da manipulação ou realinhamento das vértebras humanas para permitir que o corpo se curasse a si próprio, e a homeopatia, um tratamento baseado na utilização de remédios naturais para desencadear a própria resposta imunitária do corpo.

Al Layne, retirado de um artigo de jornal, c. 1906.

Edgar, tal como Layne concluiu, necessitava desesperadamente de osteopatia e homeopatia, mas foi o hipnotismo que ele e Girao aplicaram primeiro. Como nas experiências anteriores com Quackenboss, Edgar entrou facilmente em transe e falava numa voz normal. Mas assim que Edgar saía do transe, a laringite regressava. A única coisa nova que aprenderam com os seus esforços foi a observação de que Edgar era invulgarmente falador no seu estado de transe. Layne conseguia, de facto, manter uma conversa com ele. Edgar só parava de falar quando se fazia a sugestão de que entrasse num transe mais profundo, momento em que a comunicação cessava por completo.

Layne e Girao puseram as suas descobertas numa carta a Quackenboss. Em resposta, o hipnotizador de Nova Iorque disse

que tinha observado uma tendência semelhante quando trabalhara com Edgar. Ele notou um momento em particular no processo de hipnose em que o eu inconsciente de Edgar parecia "assumir o comando". Um caminho a explorar, sugeriu Quackenboss, era colocar Edgar em transe e perguntar ao eu inconsciente de Edgar o que ele achava que devia ser feito para restaurar a sua voz.

Os pais de Edgar estavam relutantes em deixar que o seu filho fosse novamente hipnotizado. Ele tinha perdido sessenta libras e, como o próprio Edgar admitia, estava "uma pilha de nervos". Agora, juntamente com a sua Bíblia, andava com um lápis e um bloco, que era a única forma de conseguir comunicar com o mundo exterior.

Gertrude, também, tinha sofrido. Já magra, parecia agora anorética. Tinha desistido da faculdade e raramente se aventurava em público para assistir aos muitos encontros sociais e da igreja à volta dos quais a sua vida girara anteriormente. Também não tinha assistido às sessões hipnóticas de Edgar com Quackenboss, Girao e Layne. O constrangimento público de Edgar no palco da Holland's Opera House já era humilhação suficiente.

Com a bênção de Edgar, Layne convenceu Leslie e Carrie a deixá-lo tentar mais uma experiência. Na tarde de domingo, 31 de março de 1901, menos de duas semanas após o seu vigésimo quarto aniversário, ele e Layne retiraram-se para a sala do andar de cima dos Cayce. Edgar deitou-se no sofá de crina de cavalo da família, e Layne puxou uma cadeira para se sentar ao seu lado. A mãe de Edgar ficou de pé ao lado de Layne. Leslie estava sentado numa cadeira de frente para o seu filho.

Edgar colocou-se em transe, como tinha aprendido a fazer por ter sido submetido a tantas experiências anteriores. Assim que

as pupilas de Edgar começaram a dilatar e as suas pestanas tremeluziram, e quando parecia que estava a "apagar", Layne fez a sua primeira sugestão.

"Estás agora a dormir e serás capaz de nos dizer o que queremos saber," disse Layne. "Tens diante de ti o corpo de Edgar Cayce. Descreve a sua condição e diz-nos o que está errado."

Edgar começou a murmurar, depois a sua garganta clareou e ele falou. "Sim", disse ele. "Podemos ver o corpo."

Layne disse ao pai de Edgar para anotar o que estava a ser dito. Leslie apressou-se a fazê-lo, mas estava tão desconcertado com o que estava a acontecer que não se apercebeu de que um bloco e papel estavam ao seu fácil alcance. Em vez disso, correu para a cozinha e trouxe o lápis que estava preso à lista das compras. Mesmo assim, estava demasiado nervoso para escrever qualquer coisa coerente no papel. O que Edgar disse é, hoje, reconstituído a partir das recordações da mãe de Edgar e de Layne.

No estado físico normal, este corpo é incapaz de falar devido a uma paralisia parcial dos músculos inferiores das cordas vocais, produzida por tensão nervosa. Esta é uma condição psicológica que produz um efeito físico e pode ser removida aumentando a circulação nas partes afetadas por sugestão, enquanto estiver nesta condição inconsciente. É a única coisa que o resolverá.

Layne notaria a forma curiosa como Edgar se referia a si próprio na terceira pessoa. Ele também falava mais devagar do que normalmente faria num estado consciente, enunciando cada consoante e vogal individualmente, como se estivesse a traduzir de alguma língua estrangeira.

"Aumenta a circulação nas partes afetadas," ordenou então Layne.

Edgar respondeu: "A circulação está a começar a aumentar. Está a aumentar."

Layne inclinou-se para olhar para Edgar. Tal como o Cayce "adormecido" tinha dito, a circulação na sua garganta parecia efetivamente aumentar. Ele conseguia ver o seu pescoço começar a inchar com sangue a tal ponto que Leslie se viu forçado a inclinar-se e a desabotoar o colarinho da camisa do filho. A parte superior do seu peito, e depois a garganta, tornaram-se lentamente cor-de-rosa. O rosa escureceu até se tornar num vermelho vivo como o de um carro de bombeiros. Decorreram vinte minutos completos até Edgar limpar a garganta e falar de novo.

"Está tudo bem agora," disse Cayce, ainda em transe. "A condição foi removida. As cordas vocais estão agora perfeitamente normais. Faça a sugestão para que a circulação volte ao normal e que, depois disso, o corpo acorde."

Layne fez o que lhe foi instruído. "A circulação voltará ao normal. Depois disso, o corpo acordará."

O vermelho à volta do pescoço de Edgar desvaneceu-se para rosa velho e depois para rosa claro. Ele acordou alguns minutos depois, sentou-se, alcançou o seu lenço, tossiu e cuspiu sangue. O sangue que saiu não foi apenas uma gota ou duas, mas o suficiente para ensopar o fino pano de algodão.

"Olá," disse ele, com uma voz clara. "Ei, eu consigo falar."

A mãe de Edgar chorou de alívio. Leslie apertou vigorosamente a mão de Layne. As irmãs de Edgar, Anne e Mary, que tinham estado a escutar pelo buraco da fechadura, também acharam a "experiência do irmão", como lhe chamaram, "bastante empolgante!".

Edgar não tinha memória da experiência. Pedia repetidamente que lhe contassem cada detalhe do que tinha acontecido. O que tinha Layne dito? O que é que eu disse? Que aspeto é que eu tinha? Por mais inacreditável que a história soasse, o colarinho da sua camisa estava aberto no pescoço, o seu lenço estava manchado de sangue e ele conseguia falar, de novo, com uma voz normal.

Layne tinha conduzido a primeira leitura em transe de Cayce. Fez também a observação que resultaria na segunda. "Se consegues fazer isto por ti próprio," disse a Edgar, "não vejo qualquer razão para que não o possas fazer pelos outros."

Com a sua voz restaurada, Edgar e Gertrude marcaram finalmente a data do casamento!

Edgar e Gertrude casaram-se no dia 17 de junho de 1903.

CARRIE HOUSE:

O SEU BEBÉ MORIBUNDO

Edgar e Gertrude casaram-se na quarta-feira, 17 de junho de 1903, numa pequena cerimónia realizada no jardim de rosas da noiva. Entre os presentes estava Carrie Salter, ela própria recém-casada com o distinto Dr. Thomas House — uma estrela em ascensão na comunidade médica de Kentucky. E foi ela, não Gertrude, quem defendeu os dons psíquicos de Cayce quando Edgar estabeleceu parceria com Al Layne, e foi ela quem permaneceu inabalavelmente a seu lado e o encorajou a continuar a fornecer aconselhamento médico quando Layne, sob investigação pela direção da Associação Médica Americana, deixou Hopkinsville para prosseguir uma formação médica formal.

Em contraste com Carrie, Gertrude estava assustada com as estranhas habilidades de transe de Edgar. Mais valia que o marido arriscasse perder a voz do que a sua sanidade, acreditava ela. Estava também preocupada em partilhar Edgar com aquilo que se tornara num número crescente de médicos investigadores que, em segredo, faziam experiências com o seu marido e o tratavam como se ele fosse um estranho e exótico espécime, e não um ser humano de carne e osso. Tão-pouco queria que esta terceira entidade — a Fonte — interferisse nas suas vidas. Não poderia, de todo, ter um casamento de conto de fadas quando o seu companheiro poderia de repente mergulhar num sono semelhante a um coma e tornar-se noutra pessoa, ou, pior ainda, não acordar desse sono. E as crianças deles? Iriam herdar esta estranha capacidade?

Carrie não tinha tais preocupações. Acreditava que Edgar fora tocado pelo Divino e que um espírito celestial falava através dele e no seu interior quando estava em transe. A sua fé nele

também tinha provado o seu valor. Naquela que poderá ter sido a sua primeira leitura em transe para uma mulher, conduzida por Al Layne, a Fonte aconselhou Carrie a não se submeter a uma cirurgia abdominal recomendada pelos seus médicos, a qual efetivamente viria a revelar-se desnecessária. Após o casamento de Carrie com o Dr. House, o médico-chefe do hospício psiquiátrico de Hopkinsville, a Fonte também previra que ela engravidaria, algo que o Dr. House e dois especialistas tinham afirmado ser fisicamente impossível. Além disso, a Fonte previu com precisão a data de nascimento e disse que ela daria à luz um rapaz. E a mensagem espiritual que acompanhara os discursos proféticos em transe de Cayce — de que o amor e o perdão de Deus deveriam estar acima de tudo no seu coração — inspirara-a a abdicar do seu cargo nos Armazéns Anderson e a prestar assistência aos pacientes no hospício, como enfermeira diplomada, trabalhando ao lado do marido.

O mais convincente de tudo foi uma leitura que Edgar deu subsequentemente a Thomas House Jr., de três meses, em novembro de 1909. Como Cayce sugerira numa sessão de transe anterior, o parto da criança poderia ser difícil, com a ocorrência de complicações. E foi o que aconteceu. Nascida prematuramente, a criança sofreu de graves espasmos infantis, náuseas e vómitos. A sua condição tinha-se deteriorado até um ponto crítico quando Carrie mandou chamar Edgar a Bowling Green, no Kentucky, onde ele e Gertrude geriam um estúdio de fotografia. O pequeno Tommy Jr. estava demasiado fraco pela desnutrição para mamar do peito de Carrie ou até para enrolar as suas pequenas mãos à volta dos dedos dela. Ela precisava de Edgar como nunca antes.

O marido de Carrie, o Dr. House, e dois outros médicos — o Dr. Jackson, um clínico geral em Hopkinsville, e o Dr. Haggard, um pediatra especialista de Nashville, que tinha estado a

acompanhar a criança desde o nascimento — acreditavam que Thomas House Jr. tinha poucas ou nenhumas hipóteses de sobreviver à noite. Carrie não tinha a certeza se Edgar ou qualquer outra pessoa poderia ajudar o seu filho — tanto quanto o próprio Edgar —, mas queria que ele tentasse.

Tal como a maioria dos médicos de Hopkinsville, o Dr. Haggard não queria fazer parte do que considerava ser "charlatanice". O Dr. Jackson partilhava o ceticismo do seu colega, mas, como médico de longa data da família, tinha presenciado o inexplicável. Cayce, com a ajuda de Al Layne, fornecera aconselhamento em transe que tinha ajudado uma criança a recuperar de tosse convulsa e diagnosticara corretamente um caso de escarlatina.

Caroline (Carrie Salter) House, c. 1907.

Edith Estella Smith (prima de Gertrude), antiga casa dos Salter.

Hospital Estatal do Oeste do Kentucky (o Hospício construído pelo avô de Gertrude) onde o Dr. e Carrie House trabalhavam e onde Gertrude temia que Edgar pudesse um dia tornar-se paciente.

Naquele que foi considerado um discurso em transe ainda mais surpreendente, Cayce detalhara a localização de coágulos de sangue no pulmão de um paciente. E, a par dos tratamentos recomendados de forma mais rotineira, aconselhou o uso de terapia eletromagnética de ponta. Os médicos não deram seguimento; tal terapia nunca tinha sido usada antes no Kentucky e era considerada, na melhor das hipóteses, experimental. Jackson tinha ficado a pensar se o tratamento poderia ter ajudado. Mas era tarde demais agora. O paciente tinha morrido.

O Dr. House também não acreditava que Edgar ou qualquer outra pessoa pudesse diagnosticar doenças enquanto dormia, mas ele, tal como Jackson, conhecia Cayce demasiado bem para acreditar que ele fosse um charlatão. O seu familiar por afinidade não cobrava pelos seus serviços, não procurava publicidade, nem incentivava ninguém a obter leituras em transe. Depois de Al

Layne ter partido para a faculdade de medicina em 1904, as pessoas deram com o caminho para o estúdio fotográfico de Cayce em Bowling Green através do passa-a-palavra. House acreditava que as pessoas que procuravam Cayce estavam predispostas a que Cayce pudesse ajudar, e, por isso, as pessoas ouviam o que queriam ouvir. Os médicos que trabalhavam com Edgar faziam o resto.

Apenas uma criança moribunda, como Tommy Jr., era uma questão totalmente diferente. A criança já não tinha salvação. A única razão pela qual o Dr. House concordou com relutância em telegrafar para Cayce em Bowling Green foi para fazer a vontade à obstinada Carrie, que, na sua opinião, estava tomada pelo medo e não estava disposta a aceitar o que ele considerava ser inevitável.

Edgar chegou de comboio a Hopkinsville a meio de uma tempestade. O irmão de Gertrude, Lynn, apanhou-o na estação e levou-o no percurso de uma milha e um quarto até à casa. Ambos estavam encharcados da cabeça aos pés quando entraram na casa. Carrie, segurando o seu filho recém-nascido, estava sentada na sala junto à lareira, rodeada por membros da família. Não houve cortesias, apenas um silêncio constrangedor enquanto o Dr. Haggard, insatisfeito por Cayce ir ser consultado, arrumava as suas malas e saía. Encorajou o Dr. Jackson a fazer o mesmo, para não ser investigado como Layne o tinha sido. "Deixem a criança morrer em paz", foi a mensagem que transmitiu à família House, independentemente de ter dito as palavras ou não.

Carrie perguntou se Edgar queria examinar Tommy. Edgar hesitou. No seu estado consciente, ele era tão incapaz de diagnosticar a condição da criança como de falar uma língua estrangeira ou tocar um instrumento musical. Além disso, estava

angustiado por ver Carrie e a sua criança em tamanho sofrimento. Gertrude, provavelmente, não tinha acompanhado Edgar à "The Hill" naquela noite por esse mesmo motivo. Talvez também estivesse a protestar contra o facto de Edgar, apesar da promessa que lhe fizera, ter voltado a fazer experiências com os seus dons.

O Dr. House, acompanhado por Jackson, conduziu a sessão no quarto principal contíguo à sala. O processo, anteriormente desenvolvido por Layne, consistia em ele ler de um pequeno caderno de bolso encadernado em pele. Só tinha de se sentar ao lado de Edgar enquanto ele entrava em transe, vigiando as pestanas do seu familiar a tremeluzir, antes de lhe fazer as sugestões.

Semelhante à rotina que praticava com Layne e que faria sem variações significativas durante os trinta e seis anos seguintes, Edgar tirou o casaco e os sapatos, removeu a gravata e o colarinho, e deitou-se numa grande cama de carvalho. Puxou um edredão de penas sobre os pés de meias, acomodou-se de costas. Depois, com os pés juntos e as pontas dos dedos nas têmporas, Edgar concentrou-se num ponto no teto. Quando sentiu que estava prestes a adormecer, baixou lentamente as mãos e cruzou-as sobre o peito.

Com a chuva a bater no telhado e os fracos choros da criança moribunda no quarto ao lado, a respiração de Edgar ficou mais profunda e as suas pestanas tremeluziram.

"Tem diante de si o corpo de Thomas House Jr. de Hopkinsville, Kentucky," disse o Dr. House, inserindo o nome do seu filho no parágrafo que lia do caderno de bolso. "Diagnostique a sua doença e recomende uma cura."

Edgar parecia profundamente adormecido, mas o Dr. House sabia melhor. Uma vez vira o seu familiar por afinidade entrar num transe tão profundo que outros médicos, ao realizarem uma experiência, tinham removido uma das unhas de Cayce, e outro tinha espetado uma agulha hipodérmica no seu pé. Edgar nem sequer se tinha mexido. No entanto, o Cayce "adormecido" respondia a perguntas como se estivesse plenamente consciente.

Edgar começou a falar na sua voz normal. Aqui, e em muitas instâncias futuras, as suas primeiras palavras saíam percetivelmente confusas, quase como um zumbido, como se um instrumento musical estivesse a ser afinado. Depois, a sua voz clareou e as suas palavras tornaram-se bem moduladas e fáceis de entender. "Sim, temos o corpo e a mente de Thomas House Jr. aqui," disse ele.

Cayce prosseguiu recitando a temperatura e a pressão arterial do bebé. Como House e Jackson iriam notar, a informação estava correta. Tinham medido os sinais vitais de Tommy escassos minutos antes da chegada de Edgar a The Hill. Só que Edgar não tinha examinado a criança. Como poderia ele saber?

Cayce — em transe — descreveu em seguida a condição dos órgãos de Tommy, fazendo-o de uma forma tão detalhada e desapaixonada que House e Jackson ficaram com a impressão de que ele era um médico a realizar uma autópsia. Neste caso, contudo, o médico parecia estar adormecido e o seu paciente estava ao colo da mãe no quarto ao lado. Esta informação, também, parecia estar correta ou coincidia com o que House e Jackson supunham. Apenas não havia forma de saber tais coisas com certeza. Estaria Edgar de algum modo a ler as suas mentes, captando o que os dois médicos estavam a pensar?

House e Jackson cedo descartaram essa possibilidade quando Cayce descreveu uma condição epilética que afirmou estar a causar os graves espasmos infantis, náuseas e vómitos da criança. Além disso, Cayce explicou que esta condição era o resultado do nascimento prematuro da criança, o qual, por sua vez, fora o resultado da fraca condição física da mãe durante os primeiros meses da sua gravidez. Em conclusão, Cayce recomendou que fosse dada à criança uma dose medida de beladona, administrada por via oral, a ser seguida do envolvimento do seu corpo numa cataplasma a ferver feita com a casca de um pessegueiro.

A sessão terminou tão misteriosamente como tinha começado. "Terminámos por agora."

Lendo do mesmo caderno, House instruiu Cayce a recuperar a consciência. Cayce cumpriu obedientemente a ordem e acordou.

Nos poucos minutos que Edgar levou a recuperar a consciência, espreguiçar os braços e as pernas e depois sentar-se na cama, os dois médicos já tinham saído do quarto. Edgar estava sozinho. Preocupado com a possibilidade de a sessão de transe ter sido um fracasso e a perguntar-se se a leitura tinha sido bem-sucedida, caminhou pelo quarto e espreitou através da porta parcialmente aberta. House e Jackson estavam na sala, envolvidos numa discussão profunda e claramente agitados.

Ambos os médicos concordavam que o diagnóstico soava razoável. A cura recomendada era o que os perturbava. A beladona, uma forma tóxica de erva-moura mortal, poderia ser letal. Mesmo que a cataplasma de pessegueiro pudesse de algum modo extrair o veneno do organismo da criança, administrar uma grande dose da droga a um bebé na condição do pequeno Tommy era assassínio.

Jackson deixou o seu sentimento bem claro para Carrie: "Vai matar o pequeno Tommy com toda a certeza."

O Dr. House concordou. A beladona homeopática podia ser usada para tratar doenças pulmonares e renais, mas a beladona pura, como Cayce tinha recomendado, era usada apenas em pomadas tópicas.

Edgar juntou-se aos outros na sala, mas não pôde contribuir para a discussão que se seguiu. Não se lembrava de nada do que tinha dito em transe. Num minuto estava completamente acordado, no seguinte estava profundamente adormecido. Era assim que ele percecionava o que acontecia sempre. Como Al Layne gostava de notar, Edgar era o único que nunca chegava a experienciar uma das suas próprias leituras.

A ansiedade tornou-se medo quando Edgar compreendeu finalmente todo o alcance da informação que tinha sobressaído. As suas sessões com Al Layne e outros tinham sido experiências. Ninguém se podia magoar. Agora tinha de enfrentar a terrível possibilidade de o tratamento que recomendara poder resultar — e provavelmente resultaria, de acordo com House e Jackson — na morte de Tommy. Um membro da família e ainda por cima uma mera criança!

Carrie tinha mais fé no conselho do transe do que o próprio Edgar. Acreditava que o Cayce adormecido era um instrumento do amor divino e da compaixão de Deus. Naquela noite, Deus estava a estender-lhe a mão a si e ao seu filho. Se Cayce — em transe — lhe dizia para envenenar o seu filho de modo a salvar-lhe a vida, ela agiria de acordo com essa informação.

O Dr. House não podia dizer o mesmo. O senso comum, juntamente com décadas de formação médica, ensinavam-no que Cayce não podia possivelmente estar a fazer o que parecia ter feito. Até agora, ele tinha olhado para o que Edgar fazia como mero entretenimento — truques de sala, no seu melhor.

Carrie exigiu que ele preparasse a beladona. Apesar das suas enormes reservas e de uma ameaça do Dr. Jackson de que perderia a sua licença médica e de que seria possivelmente acusado de homicídio por negligência, ele retirou a droga da sua mala de médico.

Amava Carrie demasiado profundamente para agir de outra forma. E, independentemente de como isto pudesse acabar com a sua promissora carreira, podia pelo menos consolar-se sabendo que o seu filho certamente morreria se mais nada fosse feito. Estaria a libertar o pequeno Tommy do seu sofrimento.

Lynn Evans levou Edgar para o exterior para colher os ingredientes para a cataplasma que tinha sido recomendada no tratamento. Edgar subiu a um pessegueiro no pomar atrás do palheiro, abriu o seu canivete e cortou a casca do rebento mais recente. Passou a casca para baixo a Lynn, e levaram-na para a cozinha nas traseiras da casa, onde a irmã de Carrie, Kate, tinha posto uma chaleira ao lume a ferver.

A Kate preparou a cataplasma quente e depois levou-a para a sala, onde os outros esperavam ao lado da criança. O Dr. House dissolveu o pó branco numa colher de água. Carrie abriu então a boca de Tommy, verteu o líquido para dentro e massajou-lhe o pescoço até ele engolir. Depois envolveu a criança nua nas toalhas a escaldar embebidas na solução de pessegueiro.

Edgar permaneceu no exterior, de pé na varanda sob a chuva. Não se juntou aos outros na sala porque, como diria mais tarde, "não conseguia suportar a ideia de ver Tommy House morrer nos braços da mãe". Gertrude tinha razão em não vir. Ele compreendia isso agora.

Não ouviu choros vindos do interior da sala. Conforme os outros descreveram o que aconteceu, Tommy adormeceu instantaneamente. O Dr. House, no seu relatório posterior, notou que este fora o primeiro descanso profundo e ininterrupto da criança desde o nascimento. Tommy acordou horas mais tarde, encharcado em suor, com as bochechas rosadas, a respirar de forma regular, e mamou no peito de Carrie. Nunca mais voltou a ter uma convulsão.

O "milagre", como Carrie e o Dr. House descreveriam para sempre a recuperação de Tommy, impactou as vidas de todos os que estavam em The Hill naquela noite e de muitas outras milhares de pessoas que viriam a seguir.

Carrie e a sua família receberiam mais de duzentas leituras nas três décadas seguintes. Ela não só continuou a defender e a apoiar Edgar, como também a encorajar outros a procurar o seu conselho. Tornou-se uma das mais aptas estudantes das mensagens de amor e esperança transformadoras de vida que encontrava nas leituras de Cayce. Mais tarde, juntar-se-ia a Edgar e Gertrude quando estes partiram para Virginia Beach, e tornar-se-ia chefe do departamento de enfermagem no hospital de Cayce. Além da sua capacidade como enfermeira diplomada, ajudaria a explicar as leituras àqueles que procuravam o conselho de Cayce, muito em particular jovens mães.

Ambos sentados, Edgar e o Dr. House (com o primo de Gertrude, Raymond Smith).

O Dr. Thomas House passou por uma crise pessoal. O que testemunhara em The Hill naquela noite tornou impossível que voltasse a praticar medicina como lhe tinha sido ensinado. Uma estrela em ascensão na comunidade médica, outrora sob consideração para se tornar chefe da Associação Médica Americana, deixou a sua prática no hospício de Hopkinsville, virou as costas à medicina alopática padrão praticada pelos seus colegas e abraçou um tipo de tratamento holístico apresentado nas leituras em transe. Juntamente com a sua mulher, mudou-se para Virginia Beach, onde se tornou o médico-chefe do hospital de Cayce.

Tommy House Jr. cresceria saudável e forte e também faria a sua casa em Virginia Beach. Um mecânico e reparador de motores talentoso, construiu pessoalmente o equipamento de saúde recomendado nas leituras. Hoje em dia, os pacientes ainda usam as baterias que ele montou pela primeira vez para a terapia eletromagnética prescrita para tratar uma ampla variedade de doenças, incluindo condições que eram semelhantes à sua própria ao nascer. Muitas vezes, com grande despesa pessoal, conduzia

centenas de milhas para entregar leituras e equipamento médico a pacientes incapazes de vir pessoalmente para receber a ajuda de Cayce.

Carrie House, Gertrude, Gladys Davis, Hugh Lynn, Edgar Evans e Tommy House em Dayton, Ohio, 1924.

Igualmente profundo foi o impacto que a leitura de Tommy House Jr. teve em Edgar. Ele tinha provado a si mesmo e a outros o potencial salvador de vidas do seu trabalho. Independentemente de quão invulgar e por vezes totalmente inacreditável fosse a informação que transparecia nas suas leituras, nunca mais duvidaria do bem que daí poderia resultar. A partir deste dia, dedicaria uma porção do seu tempo diário a dar leituras. Ninguém que genuinamente precisasse e quisesse ajuda seria recusado. E embora ainda fossem necessários vários anos até que a própria Gertrude se tornasse sua parceira naquilo que ele começava agora a chamar de o trabalho, graças ao coragem e exemplo de Carrie, ela conduziria mais leituras do que qualquer outra pessoa.

WESLEY KETCHUM:
A PARCERIA PSÍQUICA

À medida que as notícias do sucesso da leitura de Tommy House circulavam por Hopkinsville, um número cada vez maior de pessoas doentes e moribundas recorria a Edgar em busca de ajuda. Entre elas estava Gordon Putnam, paralisado da cintura para baixo. Cayce — em transe — recomendou tratamentos osteopáticos que foram capazes de efetuar uma cura. Seguiram-se leituras bem-sucedidas para uma mulher que sofria de glaucoma e para uma jovem rapariga com uma inflamação na garganta. As únicas leituras que foram julgadas por Edgar como sendo um fracasso foram as dadas a Joe Dickey, que estava empenhado em usar o conselho do transe para fazer apostas no Hipódromo de Latonia. Edgar escolheu corretamente os cavalos vencedores, mas, no processo, sofreu dores de cabeça enxaquecentas graves e perdeu temporariamente a sua capacidade de entrar em transe. Apenas por tentativa e erro descobriria como as leituras deveriam ser usadas ou quais eram, na verdade, as regras.

Tal como mais pacientes vinham ter com ele em busca de ajuda, o mesmo faziam vários médicos de Hopkinsville. Entre eles estava o Dr. Wesley Ketchum, um homeopata do Ohio com trinta e um anos, baixo, de porte robusto e bem-apresentado. Ketchum era não só mais educado do que quaisquer outros com quem Cayce tinha trabalhado, como também, apesar das críticas e ameaças veladas que recebia dos colegas, destemido na aplicação das terapias recomendadas. E embora alguns outros médicos também consultassem Cayce, Ketchum era o único disposto a admiti-lo e parecia efetivamente desfrutar da controvérsia que isso criava. Dizia aos seus pacientes que estava a consultar Cayce e dava palestras em conferências médicas nas quais descrevia o processo de transe em detalhe. Foi uma destas palestras, proferida perante a Associação Americana de Investigação Clínica, que

resultaria num artigo de primeira página no New York Times que transformou Cayce numa sensação do dia para a noite.

ILLITERATE MAN BECOMES A DOCTOR WHEN HYPNOTIZED

Strange Power Shown by Edgar Cayce Puzzles Physicians.

The New York Times, 9 de outubro de 1910.

A primeira leitura que Cayce forneceu a Ketchum foi para um rapaz que tinha sofrido uma picada venenosa de uma aranha-marrom-reclusa. A leitura aconselhava o uso de "óleo de fumo". Pensando que isto se tratava de uma preparação comercial, Ketchum não perguntou onde o produto poderia ser encontrado. Uma busca nas farmácias locais não o revelou, nem podia ser encontrado em catálogos farmacêuticos. Uma segunda leitura foi realizada para determinar onde o encontrar. Cayce nomeou uma farmácia de Louisville. Mas quando Ketchum telegrafou para a farmácia, o gerente informou-o de que não sabiam do que ele estava a falar. Numa terceira leitura, Cayce descreveu a sala das traseiras da mesma farmácia de Louisville e identificou a prateleira onde o produto podia ser encontrado. Ketchum telegrafou as instruções ao gerente da farmácia. "Encontrado," veio a resposta.

Wesley Ketchum era destemido na aplicação das leituras de Cayce.

A leitura que mais convenceu Ketchum do potencial das leituras de Cayce foi para George Dalton, o próspero proprietário da olaria de Hopkinsville. Dalton — que pesava bem mais de duzentas libras — tinha partido a perna direita tanto abaixo como acima do joelho. Os outros médicos de Hopkinsville diziam que Dalton nunca mais voltaria a andar e que a amputação seria necessária. Mas Ketchum — sob conselho em transe de Cayce — disse que o joelho podia ser curado.

A leitura subsequente recomendou que Ketchum abrisse buracos na rótula e nos ossos da perna, inserisse pregos neles e colocasse Dalton em tração. Ketchum estava céptico, no mínimo. Inserir parafusos ou pregos de metal no osso era um procedimento que nunca antes tinha sido realizado no Kentucky ou em qualquer outro lugar dos Estados Unidos. Contudo, não havia mal em tentar o procedimento. O pior cenário possível era Dalton perder a perna, que era o que os outros médicos antecipavam desde o início. Ketchum mandou fazer pregos segundo as especificações

de Cayce. Ajudado por outro médico e duas enfermeiras, abriu buracos no joelho e nos ossos da perna e depois inseriu os pregos. Dois meses mais tarde, Dalton estava de novo em pé. Os pregos ainda estavam na sua perna dezassete anos mais tarde, quando ele morreu.

Ketchum descreveu estes e outros procedimentos radicais nas suas palestras. Com o eventual artigo de primeira página sobre o seu trabalho no The New York Times, celebridades começaram a procurar o conselho de Edgar. Entre elas estavam o inventor Thomas Edison e o génio da eletricidade Nikola Tesla, que consultaram Cayce em Bowling Green. Infelizmente, isto aconteceu anos antes de Cayce ter uma estenógrafa dedicada para registar as leituras e guardar cópias para estudo posterior. Tal como uma leitura posterior que foi dada para o Presidente Woodrow Wilson, a documentação sobre o que transpareceu é escassa e, na melhor das hipóteses, baseada em boatos. No entanto, quase do dia para a noite, todos queriam uma leitura de Cayce. Ketchum e Cayce teriam mais pacientes do que aqueles que podiam possivelmente acomodar.

Ketchum propôs assim uma parceria formal. Cayce daria conselho em transe, o pai de Edgar conduziria as leituras e Albert Noe, o gerente e mais tarde proprietário do Latham Hotel de Hopkinsville, forneceria o financiamento. A ideia parecia ser boa: os pacientes marcariam uma consulta para consultar Ketchum, que cobraria então uma taxa pelos seus serviços. Juntamente com esses serviços viria uma leitura em transe realizada por Edgar. Metade do rendimento gerado pela parceria iria para os Cayce. A outra metade iria para Ketchum e Noe, que pagariam as despesas gerais da parceria. Além disso, financiaria uma mudança para trazer Cayce e a sua família de Bowling Green e estabelecer um estúdio de fotografia em Hopkinsville. A única ressalva, e uma

que era criticamente importante para Edgar, era que Ketchum tinha de prometer solenemente que as leituras seriam dadas "apenas para pessoas doentes" e que ninguém em necessidade desesperada seria recusado. As leituras do hipódromo com Joe Dickey tinham-lhe ensinado tudo o que queria saber sobre usar os seus dons de outra forma.

Gertrude, uma jovem mãe nesta altura, não estava entusiasmada com a ideia. Estava céptica em relação a qualquer negócio em que Leslie fosse parceiro, uma vez que o pai de Edgar provara ser pouco fiável. Estava igualmente preocupada com o desenfreado Ketchum, que tinha reputação de jogador e sobre quem corria o rumor de ter um caso com a rececionista do seu consultório. Apesar de toda a conversa de Ketchum sobre libertar o incrível potencial de Cayce, o principal interesse do bom doutor residia em ganhar proeminência social e poder e, como o próprio admitiu mais tarde, valer-se de informação pessoal que obtivera através de Cayce em transe para promover a sua causa.

Sabendo de antemão que Gertrude não aprovaria, Edgar avançou com o plano. Acreditava que com o tempo Gertrude viria a perceber que o negócio de dar leituras psíquicas tinha de receber o mesmo grau de profissionalismo que o seu negócio de fotografia. Precisava de um local estabelecido para onde os pacientes pudessem ir, de preferência perto de casa em Hopkinsville. Além disso, depois de um incêndio inexplicável ter destruído o seu estúdio fotográfico em Bowling Green em dezembro de 1906, e com o nascimento do seu filho Hugh Lynn no ano seguinte, precisava desesperadamente do rendimento que a parceria proporcionaria. O acordo permitia-lhe tanto ganhar a vida como fotógrafo como dar leituras para pessoas em necessidade.

Gertrude com o primeiro filho, Hugh Lynn Cayce, 1907.

Tendo aprendido cada vez mais a depositar a sua confiança nas leituras, ofereceu-se para deixar a própria Fonte decidir se esta parceria era uma boa ideia ou não. A mensagem que sobressaiu foi decididamente positiva. A Fonte indicou que "o trabalho" deveria ser apoiado por aqueles que beneficiavam das leituras e da credibilidade que as leituras geravam. Quanto mais as pessoas acreditassem no valor da informação, mais Cayce e os seus parceiros ganhariam materialmente com ela. Mas o aspeto mais importante desta leitura foi a sugestão de que o propósito último do trabalho não era fornecer perspetivas de diagnóstico. Em vez disso, como Carrie House tinha dito há muito tempo, serviam para ajudar as pessoas a "abrir" as suas mentes e aceitar a verdade do "mundo etéreo" ou "espiritual". A Fonte ofereceu então uma pista importante para o sucesso ou fracasso futuro do trabalho.

"No minuto em que ganhamos credibilidade e atribuímos o crédito a nós próprios," veio a mensagem, "perdemo-la."

Edgar, Leslie, Noe e Ketchum optaram por fazer a sua sede num conjunto de salas no último andar do Thompson Building de Hopkinsville, um grande edifício de tijolo vermelho adjacente à Livraria Hopper Brothers. Uma piada recorrente era a de que Edgar Cayce tinha finalmente subido na vida desde que deixara a Livraria Hopper Brothers. Subido as escadas, isto é.

Uma placa a dizer Estúdio Fotográfico Cayce foi colocada do lado de fora, na rua. No corredor no topo das escadas, outra placa marcava a entrada para o estúdio fotográfico de três salas de Edgar, que estava equipado com o mais moderno equipamento fotográfico. A escassos metros, mais à frente no corredor, estava uma terceira placa, escrita em letras mais pequenas, a dizer: "Diagnostico Psíquico". Aqui a porta abria para um conjunto de escritórios que estavam ligados pelas traseiras ao estúdio fotográfico. No entanto, os pacientes não eram normalmente convidados a entrar nestes escritórios e raramente chegavam a conhecer Edgar Cayce em pessoa. Aqueles que desejavam vir a Hopkinsville para uma leitura e ser examinados por um médico reuniam-se com Ketchum no seu consultório. O contacto pessoal entre Edgar e os seus pacientes era visto como uma interferência desnecessária na vida pessoal de Edgar e desnecessário para o negócio de conduzir sessões diárias de transe. Não importava onde um paciente residia para que Cayce pudesse dar uma leitura precisa.

Devido à natureza única da parceria proposta e antes de ser assinado o seu contrato formal de cinco anos, vários juízes proeminentes de Hopkinsville, entre eles John T. Hanberry, foram convidados a presenciar uma leitura para darem a sua opinião sincera sobre se seriam ou não violadas leis ao realizarem o seu negócio. O Juiz Hanberry, que anteriormente tinha recebido a sua própria leitura médica, concordou com os outros ao dar a sua

bênção. Ficou tão impressionado com a demonstração que se ofereceu para comprar o contrato de Cayce a Noe e Ketchum, o que estes recusaram.

As leituras começaram no mesmo dia em que os documentos foram assinados. Antes do final da primeira semana, nove pacientes tinham recebido e pago por leituras. A Sra. Eleanor Sledge, que recebeu uma leitura três semanas mais tarde, veio ter com Ketchum a sofrer de dores de cabeça enxaquecentas debilitantes. Cayce — em transe — sugeriu que o problema era o resultado de uma lesão que tinha crescido na sua coluna, a qual poderia ser removida através de manipulação osteopática. A sua eventual cura, menos de dois meses depois, foi considerada nada menos que milagrosa.

Sala de espera no consultório do Dr. Ketchum, c. 1910.

No processo de estudo do corpo mais amplo de leituras, Ketchum tomou consciência da Fonte como uma personalidade ou ser distinto com muitas características humanas. Por mais "omnisciente" que a Fonte pudesse ser, também podia ser abrupta, detestava o que considerava perguntas insensatas e demonstrara o que apenas poderia ser caracterizado como um sentido de humor

mordaz. Isto tornou-se mais evidente nos anos vindouros. Quando lhe perguntaram como devia uma pessoa superar a preocupação, a Fonte disse simplesmente: "Deixe de se preocupar!". A uma mulher, que queria saber se usar óculos, como Cayce tinha recomendado, era realmente necessário, foi dito: "O corpo precisa realmente de óculos, senão não o teríamos dito!". Quando um paciente perguntou se um medicamento devia ser esfregado pelo lado de fora, foi-lhe simplesmente dito: "Não o pode esfregar pelo lado de dentro!".

A Fonte soava tão "humana" a Ketchum que o médico concluiu que a voz que falava através de Cayce não era uma entidade separada, mas o eu inconsciente superior de Edgar. Ele contestava aquilo em que Carrie House acreditava — que uma presença celestial assumia o controlo quando Cayce entrava em transe —, sustentando que o espírito de Cayce estava livre para comunicar com outros espíritos quando ele perdia a consciência. Embora leituras subsequentes sugerissem que havia claramente muita verdade nesta teoria, o próprio Ketchum admitiu mais tarde que o que quer que acontecesse era muito mais complicado do que o espírito de Cayce a estender-se pelo universo. Isto era, no entanto, um bom ponto de partida.

Ketchum também suspeitava que a mente subconsciente de Edgar podia viajar até à localização física do paciente. Durante uma leitura, Cayce fez uma observação sobre a cor do pijama de uma paciente e, noutra ocasião, mencionou uma árvore particularmente bonita no quintal dela.

Havia, contudo, limites para o que Cayce podia fazer. A Fonte, por exemplo, por vezes dizia diretamente que determinada informação não devia ser partilhada, enquanto noutras alturas Cayce parecia ser capaz de espreitar à vontade para o interior de

uma pessoa sem interferência. Disto, Ketchum suspeitava que os indivíduos que recebiam as leituras podiam de algum modo bloquear o exame que Cayce fazia dos seus corpos.

A motivação por parte do paciente que solicitava a leitura claramente contava para a equação, pois Ketchum obtinha os melhores resultados quando uma pessoa queria genuinamente ajuda pelas razões que tinha declarado. Além disso, informação que pudesse magoar ou prejudicar alguém simplesmente não seria dada. Mais ainda, e de forma de todo extraordinária, a Fonte só fazia recomendações que uma pessoa fosse capaz de realizar, dados os seus meios logísticos ou financeiros. Se uma viagem ao Hospital dos Irmãos Mayo, no Minnesota, estivesse fora de questão, a Fonte parecia encontrar uma solução mais perto de casa, mesmo que isso significasse ter de instruir um médico local sobre como realizar o tratamento.

À medida que o número de leituras crescia, o próprio Edgar começava lentamente a compreender algumas das dinâmicas envolvidas em dá-las. Ele começou também a ganhar interesse pelo lado médico do negócio. Parecia querer genuinamente saber como os tratamentos recomendados funcionavam, embora ele e Ketchum, por vezes, estivessem também longe de os compreender. Contudo, como tanto Cayce como Ketchum descobriram, o desafio não era obter informação útil da Fonte, mas sim encontrar profissionais médicos dispostos a aplicar os tratamentos.

Muito frequentemente, o médico pessoal de um paciente simplesmente descartava uma leitura por considerá-la abaixo da sua consideração. Ketchum podia tratar os pacientes que vinham a Hopkinsville, mas a vasta maioria vivia fora do Kentucky e não se

podia razoavelmente esperar que fizesse residência em Hopkinsville enquanto os tratamentos — que por vezes duravam meses — eram conduzidos. Esta constatação estava no topo da sua mente quando Frank Mohr, um empresário bem-sucedido cuja sobrinha de três anos e meio tinha sido curada da poliomielite, se ofereceu para construir um hospital onde os tratamentos pudessem ser realizados exatamente como recomendado.

Noe e Ketchum também gostaram da ideia. No entanto, acreditavam que deveriam ser compensados por "desenvolver" e "publicitar" as capacidades de Edgar. O seu acordo geral com Mohr, aceite em princípio, estipulava que Noe e Ketchum receberiam uma modesta quota-parte de todos os proventos do hospital e que Noe receberia compensação dos pacientes ou das suas famílias que fizessem uma residência de longa duração no hotel.

Com base no seu acordo verbal, Mohr fez o levantamento e limpou o terreno em Nortonville, no Kentucky, e uma equipa de trabalhadores verteu os alicerces para o hospital. Problemas, contudo, surgiram em breve. Noe e Ketchum continuaram a apresentar um motivo atrás de outro para não assinarem um contrato formal. Tinham aparentemente decidido adiar as negociações, mantendo-se firmes por uma fatia maior dos lucros, ou assim parecia a Mohr. Depois, no meio de argumentos acesos sobre o assunto, Mohr lesionou as costas. Edgar deu um diagnóstico de emergência. A sua saúde poderia ser restaurada, indicou a Fonte, mas a menos que certas medidas corretivas fossem tomadas, a lesão na sua coluna produziria gradualmente envenenamento por ácido úrico e resultaria em cegueira.

Mohr e os seus médicos consideraram o diagnóstico absurdo. Ketchum, quer por não querer parecer tolo perante os seus pares

quer por desejar secretamente abrir uma brecha entre Mohr e Cayce, riu-se juntamente com os médicos de Mohr. Como podia uma curvatura da coluna causar cegueira? Mohr não sabia em quem confiar. Suspeitando de algum tipo de fraude, foi para tribunal, e o projeto do hospital nunca avançou além dos alicerces, ainda visíveis hoje. Ele acabou também por ficar cego.

Aumentando o stresse que pesava sobre os ombros de Edgar e Gertrude, esta deu à luz outra criança, Milton Porter, a 28 de março de 1911. Edgar estava tão preocupado com Noe e Ketchum e com dois processos cíveis separados que surgiriam do desentendimento entre Mohr e Ketchum que não prestou atenção suficiente à situação em casa. Milton Porter não estava a receber nutrição suficiente do leite da mãe. Uma ama de leite foi trazida, mas a esta altura a criança estava doente com tosse convulsa e, depois, colite. Edgar deu uma leitura como tinha feito para Tommy House Jr., mas a Fonte não apresentou qualquer esperança de recuperação. A certidão de óbito de Milton Porter declara que ele morreu a 17 de maio, um mês e vinte dias após o seu nascimento.

O stresse quase acabou com o casamento dos Cayce. Edgar culpava-se a si próprio por não ter dado uma leitura mais cedo. Parte da razão era que ele tinha estado, de facto, demasiado preocupado com os seus negócios. Contudo, era também verdade que Gertrude continuava perturbada com o facto de ele dar leituras e, como ele próprio admitiu, ela não queria que ele desse leituras para os membros da família imediata. Gertrude, também, devia sentir-se responsável por não ter cuidado devidamente da criança.

Tal como tinha acontecido quando Edgar sofreu de laringite, Gertrude parou de comer e acamou. Ela poderia muito bem estar a

sofrer de depressão semelhante à da própria mãe de Edgar aquando do nascimento e subsequente morte do seu segundo filho. Mas também é verdade que, no julho seguinte, ela começou a tossir sangue. O diagnóstico foi tuberculose, que naquela altura era considerada incurável.

Edgar ofereceu-se para dar uma leitura imediatamente, mas Gertrude continuava a resistir. Apesar da ajuda que Edgar tinha prestado ao seu sobrinho Tommy House, Gertrude continuava a não gostar do negócio de ele dar leituras e não queria que as suas vidas girassem em torno delas. Para o seu modo de pensar, a única forma de fazer valer o seu ponto de vista era manter a sua posição, afirmando o pouco controlo que tinha sobre a situação.

Edgar tentou e falhou em convencê-la a fazer uma leitura. Ketchum, também, fez uma tentativa, mas os seus apelos para que ela recebesse conselho em transe foram ineficazes, talvez até agravando uma situação já tensa. Gertrude poderia também considerá-lo uma das causas profundas da morte de Milton Porter. Se o seu marido não tivesse estado preocupado com a batalha judicial com Mohr e com a discórdia entre os parceiros, o seu marido teria estado presente para ajudar.

Edgar não estava prestes a ficar sentado a ver Gertrude morrer como Milton Porter morrera. Quem interveio não é claro. Edgar pode ter prevalecido ao falar com ela. Carrie pode ter exigido que ela fizesse uma leitura. Sem dúvida que o Dr. House também a encorajou, uma vez que era um dos seus dois médicos de consulta. Tudo o que se sabe é que ela finalmente concordou em fazer uma leitura depois de ambos os seus médicos e um especialista em tuberculose trazido de Louisville a declararem no seu leito de morte.

Edgar deitou-se na cama ao lado dela e, com Ketchum a conduzir, começou a leitura. Lá fora, no alpendre e na rua, estavam reunidos aqueles que amavam Gertrude e rezavam pela sua recuperação. O seu pastor tinha reunido a sua congregação e, de mãos dadas com outros que amavam e apoiavam Gertrude, formaram o que foi descrito como uma corrente humana em redor da frente da casa enquanto a leitura era dada.

Cayce — em transe — delineou tratamentos que incluíam ajustamentos osteopáticos para as suas costas, inalação de vapores de um pequeno barril de carvalho carbonizado para aliviar a congestão nos seus pulmões, heroína para dar um choque ao seu organismo, outras drogas e laxantes para ajudar a limpar o sangue e vários órgãos, e uma dieta rica em suplementos de ferro e vegetais crus. Quando Cayce acordou, Ketchum e os outros médicos andavam de um lado para o outro no quarto. Tal como na leitura de Tommy House, o diagnóstico foi considerado excelente. A preocupação era o tratamento.

Os ajustamentos osteopáticos recomendados foram julgados como não sendo prejudiciais, nem os laxantes. O que alarmou os médicos foi a inalação de vapores de aguardente de maçã de um pequeno barril de carvalho carbonizado, o que poderia congestionar ainda mais ou enfraquecer a sua capacidade pulmonar. Depois havia as drogas. Cayce tinha recomendado que ela tomasse uma combinação de heroína, eucaliptol, terebintina e creosoto, que deveriam ser misturados num líquido e colocados numa cápsula feita de fosfatos de sódio cristalizados. O choque para o seu organismo poderia colocá-la num coma do qual nunca mais recuperaria a consciência.

Edgar não quis ouvir as suas preocupações. Com a ajuda de Ketchum, estava preparado para agir imediatamente, o que fizeram.

O efeito em Gertrude foi dramático e tornou-se ainda mais milagroso porque ninguém antes — nem numa leitura em transe nem num laboratório — tinha chegado a uma cura para a tuberculose. Havia tratamentos para prolongar a vida de uma pessoa, mas nenhuma cura. Depois de tomar a primeira cápsula, Gertrude parou de ter hemorragias. Os vapores da aguardente de maçã reduziram a congestão nos seus pulmões. Dias mais tarde, a febre cedeu. Um mês após o início dos tratamentos, ela estava decididamente a ganhar forças.

Gertrude Cayce, c. 1921.

Ironicamente, foi no meio da recuperação de Gertrude — naquilo que poderia ser visto como o sucesso mais espetacular de Ketchum e Cayce — que a parceria de um ano ficaria sob o escrutínio, crítica e investigação mais intensos por parte da profissão médica. Tal seria o caso muitas mais vezes na vida futura de Cayce, embora em diferentes cidades e com outros médicos. Que as leituras em transe de Cayce recomendassem tratamentos que ajudavam os pacientes que vinham ter com ele era um ponto secundário.

Em novembro de 1911, enquanto Gertrude ainda estava na cama a recuperar e Edgar tinha começado mais uma vez a sofrer de dores de cabeça enxaquecentas e problemas na garganta, Ketchum foi informado por um vizinho de que ele e Cayce estavam a ser investigados pela Sociedade Médica do Condado de Christian. Tinha sido aprovada uma resolução a exigir que um comité de médicos preocupados visitasse o governador e o procurador-geral para revogar a licença médica de Ketchum, acabar com a parceria e pôr termo ao que consideravam ser uma gozação da ciência médica.

Sabendo que haveria cerca de quarenta e cinco médicos no condado a assistir à reunião seguinte da sociedade médica, Ketchum considerou levar testemunhas oculares e pacientes que ele e Cayce tinham ajudado, juntamente com declarações juradas. Contudo, o engenhoso e astuto Ketchum delineou um plano totalmente diferente. Levantou mil dólares da sua conta bancária. Foi tudo o que levou consigo para a reunião lotada que decidiria o seu futuro e, por sua vez, o de Edgar.

Ketchum entrou na sala de reuniões cheia e sentou-se na parte de trás. Depois de a sessão ser aberta e de os nomes dos membros do comité serem selecionados para ir a Frankfort ver o governador e o procurador-geral, Ketchum pediu permissão para dirigir brevemente a palavra aos colegas membros da sociedade. Caminhou para a frente da sala e colocou o dinheiro vivo em cima da mesa do secretário, onde todos o podiam ver. Depois proferiu um discurso curto, previamente preparado. Aqui, nas suas próprias palavras, está parte do que ele disse:

Sinto muito ter trazido isto aos médicos do Condado de Christian. Mas os senhores nasceram e cresceram aqui [e] eu vim para aqui incentivado por um número razoável dos seus cidadãos

de topo. Se os senhores querem ir ao cerne da questão, quero a vossa ajuda. Claro que, se vão simplesmente expulsar-me da profissão, isso é diferente. Mas tenho uma sugestão para vos oferecer. Gostaria que nomeassem seis homens para escolherem um dos seus casos mais complexos, e depois fazer com que Cayce se deite, adormeça e diagnostique cada um dos seis casos. Se os diagnósticos não forem absolutamente corretos, entregarei este dinheiro a qualquer instituição de caridade que nomeiem no Condado de Christian.

Um silêncio caiu sobre a sala depois de Ketchum se sentar. Eventualmente, um médico no fundo da sala fez uma moção para que houvesse mais investigações antes de o seu comité visitar o procurador-geral. Ketchum não ouviria mais nada da sociedade médica.

Ketchum, contudo, planeou um encontro com o procurador-geral numa reunião da associação de advogados regional. O encontro iria realizar-se no Hotel Latham, e estava previsto que Cayce fizesse uma demonstração das suas capacidades psíquicas. Ketchum nunca revelou de quem fora a ideia da apresentação, mas, dada a presença do procurador-geral na mesa de honra, a mão de Ketchum era muito evidente.

Na noite do evento, Ketchum convidou os advogados reunidos a escreverem perguntas para as quais ele faria Cayce dar resposta. Mais de uma dúzia de advogados participaram. Ketchum fez então Cayce entrar na sala, deitar-se numa mesa, e guiou-o até ao transe. Consta que Cayce respondeu a cada pergunta. Em alguns casos forneceu respostas longas e abrangentes; noutras instâncias disse "sim" ou "não".

A atuação causou uma grande sensação, com os advogados a maravilharem-se com as capacidades invulgares de Cayce. Como Ketchum antecipara, o procurador-geral chamou-o de parte após a atuação. Tinha ouvido falar dos problemas que Ketchum e Cayce tinham tido com a sociedade médica local. Compreendia agora o porquê.

"Digo-lhe uma coisa," disse o procurador-geral, gesticulando com as mãos. "Não é longe daqui até ali além. Acho que este sujeito [Cayce] cai através."

Isto foi tudo o que o procurador-geral disse, e tudo o que Ketchum acreditava precisar de o ouvir dizer. "[De] alguma forma e de algum modo," respondeu Ketchum, "ele cai de facto noutra esfera sobre a qual nada sabemos."

Ketchum tinha esquivado com arte uma bala — não uma, mas duas vezes. A sua terceira experiência, contudo, enviá-lo-ia num cruzeiro só de ida para Honolulu.

Dr. Hugo Münsterberg, c. 1908.

HUGO MÜNSTERBERG: HARVARD VEM A HOPKINSVILLE

O interesse acrescido em Edgar Cayce atraiu a atenção e o escrutínio de médicos muito para lá de Hopkinsville. E enquanto Ketchum se mostrava apto a lidar com os seus colegas do Kentucky, estava fora do seu elemento quando o Dr. Hugo Münsterberg, da Universidade de Harvard, deu entrada inesperadamente no Hotel Latham e solicitou um encontro com Edgar e os seus parceiros.

Um homem imperioso e de todo imponente, que media um metro e oitenta e três e pesava cento e treze quilos, Münsterberg era o académico mais famoso da instituição mais prestigiada dos Estados Unidos. Nascido e criado na Alemanha, com um doutoramento em medicina pela Universidade de Heidelberg e um doutoramento em filosofia pela Universidade de Leipzig, veio para Harvard a convite de William James, a figura mais influente na história da psicologia americana. Jantara na Casa Branca com dois presidentes, entretivera a realeza europeia na sua casa em Boston e era o intelectual alemão mais citado na imprensa mundial. Falava cinco línguas, apreciava a pintura a óleo e o retratismo, escrevia poesia, tocava violoncelo, realizava filmes, era autor de livros com vendas de topo e de artigos em revistas populares, e fora pioneiro na tecnologia que levaria à criação do detetor de mentiras dos tempos modernos. O mais importante para a história de Cayce era o prazer que tirava em expor médiuns e psíquicos fraudulentos.

Num caso amplamente publicitado em 1909, Münsterberg investigara Eusapia Palladino, uma médium italiana de renome internacional que era defendida pelo investigador psíquico britânico Hereward Carrington. A Sra. Palladino, invocando o seu guia espiritual John King, podia alegadamente fazer levitar mesas, transportar remotamente objetos de um lugar para outro, fazer

instrumentos musicais tocar espontaneamente e convocar rajadas de vento do outro mundo para soprar através de salas com janelas e portas seladas.

Münsterberg provou o contrário.

Numa sessão espírita realizada no apartamento em Manhattan de um abastado cidadão de Boston, ele e dois colegas tinham-se juntado a Palladino em redor de uma mesa circular numa sala escurecida. Sob a direção de Palladino, ele ficou sentado à esquerda da médium, com o seu pé direito em contacto com o pé esquerdo dela e a sua mão direita em contacto com a mão direita dela. De forma semelhante, um dos colegas de Münsterberg sentou-se à sua direita, com a mão esquerda e o pé esquerdo a tocar na mão direita e no pé direito dela. De acordo com Palladino, investigadores sentados desta forma podiam ter a certeza de que ela não movia as mãos e os pés sem o seu conhecimento.

O que Palladino não sabia era que Münsterberg tinha um cúmplice escondido na sala.

Depois de a sessão ter começado, o cúmplice de Münsterberg, e não o guia espiritual John King, fez notar a sua presença. Palladino foi apanhada a descalçar furtivamente os pés descalços dos sapatos e a usar os dedos dos pés para erguer a mesa em redor da qual estavam sentados. Tinha também colocado sub-repticiamente a mão direita de Münsterberg em cima da mão esquerda do seu colega. Com as suas próprias mãos assim libertadas, ficou então livre para mover objetos e fazer os instrumentos tocar. O vento misterioso, Münsterberg revelou ainda, era o resultado de uma bexiga de borracha escondida na

palma de uma das suas mãos, a qual ela usava para libertar jatos súbitos de ar para soprar através da sala.

O sucesso de Münsterberg ao expor Palladino e a imprensa elogiosa que se seguiu contribuíram certamente para a sua decisão de investigar Cayce. O evento que desencadeou a partida do professor para Hopkinsville foi a apresentação de um artigo académico escrito por Ketchum, apresentado em Harvard perante a Associação Americana de Investigação Clínica, em 1911. Consta que a apresentação, que contou com a presença de cerca de quatro mil médicos, investigadores clínicos e cientistas universitários, deixou Münsterberg numa fúria cega. "Vou expor Cayce ao mundo!", anunciou grandiosamente.

Outros membros do corpo docente em Cambridge não foram tão rápidos a descartar o relatório de Ketchum ou a juntar-se aos esforços do seu colega, sedento de manchetes, para desmascarar Cayce. Acreditavam que Münsterberg, que estava no processo de reescrever o programa de estudos de Harvard, tinha traído o legado do seu falecido mentor William James, que tinha incentivado o estudo de mente aberta sobre fenómenos paranormais e extrassensoriais e tinha sido um apoiante proeminente da Sociedade de Pesquisa Psíquica na Inglaterra. Em marcante contraste com James, Münsterberg negava a existência da mente inconsciente e quaisquer supostos poderes associados a ela. Ele irritava-se com a noção de que um psíquico pudesse diagnosticar corretamente doenças num estado hipnótico e estava determinado a destruir as carreiras de médicos e cientistas que acolhessem tais alegações.

Três meses após a apresentação de Ketchum, a 20 de janeiro, depois de assistir a um jantar de estado formal em Washington D.C., Münsterberg chegou a Hopkinsville de comboio e deu

entrada no hotel do parceiro de Cayce, Albert Noe. Como a correspondência arquivada de Münsterberg deixa claro, ele não alertou a imprensa sobre a sua visita porque acreditava condescendentemente que a sua mera presença em Hopkinsville daria credibilidade ao "embuste" que considerava ser o fenómeno psíquico. Em vez disso, apanharia Cayce num ato de fraude, compilaria as suas descobertas e torná-las-ia públicas num momento e local da sua própria escolha — no Emerson Hall de Harvard.

No dia seguinte, Münsterberg alugou uma carruagem que o levou pela Estrada de Russellville até ao modesto chalé de um quarto, no limite mais distante dos confins da cidade, para onde os Cayce se tinham agora mudado. Como Münsterberg soube pelo condutor da carruagem, Edgar não possuía qualquer propriedade. Até as câmaras no seu estúdio fotográfico de Hopkinsville pertenciam a outros membros da parceria. Edgar e a sua esposa Gertrude tinham-se mudado para um chalé perto de "The Hill", pertencente à sua sogra, para poupar dinheiro e para tornar mais conveniente para os membros da família o cuidado de Gertrude, que estava acamada a recuperar da tuberculose.

A chegada inesperada de Münsterberg, o seu denso sotaque alemão, a sua caraterística bengala de cabo de prata e o seu casaco de castor até aos tornozelos apanharam Cayce de surpresa. Embora pego de surpresa, Edgar foi cordial. Convidou o professor de quarenta e oito anos a entrar na sua casa, apresentou-lhe o pequeno Hugh Lynn de três anos e levou-o brevemente ao quarto para conhecer Gertrude.

O professor de Harvard não expressou qualquer cortesia nem se desculpou por chegar sem convite. Pediu imediatamente para ver a mesa, as luzes, a bola de cristal ou qualquer um dos "modos

de operação" que eram os acessórios de psíquicos como Palladino. Edgar disse com veracidade que não sabia do que Münsterberg estava a falar. Ele não precisava de uma sala escurecida para entrar em transe, não conseguia fazer levitar mesas, mover objetos ou conjurar rajadas de vento do outro mundo. Descreveu como conseguia entrar em transe quer estivesse deitado no chão da sala de estar, lá fora no quintal ou no meio da estrada. Informou também Münsterberg de que as suas leituras eram agora registadas por uma estenógrafa e que as transcrições dactilografadas estavam disponíveis junto do Dr. Ketchum para a sua inspeção. Teria todo o gosto em colaborar.

Como exemplo dos diagnósticos induzidos por transe de Cayce, foi mostrada a Münsterberg uma transcrição da sua sessão de transe mais recente, uma leitura de saúde de acompanhamento que Edgar tinha dado à sua esposa no dia anterior. Münsterberg estudou a leitura e, com permissão, examinou brevemente Gertrude. Ouviu também a história dramática de como, no seu leito de morte, a Fonte tinha recomendado que lhe fosse dada a combinação de medicamentos e o pequeno barril de carvalho carbonizado cheio de aguardente de maçã que lhe tinha salvado a vida. Por mais inacreditável que tudo parecesse, Münsterberg podia ver por si mesmo que Gertrude estava no caminho para uma recuperação total.

Após mais discussões sobre o caso de Gertrude e de examinar as leituras que lhe tinham sido dadas, Münsterberg saiu abruptamente sem apertar a mão de Edgar ou dizer adeus. Voltaria, no entanto, vários dias mais tarde, desta vez com marcação prévia e acompanhado pelo Dr. Jackson, com quem tinha discutido o historial médico de Gertrude e realizado um exame físico mais aprofundado.

A investigação de Münsterberg estava em marcha, mas não era Cayce quem estava a ser testado. O que o professor de Harvard não tinha revelado a Edgar e Gertrude era que tinha perdido membros da família para a tuberculose. Como profissional médico altamente treinado, conhecia a doença como apenas um especialista conhecia. Como enteado privado da presença de uma mãe que morrera por causa dela, conhecia também a agonia daqueles que a tinham contraído. Como resultado da sua experiência, tinha sido inspirado a fundar um instituto de tuberculose em Berlim. Até se sentar ao lado de Gertrude, nunca tinha examinado pessoalmente uma paciente cuja recuperação dramática fosse tão milagrosa.

Apesar do que tinha visto e ouvido na casa dos Cayce, Münsterberg não estava disposto ou não era capaz de dar o salto criativo necessário para dar o passo seguinte: admitir a possibilidade de que as leituras em transe de Edgar tivessem curado a sua esposa da tuberculose. O orgulho, e não a investigação científica, era a razão. O mesmo era provavelmente verdade em relação a Harry Houdini, que testemunharia e investigaria Cayce uma década mais tarde em Nova Iorque. No caso de ambos os homens, nenhuma prova seria suficientemente convincente para os fazer questionar publicamente as suposições que contribuíam para a sua popularidade. Houdini tentaria e falharia em provar que Cayce era uma fraude em 1921 no Hotel McAlpin, mas nunca ficaria registado como tendo testemunhado uma leitura de Cayce, apesar de haver provas em contrário.

O Hotel McAlpin em Nova Iorque, onde Houdini atuava e Cayce por vezes ficava hospedado quando estava em Nova Iorque.

Sem que Cayce soubesse, o propósito não declarado de Münsterberg ao expor Cayce como uma fraude era reunir munição que removesse os últimos vestígios da influência de James no programa de estudos de Harvard. Um homem de língua afiada e com uma reputação bem merecida de atacar impiedosamente os seus alegados inimigos, Münsterberg sabia que teria uma rebelião em mãos no regresso a Cambridge se mudasse publicamente a sua posição. E no entanto, ali diante dele estava uma possível cura para uma das doenças mais temidas do mundo. Estava em posição de salvar centenas e milhares de doentes — talvez até milhões —, mas ao fazê-lo minaria a fundação sobre a qual tinha construído a sua carreira, poria em perigo o seu cargo de professor em Harvard e expor-se-ia a reprimendas dos muitos colegas e alegados inimigos que tinha intimidado até ao silêncio.

Münsterberg foi testado ainda mais no dia seguinte, quando se encontrou com Cayce no seu estúdio fotográfico e testemunhou uma leitura em transe. Quando Edgar chegou de manhã, o pai de Cayce, Leslie, que estava a conduzir as leituras nesta altura, a estenógrafa Katherine Faxon e o Dr. Wesley Ketchum já estavam no estúdio. Edgar tinha acabado de lhes contar sobre a visita não anunciada de Münsterberg à sua casa quando o professor chegou. Foi conduzido a uma pequena sala de estar adjacente ao local onde as leituras eram dadas. Depois de todos se reunirem, Münsterberg procedeu ao interrogatório de Edgar, do seu pai e de Ketchum. Os parceiros responderam às suas perguntas, e foi-lhe mostrado um arquivo de leituras e respetivos testemunhos de pacientes.

Eventualmente, a consulta matinal de Edgar chegou. August Boehme tinha vindo da sua casa em Newport, no Kentucky, e não tinha dito a Ketchum nem a ninguém no consultório por que razão

tinha solicitado a leitura. Edgar e Boehme conversaram apenas por alguns momentos antes de Edgar se deitar no sofá, entrar em transe e proceder a dar uma leitura. Leslie ficou de pé ao lado do sofá enquanto Ketchum e Boehme se sentavam em cadeiras adjacentes a Cayce. Münsterberg escolheu um assento ao lado da porta, onde podia ver melhor os acontecimentos.

Cayce deu uma leitura típica. Relatou sobre o corpo de Boehme da cabeça aos pés, apontando as áreas de problema — ele sofria de um distúrbio estomacal que resultava em desnutrição crónica — e fez sugestões sobre como a sua condição poderia ser tratada. Quando Cayce saiu do transe, Münsterberg retomou o interrogatório a Edgar e Ketchum, e agora a Boehme. Perguntou a Boehme quanto é que Edgar sabia sobre a sua condição antes da leitura.

"Absolutamente nada," respondeu Boehme. "Nunca o vi antes em toda a minha vida. Apenas li algo sobre ele no jornal. Sou um doente há muito tempo sem resultados, por isso vim vê-lo, cheguei apenas esta manhã."

Münsterberg perguntou a Boehme se ele estava convencido pela leitura. "Com certeza que estou!", declarou Boehme.

Nos cinco dias seguintes, Münsterberg entrevistou outros recetores das leituras de Cayce. O Professor Charles Dietrich, que mais impressionou Münsterberg, era o antigo Superintendente das Escolas do Condado de Christian, além de ser o residente mais instruído e respeitado de Hopkinsville. Em 1902, o conselho em transe de Cayce tinha curado a filha de seis anos de Dietrich, Aime, de uma doença mental. A tomar chá na casa da família, a esposa de Dietrich, Minnie, discutiu a condição da filha e

apresentou a Münsterberg extensos registos médicos preparados por especialistas.

A própria Aime, que em breve iria para a faculdade, poderá ter entretido Münsterberg com um recital de piano. Münsterberg também entrevistou George Dalton, o rico empreiteiro de construção que tinha consultado Cayce sobre a sua fratura exposta na perna, e que tinha recebido o tratamento no qual foram usados pregos para fixar a fratura. Dalton não só forneceu a Münsterberg um testemunho pessoal sobre a veracidade da leitura de Cayce, como também tinha provas de raio-X do procedimento.

Carrie House, agora enfermeira hospitalar, contou a sua história igualmente impressionante de como Edgar tinha salvado o seu filho. Tommy House, de três anos, que brincava aos pés de Münsterberg enquanto Carrie contava o sucedido, era a prova viva. Ela partilhou também com ele a história de como Gertrude se tinha resistido às leituras e tinha feito tudo o que podia para convencer Edgar a parar de as dar até que, no seu leito de morte, uma leitura lhe salvara a vida. Carrie, e agora Gertrude, tinham absoluta confiança na capacidade de Edgar, embora ela, e mais tarde Gertrude, confiassem a Münsterberg que tinham dúvidas sobre a integridade do Dr. Ketchum e de outros que, dizia Carrie, eram propensos a tirar partido de Edgar.

O dele era um dom de Deus, para não ser explorado ou comercializado. No entanto, cada vez mais, era isso que, após a partida de Al Layne, os médicos investigadores estavam a fazer. Quando não estavam a espetar agulhas em Edgar para testar se ele estava, de facto, em transe, estavam a obter palpites de corridas de cavalos e pistas para os ajudar a encontrar tesouros enterrados. Um grupo tinha, sem permissão da família Salter, escavado o quintal em "The Hill". Como Edgar não se conseguia lembrar de

nada do que fazia ou dizia quando estava em transe, estava à mercê do condutor das leituras.

Um homem há muito considerado pelo seu agudo poder de observação e que por vezes ajudava a polícia a extrair a verdade de suspeitos criminais através de interrogatórios cruzados, Münsterberg ficou convencido de que Cayce não era uma fraude. A sua investigação, contudo, desenterrou factos perturbadores dos quais Edgar não tinha conhecimento até que ele lhes chamou a atenção. Enquanto penteava os arquivos de Ketchum, Münsterberg tinha encontrado leituras que o médico de Hopkinsville tinha conduzido para si próprio. Além de ajudar os pacientes que vinham ter com ele, Ketchum estava secretamente a adquirir palpites de pistas de corridas e a fazer grandes somas de dinheiro com isso. Descobriu também vários casos em que foi aceito dinheiro por leituras que nunca tinham sido conduzidas.

Antes da sua partida de Hopkinsville, Münsterberg chamou Edgar à parte e disse que acreditava que o seu dom era genuíno e encorajou-o a continuar a dar leituras. "Se nunca fizer outro caso além da pequena criança Dietrich, a sua vida não terá sido em vão," disse ele. "Acredito que irá longe." Com os elogios veio mais um conselho. Ele achava que Cayce estava a "andar com o grupo errado" e mostrou-lhe provas das várias fraudes que acreditava que Ketchum tinha cometido. Se Edgar quisesse realizar o seu sonho de usar as leituras para curar os doentes e aflitos, precisava de alguém para conduzir as sessões de transe em quem pudesse confiar para não as explorar. Urgiu Edgar a continuar a "escutar a voz", como se referia à Fonte, mas a reconsiderar as companhias que mantinha. "Voltará a ouvir falar de mim."

Edgar nunca mais ouviu. Tão-pouco foi fornecido aos colegas de Münsterberg um relato completo do que tinha tido lugar na sua investigação de uma semana. Não seria senão muitos meses mais tarde que ele partilharia quaisquer detalhes com um jovem estudante de pós-graduação a quem estava a orientar. Não conseguiu ter a coragem de admitir publicamente o que revelaria em privado. Talvez esta tenha sido uma das muitas coisas que pesaram na sua consciência quando, cinco anos depois de deixar Hopkinsville, sofreu um ataque cardíaco ao iniciar o que seria a sua última aparição pública. Só resta imaginar o que poderia ter sido — tanto para Cayce como para Münsterberg, e para os pacientes com tuberculose em todo o mundo — se um professor tão importante e obviamente talentoso tivesse testemunhado publicamente sobre o que tinha acontecido.

A Münsterberg podia, no entanto, agradecer-se por alertar Edgar para a forma solerte como Ketchum o estava a tratar. As leituras de pistas de corridas de Ketchum foram provavelmente a causa das dores de cabeça enxaquecentas de Edgar. Foram elas também que aparentemente forneceram rendimentos para Ketchum comprar um automóvel — o primeiro de sempre em Hopkinsville.

Terminar a parceria de Cayce foi mais difícil do que se poderia supor. Edgar não só tinha Ketchum para enfrentar, como o estúdio fotográfico de Edgar e o equipamento nele contido eram propriedade de outros, nomeadamente do hoteleiro Albert Noe. Um processo judicial prolongado acabou por ir para tribunal e foi julgado perante ninguém menos do que o Juiz John Hanberry, que anteriormente tinha consultado Edgar sobre a formação da parceria e que uma vez se tinha oferecido para comprar o contrato de Cayce a Ketchum e Noe.

A presença de Hanberry como juiz neste caso era claramente um conflito de interesses, e a sentença refletiu isso mesmo. Apesar da sua afirmação anterior de que nenhuma lei tinha sido violada na formação da parceria, ele decidiu que o contrato, tal como originalmente redigido, era ilegal. Foi pedido a Edgar e ao seu pai, Leslie, que pagassem as despesas judiciais, devolvessem o equipamento fotográfico e pagassem uma indemnização a Noe. Ketchum evitou o litígio e o que prometia ser uma nova revisão da sua licença médica saindo da cidade. Abandonou a sua esposa e um filho pequeno. Acompanhado pela sua rececionista de Hopkinsville, embarcou num comboio com destino a Los Angeles e depois num navio a vapor para o Havai. Edgar só soube para onde ele tinha ido anos mais tarde.

Numa carta que Edgar escreveu a um associado de negócios, ele detalhou o drama que se desenrolou no tribunal de Hopkinsville, e o facto de ter sido tomado pela raiva perante a injustiça ditada por Hanberry. Descreveu também ter feito algo que nunca tinha feito antes e de que se arrependeria sinceramente mais tarde. Escreveu que algo dentro dele o fez levantar-se e dirigir-se ao juiz, dizendo: "Pela mentira que hoje decretou, os vermes do seu corpo vão comê-lo enquanto ainda estiver vivo!"

De acordo com Edgar Cayce, aquilo que ele talvez tenha "desejado" foi de facto o que aconteceu mais tarde. Ancilóstomos, ou algum tipo de infestação intestinal, provocaram anemia e acabaram por matar Hanberry. Edgar disse ao seu amigo: "Possivelmente foi apenas uma coincidência. Possivelmente foi brincar com o fogo."

Edgar deixou Hopkinsville, prometendo a si mesmo nunca mais deixar que a raiva levasse o melhor de si. Ele e a sua família mudar-se-iam para Selma, no Alabama, pela simples razão de que

ninguém o conhecia lá. Ele podia começar de novo, só que desta vez com Gertrude ao seu lado para conduzir as leituras.

HUGH LYNN CAYCE:
O FILHO DO PSÍQUICO

Os onze anos da família Cayce em Selma seriam os mais pacíficos e felizes das suas vidas. Juntamente com o pai de Edgar, Leslie, ele e Gertrude assumiram um estúdio fotográfico, tornaram-se membros ativos na sua igreja, e o seu terceiro filho, Edgar Evans, nasceu-lhes lá. Mais importante do ponto de vista das leituras, Gertrude assumiu a responsabilidade como condutora. Enquanto ela se sentava ao lado de Edgar a guiá-lo no transe e a fazer-lhe as perguntas, ele tinha a garantia de que os seus dons seriam usados apenas para curar os doentes e feridos e, como se tornava cada vez mais evidente, para ganhar uma maior compreensão sobre a condição humana. A vida dos Cayce, contudo, não esteve isenta de momentos assustadores. O primeiro foi um acidente que quase resultou na perda de visão de Hugh Lynn, de seis anos de idade.

A esta altura, Hugh Lynn já tinha ganho a reputação, como os amigos e vizinhos diziam, de "uma força a ter em conta". Quando não estava na escola, onde frequentemente se envolvia em lutas de wrestling com os colegas de turma, estava a correr escadas acima e abaixo em direção ao apartamento da sua família no terceiro andar, a caminho de ir brincar com os seus amigos, a saltar de rochas para o seu lago de natação favorito, ou a subir às altas magnólias no Parque Elkdale, ali perto. A sua curiosidade inata, combinada com uma energia aparentemente ilimitada e um talento particular para partidas, deixavam Gertrude exausta.

Amante dos animais, ficou particularmente interessado quando o seu pai recebeu a encomenda de fotografar esquilos para uma fita fotográfica num jornal, em janeiro de 1914. Como era demasiado difícil fotografar os esquilos na natureza — o equipamento fotográfico era demasiado volumoso para ser movido facilmente de um local para outro, e a exposição adequada exigia que o sujeito ficasse imóvel durante vários segundos —, Edgar decidiu tirar a fotografia no estúdio usando "pó de flash", o equivalente da viragem do século a uma lâmpada de flash. Uma gaiola de esquilos foi entregue no estúdio, e Edgar, com Hugh Lynn como seu assistente, deitou mãos à obra. Em determinado momento durante a sessão fotográfica, um esquilo soltou-se, criando uma grande confusão. O resultado foi uma impressão em preto e branco com grão de um esquilo em voo enquanto saltava de um cercado improvisado.

Depois de a fotografia ser tirada, Edgar, distraído, deixou a sua caixa de pó de flash no suporte da câmara. Quer nessa tarde quer no dia seguinte, a senhora da limpeza da família Cayce, uma mulher apelidada de Bunchie, moveu a caixa para o chão ou para o alcance do braço do jovem Hugh Lynn, por razões que agora não são conhecidas. A pensar pregar uma partida a Bunchie, Hugh Lynn deitou uma colherada do pó no topo das escadas e esperou pela sua aproximação. A ideia era cobri-la de sobressalto quando ela subisse o último degrau. O problema foi que apenas a ponta do fósforo na sua mão se partiu quando ele o foi acender. A cabeça do fósforo caiu na caixa de pó de flash que estava ali perto e explodiu na cara de Hugh Lynn. As chamas pegaram fogo ao seu cabelo enquanto queimavam o seu nariz e cara.

Os gritos de Hugh Lynn trouxeram os pais para fora do quarto. Minutos mais tarde, Edgar carregava o filho, contorcendo-se em agonia, escadas abaixo em direção à rua. Hugh Lynn ainda

esperneava e gritava quando chegaram, com Gertrude no seu encalço, ao consultório do seu médico. O Dr. Eugene Callaway, um especialista em visão, foi chamado para uma consulta, mas ele, tal como o médico de família Dr. Samuel Gay, não pôde fazer mais do que aliviar a dor da criança e tratar as queimaduras com pomada. O problema maior eram os olhos de Hugh Lynn. A córnea e a retina do olho direito eram uma massa enegrecida de tecido queimado; o outro estava tão gravemente queimado que Hugh Lynn mal conseguia ver a luz através dele.

Hugh Lynn foi transferido para o hospital, onde outros médicos o examinaram. O consenso médico oferecia poucas esperanças para a sua visão: o olho direito de Hugh Lynn não podia ser salvo e o seu olho esquerdo poderia também ficar permanentemente danificado. Callaway e os outros recomendaram que, para prevenir infeções, o olho direito teria de ser imediatamente removido.

Hugh Lynn tinha-se acalmado a esta altura e estava ao colo do seu professor da escola dominical. Ouviu o que foi dito, ergueu-se sobre um cotovelo e exigiu que o seu pai conduzisse uma leitura médica de emergência. Naquilo que se tornaria característico de Hugh Lynn a partir deste momento, disse: "O meu pai, quando está a dormir, é o melhor médico do mundo. Ele vai dizer-vos o que fazer."

Sem hesitação, Edgar e Gertrude regressaram ao estúdio. Acompanhados por membros da sua igreja, incluindo Alfred e Roger Butler, queridos amigos dos Cayce, e pelo seu pastor, o Reverendo D. P. Taylor, foram feitas orações por Hugh Lynn antes de a leitura ser conduzida. Como Edgar descreveria mais tarde o momento, sentiu energia na sala como nunca antes. "Eletricidade" foi como a descreveu. Com Gertrude ao seu lado,

Hugh Lynn a suplicar por ajuda e os seus entes queridos reunidos num círculo em redor dele, a Fonte esteve em plena forma nesta situação.

Cayce — em transe — declarou que a visão de Hugh Lynn em ambos os olhos podia ser salva. A solução que os doutores Callaway e Gay já tinham aplicado foi julgada como correta, exceto pelo facto de que o ácido tânico tinha de ser adicionado à pomada. Além disso, Hugh Lynn devia ser mantido num quarto totalmente escurecido, e havia horas precisas, especificadas na leitura, em que os seus pensativos pensos deveriam ser mudados. A leitura dizia que, após duas semanas, a massa de carne queimada se soltaria e os venenos que se acumulavam em redor dos seus olhos poderiam ser limpos, deixando os olhos de Hugh Lynn intactos.

Os médicos de Hugh Lynn estavam dispostos a dar uma oportunidade à leitura, mas opunham-se fortemente à adição de ácido tânico à pomada, uma vez que era considerado demasiado cáustico para ser usado nos olhos. Edgar e Gertrude não se deixaram dissuadir. De acordo com o próprio diagnóstico dos médicos, o olho direito de Hugh Lynn estava perdido sem recuperação e possivelmente o seu esquerdo também. Como poderia o ácido tânico causar mais danos do que os que já tinham sido feitos? E, além disso, a Fonte tinha declarado o que devia ser feito, e eles iam fazê-lo.

A fé que Hugh Lynn tinha no seu pai nunca vacilou ao longo das duas semanas seguintes, enquanto permanecia na cama num quarto de hospital escurecido, com os seus olhos ligados constantemente banhados na solução. Tal como previsto na leitura, a massa branca de carne queimada soltou-se e caiu, revelando os seus dois olhos castanhos.

"Eu consigo ver!", gritou Hugh Lynn.

Leituras de acompanhamento foram conduzidas depois de Hugh Lynn ter alta do hospital. Edgar e Gertrude aderiram às recomendações, que descreviam loções que não só suavizariam a sua pele, mas também diminuiriam a probabilidade de tecido cicatricial. Na altura em que Hugh Lynn fez oito anos, nem uma única cicatriz era evidente. Hugh Lynn sofreria de uma miopia ligeira a partir da sua adolescência e acabaria por precisar de óculos, mas a cura foi completa.

O novo desafio de Hugh Lynn era aturar os seus colegas de classe, que ouviram as histórias da forma estranha como ele tinha sido ajudado. Era provocada impiedosamente. "Como vai aquele teu pai que é uma aberração?", perguntavam os colegas de turma. E em que sarilhos se vai meter a seguir esse "filho de uma aberração".

Edgar usou lições da sua própria infância para aconselhar o seu filho. "Não ligues nenhuma," disse Edgar. "Ri-te com eles. Isso não me magoa a mim e não te magoa a ti."

Hugh Lynn não deu qualquer atenção ao conselho, e o riso não estava na sua agenda. "Eu andava à pancada de todas as vezes," disse ele mais tarde. "Eles faziam-no de novo e eu lutava com eles de novo. E eles cansaram-se porque sabiam que eu ia lutar. Quanto mais eu lutava, melhor ficava."

Hugh Lynn acabou por desenvolver a reputação de ser capaz de dar um soco poderoso. Edgar manteve-se de fora, deixando o filho lidar com a situação como achasse melhor, embora Hugh Lynn frequentemente chegasse a casa com roupas rasgadas e

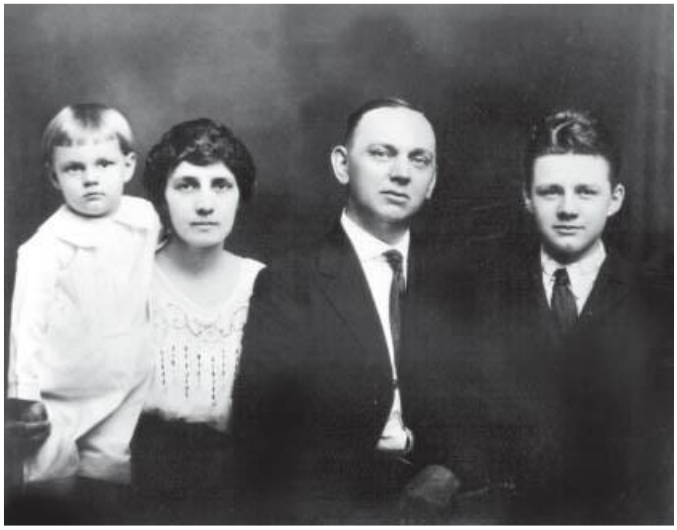
nódoas negras. Na escola era um adversário formidável — ninguém de quem se gozasse. Mas em casa era reservado e introspectivo, tentando reconciliar o que pareciam ser dois mundos diferentes — aquele em que o seu pai vivia e aquele que ele e todos os outros pareciam ocupar. Isto, também, iria obcecá-lo durante os anos vindouros.

O poder a que o seu pai conseguia aceder tornou-se abundantemente claro um dia, quando Hugh Lynn decidiu baldar-se à escola e ir antes nadar para o Rio Alabama, a vários quarteirões do apartamento da família. Mal regressou a casa, o seu pai disse-lhe exatamente onde ele tinha estado e o que tinha estado a fazer. Descreveu mesmo o ramo da árvore onde ele tinha pendurado as suas roupas antes de descer a margem do rio para a água. "[Aquele momento] soube que não conseguia enganar o meu pai," refletiu Hugh Lynn mais tarde.

Embora Hugh Lynn se tenha eventualmente resignado ao facto de o seu pai conseguir ler a sua mente ou de algum modo vigiá-lo à distância, nunca parou de testar Edgar. As leituras do seu pai provavam-se sempre tão precisas que aquelas sobre as quais Hugh Lynn passou a ter obsessão eram as poucas em que o seu pai parecia errar. Nesses casos, diria Hugh Lynn, revelavam-se "os limites exteriores" dos seus dons.

Houve uma leitura na qual o seu pai deu recomendações de saúde para uma mulher que, como se revelou mais tarde, tinha morrido quando a sessão de transe foi conduzida para ela. A única explicação que Hugh Lynn conseguiu arranjar foi uma questão de distância. A mulher em questão não tinha ela própria pedido a leitura, e a única ligação entre ela e Cayce era uma carta com seis semanas enviada pelo filho dela. O seu pai, de algum modo, ou não tinha sido capaz de a encontrar em transe ou estava a dar uma

leitura ligada ao momento em que a carta tinha sido escrita. Noutra ocasião, deu uma leitura correta, mas para o homem errado; o outro por acaso tinha o mesmo nome e vivia na mesma cidade.



A família Cayce de Selma, Alabama. Da esquerda para a direita: Edgar Evans, Gertrude, Edgar e Hugh Lynn.

Hugh Lynn notaria também alturas em que a Fonte dizia simplesmente que nenhuma informação podia ser dada ou mencionava outras ocasiões, como no caso do tesouro enterrado, em que nada era encontrado. Hugh Lynn podia prestar um vasto testemunho quanto a isso porque ele próprio, enquanto jovem adulto, passou um verão infrutífero com o seu irmão e Tommy House Jr. a escavar num pântano a tentar localizar ouro de piratas que o seu pai declarara estar lá. Contudo, outra expedição de caça ao tesouro, gerada por uma leitura para o proprietário de uma farmácia em Selma, levou a uma pequena fortuna em dobrões. Por que razão um tesouro tinha sido encontrado e outro não, não podia ser facilmente explicado.

Entre os assuntos de maior interesse para o jovem Hugh Lynn estavam os fantasmas. Uma vez, no seu quarto no apartamento da família em Selma, acordou e viu uma mulher vestida de branco de

pé ao fundo da sua cama, a chorar e a contorcer as mãos. Hugh Lynn saltou da cama, correu pelo corredor e mergulhou na cama dos pais. Eles disseram-lhe que estava a ter um pesadelo. Mas poucas noites depois, a mesma coisa aconteceu. Edgar e Gertrude ouviram Hugh Lynn com mais atenção desta vez, garantindo-lhe novamente que era um sonho. À terceira vez que isto aconteceu, Edgar pediu-lhe detalhes precisos. Como era a mulher? Como agia ela? Edgar disse-lhe então que ele nunca mais a veria. Sem mais explicações, disse que trataria do assunto, o que fez.

Muitos anos se passaram antes de Edgar contar a Hugh Lynn o que tinha feito. De acordo com o seu pai, Hugh Lynn tinha, de facto, visto uma aparição. Edgar sabia porque também a tinha visto e tido uma conversa com ela. Ela tinha morrido no mesmo edifício antes de os Cayce lá viverem. O que Edgar tinha feito foi explicar ao espírito que ela não tinha de permanecer no apartamento e que podia agora seguir em frente — um conselho que Edgar ofereceria a muitos espíritos, eventualmente incluindo o da sua senhora da limpeza, Bunchie, que ele encontraria em Virginia Beach vários anos após a morte dela. Ela tinha vindo à procura de Edgar porque se julgava gravemente doente e queria que ele conduzisse uma leitura médica. Edgar teve de lhe dar a notícia de que ela já tinha partido deste mundo.

Edgar raramente falava sobre as suas experiências com fantasmas, mas Hugh Lynn — talvez por causa do fantasma de Selma — queria sempre saber mais. Tanto em criança como mais tarde em adulto, ele importunava e testava o pai para aprender mais, tentando sempre ultrapassar os limites das suas capacidades. Ninguém aprenderia jamais tanto sobre os dons do seu pai nem os trataria com tanto respeito. No entanto, em resultado de um incidente final em Selma, Hugh Lynn teve o cuidado de não se

deixar envolver pessoalmente com o reino espiritual. Esse era o negócio do seu pai.

O incidente que levou à saudável apreciação de Hugh Lynn tanto pelo reino espiritual como por quão potencialmente perigoso era viajar nessa dimensão ocorreu quando um membro da turma de Estudo da Bíblia de Cayce pediu a Edgar para tentar usar um tabuleiro Ouija. Edgar obteve a ajuda de Gertrude. Juntos, sentaram-se à mesa e puseram as mãos no ponteiro. Hugh Lynn, que se sentou ao lado deles, ficou estupefacto. "Nunca vi um pedaço de madeira dar saltos como aquela coisa deu. Era exatamente como se houvesse uma fila de pessoas [invisíveis] de pé e elas tivessem apenas três segundos ou três minutos para dar o seu pequeno discurso e a seguinte entrasse logo."

A primeira mensagem a sobressair foi de um estudante da turma de Estudo da Bíblia de Edgar que tinha subsequentemente morrido. Tinha dado a Edgar documentos de seguro que Edgar tinha colocado num envelope numa gaveta da secretária e de que se tinha prontamente esquecido. Após a sessão, os papéis do seguro foram encontrados e dados à família. Outra mensagem foi um aviso de um falecido antigo residente de Selma que queria alertar o seu irmão de que este em breve morreria de um ataque cardíaco. Queria que Edgar preparasse o seu irmão e a sua família. Também impressionante foi uma mensagem de um adolescente que afirmava ter-se afogado num lago próximo. A sua família tinha pensado que ele tinha fugido de casa. Mas, de acordo com o falecido, ele tinha ido nadar e batera com a cabeça num tronco de árvore submerso. Descreveu como o seu corpo estava preso em arame farpado debaixo de água e ainda lá se encontrava. A família do rapaz foi subsequentemente contactada e respondeu por carta a dizer que tinha recuperado o corpo.

Segundos as memórias de Hugh Lynn, o seu pai nunca tinha tentado usar um tabuleiro Ouija antes e nunca mais usaria nenhum. Tal como a prática da escrita automática ou estados alucinógenos induzidos por drogas, Edgar acreditava que daí resultaria mais mal do que bem. Só porque se podia contactar um fantasma ou espírito não significava que a entidade desencarnada fosse de confiança, tivesse mais sabedoria ou discernimento do que quando estava em carne e osso, podendo por vezes ser perigosa. "Muitas coisas boas saíram de tabuleiros Ouija e da escrita automática," disse Edgar mais tarde. "Mas muitas pessoas ficaram perturbadas com isso também. O saldo está do lado negativo."

David Kahn, c. 1917.

DAVID KAHN:
O JUDEU DE LEXINGTON

O amigo de Edgar durante os seus anos em Selma, e para o resto da sua vida, não vivia no Alabama, mas em Lexington, no Kentucky. David Kahn, dezasseis anos mais novo que Cayce, teria a distinção de receber duzentas e cinquenta leituras pessoais, o que era cerca de quarenta mais do que o próprio Edgar e oitenta e duas mais do que Gertrude. Ninguém viajaria mais milhas com Cayce, viveria com ele em circunstâncias mais invulgares, ou faria mais para promover o trabalho. Mesmo por estimativas conservadoras, Kahn seria responsável por encaminhar cerca de

setecentas pessoas para Cayce em busca de conselho médico ou de negócios. Um vendedor talentoso, falava sobre Cayce com estranhos completos que conhecia em esquinas de ruas, em autocarros e em elevadores.

"Se Cayce não o pode ajudar," gostava ele de dizer, "mais ninguém pode." Se o assunto se virava para a religião, Kahn dizia sempre: "Ora, o Edgar nunca tenta mudar a religião de ninguém! Ele tenta ajudar-nos a viver de acordo com a nossa religião!" Mal Kahn trazia alguém novo para o grupo, enviava entusiasticamente a Edgar um telegrama ou carta anunciando, como invariavelmente fazia: "Mais um 'cruzado' pela causa."

Embora haja alguma discordância sobre em que ano Kahn conheceu Cayce — as evidências sugerem 1913 — e em que ordem os acontecimentos subsequentes tiveram lugar, as circunstâncias do seu encontro não estão em disputa. Estava previsto Cayce dar uma leitura médica para a Sra. Lillie DeLaney, que em vários relatos é referida como Amanda Fay DeLaney. A esposa do rico proprietário de uma serração em Lexington, a Sra. DeLaney tinha ficado paralítica num desastre de automóvel. Edgar trocou cartas com o marido dela, William, que tinha lido sobre o trabalho de Edgar com Ketchum em Hopkinsville, e ligou para Charles Dietrich, o Superintendente das Escolas do Condado de Christian, que tinha recebido ajuda de Cayce para a sua filha com doença mental. Dietrich tinha tecido grandes elogios a Cayce.

O Sr. DeLaney organizou tudo para que Edgar fosse a Lexington de comboio para examinar a sua esposa e lhe dar uma leitura. Edgar disse-lhe que uma reunião pessoal não era necessária, mas, perante a insistência do Sr. DeLaney, acedeu ao pedido. Para conduzir a leitura e facilitar qualquer tratamento que

pudesse ser necessário, Edgar combinou com o Dr. John Blackburn, um dos médicos com quem tinha trabalhado em Hopkinsville, para se encontrarem na estação de Lexington. Mas no momento antes de Edgar embarcar no comboio para sair de Selma, Blackburn telegrafou-lhe a dizer que, devido a uma emergência médica, estaria impossibilitado de se juntar a ele. Edgar decidiu fazer a viagem de qualquer modo e, antes de partir, telegrafou ao Sr. DeLaney para providenciar a presença de um médico. Ele ou ensinaria o médico de DeLaney a conduzir a leitura ou, se necessário, o próprio Sr. DeLaney a conduziria.

Uma carruagem estava à espera de Cayce quando ele chegou à estação e levou-o para Hampton Court, a comunidade residencial mais rica de Lexington. Depois de passar sob um elétrico arco de pedra, foi conduzido ao edifício de apartamentos mais requintado em que alguma vez tinha entrado, um edifício com uma grande escadaria, bem como salas de estar e de visitas separadas. A Sra. DeLaney, acompanhada pelo seu médico, foi trazida numa maca sobre rodas para o conhecer. Cayce descreveria mais tarde a sua aparência "miserável": uma mulher imensa, pesando mais de duzentas libras e não mais alta do que um metro e sessenta e cinco; os seus tornozelos e articulações estavam tão inchados que ela não conseguia erguer a mão para lhe apertar a dele, quanto mais alimentar-se ou cuidar de si própria. Tão sensível era a sua pele esticada que o mero roçar contra os lençóis da cama lhe causava dores excruciantes.

Médicos de todo o país tinham todos chegado à mesma conclusão. O acidente de automóvel tinha resultado numa artrite grave, a qual eles eram incapazes de tratar. Cayce tinha sérias dúvidas de que qualquer coisa que dissesse em transe a pudesse ajudar, mas estava disposto a dar o seu melhor. Como explicou ao Sr. DeLaney, vários membros da sua própria família que tinham

estado no seu leito de morte tinham sido salvos. Talvez Lillie DeLaney também o fosse.

O primeiro obstáculo a superar era encontrar alguém que conduzisse a leitura. Como o Sr. DeLaney não tinha a capacidade ou os meios para transcrever a terminologia médica, o médico da Sra. DeLaney ficou encarregado dessa responsabilidade. O Sr. DeLaney, contudo, teve de recusar ser o condutor com base no facto de que ele, sendo católico romano, estava proibido pela doutrina da igreja de "conjurar" ou "chamar espíritos". O problema foi resolvido por um vizinho judeu, Dave Kahn, de quinze anos de idade. Ele não só conduziria, como tanto ele como o médico dos DeLaney tomariam notas, aumentando a probabilidade de passar corretamente a informação para o papel.

"Eu não só não tive qualquer objeção," disse Kahn mais tarde. "Fiquei fascinado. Para mim soava como uma grande aventura numa área da vida sobre a qual naquela altura não sabia virtualmente nada." Kahn relataria mais tarde o seu primeiro encontro com Cayce:

Ele parecia um qualquer agricultor das zonas rurais do Kentucky, mas eu soube imediatamente que ele era muito mais do que isso. Tinha um rosto bondoso, mas foram os seus olhos que notei. Eram azul-acinzentados, mas o tom — até a cor — parecia mudar. Num momento podíamos quase pensar que ele estava a sonhar. No momento seguinte sentíamos aqueles olhos a ver mesmo através de nós. Senti este olhar profundo quando nos conhecemos pela primeira vez. Ele tinha uma tez clara e o seu rosto era longo e fino. As maçãs do rosto eram altas. Ele mantinha-se muito ereto, muito esbelto, e falava muito pausadamente. Disse-me que estava no negócio da fotografia. As suas especialidades, disse ele, eram crianças e caminhos-de-ferro.

Parecia interessado em mim como um possível sujeito para fotos futuras.

Cayce poderia de facto ter estado interessado em usar Kahn como modelo num dos muitos trabalhos fotográficos comerciais que o seu estúdio realizava: ele era assim tão atraente. Contudo, sem que Kahn soubesse, havia mais no interesse de Cayce pelo jovem. Esta seria a primeira vez que uma pessoa judia conduziria uma leitura. Edgar tomou nota mental porque, escassos anos antes, quando as leituras eram conduzidas para a parceria com Ketchum, a Fonte tinha dito que uma das pessoas que se destacariam proeminentemente no trabalho seria judia.

Kahn não ficou minimamente chocado com o que Cayce lhe estava a pedir para fazer. A sua mãe tinha interesse no fenómeno psíquico e, embora nem ele nem ela jamais tivessem ouvido falar de alguém a fazer o que Cayce fazia, não viu razão para não tentar conduzir. Tão-pouco o processo era difícil. Tudo estava delineado no pequeno caderno de bolso de pele preta de Cayce. Kahn só tinha de procurar o momento em que as pestanas de Cayce começassem a tremeluzir e depois ler do livro, preenchendo o nome da Sra. DeLaney onde apropriado.

Kahn puxou uma cadeira e Cayce deitou-se de costas no sofá. Como este se provou demasiado curto para o metro e noventa de Cayce, ele deitou-se antes no chão. Como se tinha agora tornado seu costume muitas vezes antes, mas era novo para os outros na sala, Cayce procedeu a dar um diagnóstico.

Embora os pormenores obtidos fossem em si mesmos notáveis — tensão arterial, contagem sanguínea e outros detalhes fisiológicos e médicos —, foi o "historial prévio" da sua condição que convenceu a família DeLaney da sua veracidade. Cayce fez

referência a um episódio de há aproximadamente sete anos antes da colisão de automóvel, o qual, segundo ele, estava na origem do seu sofrimento. A Fonte disse que a família vivia então em Fort Thomas, no Kentucky, e que a Sra. DeLaney tinha lesionado a base da coluna ao descer de uma carruagem puxada por cavalos. Alegava-se que a colisão de automóvel tinha agravado ou "trazido ao de cima" a lesão original, resultando na sua condição artrítica. Isto foi verdadeiramente convincente. Ninguém na sala, exceto a família DeLaney, sabia que eles tinham vivido por um breve período em Fort Thomas, onde, na verdade, Lillie se tinha lesionado num incidente com uma carruagem.

Outro ponto interessante sobre esta leitura foi que a Fonte indicou que os tratamentos recomendados não deveriam ser executados pelo médico que cuidava atualmente da Sra. DeLaney, mas sim por um osteopata chamado Barbee, que, segundo as leituras, tinha acabado de abrir o seu consultório em Lexington. Além de manipulações na coluna, deveriam ser-lhe administrados vários medicamentos com receita médica para tomar por via interna.

Ao acordar, Edgar perguntou o que tinha sido recomendado.

"Tudo e mais alguma coisa," anunciou o Sr. DeLaney. "Receitou algo para cada centímetro quadrado do corpo dela."

Kahn foi encarregado de aviar as receitas enquanto Cayce convivia com a família DeLaney e, mais tarde nesse dia, jantava com a família Kahn. Cayce não voltaria a ter notícias de David durante várias semanas, e desta vez por telefone. A Sra. DeLaney tinha ficado coberta de erupções cutâneas da cabeça aos pés. O médico de família aparentemente já tinha avisado os DeLaney dessa eventualidade, mas disse que nada podia fazer porque não

tinha forma de saber qual dos remédios de Cayce tinha provocado a reação.

Cayce voltou a entrar em transe e relatou que um ingrediente importante, o enxofre negro, tinha sido omitido da medicação. Kahn investigou e descobriu que Cayce tinha razão. O farmacêutico de Lexington tinha usado enxofre de receita padrão porque nunca tinha ouvido falar de enxofre negro, nem tal figurava na sua farmacopeia. Kahn esteve rapidamente ao telefone com Cayce de novo, e uma outra leitura foi realizada. Foi-lhe dito o mesmo que antes, mas desta vez a Fonte identificou a empresa farmacêutica em Detroit que produzia o produto. O enxofre negro foi obtido, integrado na formulação e a erupção cutânea da Sra. DeLaney desapareceu.

Kahn converteu-se. "Tinha conhecido um homem milagroso," escreveu ele mais tarde. "Estava convencido de que, quando Cayce no seu sono hipnótico fazia uma declaração, podia confiar-se nela. A sua resposta a uma pergunta seria a resposta certa."

Como Edgar diria a David nesta ocasião e repetiria muitas vezes ao longo dos anos em circunstâncias semelhantes: "Se alguma vez descobrir que dou informação errada, ou que magoo alguém, ou que as coisas não funcionam, nunca mais darei outra leitura. Mas até agora tenho-o feito... e as experiências com a minha família ensinaram-me que, se não podem ser curados [por tratamentos numa leitura], podem ser ajudados."

Um mês após as leituras da Sra. DeLaney, Cayce regressou a Lexington e ficou espantado com o que viu. A Sra. DeLaney já não estava confinada à cama, mas sim sentada numa poltrona. O inchaço tinha diminuído ao ponto de, com ajuda, ela se conseguir

mover. Conseguia tanto alimentar-se como pentear o seu próprio cabelo. "Há cinco anos que nem sequer tentava levantar as mãos o suficiente para pentear o meu próprio cabelo," disse-lhe ela com orgulho.

Edgar visitou-a mais uma vez como convidado na sua festa de aniversário. Acompanhado por David, que merecidamente partilhava parte do crédito pela sua recuperação, observaram-na a atravessar a sala a caminhar. Embora a Sra. DeLaney nunca tenha ficado totalmente curada, acabou por conseguir conduzir um automóvel, fazer compras sozinha e viver com relativo conforto durante os quinze anos seguintes até à sua morte em Daytona Beach, na Flórida, em 1930.

Edgar continuou a fazer viagens a Lexington, mas não para visitar os DeLaney. Edgar e David tinham começado a desenvolver uma amizade pessoal próxima. David descreveria Edgar como "cheio de vitalidade e promessa", referindo-se a ele em anos posteriores como "Juiz", resultado de Edgar ter desativado uma discussão potencialmente explosiva entre dois homens embriagados numa festa de despedida de solteiro em Selma.

Juntamente com David, Edgar passou a conhecer e a dar leituras a toda a família Kahn. Sentava-se frequentemente junto à grande lareira na grande casa de tijolo amarelo dos Kahn, a "fazer tribunal", como David descrevia, período durante o qual entretinha David e os seus nove irmãos e irmãs com histórias. Edgar recontava muitas das suas experiências de infância em sessões que se prolongavam pela noite dentro. A mãe de Dave, Fannie, uma mulher estatuária a quem Edgar afetuosamente passou a chamar "Mãe Kahn", receberia leituras que a curariam

de neurite e lhe prolongariam a vida por quinze anos depois de ter contraído cancro da mama.

O pai de Dave, Sol, tinha sérias reservas sobre a relação do seu filho com Edgar e tentou convencer o filho a não ter nada a ver com o trabalho. Um estudioso do Talmud, citava o exemplo de Saul do Antigo Testamento, que tinha invocado o espírito de Samuel através da bruxa de Endor. Saul pagaria um preço elevado por ter perturbado Samuel. Depois de ser ferido e de ver o seu exército destruído, Saul cometeria suicídio. Edgar saiu em sua própria defesa e na de David, explicando que não estava a invocar fantasmas quando era guiado até ao transe. Ele estava a aceder a uma forma de consciência universal na qual tanto ele como o recetor da leitura participavam. Em última análise, Sol deu ao filho a sua bênção para continuar o trabalho, mas recusou receber ele próprio uma leitura em transe. Fazê-lo poderia ter-lhe salvado a vida; Sol morreu em 1918 de complicações devidas a um hipertrofismo do baço.

O destino do irmão bebé de David, Leon, que sofria de epilepsia, foi talvez mais trágico do que o de Sol. David solicitou e depois recebeu uma leitura em seu nome. Tal como aconteceu com a Sra. DeLaney, foi fornecido um remédio, mas no caso de Leon exigia a cooperação total do médico chamado para realizar os tratamentos. Embora tanto David como a sua mãe estivessem convencidos de que a leitura estava correta e podia ajudar Leon, a família não encontrou médicos dispostos a fazer o que era especificado nas leituras. Leon morreu antes do seu segundo aniversário. Tendo aprendido esta lição, ela não se repetiu quando a irmã de Dave, Eleanor, contraiu escarlatina. Os tratamentos foram administrados exatamente como recomendado, e Eleanor recuperou.

A mais interessante das suas primeiras leituras foi um pedido sobre como os Kahn poderiam expandir ou fazer crescer o negócio de mercearia da família. David colocou a questão: "Como melhoramos o negócio?" A leitura subsequente pode ter sido a primeira daquelas que se tornariam oitocentas leituras dedicadas a negócios, conduzidas para uma miríade de diferentes tipos de homens de negócios ao longo das três décadas seguintes. Uma parte considerável destas — mais de uma centena — seria conduzida para o próprio Kahn, à medida que este passava do negócio da mercearia para a indústria do vestuário e, eventualmente, para o negócio do mobiliário, onde se tornou altamente bem-sucedido.

Em resposta à pergunta inicial de David, a Fonte descreveu como as grandes escolas e universidades no centro do Kentucky — que tinham de alimentar entre 150 a 200 estudantes por dia — compravam os seus produtos enlatados em recipientes de uma libra. Como os abridores mecânicos ainda não estavam no mercado, cada lata tinha de ser aberta à mão, criando muita ineficiência e despesas desperdiçadas. A Fonte direcionou David para Chicago, onde latas do mesmo produto de um galão podiam ser compradas. Tal como a leitura tinha detalhado, Dave localizou o armazém grossista referido e organizou a compra das latas do tamanho de um galão. Além disso, fez acordos para se tornar o representante de vendas da empresa em Lexington. Antes do final do ano, a cadeia de mercearias Kahn era a principal distribuidora de comida enlatada para as escolas do centro do Kentucky.

Kahn começou em breve a fazer outros tipos de perguntas também. Queria saber se a Fonte achava que ele devia assumir o negócio de mercearia da família como uma carreira para toda a vida. A resposta foi "não", o que deu origem a mais um tipo de leitura dedicado à vocação. Este tipo de leitura viria a ser

conhecido como Leituras Mentais e Espirituais. Cayce viria a realizar mais de quatrocentas delas.

Entre estas leituras estavam as destinadas a um bebé que mais tarde nasceu de David e Lucille, a mulher que se tornou sua esposa. David Kahn Jr., com um mês de idade, foi aconselhado a seguir uma carreira médica. "A entidade daria um grande médico," anunciou a Fonte em 1929. De facto, David Jr. tornou-se médico, uma decisão de que nunca se arrependeu. Embora não estivesse entusiasmado em seguir os estritos tratamentos dietéticos ou de saúde de Cayce que os seus pais lhe exigiam, reconheceu que o conselho de Cayce contribuiu muito para que vivesse uma vida longa e altamente produtiva.

O mesmo aconteceu com o seu pai. Na sua adolescência, durante a primeira leitura vocacional de David, que se presume ter sido realizada em 1916, ele foi não só avisado de que não devia fazer carreira no negócio da mercearia, mas também de que haveria "uma grande mudança" a ter lugar na nação. A Fonte indicou que Kahn seria forçado a sair de casa e, em última análise, a encontrar o seu caminho profissional num campo para o qual não tinha sido treinado. Além disso, a sua família não apoiaria o que ele fizesse. Como nota final, Cayce disse que ele teria de "deixar o rebanho" e vestir a farda. Kahn iria "em honra" e "regressaria em honra".

A resposta pareceu de facto estranha a Kahn, tal como aos seus pais. Nenhum Kahn nascido no Kentucky, que eles soubessem, tinha sido polícia ou bombeiro, e David não tinha interesse em tornar-se num. Mal sabiam eles que a Fonte estava a aludir à Primeira Guerra Mundial.

A 6 de abril de 1917, os Estados Unidos declaram a guerra.

Kahn serviu com orgulho na farda, alistando-se no Exército dos Estados Unidos. Em cada passo da sua jornada, solicitou e recebeu orientação de Cayce. Ao entregar o seu pedido para uma comissão como alferes, que as leituras indicavam que lhe seria concedida, o seu comandante ficou intrigado sobre como ele poderia ter obtido informação considerada confidencial. Kahn gostava muito de contar mais tarde a história do incidente, que realmente resultou na sua nomeação para alferes.

"Numa era mais consciente da segurança, eu poderia ter passado os dias seguintes a ser submetido a interrogatórios e a uma possível prisão," disse Kahn. Foi por isso que se manteve em silêncio. "Dificilmente poderia dizer ao comandante a verdade real sem provavelmente me comprometer como potencial material para oficial do exército."

Ethlyne na capa da publicação pictórica de meio de semana do jornal nova-iorquino.

ETHLYNE CLAIR:
A CAMINHO DE HOLLYWOOD

Entre os amigos de Hugh Lynn em Selma estavam as crianças Williamson, Ethlyne e Malcolm, que os Cayce conheciam da igreja. Brincar às "imagens em movimento" era o passatempo favorito das crianças. Ethlyne, de doze anos, era a

estrela; o seu irmão mais velho, Malcolm, desempenhava papéis secundários; e Hugh Lynn, então com nove anos, era o realizador e o operador de câmara. Graças a um plano delineado pelo pai das crianças, Edwin Williamson, Edgar iria entrar no jogo como um argumentista psíquico. Só que se tornou muito mais do que uma brincadeira teatral. Os seus esforços resultariam numa saga de duas décadas em que Edgar escreveu três argumentos completos enquanto em transe. Ele acabaria por privar com lendários magnatas do cinema, tanto nos Estúdios Universal como nos Estúdios Paramount, aos quais daria leituras de saúde e de negócios, e a jovem Ethlyne — sob o pseudónimo Ethlyne Clair — teria a sua oportunidade para o estrelato em Hollywood.

Tendo conduzido com sucesso leituras médicas e de negócios, era lógico que Edgar — em transe — pudesse também oferecer conselhos sobre argumentos. Essa foi a conclusão do pai de Ethlyne e Malcolm, que discutiu o assunto com Edgar após uma aula de Estudo da Bíblia numa noite de 1916. Williamson, de vinte e nove anos, não estava tão interessado em ajudar a sua filha ou filho a entrar no negócio das imagens em movimento. Ele queria escrever e produzir os seus próprios filmes. Sendo agente de carga da ferrovia do sul da cidade, Williamson tinha vendido várias histórias e artigos para revistas de fãs de Hollywood e acreditava que obter uma leitura em transe o poderia ajudar a desenvolver enredos de argumentos. Edgar decidiu dar uma oportunidade, pensando que seria uma experiência divertida e também muito divertida para Hugh Lynn e Ethlyne, que o incentivavam.

Carl Laemmle dos Estúdios Universal.

Sem que Cayce soubesse, havia mais no pedido do que o sénior Williamson revelara. Sem a permissão ou conhecimento de Edgar, a 13 de dezembro, Edwin tinha escrito a Carl Laemmle, o parceiro fundador e chefe da Universal Pictures em Los Angeles. Williamson tinha-se descrito como o "gerente de negócios espirituais" de Edgar Cayce, o "grande psíquico". Contou como o seu amigo era capaz de adormecer e, nesse estado, diagnosticar muitas doenças, encontrar artigos perdidos e realizar outros feitos impressionantes. "Se estiver interessado e me escrever, nomeie uma data e a hora, tendo em conta a diferença horária, indicando o nome da pessoa que tem em mente para desempenhar o papel principal num filme e diga-me a rua e o número da casa onde a pessoa estará," escreveu Williamson. "Acho que o posso surpreender."

Laemmle ficou intrigado com as possibilidades promocionais de ter um psíquico a desenvolver um argumento e chamou o seu diretor de publicidade em Nova Iorque, Nat Rothstein, que decidiu que a atriz certa para o filme seria a Sra. Violet Mersereau, uma artista que os Estúdios Universal acreditavam estar prestes a alcançar o estrelato. Uma antiga atriz infantil com numerosos créditos em palcos da Broadway, Mersereau, de vinte e quatro anos, tinha entrado em mais de cinquenta curtas e longas-metragens, mais notavelmente como a ingénua loira inocente em A Espetadeira e Anjo no Sótão. O publicitário Rothstein, que

procurava ajudar a desenvolver uma atriz que pudesse ter o apelo de bilheteira de Mary Pickford, organizou uma festa no Churchill's, um clube noturno elegante de Nova Iorque na Broadway com a Rua 49. No meio das festividades, Williamson enviaria por telegrama um "cenário psíquico" transmitido por Cayce em Selma.

Entre os muitos jornalistas e homens da imprensa convidados a assistir ao evento estavam repórteres da Variety e da Motion Picture News. Os convidados de destaque incluíam o Dr. William E. Young, uma autoridade reportada no assunto de hipnotismo e telepatia mental, que daria uma breve palestra sobre os poderes da sugestão mental como parte do espetáculo. Eustace Ball, um realizador e argumentista que escrevia na altura séries de filmes para a Universal, seria o mestre de cerimónias.

Clube Noturno Churchill's, Broadway e Rua 49, Nova Iorque.
Clube Noturno Churchill's, Interior.

Na noite do evento, 8 de fevereiro de 1917, todas as mesas, exceto uma, foram afastadas do centro da pista de dança. A Sra. Mersereau colocou uma única folha de papel voltada para baixo no meio da mesa. Neste papel, sem que mais ninguém visse, ela tinha escrito algumas linhas a esboçar o tipo de história que queria usar no seu próximo filme. A palestra do Dr. Young foi então proferida, seguida de dança e champanhe.

Enquanto os convidados se divertiam em Nova Iorque, Edgar Cayce estava a dar a leitura em Selma. O seu conteúdo, somando aproximadamente 450 palavras, foi então telegrafado para o Churchill's. O título era "Através do Subliminar". Os relatos dos homens da imprensa foram tão favoráveis como a sua avaliação da capacidade de dança da Sra. Mersereau. Um relato dizia:

O seu eu psíquico, viajando mais de doze milhas num comboio de pensamento que anula o espaço... o primeiro escritor de psico-cenários de registo transmitiu de Selma, no Alabama, para Nova Iorque, um cenário de cinco rolos para a Sra. Violet.

Violet Mersereau, c. 1917.

Artigo sobre Edgar Cayce, "Escritor de Psico-cenários" no Semanário de Imagens em Movimento.

Infelizmente para todos os envolvidos, "Através do Subliminar" não foi transformado em filme; Mersereau nunca deslumbrou os públicos de cinema como Mary Pickford fez; Williamson não obteve a grande oportunidade que esperava, e o argumento de Cayce acabou por se perder. No entanto, uma semente tinha sido plantada. Graças aos esforços de Williamson, Edgar entraria em transe e transmitiria mais dois argumentos.

O primeiro argumento foi um resultado direto do esforço anterior de Edwin e do interesse contínuo de Hugh Lynn. Conduzido em janeiro de 1924 em cinco leituras ao longo de um período de nove dias, destinava-se a ser tanto um empreendimento comercial como um meio de familiarizar o público de cinema com o poder da mente inconsciente. A Edgar — em transe — foi dito: "Dará uma história original que poderá

ser usada como um cenário e que esboçará o Trabalho Psíquico como feito por Edgar Cayce."

O resultado foi o argumento provocadoramente intitulado Porquê?. Era um cenário que retratava as atividades psíquicas de um jovem biscateiro chamado Abe, que trabalhava para uma família rica de Nova Iorque. Enquanto entregava uma carga de lenha para um jantar, ele envolve-se numa conversa com um convidado que tem alguma experiência com hipnose. Considerado um candidato adequado para uma experiência psíquica, Abe concorda em ser hipnotizado. Para grande surpresa e deleite dos ricos nova-iorquinos, revela-se que Abe — em transe — tem capacidades psíquicas, incluindo o poder de compor e tocar música hipnotizante. Ele começa a tocar piano e a cena muda de repente para os tempos antigos — Europa Medieval, Roma e Grécia —, onde os mesmos convidados do jantar estão a encenar um drama semelhante ao que está a ter lugar no presente. Só que nestas cenas, as verdadeiras naturezas dos participantes são reveladas de forma mais óbvia. As imagens que Abe conjura no jantar são desconcertantes ao início, levando os convidados a ficarem confusos e ressentidos, mas à medida que Abe toca uma melodia assombrada, os convidados encontram perceção e verdade. "Cada um vê nisto... uma porção dos seus eus individuais... como se fosse em resposta a muitos dos seus pensamentos secretos," diz-nos a Fonte.

A palavra "reencarnação" não aparece em lado nenhum no argumento de Cayce, mas este é o tema que é apresentado. No contexto em que foi dado, escassos dias antes de a família Cayce se debruçar sobre o que se tornou conhecido como as Leituras de Vida, parece que o cenário psíquico de Porquê? era tanto para benefício da família Cayce como para o público de cinema. Edgar, tal como Gertrude e Hugh Lynn, precisava de ajuda para

aceitar um conceito que mudaria para sempre o alcance e a mensagem mais ampla do seu trabalho. Este pode ter sido um pré-visualização em filme da sua própria jornada futura.

Poucos meses depois de dar leituras para Porquê?, Edgar estava de volta ao transe a trabalhar noutro argumento. Só que este argumento, intitulado A Noiva do Incal, era de alcance muito maior e levou sete sessões a ser concluído, compreendendo em última análise o que equivalia a um argumento de filme mudo totalmente desenvolvido. Alf Butler, de quem fora a ideia de conduzir a leitura, era um estudante de Cayce na mesma aula de Estudo da Bíblia de Edwin Williamson. Ele tinha entretanto deixado o seu cargo num banco de Selma e estava a trabalhar como distribuidor de filmes da Paramount em Birmingham, no Alabama. Gloria Swanson, então uma estrela proeminente do cinema mudo, procurava o argumento certo, e Butler tinha a certeza de que Cayce o podia fornecer.

Como Butler escreveria numa carta a Edgar:

Sabe que sempre foi a minha ideia que os seus cenários deveriam correr lindamente. Uma vez que se quebre o gelo... todas as nossas preocupações... terão terminado. Talvez se lembre de como Jack London escreveu até à exaustão sem vender nada até muito tarde; depois [ele] mal conseguia escrever rápido o suficiente para suprir a procura. É o mesmo com o que você será capaz de produzir. E terá a vantagem adicional de produzir a maior diversificação de enredos e temas que alguma vez surgiram. As suas histórias nunca cairiam na rotina [porque você] tem mais... ideias do que qualquer dúzia de autores combinados.

**Bride of the Incal* esteve à altura das expectativas de Butler. Naquilo a que se pode verdadeiramente chamar um*

*precursor das aventuras de Indiana Jones, a história foca-se numa intrépida equipa de turistas americanos em busca do lendário ouro inca escondido bem alto nas Montanhas dos Andes. Ao contrário de *Why?*, que era mais semelhante a uma peça de teatro, esta obra tem todos os elementos de um *thriller* de ação clássico: um tesouro antigo lançado para um lago para o manter fora do alcance dos conquistadores gananciosos, cavernas remotas na selva e ruínas de templos, e uma passagem oculta que conduz a um altar de pedra de sacrifícios para as futuras noivas incas que desejam unir-se à divindade suprema, o maravilhoso Incal.*

Neste cenário surge a protagonista, Rene Lowe, e o seu noivo, Tom Stone, que viajam até ao Peru para visitar o irmão de Rene, um diplomata americano. À medida que os homens da história caem cada vez mais presas de uma ganância consumidora pelo ouro inca, Rene fica sob o feitiço do misterioso Deio, que afirma ser descendente direto do sumo sacerdote do agora desaparecido Império Inca. O que Rene e Tom não sabem é que o astuto e dúplice Deio, de herança espanhola mista, está a urdir um plano para usar Tom para descobrir o local de repouso oculto do tesouro inca, enquanto, ao mesmo tempo, atrai Rene para um templo sob o pretexto de que ela vai ser iniciada como suma sacerdotisa. Deio pretende sacrificar Rene para aplacar os guerreiros incas dos tempos modernos que têm salvaguardado o tesouro durante séculos e planeia guardar a parte de leão do ouro para si próprio. É apenas quando Tom ganha juízo, percebendo que as riquezas terrenas não se podem comparar ao amor que sente por Rene, que este corajosamente escava um túnel sob o templo e salva a situação. Rene torna-se noiva, não da divindade inca, mas de Tom, o seu prometido.

À semelhança dos dois argumentos anteriores, *Bride of the Incal* não encontrou grande adesão em Hollywood. Pela positiva, contudo, a correspondência com os chefes dos estúdios despertou um interesse considerável noutros talentos psíquicos de Cayce, acabando por levar o fundador dos estúdios Paramount, Jesse Lasky, e o produtor de cinema William (Bill) Goetz a solicitarem leituras sobre negócios e saúde. Outros intervenientes da indústria e artistas juntar-se-iam a eles. Gloria Swanson, mais conhecida hoje pelo seu papel principal no clássico *Sunset Boulevard*, adotaria um regime de saúde holístico baseado no seu estudo das leituras de Cayce. Noel Langley, que alcançaria a fama como um dos argumentistas de *The Wonderful Wizard of Oz*, escreveria um livro sobre as *Life Readings* de Cayce, e o «Menino Prodígio» Irving Thalberg, que foi instrumental na produção de filmes como *Grand Hotel*, *Mutiny on the Bounty* e *The Good Earth*, ponderaria brevemente transformar a história de vida de Cayce num filme.

O fundador dos estúdios Paramount, Jesse Lasky, c. 1915.

O magnata do cinema Bill Goetz e a esposa, Edith Mayer Goetz.

Considerando quantos produtores de cinema influentes estavam interessados no trabalho de Cayce, é irónico que, enquanto a carreira cinematográfica de Edgar induzida pelo transe nunca se tenha tornado realidade, a incipiente atriz infantil que Hugh Lynn dirigiu em Selma, Ethlyne Williamson, tenha sido um sucesso.

Enquanto Cayce ditava os seus próprios argumentos, Edwin procurava tirar partido da sua estreia à distância no Churchill's, mudando a sua família para Nova Iorque. Incapaz de se sustentar a escrever argumentos, ele e a esposa Loula focaram-se em colocar os filhos no cinema. Após vencer um concurso de beleza juvenil, cujo prémio era um teste de ecrã, Ethlyne assinou com um agente e foi escalada para a curta-metragem de 1924, *Sandra*. A seguir, conseguiu um papel recorrente numa série de filmes da Universal Studios rodada em Nova Iorque, chamada *Newlyweds and Their Baby*. O sucesso da série trouxe-a a ela e à sua família para Hollywood.

Usando o nome artístico Ethlyne Clair, ela iria aparecer em quarenta e sete filmes com estrelas como Monte Blue, John

Barrymore, Joan Blondell, Louise Brooks e Boris Karloff. Mais notáveis foram *Riding for Fame*, *Painted Ponies* e *Hero on Horseback*, nos quais contracenou com o campeão de rodeio Hoot Gibson. Formavam uma combinação vencedora; ele era sempre o *cowboy* despreocupado, ela era a *cowgirl* que procurava apanhá-lo no laço.

Depois de os Cayce deixarem Selma, Edgar continuaria a ajudar a família dando-lhes leituras médicas. A mais significativa foi uma para Ethlyne, que foi curada de um caso potencialmente fatal de pneumonia, permitindo assim o seu grande avanço com Hoot Gibson. Malcolm, que veio a tornar-se um popular apresentador de rádio infantil em Chicago, também recebeu conselhos médicos em transe, e os seus filhos — netos de Edwin — receberiam leituras da mesma forma.

Malcolm Williamson na WLS Chicago, uma estação de rádio fundada em 1924.

Edgar e Hugh Lynn, com quem Ethlyne correspondia, ficaram satisfeitos por terem ajudado a lançar a carreira dela, por mais modesta que a sua contribuição tenha realmente sido. A verdade da matéria, como eventualmente ficou claro, era que os Cayce estavam provavelmente melhor em resultado dos seus esforços fracassados em Hollywood.

Ethlyne tornou-se de facto uma celebridade, mas a jornada não foi feliz nem realizadora. Numa entrevista franca que deu antes da sua morte em 1996, aos 91 anos, descreveu ter sido corrida da indústria por ter rejeitado os repetidos avanços sexuais do poderoso Darryl Zanuck. O único lamento de Ethlyne, contudo, foi ter sido tipificada como uma *cowgirl* em vez de uma bela vamp de ecrã. Quando lhe pediram para nomear o seu filme favorito, disse simplesmente: «Odiei-os a todos.»

EDGAR DAVIS:
O PROSPETOR INDEPENDENTE DO TEXAS

Mais de metade dos jovens da classe de Estudo da Bíblia de Cayce não regressariam da Primeira Guerra Mundial. Em sonhos e visões, Edgar veria os seus corpos mortos no campo de batalha, as suas almas estendendo-se até ele para comunicarem com os entes queridos. David Kahn também estenderia a mão a Edgar, mas por carta. Aquando do seu regresso de França, Kahn escreveu a Cayce pedindo para se encontrar com ele para discutir a formação de uma «parceria psíquica». Embora Edgar ainda tivesse receio de entrar noutra parceria e fazer um «negócio» a partir das leituras em transe, como tinha feito em Hopkinsville, gostava de Kahn o suficiente para considerar um certo número de potenciais projetos conjuntos. Entre eles estava a ideia de usar conselhos psíquicos para perfurar à procura de petróleo.

Edgar rejeitou inicialmente a ideia por princípio: era contrário à forma como acreditava que as leituras deviam ser usadas. Além disso, a experiência tinha-lhe ensinado que usar o conselho desta forma raramente corria bem para si ou para os recetores das leituras. Num caso notável, Joe Dickey, o jovem que usava informação em transe para apostar na pista de corridas,

tinha tido como resultado enxaquecas para Edgar e um esgotamento nervoso para Dickey.

Kahn acreditava que usar informação em transe para procurar petróleo não era o mesmo que explorá-la para ajudar uma pessoa a obter uma vantagem injusta sobre outra, como seria o caso de usá-la para apostar na pista de corridas. As reservas subterrâneas de petróleo pertenciam às pessoas que detinham os direitos minerais da terra onde este era encontrado. Não conseguia ver qualquer mal em ajudar as pessoas, por uma percentagem dos lucros, a localizá-lo.

Foi isto que Cayce, em parceria com David Kahn, procedeu a fazer. A sua jornada levá-los-ia por todo o Oklahoma e Texas e à formação da Edgar Cayce Petroleum Company, cujos rendimentos antecipados financiariam um hospital com uma equipa dedicada de médicos e enfermeiros dispostos e capazes de tratar doentes usando a sua informação em transe. Enquanto Cayce e Kahn prospetavam, seriam Gertrude, Leslie e uma equipa de três outras pessoas que manteriam o negócio de fotografia a funcionar em Selma. Edgar esteve fora numa viagem ao Texas durante tantos meses no início dos anos 1920 que Gertrude despachou o Dr. House de Hopkinsville para o trazer para casa.

«O petróleo estava lá», admitiu mais tarde Edgar a um amigo. A sua empresa simplesmente não conseguia transformar o que descobria em dólares e cêntimos. Tal foi o caso de um empreendimento que trouxe Cayce e Kahn a Luling, Texas, em 1920, onde se cruzam com o prospetor independente Edgar B. Davis, cuja história de vida pessoal e aventuras são talvez tão extraordinárias como as de Edgar Cayce.

Luling, com uma população de 15 000 habitantes, era amplamente considerada «a cidade mais dura do Texas», uma referência tanto aos duros agricultores de algodão e criadores de gado que ali viviam como ao ambiente rigoroso e implacável. Uma cidade empobrecida de fachadas falsas nas lojas rodeada por campos intermináveis de algodão, Luling era a paragem mais a oeste do Ramal Sunset da Linha de Caminho de Ferro Southern Pacific e o terminal norte de uma rota de mercadorias para Chihuahua, no México — o fim da linha para a maioria dos texanos.

Ao contrário das leituras anteriores de poços de petróleo que Cayce tinha dado, a primeira leitura de Luling, realizada em Cleburne, Texas, não identificou uma localização geográfica exata para perfurar à procura de petróleo. Kahn foi instruído apenas a ir a Lockhart, no Condado de Caldwell, onde se iriam encontrar com um homem não identificado nos degraus do tribunal do condado. Ele dir-lhes-ia onde colocar a sua plataforma de perfuração.

Por estranho que este conselho fosse para Kahn e Cayce, o petrolífero do Texas em quem mais confiavam, Joe Rush, não ficou surpreendido com a menção a Luling. Ele relatou como os seus antigos empregadores, o prospetor independente de Michigan Morris Rayor e o advogado de Fort Worth Carl Wade, tinham sido chamados a Luling de uma forma semelhante, em 1914. Uma voz «do outro mundo» tinha falado a Rayor através de uma médium de Detroit, direcionando-o para Luling. Rayor tinha levado a sua psíquica para lá e, sob a direção dela, tinham passado quase metade de uma década a perfurar um poço seco atrás do outro antes de falirem.

Outro petrolífero que tinha tentado a sua sorte em Luling foi Oscar Davis, de Brocton, Massachusetts, cujos vários membros da família tinham visões de vastas reservas de petróleo. Ele tinha prospetado em Luling até à sua morte em 1918 e não encontrou nada a não ser poças subterrâneas de água salgada. Daí em diante, a área tinha desenvolvido a reputação de um «local de fé», o local onde «espíritos dos mortos» guiavam — ou talvez extraviavam — os petrolíferos a perfurar.

Apesar da advertência de Rush para não seguirem os passos dos prospetores anteriores e de geólogos reputados que declaravam que não havia petróleo para encontrar em Luling, Cayce e Kahn conduziram até Lockhart onde, como previsto, encontraram um homem nos degraus do tribunal.

Kahn apresentou-se a um senhor que caminhava com uma bengala e era suficientemente idoso para ser seu avô. «Estou aqui a investigar quaisquer possíveis concessões petrolíferas», disse-lhe Kahn.

O velho acabou por se revelar um juiz do condado intimamente familiarizado com a geografia local, bem como com os seus arquivos e registos. Ele direcionou-os a perfurar em Rag Town, em Luling, onde vivia a população negra da cidade. Enviou-os depois através da rua para falarem com o geólogo do estado, que lhes mostraria os registos dos terrenos, como de facto fez. O geólogo aconselhou-os a falar com Minnie Phillips, uma proprietária de terras branca que tinha muito peso junto da população maioritariamente negra de Rag Town. Juntamente com o conselho veio um aviso: Phillips era «a mais dura dos mais duros» numa cidade onde os tiroteios ao estilo do Velho Oeste ainda eram comuns. Ela não simpatizava com estranhos, em particular com petrolíferos.

O Rancho Phillips, a sua paragem seguinte, não era mais do que uma casa de quinta decrépita com chão de terra batida no meio de milhas de campos de algodão empoeirados e açoitados pelo vento. Ela cumprimentou a equipa de Cayce com o cano de uma espingarda, que espreitou por uma fresta da porta.

Kahn não se apresentou inicialmente como petrolífero. Explicou que era do Kentucky e tinha servido no Exército dos EUA. Como ainda usava o seu uniforme de tenente e falava com um sotaque, as suas alegações eram convincentes. Ele não via o que dizia como desonesto, uma vez que tecnicamente ainda lhe era permitido usar o uniforme pelo facto de ainda não ter recebido a sua desmobilização. O facto de esta estar à sua espera em Lexington era um ponto secundário.

As suas palavras foram suficientes para ela abrir mais a porta, mas não suficientes para baixar a arma. A conversa continuou com Kahn a explicar de onde era. Ela abriu a porta ainda mais. Uma mulher idosa e descalça, vestida com trapos, estava diante deles.

Minnie Phillips interrogou Kahn. Conhecia ele um homem chamado Phillips em Lexington? De facto, Kahn conhecia. Phillips era o seu farmacêutico, o mesmo homem que tinha aviado as receitas da sua família, incluindo as recomendadas para as suas irmãs e irmãos nas leituras de Cayce. O farmacêutico acabou por se revelar irmão de Minnie. Esta nova sincronicidade convenceu Cayce e Kahn de que estavam de facto no caminho certo, mas onde isso os levaria ainda estava por ver.

Após mais discussão, ficou acordado que Joe Rush levaria Phillips à cidade onde ela poderia enviar um telégrafo ao irmão

para obter uma referência de caráter de Kahn. A caminho do posto de telégrafo, poderiam parar para obter provisões, pagas por Kahn, e se ela conseguisse contactar o irmão, partilhariam então uma refeição e eles dir-lhe-iam ao que vinham. Tudo correu como esperado. O irmão de Minnie confirmou a identidade e o caráter moral de Kahn, e eles sentaram-se para uma refeição. Mas antes de Kahn abordar o assunto de ao que tinham vindo, perguntou pela saúde dela.

Como Kahn relatou mais tarde a história, ela não tinha boa saúde há anos e o filho tinha desenvolvido tuberculose. Era por isso que tinham deixado Lexington e vindo para o Texas. Pensava-se que o ar seco era curativo. «Mas agora ele está em Kansas City e eu estou aqui a proteger estas pobres pessoas de cor dos vigaristas do petróleo», disse ela a Kahn.

Foi quando Kahn lhe disse que eles eram petrolíferos. O mesmo poder que permitia ao seu parceiro Edgar Cayce diagnosticar doenças os tinha trazido à sua porta.

«Há muito petróleo por aqui», confidenciou Phillips. «E não têm de perfurar mais de cem pés para o obter.»

Phillips sabia do petróleo porque, nos dias de chuva, o gado não bebia a água. A superfície estava coberta por uma fina camada de petróleo. O gás natural borbulhava do rio San Marcos, ali perto, em quantidades tais que as crianças se divertiam a incendiá-lo com fósforos de cozinha.

Antes de continuar a discussão, Kahn ofereceu os serviços de Cayce. Colocou jornais sobre o chão de terra e Edgar deitou-se de costas. Kahn realizou então uma leitura de saúde para Phillips. Cayce descreveu, entre outras condições, um problema de

circulação que interferia com as terminações nervosas no seu pescoço. Phillips estava em lágrimas quando a sessão terminou. Cayce parecia saber cada dor que ela tinha. «Nunca vi nada assim em toda a minha vida», jurou ela.

A segunda leitura que Cayce deu foi para determinar quanto petróleo havia em Luling e como perfurar para o obter. Cayce falou de um fabuloso «mar de petróleo» preso numa cúpula gigante de sal diretamente debaixo da casa da quinta dela. Também identificou uma árvore morta nas proximidades, com duas pontas do tronco a sobressair em direção ao céu. A trinta pés desta árvore, e a trezentos pés de profundidade, dizia-se estar o depósito de petróleo mais rico do centro-sul do Texas.

Nessa noite, ou pouco depois, a Cayce Petroleum fez um contrato de arrendamento de catorze meses com Phillips e os agricultores que ela desejava proteger. A empresa deles pagaria um dólar por acre por ano durante um ano pelo direito de perfurar, mais uma caução não reembolsável de 1000 dólares caso não começassem as escavações nos primeiros seis meses, e cobriria todos os custos de perfuração dos poços e de transporte do que bombeassem para o mercado. Uma parte dos lucros pertenceria à Cayce Petroleum; a parte de leão iria para Phillips e para a comunidade negra de Luling.

Cayce e Kahn deixaram Luling em 1920 com a intenção de montar uma expedição de perfuração. Mas após seis meses na estrada a tentar angariar fundos — encontrando um problema atrás do outro — tudo o que conseguiram foi entregar uma carga de madeira a Phillips para construir a plataforma. Para Kahn, parecia que as forças do outro mundo que os tinham levado a Rag Town se tinham subitamente voltado contra eles. A maioria dos investidores não levava a sua história a sério, e aqueles que

afirmavam que o faziam não avançavam com dinheiro. Foi quando Edgar B. Davis, irmão do petrolífero Oscar Davis, chegou de cena.

Edgar Davis e Edgar Cayce tinham muito em comum. Davis tinha mais de um metro e oitenta de altura, era respeitador e educado com todos os que conhecia, era um cristão fervoroso que acreditava no poder da oração e ouvia vozes espirituais a chamá-lo para perfurar à procura de petróleo em Luling. A diferença importante era que Davis era um homem de negócios dedicado e era feito de uma fibra mais dura do que Cayce no que tocava a perfurar à procura de petróleo.

Quatro anos mais velho do que Cayce, Davis tinha crescido e frequentado o ensino secundário em Brockton, Massachusetts, renunciado à universidade e seguido o exemplo do seu irmão mais velho, trabalhando para a Walkers Shoe Company, onde eventualmente se tornou sócio. Sob a gestão de Davis, a empresa foi a primeira a fazer publicidade nacional e pode muito bem ter sido a primeira no mundo a colocar uma identificação de logótipo nos próprios sapatos — o que a Nike faria com tanto sucesso um século mais tarde. Davis poderia ter feito carreira no negócio do calçado se não tivesse sofrido um esgotamento nervoso. Aos trinta e quatro anos foi internado num sanatório, onde teve uma experiência mística. Uma voz que ele acreditava pertencer a Deus deu-lhe a missão de promover a fraternidade da humanidade.

Edgar B. Davis, c. 1917.

Davis vendeu as suas participações na empresa de calçado e embarcou num navio a vapor para uma viagem ao redor do mundo. Na Ásia e na Índia estudou o budismo e o hinduísmo e, embora continuasse a ser um cristão dedicado, tornou-se um crente convicto na reencarnação. A partir deste ponto, e durante décadas, não se juntaria a uma igreja ou denominação em particular, acreditando que a religião organizada, independentemente de onde a encontrasse no mundo, dizia mais respeito às leis do homem do que às leis de Deus. O esplendor da criação de Deus, dizia ele, era o seu templo de culto escolhido.

Em Singapura, Davis conheceu um gerente holandês de uma plantação de borracha que lhe mostrou os seus campos e lhe deu um emprego. Subsequentemente, Davis teve outra experiência mística. Usando o pouco dinheiro que lhe restava da venda das suas ações da empresa de calçado, abriu a primeira plantação de borracha de propriedade americana em Sumatra, e depois uma segunda plantação no Ceilão.

Estranhamente — segundo o que parceiros mais tarde afirmaram — Davis tinha vantagens sobre outros estrangeiros no negócio da borracha. Nunca ficava doente com doenças tropicais

nem sofria de insolação devido ao calor, nem nunca foi mordido pelas cobras-capelo e outras cobras extremamente venenosas e potencialmente letais que infestavam os olivais de árvores da borracha.

O seu sucesso no negócio da borracha colocou Davis no conselho de administração daquela que mais tarde seria conhecida como a U.S. Rubber. Entre outras realizações, começou a comercializar os Keds, a primeira marca nacional de sapatilhas a usar solas de borracha macia. Antes de vender a sua participação no negócio em 1918, o seu património líquido era estimado em mais de 3,5 milhões de dólares. Este foi também o ano em que fez o que chamou de sua primeira «oferta de agradecimento» substancial. Deu mais de 1 milhão de dólares aos seus antigos empregados. Os beneficiários da sua generosidade incluíram não só os quadros superiores da sua empresa, mas também o mais humilde trabalhador da plantação.

Após uma breve e malsucedida carreira em Wall Street, durante a qual tentou coordenar a produção de borracha com os interesses automóveis de Detroit, Davis virou a sua atenção para Luling, onde o seu irmão Oscar tinha estado a perfurar. A sua motivação foi mais uma experiência mística: Deus tinha-o enviado para libertar Luling e o Condado de Caldwell da opressiva economia baseada no algodão, que escravizava tanto a população pobre negra como a branca. «Devemos reconhecer que ricos e pobres têm um interesse comum», escreveria ele mais tarde. «Se um sofre, todos sofrem. A ganância por parte dos ricos ou a inveja por parte dos pobres são os bumerangues que voltam para nos atormentar a todos.»

Em 1921, após a morte do seu irmão e quando Davis herdou as concessões de Oscar, este começou a perfurar numa

propriedade adjacente ao local que Edgar Cayce tinha selecionado. Não se conhecem hoje detalhes do que transpirou quando Davis conheceu Cayce. Tudo o que Kahn relatou foi ter entregue a Davis as leituras de Cayce e outros ficheiros sobre os interesses da Edgar Cayce Petroleum no Condado de Caldwell, e afirmou que Davis — agindo com base nas leituras de Cayce — começou a perfurar em terras anteriormente arrendadas pela Cayce Petroleum.

A verdade é difícil de apurar a partir dos acordos de arrendamento existentes, mas não há dúvida de que Davis prospetou na mesma área de Rag Town que Cayce. Muito provavelmente, houve mais no encontro do que a simples entrega das leituras de Cayce. Como os eventos futuros revelariam, Davis e Cayce davam-se bem e a sua paixão partilhada pelas Escrituras e a crença de que Deus falava em sonhos e visões ter-lhes-iam dado muito sobre que discutir. Também não seria irracional acreditar que realizavam sessões de oração, como era costume para ambos os homens quando prospetavam petróleo. Partiram em caminhos separados de forma amigável e voltaroriam a encontrar-se cinco anos mais tarde.

Quando questionado pela imprensa sobre a razão de ter escolhido Luling para perfurar à procura de petróleo, Davis disse simplesmente que a «voz de Deus» lhe disse para ir para lá e investir todas as suas poupanças de uma vida na prospeção. Além disso, afirmou que as flores silvestres que cresciam nas bordas dos campos de algodão lhe diziam precisamente onde perfurar. Por mais descabida que os repórteres considerassem esta explicação, ela era consistente com o que viria posteriormente através de três leituras realizadas para Davis depois de Cayce ter deixado o Texas. A Fonte disse que Davis de facto ouvia a voz de Deus, bem como as vozes de «elementais» — entidades

espirituais que viviam entre as plantas que Cayce via quando jovem.

Davis perdeu uma fortuna substancial em seis poços secos. Quase na falência, recorreu para financiamento a Frank Seiberling, de Akron, Ohio, com quem Davis tinha outrora servido no conselho de administração da U.S. Rubber Company e cuja família receberia numerosas leituras de Cayce. O próprio Seiberling receberia três leituras, e a sua filha, que mais tarde viria a ser instrumental na fundação dos Alcoólicos Anónimos, recebeu trinta e oito leituras.

Tal como Davis, dizia-se também que Seiberling era um homem de negócios guiado por Deus. O mais importante para os acontecimentos posteriores é que Davis e Seiberling tinham trabalhado juntos numa encarnação anterior, tal como a Pequena Anna e o seu pai, e tinham desenvolvido competências que lhes seriam extremamente benéficas no presente. Juntos, tinham a capacidade de aceder à «fonte espiritual» de abastecimento que se podia manifestar em «riquezas materiais».

A equipa de Davis e Seiberling, no entanto, não se mostrou inicialmente mais bem-sucedida do que os esforços anteriores de Davis. A certa altura do seu empreendimento conjunto, quando os fundos de Seiberling se tinham esgotado e Davis tinha prescindido da sua casa de cidade em Nova Iorque para se mudar definitivamente para Luling — fazendo como dizia a sua visão, para investir tudo o que tinha na prospeção —, Davis não tinha dinheiro para se barbear e cortar o cabelo, quanto mais para cumprir as suas obrigações salariais.

«Não se consegue imagimar o quão falido o Sr. Davis estava», recordou mais tarde o editor do jornal de Luling, Hal

Bridges. «Muitas vezes não tinha vinte e cinco cêntimos para se barbear. No entanto, estava sempre otimista. Devia-nos 285 dólares por algumas impressões. Disse-lhe para esquecer o assunto, mas ele não o fez. Um dia entrou, todo sorridente, a dizer que se tinha acabado de lembrar de 300 dólares em obrigações municipais que tinha guardadas na casa de verão da sua família. A secretária de Davis localizou essas obrigações juntamente com mais 80 000 dólares em obrigações de guerra inglesas que ele também tinha esquecido.»

Frank A. Sieberling, cofundador da Goodyear Tire & Rubber Company.

A 9 de agosto de 1922, o ano após a Cayce Petroleum ter perdido as suas propriedades em Luling, o primeiro poço de Davis jorrou. Os repórteres afirmariam mais tarde que o poço foi um «jorro», mas não foi o caso. O poço, no entanto, tinha «pernas», como os petrolíferos usavam o termo, e produziria consistentemente mais de cem barris por dia durante mais de uma década.

O poço que provou a sua fé inabalável em Luling foi perfurado nas proximidades. A geologia e a produção foram exatamente como descritas nas leituras para a Cayce Petroleum Company. Davis abriu um buraco numa massiva cúpula de sal, libertando um verdadeiro jato de petróleo quente — suficiente nos

primeiros dias para transformar um campo de algodão num lago de «ouro negro» a fumegar. Davis recebeu 500 000 dólares adiantados por um milhão de barris de petróleo e usou o dinheiro para abrir mais dezasseis poços em Luling, ganhando mais de 12 milhões de dólares.

As histórias contadas sobre Davis em Luling são agora lendárias. Num dos casos, dizia-se que ele ia a conduzir para a cidade, teve uma visão súbita de um novo «local de fé», pediu ao seu motorista para encostar o carro, deu um passo para um campo e arrancou uma erva daninha do chão. «Vamos perfurar aqui», disse ele, apontando para o buraco onde tinham estado as raízes da erva. Tal como voltaria a fazer várias semanas mais tarde com uma vara de radiestesia — encontrou petróleo. Tão convencido de que estava a ser divinamente guiado que uma vez insistiu que a sua equipa perfurasse mais de 7000 pés na terra — mais fundo do que qualquer buraco jamais perfurado no centro do Texas. O poço resultante lançou petróleo a centenas de pés no ar e, antes de poder ser bombeado para tanques de depósito, deixou uma poça pela altura dos ombros que encheu um vale próximo.

Após ler sobre a descoberta dos campos de petróleo de Luling, Kahn abordou Davis em busca de ajuda para construir o hospital de Cayce. Davis não respondeu às suas cartas. Tinha outros planos para a sua riqueza.

A primeira prioridade de Davis foi convidar toda a cidade de Luling, tanto negros como brancos, para celebrar os dons de Deus em dois churrascos gigantescos em quarenta acres de terreno que tinha comprado para o evento ao longo do sombrio rio San Marcos, a sul da cidade. «Venham todos», anunciava Davis.

E vieram mesmo. Quinze mil ou mais pessoas foram recebidas por enormes painéis elétricos de «bem-vindo» colocados na estrada. Lanternas japonesas pendiam das árvores sobre duas pistas de dança ao ar livre de grandes dimensões, coretos e longas fileiras de grelhadores de churrasco. Milhares de quilos de carne de vaca, borrego, frangos para fritar, caixas de refrigerantes e galões de gelado foram consumidos. Havia charutos disponíveis às caixas. O entretenimento contou com duas bandas trazidas de San Antonio e estrelas de ópera de Nova Iorque.

Nas semanas seguintes, após pagar o dinheiro que devia a Frank Seiberling e a outros, Davis deu a todos na sua organização, de cima a baixo, cheques de bónus que variavam entre um mínimo de 5000 dólares e um máximo de 200000 dólares. A propina da sua secretária para a escola de quiropraxia foi paga na íntegra, com a única condição de que ela regressaria a Luling para prestar tratamento de saúde, que ele próprio custearia, a quaisquer habitantes da cidade que o desejassem. A um contínuo negro, que trabalhava no edifício onde Davis tinha montado inicialmente o seu negócio, foi dada uma casa nova totalmente mobilada. Nem mesmo isto foi o fim da sua generosidade. Davis mandou entregar trinta e dois automóveis novinhos em folha a habitantes da cidade que o tinham apoiado durante o seu difícil primeiro ano em Luling.

Davis acabaria por construir um clube de campo e um campo de golfe para brancos, e um clube de campo e um campo desportivo para negros, dotando ambos os clubes de fundos suficientes para que os residentes os pudessem usar gratuitamente. Eventualmente surgiu um campo de escuteiros Edgar B. Davis, um centro comunitário e escolas. Hoje existe um hospital, considerado o melhor do centro do Texas, batizado em

sua honra e construído no terreno doado onde outrora se erguia o seu escritório.

Em suma, Davis transformou Luling tal como acreditava que Deus o tinha orientado. Uma cidade que outrora foi considerada «a cidade mais dura do Texas» é agora uma das mais acolhedoras e prósperas. Kahn e Cayce teriam, sem dúvida, também usado os rendimentos dos poços de petróleo para fins de caridade, mas os seus fundos teriam mais provavelmente sido destinados à construção de um hospital na Costa Leste, não em Luling, Texas.

Embora as leituras subsequentes dadas a Davis não digam respeito diretamente a Luling, elas sugerem um fenómeno que aparece noutras leituras: o de que os guias espirituais ou entidades que direcionaram os prospetores para Luling não deixariam que o petróleo fosse encontrado a menos que estivessem convencidos de que os rendimentos seriam usados em benefício dos seus residentes. Por exemplo, nas leituras que Cayce deu para prospetores que procuravam o tesouro da lendária Mina de Ouro do Holandês Perdido nas Montanhas Superstition, fora de Apache Junction, Arizona, foi-lhes dito que o tesouro não seria encontrado sem a cooperação dos espíritos Apache encarregados de o proteger. Talvez o mesmo tenha sido verdade nesta ocasião.

A aventura de Luling foi apenas o início do contacto que Cayce teria com Davis. Cinco anos mais tarde, o petrolífero, agora tornado produtor de teatro da Broadway, convidou Edgar a ir a Nova Iorque para assistir a uma peça que tinha encomendado, chamada The Ladder. O seu tema era sobre a reencarnação. Semelhante ao drama cinematográfico Why? que Cayce tinha produzido em transe, a peça de Davis centrava-se na atriz Antoinette Perry (que dá nome aos Prémios Tony), no papel de uma jovem mulher que tem visões de vidas passadas em 1300,

1670 e 1844. No clímax da peça, ela regressa ao presente para casar com um homem que tinha rejeitado anteriormente.

Carta escrita pelo irmão de Edgar B. Davis sobre o fracasso de The Ladder.

A peça estreou em Nova Iorque em 1926 e tornar-se-ia um dos mais espetaculares fracassos de longa duração em toda a história do teatro. As peças que recebiam críticas universalmente tão más invariavelmente fechavam as portas numa questão de dias. Davis, no entanto, manteve o seu espetáculo em exibição durante dois anos inteiros, oferecendo bilhetes gratuitos aos milhares, realizando frequentemente representações de beneficência e presenteando críticos e líderes de opinião com jantares sumptuosos. Como o crítico do New York Times relatou a contragosto, a produção estava «a ser mantida viva, que seja do nosso conhecimento, para fins de propaganda».

Edgar e Gertrude Cayce não ficaram impressionados com o espetáculo, apesar do argumento que tinha surgido anteriormente e do facto de a reencarnação, nesta altura do trabalho de Cayce, estar muito presente nas suas mentes. A Fonte também não ficou impressionada. Numa leitura em que Davis perguntou se devia manter o espetáculo em exibição para benefício da humanidade, a resposta foi um «não» decidido. A peça poderia ser reconfigurada para se tornar um sucesso da Broadway, sugeriu a Fonte, mas da forma como estava apresentada atualmente, falhava tanto como entretenimento como quanto a pedagogia.

Quando Davis finalmente desistiu da Broadway, pensou em virar-se para a política, alimentando a ideia de que se poderia candidatar a Presidente. A Fonte foi novamente consultada e encaminhou-o de volta para o setor privado, onde poderia usar os

talentos que tinha desenvolvido em vidas anteriores, muito particularmente na era romana, durante a qual tinha ocupado um cargo de alto nível como gestor de terras e recursos humanos sob o comando de César.

Davis entrou mais uma vez na história de Cayce em 1936 e 1937, quando Davis e o seu sócio Frank Seiberling decidiram trabalhar juntos novamente — desta vez para concretizar a fusão das duas maiores empresas de borracha do mundo. Ambos os homens consultaram individualmente Cayce em busca de conselho. A Fonte disse repetidamente que a fusão era uma boa ideia e poderia ser benéfica para o homem, mas que a «cooperação» era essencial antes que o empreendimento pudesse ter sucesso. Davis e Seiberling teriam de ter o melhor interesse do outro no coração para que o «aumento» se concretizasse.

A proposta de fusão atolou-se em breve numa teia complicada de interesses divididos. Cayce foi trazido novamente, desta vez pelo genro de Seiberling, Milton Harrison, que tentava alcançar um acordo antes que as suas disputas fossem entregues aos advogados. «Desenvolveu-se, infelizmente, o que poderia vir a resultar numa divisão muito grave entre os dois homens e estamos a fazer tudo o que podemos para evitar essa rutura», escreveu Harrison a Cayce. «A informação que é obtida por nós e que esperamos obter adicionalmente através de si será inquestionavelmente muito benéfica para evitar a má vontade e para promover uma renovação da fé e, assim, da boa vontade. Com Edgar Davis, especialmente, a abordagem através de uma fonte psíquica é, na minha opinião, a única abordagem.»

Cayce — em transe — repetiu o que tinha sido dito anteriormente, apelando a que os dois homens aprendessem a cooperar, colocando o interesse do outro à frente do seu próprio.

Em Luling, por acordo prévio, Davis esteve no comando. Seiberling apenas lhe tinha emprestado dinheiro, que tinha sido devolvido. Os homens estavam numa situação diferente desta vez. Teriam de se relacionar como verdadeiros parceiros, algo que exigia que pusessem os seus egos de parte, sob pena de sofrerem as consequências. O conselho que Cayce deu foi extremamente perspicaz e relevante para nós hoje, porque delineia exatamente o que é necessário ao entrar numa parceria deste tipo.

[Eles devem] fazer aquilo que é espiritualmente justo e correto, sem as considerações materiais ou financeiras . . . Pois quando há injustiças de qualquer natureza perpetradas por qualquer organização ou grupo a qualquer força ou poder, ou a qualquer parte de tal organização, isso produz a . . . ferrugem que corrompe, e mais cedo ou mais tarde traz dissensão, discussão, doença nas mentes de todos . . . Quem me dera que todas as corporações, todas as organizações, soubessem e percebessem que a lei do Senhor é como a espada de dois gumes . . . A menos que se faça o bem a todos, o bem não pode crescer a partir daí. Pois o que semeardes, colhereis!

Milton Harrison implorou a Davis e Seiberling que chegassem a um acordo. Juntos, poderiam realizar muito bem. Separados, iriam falhar.

O caso acabou no tribunal cível. Um acordo foi eventualmente alcançado, mas apenas em dólares. Os dois homens nunca resolveram as suas diferenças. Ambos os homens perderam as suas vastas fortunas. Edgar Davis morreu aos 78 anos em 1951, em resultado de uma fratura craniana que sofreu ao descer do alpendre da sua casa em Luling. Frank Seiberling faleceu em 1955, aos 95 anos.

Gladys Davis, c. 1922.

GLADYS DAVIS:
A JOVEM COM UM BLOCO DE NOTAS

As leituras tornaram-se uma parte tão importante das vidas de Edgar e Gertrude em Selma que eles dedicaram uma sala no seu estúdio fotográfico na Broad Street à sua realização. A localização que escolheram para a sua «sala dos fantasmas», como Edgar lhe chamava, foi um antigo armazém no segundo andar. Ele queria decorá-la com mobiliário que os seus amigos lhe tinham dado, juntamente com fotografias e pertences pessoais. Ele percebeu, talvez apenas intuitivamente, que ter recordações de amigos era importante para a própria qualidade das leituras. De alguma forma, as leituras eram um esforço coletivo, razão pela qual Edgar especulava que a Fonte usava o pronome «nós» no início das sessões em transe, como em «Sim, temos o corpo de Amanda Fay DeLaney . . .»

Juntamente com a sala, os Cayce mandaram imprimir papel de carta da «Cayce Art Co.», e Edgar enviou uma

correspondência a amigos e familiares incentivando-os a passar a palavra de que seriam dadas leituras duas vezes por dia. Ele também colocou um anúncio para uma estenógrafa dedicada a quem pudessem dar formação para transcrever as leituras.

Transcrever as leituras era mais difícil do que se possa supor porque, enquanto estava em transe, Cayce por vezes falava rapidamente, usando frequentemente conjunções, preposições e pronomes relativos tão profusamente que as regras normais de pontuação já não podiam ser aplicadas. Sem uma estenógrafa adequada para a tarefa, as leituras de Cayce eram menos valiosas e por vezes completamente inúteis. Edgar entrevistou e testou mais de doze secretárias antes de encontrar uma capaz e disposta a fazer o trabalho.

O seu nome era Gladys Davis. Para além do próprio Edgar ou de Gertrude, que conduzia as leituras, ela tornar-se-ia a peça individual mais importante do trabalho — a pessoa que, mais do que qualquer outra, o elevou a um nível profissional. O «trabalho», como é conhecido hoje, não existiria se não fosse Davis ter feito cópias duplicadas das leituras para os ficheiros e, num nível mais profundo, ter tornado possível a Edgar fazer consistentemente o que fazia melhor. Davis infundiu no trabalho o que tem sido frequentemente descrito como uma «aura de proteção amorosa», como os Cayce nunca antes tinham experimentado. Ela e Edgar tinham uma ligação e um vínculo tais que, durante muitos anos após o seu falecimento, os visitantes que entravam no cofre de Cayce da A.R.E., onde ela trabalhava como arquivista, ouviam conversas unilaterais entre ela e o que se supõe ter sido o espírito de Edgar.

Em 1923, o ano em que conheceu Edgar, Gladys tinha feito dezoito anos, apenas dois anos mais velha do que Hugh Lynn.

Alta e loira, com ombros largos, traços delicados e olhos azuis, ela era a filha mais velha de um agricultor rendeiro do Alabama (amendoins, algodão e milho) cuja alegria e paixão na vida era ter reuniões familiares animadas onde ele entretinha com o seu violino e os outros se juntavam com flautas de folha de flandres, acordeões ou quaisquer instrumentos disponíveis. A mais velha de cinco filhos, Gladys tinha dois irmãos e duas irmãs, Lucille e Mary Frances (apelidada de Tiny), que casou aos catorze anos.

Gladys era muito mais capaz e independente do que os seus outros irmãos, a tal ponto que, após a morte do seu pai em 1924, e durante anos futuros, ela foi a única fonte de sustento financeiro da sua família. Como era a mais estudiosa e descrita pelos amigos como «esperta como um alfinete», era ponto assente que Gladys se tornaria professora primária. Mas depois de frequentar a Selma High School durante um ano, viu a sua primeira máquina de escrever, uma nova invenção que estava justamente a aparecer em Selma, e inscreveu-se no Central City Business College para aprender a usá-la.

Após a graduação, aos quinze anos, aceitou um emprego na Farmácia Cawthon-Coleman, onde substituiu a estenógrafa habitual enquanto esta estava de férias. Como a farmácia estava localizada no primeiro andar do mesmo edifício que albergava o estúdio fotográfico de Cayce, ela começou gradualmente a conhecer a família. Os farmacêuticos faziam muitos negócios com clientes que tinham obtido leituras médicas no andar de cima e, embora ainda passassem mais dois anos antes que ela conhecesse a família Cayce pessoalmente, lembravam-se de ver membros da família a subir e a descer as escadas para a sua casa e estúdio.

Tal como Davis sabia algo sobre os Cayce, a família de Edgar estava familiarizada com a dela. Gladys tinha frequentado a

mesma escola secundária que Hugh Lynn e ele era amigo da sua irmã Tiny quando estava no sétimo ano. Ele caminhava frequentemente com Tiny para casa depois da escola, trocando livros e comparando os trabalhos de casa com ela, e por vezes levava-a à farmácia para tomar refrigerantes.

Além de Hugh Lynn, Tiny tinha vindo a conhecer Edgar através da sua pertença ao Christian Endeavor, o programa de outreach da igreja no qual Edgar estava profundamente envolvido. Embora a mãe deles fosse Adventista do Sétimo Dia e os outros Metodistas (eles beneficiariam de qualquer modo com as leituras e acolheriam de bom grado o rendimento de Gladys do seu trabalho com os Cayce), o entusiasmo da sua família pelo Christian Endeavor não denominacional uniu as famílias, mesmo não sendo membros da mesma igreja. Tiny e o resto do ramo de Selma do Christian Endeavor tinham ido com Edgar a Birmingham quando este foi homenageado pelo seu excelente trabalho com os jovens.

Fellowship do Christian Endeavor de Edgar Cayce em Selma, Alabama. Edgar está no topo, na extrema direita; Hugh Lynn está ajoelhado, o segundo a partir da esquerda.

Gladys Davis, c. 1926.

O pai de Edgar, Leslie Cayce (O Fidalgo), c. 1922.

Apesar do conhecimento entre as duas famílias, Gladys ainda estava confusa sobre qual dos membros do clã Cayce fazia as leituras psíquicas e sobre o que eram exatamente. Ela assumia que quem dava as leituras era Leslie, o distinto cavalheiro mais velho que ela descrevia como «elegante», que vinha frequentemente à farmácia. Ela própria tinha-se aventurado a subir as escadas, não para ter uma leitura, mas para tirar uma fotografia. Como Edgar estaria provavelmente no Texas na altura, a responsabilidade tinha caído sobre Leslie. Isto confundiu-a ainda mais sobre quem era o «diagnostiqueiro psíquico».

Quando Gladys trabalhava na farmácia Cawthon-Coleman, lembrava-se de ver Edgar quando este entrava na farmácia e dizia «Bom dia, D. Gladys», como se a conhecesse pessoalmente. Ela lembrava-se do incidente porque o gerente disse a brincar a Edgar para parar de flertar com a sua secretária ao chamar-lhe «D. Gladys». Edgar ignorou-o. A partir daquele momento, e durante duas décadas futuras, ele chamava-lhe invariavelmente «D. Gladys», e ela chamava-lhe «Sr. Cayce».

A amiga de Gladys, Ruth de Bardeleben, em breve a esclareceu sobre qual dos Cayce era o que dava as leituras. O psíquico era o filho Edgar, o homem alto que tinha ensinado na escola dominical na Primeira Igreja Cristã e o homem que lhe chamava «D. Gladys». Ruth disse entusiasticamente a Gladys que tinha ouvido dizer que as pessoas que seguiam o que o Sr. Cayce dizia em transe ficavam curadas de qualquer mal que as afligisse. Gladys sabia que isto era verdade também por outros, tal como sabia que a informação que vinha nas leituras nem sempre era médica. O seu patrão tinha obtido informação que o tinha levado ao longo de um rio no Alabama, onde tinha localizado dobrões de ouro, que se presumia serem um tesouro de piratas.

Depois de a estenógrafa regular da farmácia regressar de férias, Davis candidatou-se então à Loja de Ferragens a Retalho e por Grosso Tissier's, onde obteve um emprego mais permanente como estenógrafa, ganhando setenta e cinco dólares por mês. Como ela mais tarde recordaria da experiência, começou a ficar gradualmente deprimida, pensando que tinha de haver mais na vida do que listas de inventário de baldes de carvão, martelos, pregos, porcas, parafusos, arados e cultivadores.

Um dia, a sua amiga Willie Graham, a gerente do departamento de porcelanas da Tissier's, fez-lhe uma visita. Graham, que por vezes recrutava Gladys para registar a história das porcelanas dita pelos vendedores para os clientes da loja, perguntou se ela anotaria uma leitura de Cayce para o seu sobrinho de três anos. Como se veio a verificar, todas as estenógrafas da cidade estavam lá, incluindo muitas que não estavam minimamente interessadas em fazer uma audição para um emprego, mesmo que lhes fosse oferecido um. Queriam ver por si próprias o que se passava na «sala dos fantasmas» de Cayce. A sessão em transe agendada para essa tarde devia ser

realizada para Virgil Graham, que sofria de uma perturbação nervosa.

As potenciais estenógrafas estavam a ser convidadas a assistir à leitura e a testar as suas competências. Como se aproximava a hora do almoço e a própria Davis estava mais do que curiosa sobre o negócio do misterioso Cayce, juntou-se a Graham no antigo armazém do segundo andar do estúdio fotográfico, que tinha sido convertido. No centro da sala havia um sofá sem braços com cadeiras dispostas em seu redor. Quando Gladys e Graham chegaram, já havia outras três candidatas a estenógrafa na sala, e ela sentiu-se com sorte por encontrar um lugar vago. Entre as candidatas estava a sua amiga Maud Doughty. Gladys olhou em redor da sala e avistou tanto Edgar como Leslie sentados em cadeiras.

Edgar levantou-se silenciosamente, moveu uma pequena mesa para onde ela estava sentada e sorriu-lhe. Depois dirigiu-se a um sofá longo e sentou-se. Ao lado dele sentou-se o Cayce mais velho, Leslie. Edgar explicou o que estava prestes a acontecer e disse às mulheres que era melhor serem precisas do que tentarem encontrar sentido no que era dito. Depois, a sessão em transe começou. Para Gladys, parecia que Edgar estava prestes a dar uma sesta. Descalçou-se, desapertou a gravata, reclinou-se no sofá e fechou os olhos. Leslie, sentado na cadeira ao lado do sofá, inclinou-se para a frente e olhou para os seus olhos fechados. Após alguns minutos de silêncio, as pálpebras de Edgar tremeram e Leslie falou, começando com instruções para encontrar o corpo do sobrinho da D. Graham.

Edgar começou:

«... Agora encontramos em todo o sistema ...»

Ele procedeu então a descrever o corpo do menino em detalhe. O que se seguiu foi quase incompreensível para quem estava a fazer audição para o emprego. Gladys também teve dificuldade em acompanhar as suas palavras, mas em vez de tentar compreender o que estava a ser dito, anotou as palavras tal como eram proferidas. A linguagem era bastante invulgar e ela ficava mais perplexa a cada momento que passava.

No meio do seu diagnóstico, Edgar usou várias expressões altamente invulgares, tais como «glândula perineural» e «centro pneumogástrico». As recomendações de tratamento incluíam uma «célula húmida» e outro dispositivo elétrico conhecido como o «Osciloclasto de Abrams», que devia ser ligado ao «pulso e à sétima dorsal» do paciente.

Gladys continuou a escrever, apesar do pouco sentido que as palavras lhe faziam. «Estava determinada a registar tudo, não importava o quê», disse ela.

A algum nível, percebeu o quão extraordinário era o que estava a acontecer. O Cayce «adormecido» estava a diagnosticar a condição nervosa de Virgil como se fosse um médico a olhar para o interior do seu cérebro e, além disso, estava a prescrever a utilização de um dispositivo fabricado por uma pessoa que a maior parte da classe médica achava que devia ser presa.

Davis, que se tornaria uma investigadora minuciosa das leituras, examinou a questão do Osciloclasto de Abrams, tal como fez com as referências anatómicas apresentadas nas leituras. Como viria a descobrir, o Dr. Albert Abrams tinha sido outrora um médico altamente respeitado que tinha estudado em Londres, Paris, Berlim e Viena antes de se tornar professor de patologia

numa clínica em São Francisco, que um dia viria a fazer parte da Faculdade de Medicina da Universidade de Stanford. Tudo isto, contudo, foi antes de chocar a classe médica ao anunciar em 1912 que a manipulação adequada de certos centros nervosos no corpo poderia aliviar uma variedade de males, incluindo a epilepsia e o que hoje seria diagnosticado como Parkinson — condições que eram geralmente consideradas curáveis apenas através do uso do bisturi.

A suposição subjacente ao seu dispositivo e a grande parte do seu outro trabalho era na verdade semelhante à de Cayce em vários casos notáveis. Esta suposição era o conceito de que, para eliminar a doença numa célula viva, era necessário ir além do tecido celular e atingir a estrutura elétrica do corpo humano. Se o sistema elétrico não estivesse a «vibrar» normalmente, todo o corpo ficaria em desequilíbrio. Com base nesta abordagem, Abrams causaria outro furor quando defendeu que podia manipular o sexo de uma criança não nascida através do uso de vibrações elétricas numa mulher grávida. Embora fosse um homem rico graças aos vários dispositivos eletrónicos que tinha patenteado e vendido, Abrams foi completamente rejeitado pelos seus colegas de profissão e morreu cinco meses depois de Cayce ter dado a leitura de Virgil Graham, descartado pela classe médica.

O que Gladys tirou da sua pesquisa não foi apenas um maior apreço pelo que veio através da leitura para o menino de três anos, mas também uma compreensão muito mais ampla dos princípios fundamentais nas leituras médicas do que praticamente qualquer não médico que viria a estar associado ao trabalho de Cayce. Infelizmente, os Graham provavelmente não estudaram a leitura da forma como Gladys um dia o faria. Os tratamentos

recomendados aparentemente não foram seguidos e acredita-se que a criança tenha morrido.

Davis, naturalmente, não sabia estas coisas no dia em que fez a audição para Cayce. Mal compreendia o que ele tinha dito, quanto mais o que estava a ser recomendado. Contudo, foi a única estenógrafa presente nessa tarde que tinha a quantidade necessária de palavras na página. A sua amiga Maud Doughty admitiu a Gladys que tinha a certeza de que não conseguiria o emprego porque tinha ficado «demasiado chocada» com o que se passou para registar uma única palavra.

Gladys datilografou duas cópias da leitura e ser-lhe-ia pedido que as entregasse à D. Graham. Esperava que o Sr. Cayce também chegasse a ver a sua transcrição e talvez até lhe oferecesse o emprego. «De alguma forma eu sabia que ele o faria», escreveu Gladys mais tarde. Ainda assim, ficou aliviada quando a D. Graham entrou na loja de ferragens e lhe disse que o Sr. Cayce queria falar com ela.

Quando Gladys chegou ao estúdio fotográfico, Edgar saiu da sua câmara escura, enxugando as mãos manchadas de castanho numa toalha. Ela descreveu mais tarde a sensação que experimentou na sua presença como «uma bela sensação de renovar uma velha amizade». Também apreciou o quão respeitosamente ele a tratou. «Sentia-me confortável com ele. Nunca tinha tido realmente nenhum adulto, um homem especialmente, a falar comigo ... como se eu fosse um igual ... Ele parecia realmente interessado em mim como pessoa. Descobri que ele era assim com toda a gente.»

Edgar disse-lhe que ela tinha transcrito a leitura «perfeitamente» e que precisariam dela a tempo inteiro. Além de

transcrever as leituras, ele não sabia quais seriam as funções dela. Ela poderia ter de viajar de e para o Texas como ele estava a fazer. Poderia haver também viagens a Nova Iorque. Gladys aceitou o emprego e nesse instante vislumbrou o que estava reservado para si. Como se estivesse a ler a sua mente, Edgar olhou para ela fixamente com um brilho nos seus olhos cinzento-azulados e disse suavemente: «Chega de porcas e parafusos.»

Gladys começou o que viria a ser o trabalho da sua vida poucos dias depois. Ela não iria apenas criar um vínculo com Edgar, mas também com Gertrude, que trabalhou com ela durante o primeiro mês ajudando-a a praticar as transcrições. Gertrude lia em voz alta sessões em transe anteriores e Gladys sentava-se na cadeira ao lado dela a tomar nota das suas palavras. Conheceram-se rapidamente, partilhando as histórias das suas vidas, as suas provações e os seus triunfos. Gertrude tomou um interesse maternal por Gladys, e Gladys agiu como a filha que Gertrude e Edgar nunca tinham tido.

Mais tarde, quando ela e Edgar começaram realmente a trabalhar juntos, Gladys provou o seu valor imediatamente. Jovem e bonita como era, tinha muito mais espírito empresarial do que os Cayce e estabeleceu procedimentos que se tornaram o sistema pelo qual todas as leituras futuras seriam realizadas. Ela tomava nota em taquigrafia do que era dito nas leituras e mais tarde datilografava duas cópias — uma para o cliente e uma para os ficheiros. A sua inclinação para guardar «uma para o registo», realizar pesquisas de acompanhamento e compilar material de fundo foi o que ultimamente resultou na coleção não só de mais de catorze mil leituras, mas também de milhares de cartas e outros documentos — todos os quais ela catalogou e cruzou com referências, tornando-os muito mais úteis e valiosos para os muitos médicos e outros que posteriormente os estudaram. O

facto de ela incluir nestes registos detalhes pessoais da sua própria história médica íntima é apenas um exemplo das muitas formas como colocou o trabalho de Cayce acima do seu desejo natural de privacidade. A partir do momento em que transcreveu a sua primeira leitura, o trabalho esteve sempre em primeiro lugar.

Gladys tomava nota de uma leitura numa página, depois voltava a página e continuava, uma leitura após outra. Quando chegava ao fim do bloco de notas, virava o bloco ao contrário e começava em sentido inverso até estar preenchido.

Este bloco de notas contém 63 leituras documentadas em taquigrafia!

Em 22 anos, ela usou aproximadamente 300 destes blocos de notas para as leituras e mais 200 adicionais para a correspondência de Edgar Cayce.

Página 1, canto superior esquerdo, mostra que esta é uma de 11 457 leituras registadas. (A esta página foi ultimamente atribuída a leitura n.º 2805.)

Quando Gladys tomava nota da leitura em taquigrafia, procedia à datilografia de uma cópia da leitura e depois, para sua própria referência, riscava a secção que tinha datilografado.

Olhando para trás para essa primeira transcrição, Gladys provocava Edgar perguntando-lhe como é que ele sabia que ela a tinha registado perfeitamente bem quando, por admissão do próprio, não se lembrava de nada do que tinha dito ou feito quando estava em transe. «Eu simplesmente sabia ...» era sempre a resposta dele.

Edgar, nesta altura, provavelmente não dava muita atenção ao seu comentário informal, nem Gladys. Era simplesmente uma questão de intuição. Não saberiam o contrário até que Gladys obtivesse as suas próprias leituras, mas estas não seriam realizadas senão no ano seguinte. E por esta altura, a vida mudaria dramaticamente tanto para ela como para os Cayce.

Evangeline Adams (1868-1932).

EVANGELINE ADAMS: GOVERNADA POR ESTRELAS E PLANETAS

A busca de Edgar por fundos para construir um hospital levou-o a Dayton, Ohio, onde o magnata dos negócios Arthur Lammers, impressionado por leituras realizadas em nome de um paciente com cancro adolescente, prometeu 500 000 dólares para promover o trabalho de Cayce. Além de um hospital, ele queria uma biblioteca e um centro de estudos, ao qual pretendia chamar Centro de Pesquisa Psíquica Cayce.

A pedido de Lammers, Cayce deu a primeira de uma série de leituras sobre oportunidades de investimento no desenvolvimento petrolífero, o potencial para um hospital e centro de pesquisa

Cayce, e sobre como melhor usar a capacidade de Edgar. Embora Cayce nunca tenha desenvolvido uma relação pessoal profunda com Lammers, e menos de vinte leituras tenham sido realizadas em nome de Lammers em Dayton, a sua breve parceria alterou para sempre o âmbito e a substância do trabalho. Um novo tipo de informação começou a surgir nas leituras: a influência que as estrelas e os planetas têm no comportamento humano e como a informação poderia ser obtida através das leituras para ser usada para guiar uma pessoa a compreender-se melhor a si própria e ao seu lugar no universo.

Arthur Lammers, anos 1920.

A astrologia não era um assunto novo para Lammers como era para Edgar. Lammers, de trinta e cinco anos, e a sua esposa, Zelda, eram amigos de Evangeline Adams, a astróloga mais respeitada e famosa dos anos 1920. Tinham também uma paixão pela filosofia oriental, metafísica e teosofia. Realizavam sessões espíritas na sua vasta casa de Dayton, uma mansão vitoriana com vitrais, tapetes orientais, um órgão de tubos gigante e uma extensa biblioteca de livros e manuscritos esotéricos sobre assuntos como alquimia medieval, ioga e espiritismo.

Os «Domingos Sobrenaturais» na casa dos Lammers, com a sedutora Zelda a entreter no órgão de tubos, era o local ideal para intelectuais abastados de Dayton em busca de iluminação. Cayce pode ter visitado a casa dos Lammers em apenas três ocasiões durante a sua visita inicial de um mês a Dayton. Não consta que tenha examinado os livros na biblioteca dos Lammers ou assistido a uma sessão espírita. Foi só quando a série de leituras estava em andamento que foi apresentado a Evangeline Adams ou ao círculo mais amplo de amigos de Lammers com vocação espiritual. Lammers providenciou para que Edgar ficasse num pequeno t0 na Fifth Street. As leituras foram dadas no centro de Dayton, no Phillips Hotel, perto do Tribune Building, sede da Dayton Photo Products e da Lammers Printing — as empresas de onde Lammers derivava a sua fortuna. O Phillips Hotel foi onde Edgar passou grande parte do seu tempo, fez as suas refeições e realizou as primeiras leituras de Lammers em junho de 1923. A última leitura da série foi realizada no mesmo hotel em fevereiro de 1924, depois de Edgar ter visitado Selma para ver a sua família e para realizar o que se tinha tornado um longo atraso de leituras médicas.

Linden Shroyer, assistente pessoal e contabilista de Lammers, conduziu muitas das leituras nesta série, e Bertha Rosenberg, secretária de Lammers, foi a principal estenógrafa. As leituras tocariam estas pessoas tal como tocariam Lammers. Rosenberg e a sua família receberiam posteriormente leituras de saúde, tal como Shroyer e a sua família. Além disso, Shroyer acabaria por deixar a Lammers Company e vir trabalhar para os Cayce.

Todo o tipo de perguntas foram colocadas a Edgar nas leituras de Lammers: onde devia ser construído um hospital (perto de um grande plano de água na Virgínia ou na Carolina do Sul foi

a resposta), conselhos dietéticos para o desenvolvimento psíquico de Edgar (ele não devia comer carne vermelha), quem era mais adequado para conduzir e transcrever as leituras (mulheres, pois dizia-se que tinham uma capacidade maior do que os homens para compreender fenómenos psíquicos), quem no planeta poderia obter a informação em transe mais precisa a partir de Cayce (um homem identificado como o russo Edwin Roth, naquele momento a viver ou a visitar a Baviera), e como trazer a paz mundial. Infelizmente, Edgar continuou a comer carne vermelha, nenhum esforço parece ter sido feito para localizar Roth, e qualquer resposta que Cayce tenha dado sobre a paz mundial ou não foi registada ou foi subsequentemente perdida.

Mais importantes no corpo mais amplo do trabalho de Cayce foram as respostas às perguntas mais importantes da vida: o propósito da existência do homem na terra e o que esperar após a morte. As respostas foram tão extraordinárias que se tornaram a base para «Fenómenos Psíquicos através do Subliminar», um folheto publicado de forma privada que continha as primeiras transcrições verbais extensas de leituras de Cayce. Lammers escreveria a introdução e Gladys Davis coordenaria a sua eventual publicação e distribuição.

A primeira pergunta de Lammers foi um pedido de explicação sobre o que acontecia fisiologicamente a Edgar quando este entrava em transe e fornecia informação. De forma semelhante à resposta de Cayce a esta mesma pergunta para Ketchum, a Fonte descreveu um processo de «subjugação» no qual o «subconsciente» ou as «forças da alma» de Edgar assumiam o controlo sobre o seu eu consciente ou físico. Em outras palavras, ele ia «dormir» para «acordar».

Lammers continuou perguntando que tipo de perguntas deviam ser feitas a Cayce. «Apenas aquelas que estão em conformidade com as forças e leis espirituais e da alma», respondeu a Fonte.

Aqui e em outros pontos da série, a Fonte disse especificamente que as perguntas adequadas deviam consistir naquelas que levam ao alívio da dor ou do sofrimento, desde que não sejam à custa ou em detrimento de outro indivíduo. O mesmo era verdade para perguntas espirituais e relacionadas com negócios. Se o desejo do procurador fosse para o bem, isto trazia harmonia, precisão e uma comunicação mais direta com Deus, a fonte última de todo o conhecimento e compreensão. Isto foi descrito como uma das leis de Deus.

A discussão das leis de Deus foi expandida em leituras subsequentes nesta série. As «Leis Divinas», como a Fonte deixou claro, não podiam ser ignoradas nem colocadas de parte. Uma pessoa que viola as leis do homem sofre as consequências se for apanhada, mas ao violar as leis de Deus, é sempre apanhada. Em outras palavras, a pergunta certa pela razão certa tinha de ser feita para que o bem se manifestasse.

A mais importante das leis de Deus citadas foi a «lei do amor» — um mandamento que apareceu em muitas leituras subsequentes. Colocado de forma mais simples pela Fonte: «O Amor é Lei, a Lei é Amor. Deus é Amor. Amor é Deus.» Isto equivalia à mesma coisa que «o dom de dar» sem «esperança de recompensa ou pagamento», ou servir os outros.

Tal como Ketchum antes dele, Lammers queria saber se era possível para qualquer outra pessoa que não Edgar Cayce realizar o tipo de trabalho psíquico que ele estava a fazer. A resposta

chocou e surpreendeu Lammers, tal como chocou Cayce. «Todos o podem fazer», veio a resposta.

Se havia alguma dúvida sobre o que tinha sido dito, a Fonte repetiu-se. «Todos já o podem fazer. Quanto ao grau de desenvolvimento, apenas a lei da concentração através da subjugação é posta em jogo e apenas precisa da oportunidade de expressão pessoal.»

A revelação aqui foi que a capacidade psíquica era um dom com que todos nasciam. Precisava apenas de ser desenvolvido. Esse desenvolvimento, explicou melhor a Fonte, era o que constituía a «evolução» no plano terrestre. Este conceito lançou muita luz nova sobre a frase que tinha aparecido e continuaria a aparecer consistentemente nas leituras: «a mente é o construtor».

Aqui, e em quase duas centenas de leituras futuras, o conceito era claro: o físico é o resultado do que primeiro existe na mente. A evolução darwiniana, embora compreendida como física, era o resultado de uma evolução mental que a precedeu. E a evolução mental, como claramente afirmado nas leituras de Lammers, era de natureza espiritual ou psíquica.

Foi dito incisivamente a Lammers que, à medida que a humanidade passasse a reconhecer mais plenamente as capacidades psíquicas inatas possuídas por todos, talentos psíquicos como a «transferência de pensamento» tornar-se-iam comuns, e isto era um resultado direto do regresso da humanidade a Deus, o criador. O desenvolvimento iria «evoluir» de tal forma que a comunicação direta com o Divino se daria a um nível consciente.

O conceito novo aqui era uma compreensão maior do que Cayce estava a fazer em transe e do que a Fonte afirmava que todos acabariam por fazer. A experiência psíquica, de acordo com as leituras, não podia ser reduzida a mera fisiologia ou ciência sem espiritualidade. A busca do homem para se compreender a si próprio foi apresentada como uma jornada para encontrar Deus. Este foi um assunto que seria expandido numa segunda série de leituras publicadas quando Cayce e a sua família finalmente se fixaram em Virginia Beach e um grupo de donas de casa perguntou a Cayce como podiam desenvolver as suas capacidades psíquicas. Foi por isso que estas leituras, compiladas em formato de livro, não foram intituladas Como Tornar-se Mais Psíquico, mas sim Em Busca de Deus.

Edgar podia encontrar conforto nisto e em tantas outras coisas que vinham através das leituras de Lammers, porque a informação enquadrava-se perfeitamente nas suas crenças cristãs fundamentalistas. Contudo, havia muito mais na história da jornada de uma alma de volta a Deus que vinha através das leituras de Lammers.

Quando perguntado sobre o que constituía a alma do homem e se a alma alguma vez morria, a Fonte respondeu que a alma era «aquilo que o Criador deu a cada entidade ou indivíduo no início, e que está a procurar novamente o lar ou o lugar do Criador. [A alma] pode ser banida do Criador, [mas] não [pela] morte».

Esta resposta encaixava-se confortavelmente nas crenças profundamente enraizadas de Cayce. A Bíblia tinha declarado claramente que havia um céu e um inferno. Contudo, como uma extensão natural a esta pergunta, Lammers queria saber mais. Na primeira leitura conhecida a fazer uma referência clara ao que acontece quando uma pessoa morre, a Fonte disse: «O espírito de

todos os que passaram do plano físico permanece no plano até que o seu desenvolvimento os leve para a frente ou sejam devolvidos para o seu desenvolvimento aqui.»

Lammers deve ter percebido esta referência à reencarnação ou ao regresso de uma alma à Terra para desenvolvimento. Edgar pode não ter reparado. Mas o que se seguiu quando Lammers fez a pergunta lógica seguinte iria testar a imaginação de Cayce mais do que qualquer coisa que tivesse vindo até então nas leituras.

«O que se entende pelo banimento de uma alma do seu criador?», perguntou Lammers.

«Toda a matéria insuficiente é lançada para Saturno», veio a resposta.

Aqui estava a primeira referência clara e inegável a um planeta a desempenhar um papel no movimento das almas. Lammers suspeitou que isto era uma verificação para a astrologia, e dedicaria a última leitura da série àquele que se tornaria o aspeto mais controverso do trabalho de Cayce: a astrologia e o desenvolvimento da alma nesta vida e na seguinte.

Se ainda havia alguma dúvida de que a astrologia entrava na equação, Lammers colocou-lhe a questão diretamente: «Os planetas têm efeito na vida de cada indivíduo nascido?»

«Têm», respondeu a Fonte. «Assim como as forças desta terra foram postas em movimento . . . cada [alma] fica sob a influência daquelas condições . . . nas quais tal se expressa através do sopro do Criador.»

Em leituras subsequentes sobre este assunto, a Fonte desafiou os céticos que descartavam a noção de astrologia, fazendo uma pergunta: «A astronomia é considerada uma ciência e a astrologia uma tolice. Quem está correto? Uma sustenta que, devido à posição da terra, do sol, dos planetas — eles estão equilibrados uns com os outros de alguma maneira, de alguma forma — contudo, eles não têm nada a ver com a vida do homem ou . . . com as emoções do 'ser físico' na terra. Então, por que razão e como é que os efeitos do sol . . . influenciam [a vida na terra] e não afetam [o homem e] as emoções do homem?»

«Eu disse tudo isso?», foi Edgar citado a perguntar quando lhe deram a transcrição de Lammers para ler. «Eu não podia ter dito tudo isso!»

Lammers assegurou-lhe que sim. O facto de Edgar estar em Dayton, a seiscentas milhas de distância dos muitos amigos que teriam descartado a astrologia como um tópico sério de discussão, e talvez até herético, foi talvez a razão pela qual a Fonte tinha esperado até agora para introduzir este conceito. Aqui em Dayton, Edgar estava entre crentes fervorosos.

Em última análise, contudo, a pessoa que o convenceu da potencial verdade do que estava a surgir, e que incentivou as leituras que se seguiriam, foi a charmosa, graciosa e erudita Evangeline Adams. Para ela, as leituras que Lammers recebia não só faziam todo o sentido, como também explicavam aspetos da astrologia além do que até ela imaginava. Sem o conselho e o incentivo de Adams, Edgar teria tido consideravelmente mais dificuldade em dar o que se tornou um salto gigante em direção a território inexplorado. Esta foi provavelmente a razão pela qual Lammers providenciou para que ele a conhecesse. Edgar precisava de ser convencido da verdade da astrologia por alguém

que fazia dela o trabalho da sua vida, tal como Lammers estava a incentivar Cayce a desistir da fotografia e a dedicar a sua vida a dar as leituras. Ao levar Cayce aos escritórios dela, Lammers parecia estar a dizer que o sucesso dela poderia ser o de Edgar se ele seguisse pelo caminho dela.

O seu encontro com Adams teve lugar num fim de semana durante uma viagem que ele e Lammers fizeram em 1923 à cidade de Nova Iorque. Por acordo prévio, foram recebidos pela secretária de Adams, Emma Brush, e conduzidos à suite de divisões da astróloga no décimo andar da Carnegie Hall Tower, na 7.ª Avenida e West 56th Street. Não havia luzes com abajur nem mobiliário exótico; a sala de receção era luminosa e arejada, com gravuras de Currier & Ives, fotografias assinadas de clientes famosos e uma parede de arquivos contendo registos e datas de nascimento de cerca de cinco mil ou mais pessoas com quem ela e a sua equipa correspondiam. Perto da entrada ficava a secretária da rececionista, onde os clientes marcam consultas pessoalmente ou por telefone e onde os visitantes podiam encontrar brochuras. Muitas destas brochuras foram escritas pela própria Adams, juntamente com cópias mimeografadas padrão de entrevistas e materiais biográficos. Ao longo de um corredor estreito havia antecâmaras cheias de equipas de secretárias, estenógrafas e matemáticos em postos de trabalho.

Evangeline Adams, c. 1925.

Adams, uma mulher corpulenta de cinquenta e cinco anos que usava óculos de armação de arame, um longo colar de pérolas e um fato preto conservador, não era o que Edgar esperava de alguém comummente associado à «adivinhação». Nascida numa família de Boston que tinha dado ao mundo dois signatários da Declaração de Independência e dois presidentes dos Estados Unidos, ela tinha estudado ciência e medicina na Universidade de Boston e, embora preferisse ser tratada simplesmente por «D. Adams», poderia ter-se chamado justificadamente «Dra. Adams». Nas três décadas desde que tinha começado a praticar astrologia, os seus clientes incluíam o financeiro J.P. Morgan, o cantor de ópera Enrico Caruso, o Rei Eduardo VII da Grã-Bretanha, o pugilista Jack Dempsey, as estrelas de ecrã Gloria Swanson e Charlie Chaplin, e Seymour Cromwell, o presidente da Bolsa de Valores de Nova Iorque. Eventualmente haveria muitos mais, incluindo o educador e mitólogo Joseph Campbell e o dramaturgo Eugene O'Neill, que mais tarde testemunhariam a verdade das avaliações astrológicas que ela fez deles. Antes da sua morte em 1932, ela apresentaria um programa de rádio líder de audiências, escreveria quatro livros de grande sucesso, defenderia com sucesso as suas práticas de astrologia nos tribunais de Nova

Iorque e acabaria por se tornar um ícone nos programas de estudos femininos em todo o mundo.

Edgar ficou tão encantado com ela como quase todos os que a conheciam. «Majestosa» era como muitos visitantes a descreviam, contudo «erudita, quase professoral». Como o seu biógrafo escreveria, «algo na sua pessoa lembrava já uma tia solteira formal, mas bondosa, que aconselha com sabedoria sem condenar». Havia mais no seu apelo para Edgar. Ela colecionava elefantes em miniatura, tal como ele gostava de fazer, e mantinha uma Bíblia ao alcance da mão. Mais significativamente, Adams era uma intuitiva dotada — algo que era claro para Cayce, como mais tarde seria para Tom Sugrue, o futuro biógrafo de Cayce, que visitaria Adams em preparação para uma palestra que mais tarde proferiu no hospital de Cayce. As muitas profecias precisas de Adams baseavam-se nos seus cálculos astrológicos, mas ela possuía uma «presença» não muito diferente do próprio Edgar, embora a Cayce faltasse a educação e o estilo sofisticado dela. Talvez Edgar tenha lido a sua aura e gostado do que viu. Com base no que transpirou, ficou claro para ele que ela tinha um talento verdadeiro e que havia mais a funcionar do que a simples leitura do seu mapa.

«Nunca fiz um horóscopo que tivesse posto à prova a minha capacidade como o seu pôs.»

Mapa Astrológico Natal de Edgar Cayce, 1943. Feito por Xenobia Welch, uma aluna de Evangeline Adams.

Observações finais de Xenobia Welch, aluna de Evangeline, no seu relatório sobre o mapa de Edgar.

Depois de conduzir Edgar ao seu gabinete revestido de livros, ela contou-lhe alguma da ilustre história da astrologia, nomeando o Rei Salomão, Platão e Napoleão como praticantes, e mostrando a Edgar os mapas circulares nos quais os cálculos do horóscopo eram feitos. Ela obteve então a data, a hora e o local do nascimento de Edgar. Durante os quarenta minutos seguintes, ela consultou um globo no qual identificou a latitude e a longitude do Condado de Christian, Kentucky, e um volume espesso com encadernação em pele chamado efeméride, que usou para calcular a posição das estrelas e de outros corpos celestes na altura do seu nascimento.

Usando esta informação, Adams desenhou um mapa circular mostrando a posição dos planetas quando Edgar nasceu, às 15h00 de 18 de março de 1877. Tudo o que ela lhe disse sobre o seu passado e futuro, disse Cayce mais tarde, provou ser verdade, incluindo algo que ele achou extremamente perturbador. Foi-lhe dito que ele nunca seria materialmente feliz nem alcançaria o tipo de sucesso que presumia que eventualmente seria seu. Cayce pensou que ela estava enganada porque o seu sonho de longa data de construir o hospital Cayce parecia estar prestes a tornar-se realidade. Lammers tinha prometido 500 000 dólares. Edgar fazia planos para vender o seu estúdio fotográfico e levar Gladys com a sua família para Dayton para ajudar a pôr o projeto em andamento.

O autor Tom Sugrue e outros próximos de Edgar teriam mais contactos com Adams à medida que mais leituras eram realizadas. A informação que vinha nestas leituras comparava-se favoravelmente com a forma como Adams ensinava astrologia, embora de forma muito mais complexa. O mais importante para as leituras de Cayce era que o livre-arbítrio de uma pessoa desempenha um papel maior do que os planetas na determinação

de como a vida de cada um se desenrola. Cada um molda o seu próprio futuro; as estrelas e os planetas apenas «impulsionam» em vez de «compelirem». Além disso, dada a quantidade de informação detalhada revelada nas leituras posteriores, seria quase impossível para qualquer pessoa sem dons psíquicos descrever com precisão os traços de personalidade, tendências, talentos, fraquezas e desafios futuros de um indivíduo com base unicamente na sua data de nascimento.

Na maioria das leituras de horóscopos que se seguiriam, Cayce enfatizaria a influência específica que vários planetas exerciam sobre o indivíduo. O papel das constelações, contudo, tais como Caranguejo, Leão ou Virgem, era considerado relativamente insignificante, em acentuado contraste com a abordagem de Adams, que considera o «signo» sob o qual uma pessoa nasce como o principal fator determinante na moldagem da personalidade e das interações de um indivíduo com os outros.

Cayce também afirmou que a influência dos planetas não era necessariamente o que era para Adams. Como na astrologia convencional, Marte era associado por Cayce a alta energia e raiva, mas a Fonte enfatizava consistentemente a influência «interna» do planeta em vez do comportamento «externo». A ênfase estava no crescimento construtivo através do controlo da vontade humana — aquilo que reinava soberano. Nem todos os indivíduos eram igualmente afetados pelos planetas. Como muitas leituras futuras mostrariam, alguns indivíduos eram mais influenciados do que outros e, em vários casos notáveis, não eram de todo afetados.

Diferenças importantes também foram notadas na influência que planetas particulares tinham no comportamento. Saturno, o planeta anelado, era historicamente representado como um amor

pela tradição e uma oposição à mudança. Em contraste, as palavras-chave que Cayce relacionava com Saturno eram mudança «súbita» ou «violenta», trazendo um choque ao sistema. Semelhante à abordagem de Adams, contudo, Mercúrio governa a mente, a razão e o intelecto, enquanto Neptuno traz uma maior percetividade e desenvolvimento espiritual.

A revelação mais significativa, que foi o que atraiu a atenção total de Adams e, por sua vez, de outros astrólogos, não foi a influência que os planetas têm nos seres humanos, mas o porquê. Na quarta leitura de Cayce sobre astrologia, a Fonte afirmou que a «influência como é dada por muitos . . . é defeituosa [porquanto] muitas das forças de cada [planeta] são mais sentidas através da experiência da 'estada' da entidade nesses planetas».

Cayce referiria mais incisivamente as estadas novamente numa leitura astrológica para uma secretária de trinta anos: «Não é tanto que uma entidade seja influenciada porque a Lua está em Aquário . . . mas antes porque essas posições nos céus provêm de a entidade ter estado nessa estada como alma . . . não como um corpo físico como o conhecido na Terra, mas como um corpo adaptável aos arredores de Júpiter: pois há vida lá — não como a conhecida na Terra!»

Por estas e outras Leituras de Vida, a Fonte veio dizer abertamente que a alma de um indivíduo poderia realmente «residir» noutro planeta e noutras dimensões, como Cayce tinha referido anteriormente sobre o banimento para Saturno. Este era um local, ou dimensão, não muito diferente da visão romano-católica do purgatório. Mas aqui, o propósito era um meio de preparar um indivíduo, através do «desenvolvimento da alma», para se encontrar com o Criador. A Terra também cumpria esta

função, pois aqui as almas tinham a oportunidade, ao trabalhar com os outros, de testar o que tinham aprendido.

O plano cósmico, tal como apresentado, exigia que a alma individual experimentasse a criação em toda a sua diversidade e complexidade. O objetivo final era que o indivíduo usasse o seu livre-arbítrio para enfrentar os desafios que facilitariam o regresso a Deus e, assim, evoluir para mais perto do Criador. «[O homem deve passar] por todas as etapas de desenvolvimento até que a vontade se perca Nelo e ele se torne um com o Pai.» Como Edgar bem sabia, isto era semelhante à mensagem apresentada na Oração do Senhor de «seja feita a Tua vontade».

A dificuldade para Edgar era assimilar a vasta nova informação que, graças a Lammers e agora a Adams, começou subitamente a jorrar dele em transe.

Na primeira leitura dedicada de «horóscopo» que deu para Lammers em 11 de outubro de 1923, Cayce descreveu a alma de Lammers como «governada por Júpiter» com «Vénus na décima primeira Casa» e, portanto, que ele estava bem «equilibrado» para lidar com indivíduos cujo aniversário ocorre em março — como acontecia com Edgar Cayce. Claramente, esta era uma notícia positiva e agourava bem para a construção de um hospital. Também presumivelmente uma boa notícia, dizia-se que Lammers estava destinado a uma riqueza ainda maior, que seria um legado passado aos seus filhos. A única ressalva era que a trajetória ascendente de Lammers poderia tornar-se «destrutiva» a menos que mantivesse os seus «apetites» sob controlo.

Esta leitura aparentemente era semelhante a um horóscopo fornecido a Lammers por Adams e apoiava os conceitos que tinham surgido nas primeiras leituras de Dayton. Foi a última

linha da leitura que foi o choque. Após uma descrição de Lammers como «de forte vontade» e «confiante em si mesmo», a leitura dizia que esta era a sua «terceira aparição neste plano» e que «ele tinha sido outrora um monge».

Arthur Lammers e família em Dayton, anos 1920.

ARTHUR LAMMERS: OUTRORA UM MONGE

Lammers nunca tinha sido monge. Nem havia a remota possibilidade de vir a ser um. Teósofo, era um estudante de muitas tradições espirituais. Além disso, ele e a sua esposa Zelda tiravam muito prazer dos seus três — em breve quatro — filhos e do estilo de vida luxuoso que os seus negócios de impressão e fotogravura lhes proporcionavam.

Passou uma semana antes de Lammers pedir uma explicação à Fonte. Isto não se devia ao facto de ele e Cayce não estarem interessados. Edgar estava nervoso em relação ao que poderia surgir. A reencarnação estava ainda mais distante da teologia cristã aceite do que a astrologia.

Quando finalmente perguntaram, a Fonte confirmou que Lammers tinha sido um monge na encarnação anterior à sua aparição como impressor em Dayton. «Nisto vemos relances na

própria vida da entidade como foi mostrado no monge . . . e [a sua alma] paira por todos os tempos e permanece para sempre . . .»

Além disso, a Fonte disse que Lammers tinha estado «neste plano terrestre» três vezes. A sua vida como monge, onde tinha vivido num claustro em Espanha, era extremamente relevante, pois a Fonte sugeria que ele tinha trabalhado no scriptorium e daí o seu interesse na tipografia e nos textos. Ele era um escriba na altura, um impressor agora.

O mesmo acontecia com Edgar, como ficou claro na leitura seguinte que realizaram. Enquanto Lammers tinha reencarnado três vezes, Edgar tinha sete aparições físicas importantes ou mais notáveis no plano terrestre e, além disso, que as suas «forças da alma» estavam melhor desenvolvidas, levando-o presumivelmente para mais perto de Deus ou a uma comunicação mais direta com as forças Divinas.

A porta tinha sido escancarada. Em cada nova leitura, a Fonte, sem ser solicitada, adicionava este tipo de nova informação. Uma leitura para um sócio do negócio do petróleo, George Klingensmith, que tinha prometido apoio financeiro para um hospital e instituto de pesquisa Cayce, delineou várias vidas passadas e adicionou uma nota de rodapé curiosa: ele e Lammers, Linden Shroyer e Cayce tinham estado juntos numa encarnação anterior.

Foi dito ainda a Klingensmith que ele e os outros estavam a trabalhar juntos em Dayton agora porque tentavam realizar nesta vida o que tinham falhado anteriormente.

Ainda relutante em seguir por este caminho, passaram duas semanas antes de Edgar permitir que Linden Shroyer fizesse

perguntas específicas sobre as suas encarnações. «Dê o nome e a profissão de cada uma das aparições neste plano», foi instruída a Fonte.

A informação veio tão rapidamente que parecia que a Fonte estava à espera desta pergunta e de ser questionada desta forma particular. O que daqui em diante se tornou o modelo para todas as Leituras de Vida futuras. Dizia-se que Shroyer tinha sido um homem do norte e, antes disso, um soldado persa. E, de forma semelhante ao que tinha sido dito sobre Klingensmith, ele tinha estado presente durante as guerras gregas.

A atenção virou-se então novamente para Edgar numa segunda Leitura de Vida. Dizia-se que Edgar tinha sido um soldado nas proximidades de Dayton, e era por isso que, sugeria a Fonte, ele tinha sido novamente atraído «para este local» na sua presente encarnação. Ele ressonava com o local devido à sua associação passada com ele. Anteriormente, Edgar tinha sido um colono em Jamestown, Virgínia, que também, por nenhuma coincidência aparente, ficava perto de Virginia Beach, onde as leituras indicavam agora ser a localização mais adequada para construir o Hospital Cayce.

Seriam as pessoas atraídas no presente para locais onde tinham vivido ou trabalhado anteriormente? Esta parecia ser a implicação. Mas era difícil dizer com certeza, pois quanto mais para trás no tempo a Fonte traçava cronologicamente as encarnações anteriores de Cayce, mais distantes pareciam estar da experiência de Edgar. Antes de Jamestown, Cayce tinha vivido em França no tempo de Richelieu e, antes disso, tinha sido um químico a estudar sob a orientação de Aristóteles. Ele também, como viria a ser revelado, tinha sido participante nas guerras gregas, mais especificamente no cerco de Troia.

A Fonte, talvez sabendo a dificuldade que Edgar tinha com esta informação, notou algo especial sobre a sua encarnação antes da Grécia, quando viveu no «país das planícies» da Arábia. A Fonte disse que os seus restos mortais dessa vida ainda existiam e podiam ser encontrados numa gruta a 714 milhas de uma cidade chamada Shushtar.

A Fonte identificou ainda o que sugeria ser a encarnação mais importante de Edgar. Ele tinha vivido no Egito e constava ter sido um sumo sacerdote chamado Ra Ta, que foi expulso da corte do Faraó. Mais estranha ainda foi a sua primeira encarnação, à qual a Fonte se referia como a criação do homem, «quando as estrelas da manhã cantaram juntas e os 'filhos de Deus' se juntaram e espalharam a notícia da glória da vinda do homem».

Edgar não revelou a notícia das Leituras de Vida a Gertrude e Gladys, de volta a Selma, que em breve se juntariam a ele em Dayton. O assunto parecia demasiado bizarro para ser apresentado numa carta e, mesmo assim, como mais tarde admitiria livremente, Edgar não compreendia a substância ou o propósito da informação que surgia. Gertrude e Gladys teriam de a vivenciar por si próprias, o que em breve fizeram.

As duas mulheres e o menino Edgar Evans chegaram de comboio em novembro de 1923, logo após Edgar ter recebido a sua segunda Leitura de Vida. Ele foi ao seu encontro na estação e acompanhou-as ao Phillips Hotel, que seria a sua residência temporária até poderem mudar-se para o apartamento na East Fifth Street.

O plano era que Leslie ficasse em Selma para finalizar a papelada da venda do estúdio fotográfico. Hugh Lynn também

devia ficar para trás em Selma para concluir o seu penúltimo ano no ensino secundário. Quando ele se graduasse, esperava-se que os fundos estivessem no lugar para começar a construir o hospital. Contudo, onde este devia ser localizado permanecia incerto. Apesar do conselho repetido que vinha nas leituras de que seria melhor que o hospital fosse construído na Virgínia, perto ou adjacente ao Oceano Atlântico, Lammers — o principal financiador — era irredutível quanto a ser em Dayton, perto da sua base de operações.

Apenas alguns dias depois de Gladys e Gertrude estarem instaladas, Edgar apresentou-lhes o novo tipo de informação que vinha através de si. Eles escolheram fazer de Edgar Evans, de cinco anos, o sujeito de teste da Leitura de Vida seguinte pela simples razão de ele ser demasiado jovem para se queixar e o que surgisse ser insignificante para uma criança que ainda não tinha aprendido a ler ou a compreender a informação apresentada. Em essência, estavam a dar um pequeno passo de cada vez. Pensando que, se quisessem, a equipa poderia recuar para fazer as leituras de saúde que estavam mais habituados a realizar.

Dizia-se que Edgar Evans tinha tido quatro encarnações anteriores notáveis, incluindo uma na Alemanha e outra na Índia. Contudo, não foram dados pormenores específicos como tinham sido dados para Lammers. A Fonte forneceu, em alternativa, conselhos parentais a Edgar e Gertrude, juntamente com avisos sobre várias doenças ou ferimentos a ter em conta com base em influências astrológicas e datas específicas durante as quais a criança seria propensa a ter um acidente relacionado com fogo.

Gladys, que parecia aceitar com naturalidade a informação que surgia, foi a pessoa seguinte a ter uma Leitura de Vida. No seu caso, não só esteve presente para testemunhar a leitura, como

também tomou as notas e mais tarde a transcreveu. Ela descreveu a experiência como assustadora, «mas num bom sentido».

As vidas passadas de Gladys somavam quatro e incluíam uma passagem pela corte de Luís XV, por volta da mesma altura em que Edgar lá tinha estado. Nesta encarnação, ela era membro da família real e tinha sido seduzida pelo Duque de York, de quem teve um filho. Antes disso, teve encarnações na Pérsia e no Egito. Anteriormente a isso, tinha vivido na casa de um governante num local chamado «Alta», que, de acordo com a Fonte, existiu «dez mil anos antes de o Príncipe da Paz vir».

Esta foi a primeira das Leituras de Vida em que a recetora ficou registada por partilhar tanto a sua resposta emocional à leitura como as verdades que nela descobriu. A sua encarnação persa foi um caso paradigmático. A Fonte disse que, nessa vida, ela «foi levada pelas forças invasoras» e, por causa disso, «tem agora aversão a esses instrumentos de corte, pois foi dessa forma que ocorreu a destruição corporal». A informação tirou-lhe o fôlego. Desde a sua juventude que tinha medo de ser cortada e se mantinha afastada de facas. Se fosse compelida a usar uma na cozinha, ficava tão nervosa que se cortava invariavelmente. A sua encarnação na qual tinha sido seduzida e aparentemente traída pelo Duque de York também soava a verdade. Como admitiu a Gertrude, tinha um medo intenso de homens.

Gertrude deu um passo em frente para uma Leitura de Vida no mês seguinte. A sua encarnação mais recente tinha sido nas cortes francesas, durante o mesmo período em que Edgar e Gladys lá tinham estado. Uma Leitura de Vida de acompanhamento revelou que ela tinha sido uma cortesã real chamada Lurline. Que ela, uma dona de casa nascida no Kentucky, tivesse andado a fazer travessuras nas cortes francesas

parecia ser absurdo. Mas havia um aspeto curioso que lhe dava um mínimo de credibilidade. Sem o conhecimento de Edgar ou de Gladys, Lurline era o mesmo nome que ela tinha dado a uma querida boneca de infância.

Hugh Lynn recebeu a leitura seguinte em grande parte pela mesma razão que o seu irmão tinha recebido a dele. Ele não se podia queixar. Além da informação astrológica que fazia parte de todas as Leituras de Vida, que a Fonte disse resultar num profundo amor pela natureza e pelo ar livre, bem como numa inclinação para defender «princípios pessoais a qualquer custo», a leitura indicava seis encarnações. Entre elas estava uma encarnação no Egito, onde tinha sido Faraó. De forma semelhante às próprias Leituras de Vida de Edgar, a Fonte indicava que os seus restos mortais ainda podiam ser encontrados, no seu caso no canto norte de uma das pirâmides, presumivelmente sob a forma de múmia. Isto parecia tão inacreditável que não foram feitas mais perguntas sobre as vidas passadas de Hugh Lynn, especialmente a mais óbvia: por que razão uma alma que tinha sido Faraó tinha renascido dois mil anos mais tarde no Kentucky como filho de um fotógrafo com dificuldades financeiras e de uma dona de casa de vinte e sete anos.

Foi nesta altura que Lammers voltou a figurar na história das Leituras de Vida, ou mais precisamente, deixou de fazer uma aparição. Em dezembro, pouco mais de um mês após a família se ter mudado para Dayton, os fundos que Lammers tinha prometido não surgiram. As contas não estavam a ser pagas. A principal entre elas era o que Edgar devia no Phillips Hotel. A família tinha inclusive adiado a mudança para o apartamento arrendado pela única razão de não ter dinheiro para fazer o check-out.

Lammers estava também cada vez mais difícil de contactar. Tinha chegado atrasado àquela que se tornou a sua última reunião de negócios em novembro, quando deviam discutir os preparativos para a impressão da brochura das primeiras leituras de Cayce em Dayton. A reunião transformou-se numa discussão inflamada com Shroyer e Klingensmith. Quando os ânimos acalmaram, Lammers explicou por que razão tinha sido difícil de contactar e tinha adiado o pagamento das contas. Estava a ter problemas legais relacionados com a Lammers Photo Products Corporation. Estes assuntos, jurou ele, seriam em breve resolvidos e o projeto do hospital de Cayce voltaria ao calendário previsto. Contudo, a situação não melhorou.

Em janeiro de 1924, as contas continuavam por pagar e Linden Shroyer, o principal contacto de Edgar para Lammers, ficou também sem fundos. Infelizmente para ele, a notícia chegou-lhe na Flórida, para onde tinha viajado em nome de Lammers para fechar um negócio. Shroyer viu-se na contingência de ter de cobrir as suas próprias contas de hotel e a viagem de comboio para casa. Quando regressou a Dayton, as portas do escritório de Lammers estavam trancadas, para nunca mais voltarem a abrir.

A situação dos Cayce era mais dramática do que seria de esperar porque o dinheiro devido à família pela venda do estúdio fotográfico de Cayce não chegou como tinham antecipado. Em vez disso, os Cayce receberam centenas de dólares em contas de impostos em atraso que o seu pai tinha falhado em pagar quando Edgar estava no Texas. As poupanças que a família tinha posto de parte em Selma tinham sido gastas a mudar Gertrude, Gladys, Edgar Evans e os seus pertences para Dayton. O único dinheiro líquido restante da família — uma única moeda de ouro que Gertrude tinha deixado do seu dote — tinha sido usado para

comprar comida e a passagem de comboio para trazer Hugh Lynn a casa para as férias de Natal.

Como podia Lammers tê-los deixado no impasse sem sequer um aviso? Exceto a Fonte, não parecia haver mais ninguém a quem recorrer em busca de respostas. E foi nesta altura que o significado mais amplo do que vinha através das Leituras de Vida ganhou destaque. A informação relativa a influências astrológicas e encarnações anteriores não era para entretenimento ou para uma distração agradável dos seus desafios imediatos. Pelo contrário, era tão importante como os conselhos médicos dados a pacientes em necessidade desesperada de ajuda. Estar avisado de possíveis fontes de interferência e desafios era estar prevenido. Os pormenores que surgiam nas leituras eram como marcas num mapa rodoviário que indicavam para onde uma pessoa se dirigia por causa do local onde essa pessoa tinha estado. Aprender a «ler as leituras», por assim dizer, era uma forma de evitar buracos ou, num cenário pior, colisões diretas.

A Fonte tinha afirmado isto da melhor forma na leitura de Hugh Lynn: «A consciência do homem é obtida através do que ele faz com o conhecimento do que é, em relação àquilo de onde veio e para onde vai.» A Fonte também deixou claro que o conhecimento obtido através das Leituras de Vida não era o mesmo que memórias específicas de encarnações anteriores. O esquecimento de vidas anteriores era deliberado, não só com o propósito de manter o «livre-arbítrio», mas também para proteção, uma vez que memórias conscientes de encarnações anteriores poderiam potencialmente tornar-se um fardo.

A «memória» que uma pessoa leva consigo para uma encarnação subsequente foi apresentada mais sob a forma de uma lição que foi aprendida ou que resta aprender. A menos que essa

«lição» faça de alguém uma pessoa melhor, não tem valor duradouro. Isto é o que a Fonte referia como «karma» ou o impacto que uma encarnação tem noutra. «Descobrir que apenas viveste, morreste e foste enterrado debaixo da cerejeira no jardim da Avó não te faz nem um pouco melhor vizinho, cidadão, mãe ou pai!», explicou a Fonte. «Mas saber que falaste de forma indelicada e sofreste por isso, e que no presente podes corrigi-lo sendo justo . . . isso vale a pena!»

Embora o foco em muitas das leituras futuras estivesse naquilo que poderia ser designado por «karma mau», a Fonte dedicou um número maior de leituras ao que poderia ser chamado de «karma bom» ou talentos, capacidades e atitudes que foram conquistados em resultado do enfrentamento bem-sucedido de desafios anteriores. Tendo enfrentado esses desafios, seriam dadas a uma alma «responsabilidades maiores», que poderiam vir sob a forma de riqueza, posição na vida, boa saúde ou capacidades e talentos altamente desenvolvidos. Estas foram descritas como «responsabilidades» porque também elas eram kármicas e tinham de ser usadas de uma forma que estivesse de acordo com o propósito Divino. Como a própria Leitura de Vida de Edgar lhe revelaria mais tarde, a sua capacidade de comunicar a um nível psíquico era um resultado direto do seu «desenvolvimento da alma» na Pérsia, mais especificamente de uma dolorosa experiência fora do corpo numa gruta fora de Shushtar, no que é o Irão dos dias de hoje, onde as leituras tinham dito que os seus restos mortais dessa encarnação ainda podiam ser encontrados.

O aviso tinha estado estampado nas próprias leituras de Lammers, mas a equipa tinha falhado em notar. O primeiro sinal de alarme foi uma referência de que Lammers, devido a influências astrológicas de Neptuno, encontraria a maior oportunidade de desenvolvimento desde que não estivesse perto

da água ou com pessoas associadas à água. Isto estava em marcante contraste com Edgar, a quem foi dito especificamente que devia estar perto da água. Talvez tenha sido a inclinação de Lammers para não estar perto da água que explica a sua inflexibilidade em que o hospital fosse construído no interior. Por que razão não tinham questionado a Fonte sobre uma explicação para esta anomalia? E por que razão não tinham feito a pergunta mais ampla sobre se Lammers era ou não a melhor escolha para financiar e gerir a construção de um hospital Cayce?

Outro sinal de alarme foi levantado relativamente à relação de Lammers com Klingensmith, Shroyer e Cayce. De acordo com as leituras, todos eles tinham lutado juntos na antiga Troia e o seu esforço tinha tido como resultado o fracasso. Quando esta informação tinha sido dada, Edgar tinha pensado na antiga Troia e no cerco dessa cidade como um mito — o produto da imaginação vívida do lendário poeta grego Homero. A Fonte apresentou a história na Ilíada como um facto e identificou os participantes de Dayton como tendo-se envolvido em «propósitos destrutivos» que tinham tido como resultado o fracasso.

O que tinha acontecido lá atrás em Troia que fosse relevante para a experiência deles em Dayton? A Fonte tinha praticamente dito de forma aberta para eles fazerem esta pergunta, mas a equipa tinha falhado em dar seguimento. Agora, quando era demasiado tarde, avançaram e procuraram informação. Nos dias seguintes, os Cayce juntaram as peças do que em breve perceberam ser a história de um grupo de irmãos, feita de traição e tragédia.

Lammers tinha sido nada menos do que HÉCTOR, o líder dos troianos, que defendeu corajosamente a sua cidade durante nove anos. Embora as leituras tivessem fornecido mais

informação do que a apresentada por Homero — Héctor morre de facto num duelo violento até à morte com Aquiles, mas o seu fim último, como descrito nas leituras, mostra a sua cabeça rachada contra a muralha da cidade —, havia semelhanças suficientes para que não pudesse haver dúvida de que a Fonte se referia verdadeiramente ao mesmo evento. Mais notável, um cavalo de Troia contendo soldados escondidos no interior é rolado para dentro da cidade, que é subsequentemente saqueada e queimada.

A chave para compreender como a encarnação de Lammers como Héctor figurava no drama de Dayton parecia residir na equipa que se tinha reunido ao seu redor e na natureza da sua traição em Troia. Como as leituras revelariam, Cayce tinha sido outrora um guarda nos portões de Troia, e o contabilista de Lammers, Shroyer, tinha sido o assistente de Cayce. Klingensmith, que vivia na casa de Héctor, também tinha sido implicado na conspiração. O resultado das suas ações foi a morte de Héctor e a destruição final da cidade com os seus habitantes. Como ficou claro, a maioria, mas não a totalidade dos intervenientes principais nesta vida estavam reunidos e, devido à morte violenta de Héctor, Lammers estava atento a tretas. Não havia «confiança mútua», indicavam as leituras.

As leituras sugeriam que Lammers, no presente, suspeitava ou acreditava que Cayce, Klingensmith e Shroyer tentavam manobrar ao seu redor, pressionando para estabelecer o hospital Cayce na Virgínia e não em Dayton, como Lammers exigia. Esta pode ter sido também a razão, como mais tarde se compreendeu, pela qual Lammers tinha enviado Shroyer para a Flórida. Ele tentava colocar distância entre si e os outros.

Um estudo mais atento das leituras também destacou a fraqueza de Lammers e o que foi descrito como a ruína de Héctor.

A Fonte tinha dito especificamente que o sucesso financeiro futuro de Lammers dependia da sua capacidade de controlar os seus «apetites». A referência aqui não era apenas à sua dieta, mas ao orgulho e à arrogância que tinham vindo a dominar gradualmente a sua tomada de decisões, como tinha acontecido em Troia. Num esforço para expandir o seu negócio de impressão através da aquisição de um concorrente, ele tinha-se sobrecarregado. Tinha também falhado em antecipar uma mudança de liderança na National Cash Register Company, o seu maior cliente individual.

Como Shroyer e os Cayce descobriram mais tarde, Lammers tinha mantido sempre uma relação cordial com John Patterson, fundador e chefe da NCR. Mas a morte de Patterson em 1922 e a ascensão do seu filho, Frederick Beck Patterson, mudaram a dinâmica. Frederick queria reformular a empresa e, quando Lammers não se mostrou disposto a acomodar novas exigências — ele queria realizar negócios como habitualmente —, a NCR começou a comprar ao principal concorrente de Lammers. Em vez de se render às exigências — como tinha sido a escolha de Héctor em Troia —, Lammers caiu metaforicamente sobre a sua espada. Ele lutaria até à morte, apenas o seu palco eram os tribunais cíveis do estado.

Após um impasse curto e intenso em 1923 no tribunal cível, contra o qual os advogados de Lammers aconselharam, a Dayton Photo Products e a Lammers Printing entraram em falência. Quando Lammers se atrasou para as reuniões relativas à publicação da brochura de Cayce, estava a combater os credores no processo de penhora da sua mansão e de apreensão dos seus automóveis. Shroyer acabou por partilhar com os Cayce a história detalhada do que aconteceu. O problema era que não havia forma de avançar com os planos do hospital sem Lammers.

Linden Shroyer, Gladys Davis e Edgar Cayce em Dayton, c. 1923.

Depois de cortar todas as comunicações com os Cayce, Lammers mudou a sua família para Cincinnati, onde tinha nascido e onde os seus sogros podiam fornecer alojamento e um sustento modesto. Foi aqui que, em 1954, aos sessenta e quatro anos, faleceu. Várias décadas passariam antes que os filhos de Lammers procurassem e fizessem contacto com aquela que se tinha tornado a A.R.E. Por esta altura, contudo, os intervenientes principais da equipa que outrora tinha estado junta em Troia tinham falecido também e, com base nas suas leituras, presumivelmente estão num caminho ou estada que uma vez mais os traria juntos para diminuir os seus fardos kármicos.

Os Cayce, falidos eles próprios, foram deixados abandonados em Dayton. O Natal de 1923 acabou por ser a quadra festiva mais escassa que a família jamais teve. Hugh Lynn, que chegou a Dayton vindo de Selma de comboio, encontrou o seu pai na estação a tremer com o frio. Ele, tal como Gertrude e Gladys, não tinha fundos para sobretudos. O jantar de Natal consistiu no menor «pássaro» na mesa de refeição que Hugh Lynn jamais tinha visto. «Consiga fazê-lo caber na palma da minha mão»,

disse ele mais tarde. Gladys notaria que havia tão pouco dinheiro que tinha começado a usar papel de talho para transcrever as leituras.

Mas mesmo a sua falta de rendimento não era o maior desafio enfrentado pela equipa no Novo Ano. Tal como Lammers, Klingensmith, Shroyer e Cayce tinham estado juntos em vidas passadas, também Edgar, Gertrude e Gladys tinham estado.

Edgar e Gladys, 1943.

EDGAR E GLADYS: EROS OU ÁGAPE?

As leituras que cronologicavam a queda de Troia ligavam uma figura relativamente desconhecida — um impressor de Dayton, embora rico — a uma figura importante e heroica da antiguidade. Nos anos vindouros, outras personagens famosas seriam também identificadas. Tácito, o preeminente historiador romano, regressou como o estadista radical Patrick Henry, cujas palavras marcantes, «Dêem-me a liberdade ou dêem-me a morte», ajudaram a incitar a Revolução Americana. Thomas Jefferson foi identificado como uma pessoa que reencarnou como uma jovem criança periodicamente abandonada pelos seus pais alcoólicos. John James Audubon, o grande naturalista e artista, encarnou como uma dona de casa viúva do Alabama que ganhava um rendimento modesto a colorir manualmente postais ilustrados.

Mais tarde na vida, o próprio Cayce foi identificado numa encarnação anterior como Lúcio de Cirene, que consta ter sido o autor do Evangelho de Lucas.

Os críticos do trabalho de Cayce fixar-se-iam na identificação destas e de outras figuras mundiais nas Leituras de Vida como prova de que o que surgia não podia possivelmente ser verdade. Contudo, em defesa do que poderia ser razoavelmente considerado a «síndrome da pessoa famosa», apenas uma percentagem muito pequena das pessoas que receberiam Leituras de Vida foram identificadas como famosas, e essa lista não incluía Cleópatra, Napoleão ou Abraham Lincoln, com quem legiões de pessoas na altura, como hoje, reclamam imodestamente parentesco psíquico.

Cayce compreendia bem tais críticas porque ele próprio era similarmente cético. A forma como foi ultimamente capaz de compreender o mistério residia nas tarefas da alma que os outrora famosos frequentemente tinham de carregar, e como atraíam a si pessoas e situações pelas quais seriam duramente testados. Um antigo mineiro de carvão identificado como Nero, o imperador romano que lançou a primeira grande perseguição aos cristãos, ficou paralisado do pescoço para baixo num acidente de automóvel e totalmente dependente de instituições de caridade cristãs para cada detalhe dos seus cuidados pessoais. Um artista francês historicamente famoso, que tinha usado os seus talentos numa encarnação anterior para parodiar homossexuais, renasceu como homossexual numa casa homofóbica.

Cayce também passou a compreender que estas almas nunca estavam sozinhas nas suas lutas. Elas regressavam em grupos de almas para tentar completar algum «bem» de longo prazo que tinha sido iniciado em encarnações anteriores e eram atraídas para

outros com experiência de vidas passadas semelhante que respondiam a padrões ou ciclos particulares da história humana. Este parecia ser o caso não só para grupos de almas relativamente pequenos, como Lammers, Klingensmith, Shroyer e Cayce, mas em vagas muito maiores de encarnados, tais como os revolucionários americanos que regressam para ajudar a guiar a nação durante tempos particularmente conturbados. Esta, contudo, era uma revelação ainda por explorar. O foco em Dayton estava nas ligações mais íntimas e pessoais, que foi o que levou Gladys, em 31 de maio de 1924, a solicitar uma segunda Leitura de Vida. Desta vez ela queria saber as suas possíveis ligações com Edgar e Gertrude. Como é que uma rapariga de dezoito anos do Alabama, acabadinha de sair da escola de secretariado, se tinha tornado em questão de meses numa parte tão grande do trabalho de Cayce?

Como notado anteriormente nas leituras, Gladys tinha tido uma encarnação nas cortes francesas. Agora foi-lhe dito como ela, como uma jovem chamada Gracia, tinha sido uma das filhas de Luís XIV, descrita pela Fonte como «de bela figura e amorosa em todos os aspetos». Após anos a ser criada num convento, ela juntou-se novamente à família real e foi seduzida aos dezassete anos pelo mulherengo Jaime, o exilado Duque de York, que a história nota ter-se tornado mais tarde o Rei Jaime II de Inglaterra. De acordo com a nova informação, ela tinha entrado na relação com base na premissa de que ela e Jaime se casariam, presumivelmente após uma anulação ordenada pela igreja do seu casamento católico existente. A relação resultou no nascimento do filho do Duque fora do casamento, que foi nem mais nem menos do que Edgar Cayce na sua quinta encarnação.

Em relação à alma que era Cayce nesta encarnação, a Fonte disse: «O amor não cessa no coração, mas tudo está centrado na descendência desse amor [Edgar]». Esta mensagem seria repetida

noutra das suas Leituras de Vida: «Nas cortes . . . quando eram mãe e filho, as maiores porções do corpo belo tornaram-se o sistema de um e a vida do outro.» Em outras palavras, a deles tinha sido uma ligação de mãe e filho extremamente poderosa.

A história torna-se então trágica. Quando o Duque não casa com Gracia, há um escândalo na corte. A mãe de Gladys, a rainha, consta ter perdido o favor do Rei Luís, que a baniua a ela e à sua filha para um convento. A criança Edgar, agora sem mãe, é então morta pelo rei caprichoso, por ser uma ameaça potencial aos tronos de Inglaterra e de França. Gladys, que é forçada a tornar-se freira, fica devastada. «É trazido o grande pavor e a incapacidade de qualquer [outro] satisfazer esse desejo do coração e da vida, de preencher o anseio por aquele que se tornou mais caro do que a própria vida para [Gladys Davis.]» Aos trinta anos, incapaz de lidar com a perda, Gracia morre de coração partido.

A Fonte resumiu sucintamente a mensagem maior que estava a ser transmitida. Gladys «deveria encontrar o seu descanso no coração, alma e mente na vida desse indivíduo . . . Edgar Cayce . . . O afeto que se perdeu nesse plano deveria manifestar-se nesta presente [encarnação], pois Gladys Davis só encontrará o seu descanso no plano desta terra com essa entidade Edgar Cayce».

Tinham dado a Gladys o que equivalia a uma única peça a partir da qual cresceu um mosaico elaborado. Contudo, uma coisa era clara. Ela tinha boas razões, de acordo com as leituras, para abdicar de um lar confortável e de um emprego seguro em Selma e vir para Dayton trabalhar com Edgar. Que não tivesse recebido um cheque de ordenado desde a sua chegada e estivesse a partilhar a cama com Edgar Evans, ainda de fraldas, tornava tudo ainda mais comovente. Ela era uma mãe a procurar a reunião com um filho que lhe tinha sido tirado. Talvez também, como foi

notado por Gertrude e outros, Gladys parecesse ser a única estenógrafa na vida de Edgar que conseguia registar os seus discursos em transe com a aparente familiaridade de uma mãe a ouvir o seu filho.

No mesmo dia em que esta leitura foi dada, Edgar voltou a entrar em transe para perguntar à Fonte sobre a sua encarnação francesa e a sua relação com Gladys. Seria a informação consistente?

A Fonte respondeu:

A entidade [Edgar Cayce] era de tenra idade . . . nascida de [Gladys Davis], a amada da corte, e do filho do governante do território do outro lado das águas [Inglaterra]. E a mudança necessária nos procedimentos da corte impediu o culminar do reconhecimento da paternidade terrena de [Edgar Cayce] por parte desse governante. As grandes provações vieram para a entidade . . . quando se efetuou a separação entre mãe e filho, [e] a jovem vida foi gradualmente retirada por causa do ciúme surgido na corte. Pois o rei tomou plena consciência da aparência do rapaz, e a possibilidade de [ele] se tornar o governante forçou outros a trair a mãe, que amava tanto a entidade.

E assim como se dizia que Gladys tinha um amor profundo pela criança que lhe fora tirada, os sentimentos de Edgar por ela eram profundos e duradouros. «As vidas de cada um estiveram sempre ligadas à vida do outro, e as condições existentes são apenas o fruto do esforço no plano terrestre . . . As manifestações externas dos desejos íntimos do coração e da alma . . . encontram em cada um a corda de ressonância no afeto do outro que nunca, nunca, nunca será encontrada em mais ninguém.»

Nesta passagem, a Fonte não estava apenas a dizer que eles tinham partilhado o amor na encarnação francesa, mas sugeria que tinham estado juntos muitas outras vezes. A Fonte aconselhou: «Sede fiéis um ao outro, independentemente das condições terrenas, [pois] estes dois estiveram sempre juntos», e «Sê fiel até ao fim e recebe essa coroa que é sempre para os fiéis de coração, alma e corpo. Sede bondosos, afetuosos, amorosos, sempre a dar, sempre preferindo o outro.»

Aqui e nas leituras vindouras, a Fonte descrevia um amor que transcendia uma única encarnação. A recomendação era clara: deviam sempre colocar o outro em primeiro lugar, à frente de si mesmos, a fim de fazerem o bem maior por si próprios e pelos outros no seu trabalho conjunto. Dois dias depois, noutra leitura, isto foi aprofundado. E o que surgiu foi mais poderoso do que qualquer referência isolada à reencarnação ou a influências astrológicas:

[Edgar Cayce e Gladys Davis] tiveram muitas experiências juntos, e a sua alma e espírito estão bem entrelaçados e devem, por necessidade, apresentar-se de modo a poderem ser um. Pois encontramos no início que . . . estes dois — dos quais falaremos como 'eles' até se separarem — eram como um só em mente, alma, espírito, corpo . . . no primeiro plano terrestre como a voz sobre muitas águas, quando a glória da concessão do Pai para a habitação do homem na terra era tanto masculina como feminina num só. Na forma de carne no plano terrestre encontramos . . . ambos estavam confinados no corpo do feminino [na sua primeira encarnação], por ser esta a forma mais forte . . .

Contudo, com as experiências trazidas nesse plano e período, encontramos então a separação do corpo. Pois sendo o desejo da carne o de se dar em forma corporal ao outro, isso trouxe a

separação do espírito e da alma das forças carnais quando a seguir trazidos ao plano terrestre . . . Daí . . . a separação . . . contudo ligados em afetos físicos um pelo outro.

O que exatamente estava a ser dito ou descrito não era fácil de compreender. Num tempo distante, recuando até às primeiras encarnações do homem na Terra, as almas de Edgar e Gladys tinham sido uma só — tanto masculina como feminina no mesmo corpo ou entidade espiritual. Por desejo de experimentar o sexo, tinham-se separado e, por razões ainda não esclarecidas, tinham sido incapazes de se reunir como uma única alma.

Este tema foi expandido na informação que se seguiu. Nas suas encarnações egípcias, dizia-se que Gladys era a descendente da união controversa de Edgar, o sumo sacerdote conhecido como Ra Ta, e Gertrude, de quem se dizia ser a dançarina favorita do Faraó Hugh Lynn. Num estranho corolário da encarnação francesa, Gladys era a criança que morreu jovem quando foi tirada aos pais pelo Faraó ciumento.

Estiveram juntos novamente quando Edgar, e depois Gladys, como amantes na Pérsia, morreram juntos na gruta em Shushtar. Não só o corpo de Edgar ainda podia lá ser encontrado, como o amor que ele tinha experimentado com Gladys nessa encarnação era, segundo a Fonte, evidente em marcas que encontrariam nos seus corpos, as quais indicavam a forma como tinham perdido as suas vidas.

«Ambos sofreram fisicamente, e cada um transporta no corpo no presente uma marca que designa essas condições», disse a Fonte. «No corpo feminino [Gladys Davis], logo abaixo do peito esquerdo, ao lado e na extremidade do próprio peito, a marca, e

uma correspondente no corpo do masculino [Edgar Cayce], na proximidade oposta do peito.»

Veio novamente a mensagem de que eles deviam estar sempre juntos: «No presente encontramos que estão novamente juntos . . . unidos em alma e em espírito . . . e através da alegria e do prazer do serviço altruísta podem novamente saber o significado de . . . essas alegrias . . . que trazem . . . paz, e novamente a união do corpo, alma e espírito na próxima [encarnação]. Permanecei fiéis, portanto, até ao fim: alcançando essas alegrias através de atos diários de desapego para com e com os outros, lembrando que . . . eles — e todas as almas — se tornam entrelaçados uns com os outros.»

Como tanto Edgar como Gladys admitiriam mais tarde (confirmando as marcas «designadoras» referidas pela Fonte), sentiam um desejo forte e por vezes avassalador de estar na companhia um do outro. A Fonte expôs o desafio de forma clara: cada um deles sentia «o clamar do desejo da alma, tanto no carnal como na resposta à unidade em cada um».

Gladys Davis e Gertrude Cayce, c. 1924.

Como a proverbial boa notícia acompanhada pela má notícia, a Gladys Davis de dezanove anos estava a ouvir algo que parecia

existir apenas em romances. Tinha encontrado a sua alma gémea, descrita nas leituras como a sua «alma gémea». Ela e Edgar tinham sido outrora uma única entidade, razão pela qual tinham uma afinidade tão imediata um com o outro. A má notícia era que a sua alma gémea era um homem felizmente casado, vinte e sete anos mais velho do que ela, e que a esposa dele era a sua nova melhor amiga.

E se isto não bastasse, a esposa da sua alma gémea, de acordo com as leituras, tinha de permanecer casada devido ao mau karma que tinha sido criado lá atrás no Egito, quando Gertrude abandonou Hugh Lynn, o faraó, por Edgar. Em outras palavras, Edgar e Gertrude deviam estar juntos como marido e mulher na sua presente encarnação.

Se havia alguma dúvida disto, a Fonte tinha-o explicado na primeira Leitura de Vida de Edgar, só que ele e os outros que a tinham lido não tinham compreendido o seu significado maior. «No plano anterior a este . . . na corte e governo do segundo Faraó, Hugh Lynn Cayce, ou Ramsés . . . o sumo sacerdote [Edgar Cayce] deu o elemento e força religiosa na época . . . contudo foi interrompido [por ceder à tentação] e tomar [Gertrude] e deixar as margens deste país [o que resultou na morte da bebé Gladys]. Essa mesma entidade que foi levada está no presente no plano desta terra, a companheira e par como deve ser na presente esfera, Gertrude Cayce.»

Gladys não discutia abertamente o que tinha aprendido nestas leituras. A verdade sobre o que sentia, contudo, é evidente tanto nas perguntas que mais tarde foram colocadas à Fonte como também nos seus registos médicos que ela, como primeira arquivista de Cayce, inseriu nos ficheiros relativos a tratamentos para o cancro uterino que foram recomendados nas suas leituras.

O seu cancro, deixavam claro as leituras, era resultado do stresse provocado pela repressão sexual. Em leitura física após leitura física, a Fonte recomendava que Gladys fizesse exercícios, meditação e terapia para combater a depressão e os problemas físicos decorrentes desse stresse.

Edgar também sentia o stresse. Experimentava um profundo parentesco e amor por Gladys e estava inclinado a expressar esse amor como o faria se ela fosse sua esposa. Contudo, pelo bem do seu casamento, só podia tratá-la como uma filha e, mesmo assim, apenas no papel de uma secretária amada.

Pode-se apenas imaginar como Gertrude, que conduziu várias destas leituras, se deve ter sentido. Embora fosse esposa de Edgar «na carne», havia outra ligada a ele «em espírito» e, de acordo com as leituras, unida a ele para a eternidade. Lá atrás em Hopkinsville, ela há muito se preocupava com o «terceiro outro», a Fonte, que se tinha inserido na relação deles. Agora havia um triângulo amoroso que superava tudo o que tinha vindo antes. Gertrude, de quarenta e três anos, ainda estava a recuperar de três gravidezes e de um caso de tuberculose que lhe pôs a vida em risco. Tinha envelhecido vinte anos nos últimos cinco. Gladys, uma mera adolescente, era de rosto fresco e bonita.

Tal como Gladys, Gertrude nunca declarou oficialmente o que estava a sentir ou como se sentia. Tudo o que é claro é que deve ter tido lugar uma discussão entre ela e Gladys — dados os tipos de perguntas que fariam à Fonte nas suas leituras. A partir destas perguntas, fica claro que ela compreendia que as circunstâncias em Dayton em que se encontravam eram kármicas e, mais importante no quadro geral, que a forma como cada uma delas escolhesse lidar com o desafio determinaria os seus desafios ou bênçãos futuras.

«Para o melhor desenvolvimento, cada um deve dar do outro eu em termos claros se o melhor há de vir [do trabalho de Cayce]», disse a Fonte. «Pois eles [Gladys e Edgar] estão entrelaçados num só e a sua plenitude só será encontrada no outro.»

Como esta intimidade poderia vir a criar um desafio para os respetivos membros da família, foi solicitado à Fonte que os aconselhasse. A resposta veio: «Sempre nessa mesma relação amorosa como a que um nutre pelo outro, pois de facto são um e a sua relação com os laços familiares de cada um deve ser a mesma . . . A paciência tudo suporta, contudo, se não tivermos o amor que se encontra entre estes nas suas relações, tornamo-nos como um som ou como o retinir da vibração sem a corda de ressonância.»

O conceito de uma «corda» de ressonância era semelhante às referências que Cayce fazia ao que experimentava na oração, só que aqui estava algo mais fundamental e transcendente: uma verdadeira união de almas, tanto física como mental. A este respeito, a Fonte disse especificamente que as relações sexuais entre Edgar e Gladys, se tivessem lugar com discrição, não seriam inadequadas se assim o desejassem e aumentariam a sua «unidade». As relações físicas entre eles poderiam ser de facto muito especiais e diferentes das entre outros adultos consentimentados, porque o corpo de Edgar era verdadeiramente dela, e o corpo dela dele. Contudo, a Fonte voltou a condicionar a sua resposta. O trabalho deles seria julgado, agora e no futuro, pela forma como se comportassem nesta encarnação.

Foi tomada a decisão de abster-se de qualquer experiência carnal, se não pelo bem de Gertrude, pelo bem do trabalho maior.

Se tivessem de se entregar a dar leituras a tempo inteiro, como tinham agora concordado de todo o coração fazer, tinham de depositar a sua confiança um no outro e na Fonte, caso contrário não havia sentido em fazer o que todos os três compreendiam agora ser o trabalho da sua vida.

Nos anos vindouros, muitas pessoas envolvidas com Edgar e Gladys acreditavam que havia algo especial entre eles. Os habitantes da cidade em Virginia Beach perguntariam sempre por que razão uma jovem bonita permanecia solteira, não saía em encontros e, inversamente, se entregava — de corpo e alma — a um homem casado de meia-idade. Não tinham ideia da verdadeira luta e dos desafios que foram colocados diante de Gladys, Edgar e Gertrude.

Gladys, contudo, tinha uma razão profunda para manter o seu compromisso, tal como a sua «alma gémea». O trabalho dele era o trabalho dela, e o de Gertrude também. Eles ficariam ultimamente juntos. Apenas não nesta vida.

Leituras posteriores revelariam que Gertrude também tinha encontrado a sua alma gémea no seu filho Hugh Lynn.

Morton Blumenthal, c. 1922.

MORTON BLUMENTHAL: O MÍTICO AQUILES

Lammers tinha apresentado à equipa um sonho que parecia estar bem ao seu alcance. Sob a liderança certa, um hospital Cayce e um centro de pesquisa psíquica poderiam potencialmente tocar as vidas de milhares de pessoas. O que Evangeline Adams tinha alcançado ao trazer a astrologia para a corrente principal, Edgar Cayce poderia fazer pela medicina holística e talvez muito mais, dadas as novas perspetivas que estavam a ser colhidas das Leituras de Vida. Aos poucos, a equipa precisava de um gestor de negócios — alguém que não só pudesse ajudar a família a sair das dívidas e a angariar fundos para construir um hospital, mas que também pudesse otimizar o processo de como as leituras eram dadas e recebidas. Em 13 de agosto de 1924, a Fonte nomeou vários candidatos adequados, incluindo um dos novos amigos de David Kahn, Morton Blumenthal, um corretor de bolsa judeu de vinte e nove anos de Nova Iorque.

Kahn tinha conhecido Morton através de um amigo comum em Altoona, Pensilvânia, onde Morton tinha nascido e onde Kahn estava em vias de negociar um negócio para expandir o que se tinha tornado uma fábrica de mobiliário de modesto sucesso. Deram-se bem instantaneamente. Morton era filho de um lojista, que tinha morrido quando Morton era criança. Ele e o seu irmão, Edwin, tinham sustentado a mãe enquanto trabalhavam para pagar os estudos, acabando por conseguir cargos na prestigiada corretora William Lauer, na Lower Broadway.

Além da perspicácia comercial de Morton, ele era um leitor compulsivo e tinha estudado filosofia na Universidade de Pittsburgh e em Columbia, onde os programas fundamentais incluíam aulas de metafísica, bem como de filosofia social e jurisprudência. Embora judeu, conseguia citar longas passagens do Novo Testamento e estava tão familiarizado com o trabalho de Helena Blavatsky como com Aristóteles, Platão e Henry James. Como Kahn escreveria entusiasticamente, Morton «tinha um desejo ardente de compreender os segredos do universo». O empreendedor Kahn, sempre vendedor, notou também que Morton tinha uma infeção nos ouvidos e sugeriu que o seu amigo, Edgar Cayce, poderia ajudar.

A primeira leitura que Blumenthal recebeu não foi o sucesso que nem ele nem Kahn esperavam que fosse. Não foi feita qualquer menção ostensiva a uma infeção no ouvido. Em vez disso, a Fonte forneceu um diagnóstico geral da sua saúde com ênfase nas melhorias que poderiam ser feitas nos seus sistemas circulatório e nervoso. No geral, ele gozava de boa saúde. Foi realizada uma segunda leitura para esclarecer a primeira. O problema que estava a ter no ouvido esquerdo não era uma infeção, disse a Fonte, mas o resultado do problema de circulação detalhado na primeira leitura. Isto satisfez Blumenthal de que

Cayce tinha, de facto, estado correto no seu diagnóstico. Foi o conselho comercial e matrimonial anexado à segunda leitura que o deixou entusiasmado com o potencial das leituras. Intrigado, concordou em partilhar com Kahn a despesa de trazer Edgar a Nova Iorque, onde se pudessem conhecer pessoalmente. Os fundos para o levar até lá, juntamente com uma modesta verba para cobrir as despesas domésticas enquanto estivesse fora, foram prontamente enviados para Dayton.

Edgar ficou impressionado quando conheceu Blumenthal no Hotel Cambridge no início de outubro. De porte franzino e baixa estatura, com feições aquilinas e finas, Morton era elegante e sofisticado, com uma inteligência arguta e uma abordagem prática de homem de negócios perante a vida. Ao contrário do seu irmão Edwin, com quem tinha uma parceria na empresa de corretagem, Morton era introvertido e preferia muito mais uma conversa íntima sobre uma refeição caseira sem pressas no seu apartamento, onde vivia com a mãe, do que uma noite de saída pela cidade.

Edgar Cayce com as suas melhores roupas de domingo, 1922.

Morton não ficou tão impressionado com Edgar como este com ele. Como Morton admitiu mais tarde a Kahn e escreveria posteriormente sobre a experiência, ficou de pé atrás com a falta de instrução de Cayce, o vestuário pobre e o sotaque lento do Kentucky. O que achou inspirador foi o que veio na sua primeira sessão em transe em Nova Iorque, que foi conduzida por Kahn em 10 de outubro. Naquela que foi provavelmente a primeira leitura de Cayce dada sobre o mercado de ações — o que viria a compreender mais de quinhentas leituras desse tipo —, Morton perguntou quais as posições na sua carteira que seriam mais lucrativas. Com a mesma precisão incrível com que Cayce tinha

descrito depósitos de petróleo no Texas, aconselhou Blumenthal a manter-se afastado de mercadorias e empresas de serviços públicos e a optar por «material circulante e petróleo», que a Fonte indicou seguirem padrões de negociação facilmente identificáveis e repetidos.

Quatro dias mais tarde, Dave Kahn conduziu a primeira daquelas que seriam quatro Leituras de Vida sobre Morton. A informação astrológica que surgiu não era única no corpo mais amplo das Leituras de Vida de Cayce, mas notável por se dizer que Blumenthal era influenciado positivamente por Neptuno. Ao contrário de Lammers, ele encontraria força e sucesso perto da água. Também animadoras para uma parceria eram as referências às realizações de Morton em vidas passadas, onde tinha assumido posições de liderança. Como recompensa ou responsabilidade por vidas passadas bem aproveitadas, tinham-lhe sido concedidos muitos bens materiais e, além disso, de acordo com as leituras, poderia esperar aos trinta e cinco anos, em 1930, receber bênçãos maiores, altura em que assumiria uma posição na qual muitos outros confiam nele.

A forma como escolhesse usar o que lhe fora dado, quer de «forma correta» para trazer «satisfação a si próprio e aos outros» ou, inversamente, «aflição», determinaria se as riquezas permaneceriam ou não sob a sua tutela. Se ficasse fiel ao espírito em que estas bênçãos lhe foram concedidas, seria capaz de se elevar acima dos ciclos kármicos de estadas que repetidamente o tinham testado. A sua presente encarnação, em outras palavras, poderia ser a sua última.

Se isto não fosse suficiente para elevar Blumenthal à posição de topo na lista de potenciais gestores de negócios para um hospital Cayce, o que veio a seguir confirmou a sua adequação.

Entre várias das suas encarnações anteriores importantes, ele foi identificado como a figura mítica de Aquiles, que tinha superado Héctor e liderado o assalto do exército grego à cidade de Troia. Assim como a Fonte tinha identificado Lammers como tendo sido o Héctor da vida real, Blumenthal foi identificado como o seu némesis, ungido pelos Deuses, diziam as leituras, para ser invencível na batalha.

Teria Edgar, Klingensmith e Shroyer conspirado com ele, à custa de Lammers, para facilitar a tomada de Troia? Esta era a implicação. Além disso, parecia sincrónico que Aquiles aparecesse nas leituras depois de Héctor ter tido a sua oportunidade e ter sido achado em falta. A Fonte não revelou os detalhes — apenas que era abundantemente claro que Blumenthal figurava proeminentemente no mesmo grupo de almas que Edgar.

A pergunta que não foi feita, mas que talvez devesse ter sido, era o significado metafórico de como Aquiles, tido como invencível, tinha morrido ao fim de nove anos, um pouco antes de o seu exército conseguir capturar Troia. A Fonte apenas apoiava o que tinha sido dito na lenda homérica. Aquiles morreu de um ferimento no calcanhar infligido pelo irmão de Héctor, Páris. Enquanto a morte de Héctor seria descrita em detalhe nas leituras e mais tarde em interpretações de sonhos, o fim de Aquiles não o foi. Teria ele de algum modo perdido o favor das forças universais que o tinham tornado invencível?

Foram também realizadas leituras para o irmão de Morton, Edwin. Ele também, revelou-se, fazia parte de uma equipa que se tinha formado eras antes, muito antes de Troia. Juntos com Morton, Edwin tinha tratado da reconstrução de Jerusalém. Juntos podiam construir e alternadamente destruir cidades, indicava a

Fonte. De particular interesse eram as referências à capacidade de Edwin para o desenvolvimento psíquico.

Edwin Blumenthal

Nas leituras de Edwin, mais do que para qualquer outro indivíduo que tinha recebido ou viria a receber conselho em transe, a Fonte delineou um plano detalhado sobre como melhor desenvolver capacidades psíquicas. As recomendações incluíam um regime diário de levantar cedo para orar e meditar, uma lista de alimentos a ingerir e períodos sugeridos de vinte a trinta dias de completa solidão. Edwin, que receberia conselhos sobre o mercado de ações tal como o seu irmão, ouviu que se seguisse este conselho não precisaria de Cayce para negociar com sucesso no mercado. Seria capaz de o fazer por si próprio.

Cayce deixou Nova Iorque mais entusiasmado do que tinha estado desde que conhecera Lammers. Ficou assim encantado quando duas semanas mais tarde, a 2 de novembro, Morton e a sua mãe visitaram Dayton para obter mais leituras e explorar como uma potencial parceria poderia funcionar. Como Morton escreveria mais tarde sobre a experiência, ficou chocado com a extrema pobreza em que encontrou Edgar e a sua família a viver.

«Os dois rapazes, Hugh Lynn e Edgar [Evans], pareciam subnutridos», e «Gertrude estava magra e pálida, com os dedos de aparência quase esquelética».

Morton achou as condições tão sombrias e esquálidas que, antes de se sentar e conhecer a família, enviou a sua mãe à mercearia. Ela regressou com vários cestos cheios de secos e molhados, carne e vegetais. Gertrude procedeu imediatamente a fazer uma refeição, que Morton disse que os Cayce devoraram prontamente. Como é que a família vivia numa pobreza tão abjecta ao mesmo tempo que dava leituras de saúde para algumas das famílias mais ricas de Dayton ultrapassava o seu entendimento. Eles precisavam obviamente de um gestor de negócios.

Morton assumiu o controlo da situação imediatamente. Além de enviar aos Cayce uma verba semanal, em troca da qual ele e o seu irmão receberiam leituras diárias sobre negócios e espirituais, trouxe Gladys e toda a família para Nova Iorque naquela que foi a primeira verdadeira viagem de férias que alguma vez tinham tido. Gladys, que nunca tinha estado numa cidade maior do que Dayton, descreveu a viagem como a realização do seu sonho. Acompanhados por Morton e alojados numa suite de quartos no Hotel Cambridge, adjacente à dele, assistiram a um espetáculo na Broadway, jantaram no Hotel Plaza e foram dançar a um clube noturno de Nova Iorque. No seu segundo dia na cidade, enquanto Edgar e os rapazes visitavam os pontos turísticos, a mãe de Morton levou as mulheres às compras e ofereceu-lhes um almoço num restaurante elegante.

Edgar estava mais do que satisfeito por dar leituras para Morton, a sua família e os seus amigos. Entre elas esteve uma para o colunista de jornal e génio financeiro Merryle Rukeyser,

com quem Morton tinha feito cursos na Universidade de Columbia. Freda Blumenthal recebeu a primeira daquelas que seriam muitas leituras, tal como a esposa de Edwin, uma mulher rica da alta sociedade. A leitura mais importante, do ponto de vista de Morton, foi para Adeline Levy, de vinte anos, a futura Sra. Blumenthal, que estava de visita vinda da sua casa em Nova Orleães.

Morton não era o que se definiria como um homem de conquistas, embora tivesse saído com muitas mulheres. Miriam Miller, uma artista de espetáculo, tinha sido uma das favoritas e foi também a primeira das mulheres da sua vida a receber uma leitura em transe. Agora era a vez de Adeline, e ele mantinha a grande esperança de que a Fonte endossasse o que ele próprio acreditava ser verdade: que ela seria uma companheira ideal. Judia como ele e de inclinação intelectual, vinha de uma família rica e proeminente, viajava bastante, mas não era vistosa nem ostentosa.

Os instintos de Morton estavam corretos, de acordo com o que veio através do transe. A pequena beleza de cabelo escuro estava idealmente vocacionada para ser sua esposa. Tinha sido nada menos do que Helena de Troia, por quem Morton, como Aquiles, tinha movido guerra àquela cidade. Tal como Gladys tinha encontrado o seu caminho de regresso a Edgar, Morton tinha encontrado a sua alma gémea em Adeline.

Assim, duas parcerias foram estabelecidas na mesma viagem a Nova Iorque. Morton casaria com Adeline e tornar-se-ia o gestor de negócios dos Cayce. Como isto se iria desenrolar era uma incógnita, mas com base na informação que vinha nas leituras, a parceria com os Cayce poderia trazer resultados muito além do que até eles próprios podiam imaginar. Um hospital

Cayce era apenas o começo, sugeria a Fonte, do que poderiam realizar juntos.

Para os pôr a mexer, Edgar passou a receber uma remuneração de 50 dólares por semana, e Gladys receberia 25 dólares por semana como sua estenógrafa. A assunção de Kahn, e também a de Cayce, era a de que as leituras deviam ser dadas sobre o mercado de ações, o que de facto foi realizado. O que veio como surpresa foi o interesse mais profundo de Morton no alicerce mais fundamental do trabalho — como Deus e as forças Divinas atuavam para trazer o bem maior. Judeu praticante, Morton queria leituras sobre a vida de Jesus Cristo. Teria Jesus, o homem, existido realmente, e seriam os detalhes aceites da sua vida, conforme apresentados na Bíblia, precisos?

Em muitos aspetos — dado a frequência com que admoestações e alusões bíblicas tinham aparecido nas leituras —, é curioso que perguntas como esta não tivessem sido feitas antes. Talvez Edgar estivesse relutante em descobrir a verdade, como tinha acontecido com a astrologia. Provavelmente era isso e mais. Cayce, um cristão dedicado e fundamentalista, tinha tido dificuldade em aceitar o conceito de reencarnação e ainda se debatia sobre como o ciclo de uma alma ao longo do tempo se reconciliava com as Escrituras. Mas a pedido de Morton, as leituras foram realizadas. Para alívio de Edgar, «as leituras de Jesus», como passaram a ser chamadas daqui em diante, não contradiziam o que era dito na Bíblia. Em vez disso, expandiam grandemente o que se julgava ser verdade sobre a vida e o tempo de Jesus Cristo.

As revelações mais empolgantes diziam respeito ao que aconteceu antes do nascimento do Messias, um tópico não coberto na Bíblia. De acordo com as leituras, foram feitas preparações

para acolher a alma que era Jesus várias centenas de anos antes do seu nascimento em Belém. Estas preparações foram feitas por um grupo conhecido como os Essénios ou a «Irmandade». Foram descritos nas leituras como «uma ordem religiosa não celibatária dentro do Judaísmo», cujo propósito primário era ser o canal através do qual Jesus iria encarnar. Na altura em que Cayce forneceu esta informação, a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto estava ainda a mais de uma década de distância e quase nada se sabia sobre eles. As leituras de Cayce não só confirmaram o que foi provado como verdadeiro pelas descobertas de Qumran, como também explicaram as evidências arqueológicas dos assentamentos essénios e das práticas religiosas que foram descobertas meio século após o falecimento de Cayce.

As leituras de Jesus detalhariam como os sacerdotes essénios selecionaram duas virgens que deveriam ser dedicadas como potenciais canais para o Messias. Entre elas estava Maria, que tinha sido criada na comunidade essénia desde os quatro anos de idade e, entre os doze e os treze anos, foi a «escolhida» pelo Anjo Gabriel. Na verdade, de acordo com as leituras, a Imaculada Conceição teve lugar. Isto foi explicado pela relação de alma entre Maria e Jesus, bem como pela sua relação com Deus. Tal como Edgar e Gladys, Maria e Jesus eram «almas gémeas», tornando assim possível, com a ajuda de Deus, que Maria concebesse e continuasse virgem. Havia informação muito mais detalhada para vir, como os chamados anos perdidos de Jesus após o seu nascimento e antes de conhecer João Batista e iniciar o Seu ministério. A Fonte revelou que Jesus tinha passado por formação na Índia, no Egito e noutros locais; que tinha um irmão e uma irmã, e que Maria Madalena era irmã de Marta e Lázaro.

Eventualmente, um livro inteiro foi compilado a partir dos detalhes partilhados nas leituras de Jesus, juntamente com

referências a quando relatos cristãos primitivos e gnósticos da Sua vida foram eliminados daquela que se tornou a Bíblia, e como algumas histórias foram mal interpretadas ou ficaram incompletas. Tal foi o relato de Jesus a escrever palavras na areia quando uma mulher, acusada de adultério, estava prestes a ser apedrejada. A Bíblia revela apenas que Jesus escreveu na areia. Cayce — em transe — revela que as palavras que ele escreveu apareceram milagrosamente de forma diferente para cada pessoa que estava presente. Eles leram apenas sobre os seus próprios pecados.

Morton, mais do que qualquer outra pessoa, mergulhou nas leituras de Jesus e ficou tão comovido por elas que acabou por se converter ao Catolicismo. Ele foi também a única pessoa no círculo de confidentes que instou Edgar a não só prestar atenção cuidada aos conselhos que vinham através das leituras, mas também a fazer exatamente o que a Fonte recomendava. «Se as leituras dizem Virginia Beach, então é para lá que deves ir», disse ele a Edgar.

Morton tornou ainda a mudança possível. Aumentou o salário de Edgar e de Gladys, arrendou-lhes uma casa em Virginia Beach e forneceu 1000 dólares para os levar até lá. A família não sabia o que esperar — a cidade era meramente uma comunidade de verão isolada nas costas açoitadas pelo vento do Atlântico, a centenas de milhas de qualquer pessoa que conhecessem —, mas era para onde as leituras tinham dito que deviam ir. A perspetiva de viver numa casa própria após dois anos passados em hotéis e t0s seria um presente bem-vindo.

Em setembro de 1925, os Cayce e Gladys chegaram de comboio a Norfolk e continuaram de elétrico para Virginia Beach. Passariam vários meses até que Morton, ou qualquer outra pessoa,

se juntasse a eles para uma visita. A família ficou surpreendida, até chocada, com o quão desolado era o local que a Fonte tinha selecionado. Fora de época, o local parecia uma cidade-fantasma composta por chalés de dois e três andares, hospedarias, lojas de recordações fechadas com tábuas e um restaurante. A única loja de ferragens era também a farmácia. Como Edgar em breve descobriu, era detida e gerida pelo presidente da câmara de Virginia Beach, que acumulava com o cargo de chefe dos correios.

As leituras dadas para os Blumenthal, realizadas duas vezes por dia e quase todos os dias, exceto ao domingo, eram enviadas por correio ou por telégrafo para Nova Iorque. Agora, além das leituras sobre o mercado de ações e das leituras contínuas de Jesus, Morton começou a pedir à Fonte que interpretasse os sonhos da sua família, o que um dia também comporia material suficiente para preencher um livro. Embora Morton e Edgar tivessem experimentado fazer leituras de sonhos no início do ano e a Fonte tivesse dito especificamente à equipa para «prestar mais atenção aos sonhos, pois é onde as verdades são dadas», foi só quando a família chegou a Virginia Beach que o seu verdadeiro valor foi revelado.

A mais importante das primeiras leituras de sonhos foi dada para Adeline, que estava agora grávida do seu primeiro filho com Morton. Na primeira daquela que se tornou uma série de leituras em nome da criança, Adeline relatou que um rapaz ou criança «fraco de espírito» lhe aparecia. Em transe, Cayce alertou-a para ser extremamente cuidadosa no controlo dos seus pensamentos, pois a mente era o construtor. Se ela se detivesse ou ficasse obcecada com o sonho, poderia de facto dar à luz uma criança «fraca de espírito».

Adeline e Morton trabalhariam arduamente para manter uma atitude positiva e afastar tais pensamentos da mente. Contudo, uma tempestade perfeita de eventos ameaçou lançar Adeline numa depressão. Num período de menos de nove meses, sofreu a morte inesperada da sua melhor amiga, o falecimento da sua mãe e, finalmente, o suicídio do seu pai.

O bebé de Morton e Adeline, Morton Jr., nasceu a 4 de abril de 1927. A avaliar pelas aparências, era elegante e saudável, de olhos azuis e cabelo loiro, e cresceu para ser animado e irrequieto. Tornar-se-ia também «fraco de espírito» e acabaria por ser internado num asilo para doentes mentais.

Semelhante aos avisos dados a Morton e Adeline foi um aviso de interpretação de sonhos dado a Edwin e à sua esposa. «[Sonhei com um] derrame do que parecia ser bebida alcoólica no tapete do nosso átrio, vindo de uma garrafa . . . ou barril», relatou Edwin. Cayce — em transe — interpretou a mensagem: «Como se vê, isto é como o aviso à entidade no que respeita a bebidas alcoólicas no e ao redor do local, e no uso das mesmas . . . Não deixeis que estas condições se tornem a pedra de tropeço quer para a saúde, posição ou ambiente influente.» A verdade revelou-se tão precisa como tinha sido para Morton Jr., só que desta vez a família pôde agir sobre o conselho de forma mais eficaz. A esposa de Edwin tinha um problema com o álcool, que tinha mantido secretamente de forma assídua. Quando confrontada, revelou a verdade e, com intervenção, foi ajudada.

No meio das leituras contínuas, Morton começou a conceber um plano financeiro para tornar o hospital Cayce uma realidade. A sua primeira iniciativa foi enviar cartas às centenas de pessoas que tinham recebido ajuda das leituras. Para seu profundo desgosto, receberam tão poucas respostas que este plano foi

abandonado. O novo plano era usar a Fonte para construir uma carteira de ações para comprar uma propriedade em Virginia Beach adequada para o hospital e, se tudo corresse bem, avançar e começar a construção. O conceito tinha muito mérito, pois as leituras do mercado de ações dadas aos Blumenthal ao longo dos últimos anos tinham sido tão bem-sucedidas que os dois irmãos tinham triplicado o seu património líquido e estavam prestes a comprar o seu próprio lugar na bolsa.

Embora fosse de facto verdade que quase toda a gente no mercado nesta altura ganhava dinheiro no que era um mercado em expansão, a informação que vinha através de Cayce era única em aspetos importantes. Cayce — em transe — por vezes citava valores diários como se fosse uma máquina de fita de cotações. E além dos indicadores de mercado, vinham perspetivas sobre decisões a ser tomadas por CEOs e grandes acionistas, que podiam ser usadas para vender a descoberto e comprar a longo prazo.

Também único, e ao contrário do poço de petróleo e das leituras médicas, o conselho sobre o mercado de ações que vinha não era necessariamente da Fonte, ou pelo menos do mesmo poço de informação que se assumia gerar a maior parte, se não a totalidade, dos conselhos dados. Em várias ocasiões notáveis, quem ou o que vinha durante as leituras do mercado de ações parava e apresentava-se. Além do pai falecido de Morton, esteve o milionário distribuidor de filmes de cinema Marcus Loew, o fundador da cadeia de lojas de departamentos Bamberger, Felix Fuld, e Elbert Gary, que ajudou a organizar a U.S. Steel Corporation. Todos, com exceção do pai de Morton, tinham morrido de forma relativamente recente no que diz respeito à sua aparição nas leituras. O melhor que Edgar e Morton puderam conjeturar foi que estavam a atuar como uma espécie de equipa,

trabalhando juntos do outro lado para trazer riquezas aos irmãos Blumenthal e, por extensão, aos Cayce. De quem ou de que recebiam eles as suas ordens não era claro. Estranhamente, o assunto não foi abordado senão anos mais tarde e apenas em ligação com uma série abrangente de perguntas colocadas a Cayce para tentar determinar quem ou o que era a fonte da sua informação.

Por enquanto, Morton e o seu irmão estavam satisfeitos por um consórcio de espíritos, se de facto era quem ou o que estava a surgir, continuar a dar-lhes a vantagem necessária para financiar a construção de um hospital.

Além de leituras sobre o mercado de ações, sonhos e aquelas leituras de saúde que estavam a ser dadas, outro novo tipo de leitura tornava-se agora comum: as dedicadas ao «trabalho». Estas leituras não só procuravam recomendações da Fonte sobre o plano de negócios a adotar na criação do hospital, mas também sobre quem devia ser contratado e como deviam ser pagos. Foram realizadas leituras para afinar os projetos, preparar orçamentos, obter as licenças de trabalho e aprender de quem deviam comprar equipamento médico.

Amigos e vizinhos na pacata comunidade de Virginia Beach, onde vacas por vezes se extraviavam pelas ruas e quase todos os residentes a tempo inteiro tinham capoeiras, não poderiam adivinhar como os ocupantes do modesto bangaló de três quartos dos Cayce passavam o tempo ou o que estava prestes a ser construído num monte relvado com vista para um trecho remoto da praia açoitada pelo vento. Como visionado nos projetos e o que em breve começou a ganhar forma no que se tornou a esquina da 67th Street com a Atlantic Avenue, o Hospital Cayce para Pesquisa e Iluminação devia ter quatro andares com trinta quartos,

um átrio, uma sala de jantar, um salão de conferências, uma biblioteca e aposentos para médicos.

Nos dias seguintes, o Dr. Thomas e Carrie House com o seu filho, Tom Jr., mudaram-se de Hopkinsville para se juntarem à equipa. O pai de Edgar, Leslie, começaria a fazer tarefas no hospital, tal como Annie Cayce, a única irmã solteira de Edgar. A prima de Gladys, Mildred Davis, viria ajudar no escritório de negócios, juntando-se a Linden Shroyer, que ajudaria a gerir os assuntos de negócios. Com variados graus de sucesso, todos seriam examinados pela Fonte.

No verão e outono de 1928, os primeiros meses da construção do hospital foram marcados por uma atitude de cooperação e harmonia. Edgar, Morton e muitos outros sentiam uma «presença» a velar por eles e ficaram gratos por uma visitação dramática em julho desse ano. No decorrer de uma leitura que já estava em andamento, um anúncio inesperado interrompeu a sessão.

«Escutai!», veio a voz estrondosa da Fonte. «Vem aí a voz de alguém que falaria aos aqui reunidos.»

Morton, Gertrude, Gladys, o Dr. Thomas House e outros sentaram-se em silêncio estupefacto enquanto o Arcanjo Miguel se apresentava. Gladys notaria mais tarde que com a sua aparição veio uma «mudança vibracional» nas «forças de energia» ao redor deles. As janelas começaram a tremer nas suas caixilhos e um vento soprou pela sala com tal força que ela sentiu como se o seu bloco de estenografia estivesse a ser arrancado das suas mãos. Lágrimas começaram a brotar nos seus olhos — incluindo nos de Edgar — enquanto a presença angelical falava:

Eu sou Miguel, Senhor do Caminho! Dobrai a vossa cabeça, ó filhos dos homens. Prestai atenção ao caminho conforme vos é apresentado naquele Sermão da Montanha. Pois assim como a voz Daquele que esteve junto ao mar e chamou todos os homens ao caminho, para que aqueles que escutassem pudessem saber que havia novamente um cajado em David . . . pois em Sião os vossos nomes foram escritos, e no serviço virá a verdade!

Um tipo inteiramente diferente de leitura de trabalho estava a ser dado. Os participantes reunidos na sala, e aqueles envolvidos na criação do hospital, ouviram que lhes estava a ser dada uma grande oportunidade e também uma responsabilidade assustadora de servir a Deus. O hospital, embora ainda longe de abrir as suas portas, tornar-se-ia uma realidade. Mas o que eles ainda tinham de realizar era mais difícil do que a construção ainda por vir. Teriam de aprender a cooperar uns com os outros. Como o Arcanjo Miguel deixou claro, entre os participantes no empreendimento estavam aqueles que se tinham oposto uns aos outros em encarnações anteriores. O seu sucesso dependia de atuarem como uma só entidade sob a alçada de Deus.

Embora chocados, surpreendidos, honrados e totalmente humilhados pela aparição daquela que presumiam ser a sua entidade guia, Edgar e Morton sabiam demasiado bem o que lhes estava a ser pedido, pois um jogo de forças pelo controlo do hospital já tinha começado.

O incidente mais notável ocorreu quando Morton, telegrafando-lhes de Nova Iorque, ordenou uma paragem súbita na construção. Tinha recebido faturas com o dobro do valor que esperava. Edgar tinha-o então informado de que tinham sido feitas alterações significativas aos planos, incluindo a adição de um banho entre cada um dos dez quartos do segundo andar e outra

casa de banho no corredor do terceiro andar. Edgar tinha, por admissão própria, dado permissão ao empreiteiro para avançar com as alterações.

Até este ponto, Edgar tinha acreditado que estava no comando da operação de construção. Afinal de contas, como poderia Morton supervisionar a construção a partir da sala de negociações da Bolsa de Valores da Cidade de Nova Iorque e, se não Morton, quem? E além disso, não tinham as leituras dito especificamente que Morton devia ser o gestor da parceria? A Fonte não tinha dito que ele devia ser o legislador sobre tudo o que devia ter lugar. Morton concordou, em princípio, que Edgar tinha razão e mandou a equipa de construção voltar ao trabalho. Admitiu também que não podia supervisionar as operações diárias. Sentia que era preciso em Nova Iorque, onde comprava e vendia ações para tornar o hospital uma realidade. Contudo, a verdade da matéria era que ele queria controlar o que estava a ter lugar e, como principal e embora único benfeitor significativo, acreditava que a sua palavra era final. Este seria, em retrospetiva, o seu calcanhar de Aquiles.

EDGAR EVANS:
NA ATLÂNTIDA

Enquanto Morton angariava dinheiro para o hospital usando as leituras do mercado de ações, Edgar lançou as suas próprias iniciativas concebidas para gerar rendimento para apoiar a sua operação. Estes esforços visavam localizar novos campos de petróleo, encontrar tesouros enterrados e patrocinar tecnologia de engenharia inovadora vinda através de leituras médicas e científicas.

Um empreendimento de caça ao tesouro levou a Fonte de Edgar até à ilha bahamiana de Bimini onde, de acordo com as leituras, uma arrecadação de ouro de piratas podia ser encontrada enterrada perto de uma combinação distinta de pontos de referência. Edgar deu quatro leituras dedicadas a encontrá-lo. Mas meros dias antes de uma equipa de busca poder desembarcar em Bimini para começar a procura, um furacão devastador apagou os pontos de referência identificados nas leituras e destruiu o hotel onde tinham reservado quartos. Embora o tesouro não tenha sido encontrado, das leituras vieram riquezas de outro tipo: uma localização geográfica para o mítico continente da Atlântida.

Referências à Atlântida tinham aparecido em várias Leituras de Vida iniciais, mas até à caça ao tesouro em Bimini, os Cayce e os seus amigos não tinham pensado no continente desaparecido ou submerso como um local que tivesse realmente existido. Tal como anteriormente tinham aberto as suas mentes para a possibilidade de a antiga Troia ter existido, faziam-no agora com a Atlântida. A sua compreensão começou a mudar numa leitura realizada a 2 de março de 1927, quando a Fonte disse que um templo dos «Poseidianos» esteve outrora localizado perto de

Bimini. Isto desencadeou mais investigações e resultaria numa investigação intensiva que um dia levaria ao estudo de seiscentas Leituras de Vida que mencionavam a Atlântida, Poseidia ou Alta — os vários nomes que a Fonte associava ao continente perdido. A história que emergiu, fosse invenção poética ou eventos reais, foi uma saga cobrindo cerca de 200 000 anos antes da história registada.

Ao longo da sua vida, Edgar Evans Cayce, cujo quarto em Virginia Beach dava para o Atlântico, acolheria as leituras da Atlântida mais do que qualquer outra pessoa. As suas Leituras de Vida foram as primeiras a detalhar eventos no reino mítico e sugeriram tanto a magnificência como a tragédia da Atlântida. Tal como a paixão de Hugh Lynn se tornou as Leituras de Vida e ele viria eventualmente a escrever livros e artigos sobre a reencarnação, Edgar Evans tornar-se-ia um especialista na Atlântida, o que lhe permitiu dar palestras e ser autor do seu próprio livro baseado no seu estudo das leituras. Para ele, o estudo da Atlântida não era um exercício fantasioso de plausibilidade histórica, mas um meio estimulante e convincente para sondar paralelos assustadores entre a cultura atlante e os tempos modernos.

A primeira menção à ligação de Edgar Evans à «terra dos Poseidianos» ocorreu na sua segunda Leitura de Vida, que tinha sido realizada em Dayton, em 1925. Dizia-se que Edgar Evans tinha nascido com consideráveis competências mecânicas e de engenharia que tinha desenvolvido na sua encarnação atlante, e ele tinha transportado essas competências ao longo de todas as suas vidas subsequentes. Entre outras encarnações, tinha sido engenheiro mecânico na Alemanha, onde ajudara a desenvolver os primeiros motores a vapor, e antes disso no Egito, onde as leituras sugeriam que tinha desempenhado um papel importante

no desenvolvimento de tecnologia que ajudara a construir as pirâmides. A Fonte prosseguiu descrevendo como os seus talentos de engenharia inatos e bem merecidos seriam muito requisitados na sua vida presente. A forma como escolhesse usá-los, sugeriam ainda as leituras, não só afetaria a sua futura carreira, mas também desempenharia potencialmente um papel importante em futuros acontecimentos mundiais. Eis uma boa razão para o curioso e cientificamente inclinado Edgar Evans se sentir impelido a saber mais.

Respostas foram fornecidas na série de leituras dedicadas à Atlântida iniciadas em 1932, e nos anos subsequentes informação adicional foi retirada das Leituras de Vida daqueles identificados como tendo lá vivido. Na terceira leitura desta série da Atlântida, a Fonte disse abertamente que a Atlântida tinha existido e fora outrora um grande continente cujas fronteiras se estendiam entre o Golfo do México e o Mediterrâneo. «Que o continente existiu está a ser provado como facto», disse a Fonte, e prosseguiu descrevendo escavações arqueológicas que estavam então a ser conduzidas no México.

A Fonte afirmou numa segunda leitura que evidências da Atlântida tinham sido realmente encontradas no Iucatão sob a forma de um marco ou tábua de pedra, que estava naquele momento a ser enviado para um museu na Pensilvânia, embora os arqueólogos não reconhecessem o que tinham encontrado como sendo do antigo reino. Dizia-se também que existiam evidências da cultura atlante nas Montanhas dos Pirinéus, em Marrocos, nas Honduras Britânicas, no Peru e na América Central. Além disso, a Fonte identificou partes das Índias Ocidentais Britânicas e das Bahamas como partes do continente outrora grande que ainda estavam acima da água, muito particularmente Bimini.

O mistério inicial era por que razão as descrições nas leituras não eram de uma «ilha», como tinha sido especificamente referido nos diálogos de Platão, datados do século V a.C., nos quais a Atlântida é descrita numa conversa entre sacerdotes egípcios. Isto foi explicado de forma bastante simples: Platão apenas tinha ouvido histórias do que restava do enorme continente depois de sucessivas vagas de destruição cataclísmica fazerem com que partes massivas do continente fossem submersas sob o oceano. Os estudantes das leituras de Cayce tinham de olhar muito mais para trás na história, vários milhares de anos antes de Platão, até ao alvorecer das primeiras encarnações do homem na Terra, para compreenderem a história maior. Foi quando a Atlântida era uma espécie de placa de Petri cósmica para almas que encarnavam na Terra.

As leituras da Atlântida descrevem um ser chamado Amílio como a primeira alma ou entidade que Deus criou. Juntamente com as outras almas que Deus criaria, ele não se manifestou em carne e osso, mas era uma entidade que as leituras descreviam como «luz pura». Isto era o que, de acordo com as leituras, era simbolicamente referido no Génesis quando Deus disse: «Faça-se a luz.» Deus não estava a dizer faça-se luz física ou luz do sol, mas antes «luz» de espírito ou luz Divina. Além disso, quando Deus disse: «Façamos o homem à nossa imagem», Ele estava a dizer, de acordo com as leituras, que Ele e Amílio co-criaram o homem à sua imagem espiritual.

As leituras da Atlântida descrevem ainda como a primeira vaga de seres de luz entrou no reino terrestre e começou a experimentar com a matéria. De acordo com a Fonte, estes seres construíram corpos para si próprios «muito da forma e maneira como as amebas [apareceriam] nas águas de uma baía ou lago estagnado». O seu propósito era experimentar a realidade física

através do «som, paladar e tato», algo que de outra forma não poderia ser experimentado na dimensão em que existiam. Como simbolicamente descrito na Bíblia, isto levou ao desejo de relações carnais, como tinha sido detalhado na informação que Edgar e Gladys tinham recebido nas suas Leituras de Vida.

As consequências imprevistas das relações carnais afastaram a humanidade ainda mais de Deus. As almas ficaram presas ou «endurecidas» naquilo que era descrito como uma ampla variedade de formas físicas «inferiores». As leituras sugerem que havia bestas com apêndices do tipo humanoide, lembrando criaturas como o Minotauro, meio homem e meio besta, discutido na mitologia antiga romana e grega. Estas monstruosidades ou sub-humanos estavam sobrecarregados por corpos pesados e baixa inteligência, embora em anos subsequentes fossem perder alguns dos seus atributos animais. Uma forma de vida mais superior era necessária para se tornar «o templo da alma».

A Fonte estabeleceria novamente uma ligação de volta à Bíblia. Dizia-se que Amílio tinha encarnado como Adão, o «primeiro filho de Deus». Ele fê-lo por seu livre-arbítrio para tentar libertar as almas perdidas que tinham ficado presas no plano físico. Adão criou uma companheira em Eva, a primeira «alma gémea», e juntos procuraram ajudar as almas presas a regressar a Deus através do poder do livre-arbítrio.

A cultura atlante desenvolveu-se primeiro porque foi onde Amílio, como Adão, e muitos dos seus companheiros «filhos de Deus» começaram primeiro a trabalhar juntos para subjugar as bestas da terra e trazer as almas de volta a Deus no corpo humano superior. Juntos, os filhos de Deus estabeleceram um templo dedicado à «Lei do Um», que devia servir de exemplo ou modelo de moralidade para apontar o caminho. Como o «trabalho» de

Adão tinha começado primeiro na Atlântida, esse continente teve um avanço em relação a outras culturas que coexistiam no planeta.

Embora a população da Atlântida passasse pelas mesmas etapas de desenvolvimento humano que Cayce descreveu como cinco outras raças «raiz» no planeta, eles progrediram muito mais rapidamente porque, graças a Amílio, tinham encontrado um meio de manter a paz e trabalhar juntos pelo bem comum. O poder psíquico entre os atlantes era altamente desenvolvido e descrito nas leituras como «dons do espírito». Entre os atlantes, estes poderes permitiam a pré-sciência de acontecimentos futuros e um conhecimento mais íntimo ou direto da vida vegetal e animal.

A tecnologia descrita como sendo desenvolvida na Atlântida dizia-se estar muito além de qualquer coisa que existisse noutro local da terra. Numa altura em que tribos nómadas naquilo que é agora a Europa e a Ásia estariam presumivelmente ainda a viver em cavernas, os atlantes tinham aprendido a cultivar, a repor o solo com fertilizante, a construir canais para irrigação e banho, e a desenvolver técnicas metalúrgicas especializadas. Poseidia, a capital atlante, foi construída de modo a que a água do rio fosse canalizada através de aquedutos e canais para ser usada como vias de circulação e depois para piscinas onde os residentes tomavam banho e praticavam desportos.

Com o tempo, Amílio ou Adão enfrentou desafios imprevistos. «Apareceram divisões entre os da Lei do Um — os filhos de Deus que tinham mantido a sua pureza — e os filhos de Belial», diziam as leituras. Os filhos da Lei do Um diferiam dos filhos de Belial, que procuravam «a gratificação, a satisfação, o uso das coisas materiais para si próprios, sem pensamento ou consideração quanto às fontes das mesmas, nem às dificuldades

na experiência dos outros». Além disso, Cayce disse: «Eles eram aqueles sem um padrão de moralidade. Os filhos de Belial não tinham padrão, a não ser o próprio.» Derramamento de sangue e guerras territoriais resultaram do desrespeito pelos direitos e pela liberdade dos outros. Poucos tomaram o controlo sobre muitos para a sua autogratificação. Em resposta, Amílio estabeleceu templos ou santuários num esforço para lembrar a população da sua divindade.

De acordo com a Fonte, «[As] primeiras convulsões [na Atlântida] foram provocadas quando as atividades dos filhos de Belial trouxeram às filhas dos filhos da Lei do Um as capacidades para desfrutar dos prazeres dos excessos de toda a natureza na relação humana, bem como daqueles relacionados com a mesma». Muito do mesmo foi afirmado noutra leitura: «[Eles começaram gradualmente a] poluir-se com aquelas misturas que trouxeram desprezo, ódio, derramamento de sangue e aquelas que constroem para desejos próprios sem respeito pela liberdade do outro, pelos desejos do outro.»

Enquanto isto acontecia, os atlantes continuaram a fazer progressos tecnológicos notáveis. Entre as suas realizações estavam dispositivos voadores insufláveis feitos de pele de animal, nos quais viajavam para culturas em desenvolvimento, como no Egito e na Suméria, com as quais partilhavam parte da sua cultura e avanços tecnológicos. O principal entre os seus avanços tecnológicos era um tipo de dispositivo de cristal chamado «Tuaoi» que os atlantes podiam usar para contactar diretamente Deus. As leituras sugerem que a população em geral perdeu gradualmente a capacidade de usar o Tuaoi como fora pretendido, e uma classe de sumos sacerdotes agiu então como intermediária.

Um problema que tanto os atlantes como as outras culturas continuavam a ter era a ameaça de enormes bestas carnívoras ou «animais pré-históricos» que pisavam as florestas, destruíam os campos e consumiam vastas quantidades de comida. Aves de rapina semelhantes a répteis pairavam nos céus, alimentando-se de tudo o que pudesse ser recolhido. Estas criaturas eram um perigo para a humanidade em todo o lado. Aqui residia a raiz do que causaria mais uma convulsão que contribuiria para a destruição final do continente. Os atlantes decidiram usar a sua avançada tecnologia de cristal para caçar e chacinhar as bestas. A tecnologia que fora destinada a ajudar o homem a comunicar com Deus tornou-se uma arma, resultando em terramotos que dividiram o continente em cinco massas territoriais diferentes.

Semelhante em alguns aspetos ao Tuaoi — talvez um derivado da mesma tecnologia de cristal —, os atlantes tinham agora desenvolvido uma «central elétrica» alimentada pelo que foi descrito como uma «pedra de fogo». Por volta de 28 000 a.C., de acordo com a Fonte, a pedra de fogo foi «não intencionalmente sintonizada para um nível demasiado alto» e resultou numa explosão aterradora que aqueceu o solo e causou atividade vulcânica, deixando apenas três das cinco ilhas — as chamadas Poseidia, Aryan e Og. As erupções vulcânicas, ou explosões, foram de tal magnitude que um tsunami inundou partes do mundo. De acordo com la Fonte, este foi o grande dilúvio retratado na Bíblia para o qual Noé e a sua família construíram a sua arca. Grandes segmentos da população atlante tiveram de ser evacuados; muitos dos quais estavam associados à Lei do Um e fizeram a sua viagem para outras partes da terra, mais notavelmente o Egito, o Iucatão e o Peru. Como eram muito mais avançados do que aqueles das culturas nas quais se fixaram, tornaram-se sumos sacerdotes e guias espirituais entre as culturas em desenvolvimento.

Aqui, como em tantos casos por vir, as leituras forneceram elos perdidos no grande puzzle cósmico apresentado nas Leituras de Vida: Ra Ta, ou a alma de Edgar Cayce na sua encarnação mais recente, tinha sido um dos atlantes que escapou para o Egito para se tornar um sumo sacerdote. Ainda mais revelador foi o que veio sobre Amílio, ou Adão, a primeira alma a encarnar na forma humana. Onde se dizia que Ra Ta tinha encarnado para ajudar a «preparar o caminho», Amílio era «o caminho». Dizia-se nas leituras que ele tinha encarnado como Enoque, o patriarca bíblico a quem Deus revelaria os mistérios do universo e que era também conhecido no Egito como Hermes, o arquiteto da grande pirâmide. Houve outras encarnações também: Melquisedeque, um sacerdote e rei da antiga Jerusalém; José, o líder fiel e justo no Egito; Josué, o líder israelita; e Zend, o pai de Zaratustra. Na sua última aparição, ele encarnaria como Jesus.

Um quadro maior da história mundial — disseram os críticos fantasiosos — veio como resultado das leituras atlantes. Contudo, ao contrário das leituras médicas, eles não sabiam o que fazer com elas. Corroborar a representação da Atlântida feita pela Fonte seria tão difícil como tentar provar as encarnações de Jesus. O pouco progresso substantivo que Edgar Evans fez em anos posteriores para tentar corroborar o que tinha vindo sobre a Atlântida, tal como rastrear a descoberta arqueológica que se dizia nas leituras estar a caminho da Pensilvânia, encontrou o fracasso ou foi descartado pelos críticos como pseudociência. Além disso, o que veio através das leituras em 1933, cobrindo a terceira e última fase da destruição atlante, estava além da crença racional e foi portanto considerado indigno de consideração séria. Contudo, dados os desenvolvimentos científicos que viriam em breve, a informação não era tão implausível como originalmente se pensara.

De acordo com a Fonte, os atlantes — agora em guerra uns com os outros — desenvolveram tecnologia que era alimentada por uma fonte ilimitada de energia elétrica. Esta foi descrita como um feixe concentrado de luz, muito parecido com um feixe laser, emanando do que Cayce chamava «o poderoso, o terrível cristal». A Fonte usou a palavra «atómica» para descrever o tipo de «energia elétrica» ou «eletricidade» que estava a ser aproveitada pelos atlantes para alimentar o dispositivo e reconstruir no rescaldo da devastação no fim da segunda destruição da Atlântida. Dizia-se também que tinham usado «gases redescobertos, e aqueles das formações elétricas e 'aeráticas' [aquelas sendo carregadas com gás] no fracionamento das forças atómicas para produzir força de impulsão . . . ou de alteração das faces ou forças da própria natureza». A inovação principal conforme descrita nas leituras que alimentava a «chama eterna» era «tal como podemos encontrar naquelas que fazem as forças ativas no urânio». Hoje, descrições de energia atómica e tecnologia laser não são ficção científica como eram há oitenta anos, quando Cayce deu estas leituras.

Houve outras revelações interessantes dadas. Por exemplo, de acordo com a Fonte, as pessoas que tiveram encarnações na Atlântida «são todas excecionais . . . Elas ou exercem o desgosto ou um grande desenvolvimento. E as suas influências são sentidas, quer o indivíduo o reconheça em si próprio quer não [na nova geração de encarnados na Terra]».

Edgar Evans Cayce (1918 a 2013).

A razão pessoal pela qual Edgar Evans ficou obcecado pelo assunto foi que ele era uma daquelas almas que se dizia ter testemunhado o cataclisma atlante. Não só isto, ele tinha sido um dos cientistas atlantes responsáveis pela destruição que ultimamente levou ao fim da primeira fase de vida no continente. Foi presumivelmente por isso que, na sua primeira Leitura de Vida, a Fonte sugeriu que haveria muitos que iriam «temer» o regresso da sua alma ao plano terrestre. A Fonte aconselhou Edgar Evans de que ele devia sempre «manter-se próximo da orientação espiritual [da Consciência de Cristo]» e «não se afastar da mesma». A sugestão aqui era a de que Edgar Evans tinha o potencial de fazer um grande mal na sua presente encarnação caso cedesse àquela parte egoísta de si próprio que criou tanta miséria na Atlântida.

Edgar Evans levou este aviso a peito, tal como os seus pais. Uma criança precoce com intensos interesses matemáticos e científicos, juntamente com uma paixão, como Tommy House e Dave Kahn observaram, para «fazer explodir coisas», a sua família canalizou as suas tendências para a engenharia civil e elétrica. Aquando da sua posterior graduação pela Universidade Duke e apesar das tentações sob a forma de ofertas de emprego para trabalhar para empreiteiros militares, ele manteve-se afastado

de usar os seus talentos para participar na construção de sistemas de armas.

Poucas pessoas fora da família imediata de Cayce sentiram tal alívio quando, durante a Segunda Guerra Mundial, ele se retirou do combate ou de qualquer função em operações de armas e, em vez disso, se juntou ao Signal Corps do Exército. Enquanto o irmão mais velho, Hugh Lynn, se juntou ao General Patton na Europa, Edgar Evans estava a construir uma estação de rastreio por radar em Trindade. Como disse no seu discurso de despedida do ensino secundário, encontrar com sucesso o seu lugar na vida significava cumprir as próprias «responsabilidades para com Deus, para com os outros e para consigo próprio», por esta ordem e com devoção. Foi assim que escolheu viver a sua vida, e antes da sua morte aos noventa e cinco anos em 2013, é o que é mais recordado.

Marion Stansell aos 20 anos.

MARION STANSELL:
O MOTOR DE MOVIMENTO PERPÉTUO

Edgar Cayce tinha identificado sessenta pessoas como tendo vivido na Atlântida quando lhe foi pedido, em fevereiro de 1928, para dar leituras para uma invenção que parecia tão improvável como qualquer coisa que se dissesse ter sido criada no mundo antediluviano: um motor de movimento perpétuo.

As leituras vieram a pedido de Lucy Cooney, uma mulher de Birmingham que tinha recebido conselho médico salvador de vidas numa breve viagem que Edgar e Gertrude fizeram ao Alabama para gerar interesse e apoio para a associação que iria gerir o hospital. Enquanto visitava Lucy e o seu marido, Robert, ela partilhou a história notável de um vizinho, Marion Stansell, de trinta e cinco anos, um inventor amador e mecânico de motores que geria um posto de abastecimento e oficina de reparação de automóveis em Birmingham. Tal como o petrolífero Edgar B. Davis, Stansell tinha visões nas quais alegadamente recebia comunicações diretas de Deus. Os Cooney queriam saber se as visões eram autênticas e se a Fonte o poderia ajudar a alcançar o sonho da sua vida: um motor de movimento perpétuo.

A história que os Cooney contaram aos Cayce era totalmente fantástica. Stansell tinha tido uma experiência de quase-morte enquanto recuperava de um ferimento de bala e de envenenamento por gás mostarda em França durante a Primeira Guerra Mundial. Enquanto recuperava numa enfermaria de hospital, tinha contraído uma infeção viral e, na sua condição já enfraquecida, sofreu uma paragem cardíaca que o levou a ser declarado morto. De forma semelhante a outros que relataram experiências de quase-morte, afirmou ter-se elevado acima do seu corpo e ter observado a equipa do hospital a pairar sobre si. Ficou então consciente da sua família de volta a Birmingham, que rezava desesperadamente pelo seu regresso seguro a casa. Na sua visão, um «guia espiritual» apareceu e acompanhou Stansell para o que ele descreveu como uma dimensão habitada pelos recentemente mortos. Não desejando continuar a sua viagem astral, pediu para conhecer Jesus, a quem implorou que lhe fosse permitido regressar à terra para poder cuidar da sua família. Cristo disse-lhe que podia regressar se se comprometesse a fazer a

vontade de Deus. Ser-lhe-ia dada uma fórmula para um dispositivo mecânico que poderia salvar o planeta de uma determinada destruição ambiental. Vinte minutos depois de ser declarado morto, Stansell despertou. Os médicos ficaram não só chocados por o encontrar vivo, mas também por a sua infeção ter desaparecido e as queimaduras de gás mostarda estarem completamente curadas.

Graças aos Cooney, foi organizado um encontro com Stansell no Tutwiler Hotel de Birmingham, onde uma leitura médica foi realizada a 1 de fevereiro. Em transe, Cayce confirmou que o corpo de Stansell tinha passado por uma cura. Ele não estava completamente recuperado e foram recomendados tratamentos para melhorar a sua saúde geral, mas estes eram semelhantes a recomendações dadas a muitas outras pessoas relativamente saudáveis ao longo dos anos. Mais digno de nota, a leitura indicava que Stansell tinha consideráveis «talentoss psíquicos» e que através de «sonhos e visões» seria capaz de ver projetos para um tipo revolucionário de motor. De acordo com as leituras, este motor foi concebido no reino espiritual por De Witt Clinton, o falecido ex-governador de Nova Iorque que, na sua última encarnação na terra, tinha sido a força criativa por trás do desenvolvimento do Canal Erie e de outros projetos de engenharia em grande escala. Tendo por esta altura realizado cerca de uma centena ou mais de leituras sobre o mercado de ações nas quais outras entidades tinham feito aparições ou intervindo para fornecer informação, Cayce não ficou melindrado. Aceitou a informação tal como dada.

Esta leitura, e outras por vir, também sugeriam que com a assistência em transe de Edgar Cayce, Clinton poderia fornecer informação técnica precisa a Stansell. Além disso, a Fonte deixou claro que Stansell precisaria de uma equipa dedicada de

empresários atlantes com o mesmo pensamento — entre eles Morton Blumenthal e Tim Brown, inventor e fabricante de peças de automóveis de Dayton — para levar a invenção até à sua conclusão. Não só seriam ultimamente dadas leituras relacionadas com motores para Brown, cujos esforços criativos ajudaram a estabelecer os sistemas de ignição da Delco Electronics, mas também seriam dadas leituras a Charles Kettering, que se tornaria chefe de pesquisa e desenvolvimento da General Motors sob o comando de William Sloan. Os membros da família do Sr. Sloan foram também recetores de leituras de Cayce. Stansell, parecia, estava em companhia muito distinta, tanto em carne e osso como do outro lado.

De Witt Clinton, o falecido ex-governador de Nova Iorque. Mais orientação do além.

Blumenthal ficou tão entusiasmado com a informação como Tim Brown e solicitou a primeira de vinte e uma leituras dedicadas ao motor de Stansell. A primeira, realizada no Hotel La Salle em Chicago a 8 de março de 1928, deu o tom para as muitas outras por vir. O dispositivo, conforme delineado, devia ser construído e operado num grande tanque metálico cheio de água. Dentro do tanque ficaria suspenso um tambor contendo ar comprimido ou vapor que rodaria quando o dispositivo fosse ativado. Ao redor dos lados e dentro do tambor havia rodas dentadas metálicas, como pinos a sobressair de um alfineteiro.

Estavam descritas como funcionando nas linhas das velas de ignição num bloco de motor. Uma «árvore de cames» a passar pelo centro do tambor estaria ligada a um eixo de transmissão do tipo lagarta para aproveitar a força motriz criada pelo tambor rotativo.

Desenhos de patente para rolamentos de esferas usados no motor de Stansell.

Na teoria apresentada pela Fonte, as partículas carregadas positivamente no fundo do tambor cheio de vapor contrair-se-iam à medida que subiam ao encontro das partículas carregadas negativamente no topo. O resultado seria uma força rotacional que faria o tambor girar e acionar a árvore de cames. A ação a ter lugar no tambor metálico foi comparada à rotação da terra: uma vez posto em movimento, o tambor giraria indefinidamente até ser fisicamente parado. Não haveria gases de escape nem emissões perigosas, e não exigiria outro combustível além do necessário para inicialmente pôr o tambor em movimento.

Robert Cooney, atuando como agente de negócios de Stansell, tentou sem sucesso explicar a Cayce a ciência básica que alicerçava a invenção. «A frase 'obter algo do nada' está incorreta», escreveria ele. «Sabemos que não existe tal coisa como o nada. Sabemos que tudo é uma força ou alguma forma de energia. Não sabemos a relação destas forças de energia entre si — ou, por outras palavras, a Relatividade da Força —, mas podemos assumir que esta relação existe. Portanto, no caso do nosso motor, quando olhamos para as duas substâncias, [essencialmente] água e ar, olhamos para elas como forças, e ao usar um engenho mecânico para acentuar e retardar estas forças no momento certo é possível utilizar a força resultante ou força componente. Foi isto que se fez no Motor Stansell.»

Edgar não entrou ele próprio na discussão da ciência do que surgia, mas apreciou um aviso referido na primeira leitura a todos os participantes que procuravam trabalhar juntos para construir o motor: «Deve haver uma cooperação perfeita do eu e da vontade com aqueles que ajudariam a aperfeiçoar isto do lado material. Também deve haver uma cooperação perfeita com o eu interior para obter essa informação.»

Com Edgar a bordo para dar leituras, Brown e Blumenthal agarraram a oportunidade de ajudar Stansell a realizar o seu sonho. No processo, esperavam naturalmente obter rendimentos para operar e expandir o hospital e para se enriquecerem a si próprios também, pois a revolução técnica que um motor de movimento perpétuo criaria na indústria seria monumental. Imagine-se um mundo com um fornecimento ilimitado de energia limpa livremente disponível para todos. Sem poluentes nem emissões. Sem linhas de transmissão. E com energia suficiente para fazer voar um avião ou pilotar um navio ao redor do mundo.

Entusiasmados com as perspetivas, foi elaborado um contrato entre Brown e Blumenthal para reunirem os seus recursos e instalarem Stansell na Brinkman Engineering Company, uma incubadora de tecnologia de motores de última geração em Dayton, Ohio. Era também um local dispendioso para desenvolver a sua invenção, como os parceiros viriam a descobrir. Nos primeiros meses de experiências na Brinkman, Brown e Blumenthal gastaram dezenas de milhares de dólares a montar o que vieram a ser dois protótipos de motores não funcionais.

O filho de Stansell, e outros que viram os protótipos, descreveram-nos como parecidos com um arrefecedor evaporativo em forma de caixa com um tambor em forma de

barril suspenso no meio. Esta configuração manteve-se o padrão, embora tenham sido criados e posteriormente descartados dispositivos de vários tamanhos à medida que os engenheiros começaram a usar ferramentas e materiais mais precisos conforme especificado nas leituras. Quando cada novo modelo era construído, Brown solicitava e recebia numerosas leituras adicionais para explicar por que razão um modelo particular falhava em funcionar como esperado e para aprofundar a física subjacente.

Ao contrário de conselhos de engenharia anteriores fornecidos pela Fonte a vários inventores que tinham abordado Cayce em anos anteriores, mais notavelmente Thomas Edison e Nikola Tesla, os parceiros do motor Stansell estavam simultaneamente a compilar novos conceitos teóricos enquanto construíam efetivamente a sua invenção. O mais notável de tudo, e sem precedentes na história da ciência, era que engenheiros altamente qualificados e credenciados estavam a trabalhar com um psíquico.

Para estes engenheiros e outros por vir, Cayce usava terminologia e conceitos que eram consistentes com a física aceite do seu tempo, enquadrando-os contudo nos termos de uma visão mais abrangente daquilo a que chamava as leis de Deus. «A vida nas suas manifestações é vibração», começava um desses discursos. O tipo ou «comprimento de onda» de vibração, dizia ele, determinava como atuava num determinado ambiente ou dimensão. «A vibração que é criativa é uma coisa, a vibração que é destrutiva é outra . . . contudo podem ser da mesma fonte, como nas forças elétricas . . . no corpo [humano] . . . Lembrem-se, a vida é vibração, a mente também o é, a matéria também.» De acordo com isto, Cayce afirmaria: «a eletricidade . . . é a mesma energia . . . [que é chamada] Deus. Não que Deus seja uma luz

elétrica ou uma máquina elétrica, mas a vibração que é criativa [construtiva em vez de destrutiva] é da mesma energia que a própria vida.»

Mais relevante para compreender como o motor Stansell funcionava, a Fonte estabeleceu uma distinção entre a energia que era do «espírito» e a que era da «manifestação terrestre». Isto foi descrito como a lei Divina da «polaridade» a atuar sobre a «Causa Primeira», ou a força de energia de Deus. No reino Divino ou espiritual, a energia era descrita como positivamente carregada ou em expansão. A manifestação terrestre ou material era tanto positivamente como negativamente carregada. A energia vibracional carregada negativamente, disse Cayce, contrai-se em vez de se expandir e cria, em essência, energia em movimento.

Também de acordo com Cayce, a ação a ter lugar entre as partículas carregadas positiva e negativamente era a gravidade ou aquilo em que «tudo . . . é atraído para um centro comum . . . [A gravidade é apenas] a centralização da força vibratória [no plano material].» Cayce sugeriu ainda que o que era comummente entendido como a atração magnética que uma agulha de bússola tinha em direção ao polo positivo da terra era uma e a mesma coisa que a gravidade. Uma maçã cai ao chão pela mesma razão que um pedaço de metal se agarra a um íman. A rotação da Terra ou «força radial» era também um resultado da gravidade ou do deslocamento de «forças impulsionadoras». Ao alterar as combinações de vibrações, poder-se-ia mudar a atração gravitacional nos vários elementos para criar, como a Fonte confirmou ser possível, um dispositivo antigravidade.

Os membros da equipa, contudo, estavam menos interessados em construir um dispositivo antigravidade do que nos pormenores do motor Stansell. Dito de forma simples, dizia-se que funcionava

no princípio de alterar alternadamente a atração gravitacional do vapor no alojamento do tambor do motor. As rodas dentadas ou «sprankles», como são referidas nas leituras, eram diapasões que transmitiam o nível vibracional do vapor no tambor e atuavam sobre os gases presos no interior, fazendo com que estes alternadamente subissem ao topo do tambor e depois afundassem até ao fundo. Esta ação foi descrita como sendo o mesmo tipo de força centrífuga encontrada na natureza. Ao pôr primeiro o tambor em movimento, o homem fazia o que Deus tinha feito na Causa Primeira quando a sua «força diretora» ou a libertação de energia vibracional criou o universo e pôs a Terra e outros objetos planetários a girar no espaço.

Tim Brown, que com Stansell tomou a liderança no desenvolvimento do motor, tinha aparentemente a compreensão mais clara dos alegados princípios científicos apresentados, pois grande parte da correspondência de Brown em Dayton para Edgar em Virginia Beach e Morton em Nova Iorque era meramente uma tentativa de explicar o que ele pensava que as leituras diziam. O problema era passar da teoria à prática. Ao longo do curso do que se tornou uma luta de três anos para criar um dispositivo operacional, a Fonte forneceu uma ampla variedade de razões técnicas pelas quais cada protótipo falhava em funcionar. O maior desafio, como Brown o descreveu, era montar as peças do motor na ordem adequada enquanto submersas em água e simultaneamente manter a pressão certa dentro do tambor.

Não só isto, as várias peças tinham de ser montadas na sequência correta ou os gases carregados negativamente no tambor misturar-se-iam com o vapor carregado positivamente. Um desafio menor, mas ainda assim problemático, era pôr o conjunto em movimento quando o dispositivo estava precisamente ajustado ao longo de uma linha de eixo este e oeste.

A Fonte disse que isto era necessário, conjeturou Brown, porque caso contrário os polos carregados positiva e negativamente da Terra interfeririam com a ação a ter lugar dentro do tambor.

Um novo protótipo após outro foi construído e depois descartado. Entre várias melhorias, foram cortadas ranhuras nas rodas dentadas ou diapasões, uma modificação que se acreditava acelerar a transferência da vibração da água no tanque para a vibração do vapor no tambor. Quando o tambor metálico foi julgado demasiado frágil para a experimentação adequada, usou-se uma pele metálica mais espessa e os seus contornos de superfície foram polidos até ficarem lisos. Como Brown notaria, com cada nova variação de protótipo todos os outros elementos no conjunto tinham de ser ajustados e novas leituras realizadas para determinar se tinham acertado na configuração.

Cooney parece ter sido o primeiro dos parceiros de Stansell a desistir da experimentação contínua. Brown simplesmente fincou o pé. Estava convencido de que os princípios por trás do motor Stansell não só tornariam os parceiros ricos, mas também resultariam numa revolução tecnológica tão importante como a revolução industrial. Certo de que a equipa estava no caminho certo e de que apenas uma reconfiguração menor do seu protótipo mais recente tornaria o dispositivo operacional, Brown e Blumenthal avançaram para patentear o dispositivo. Numa leitura em 7 de março de 1929, foi pedido à Fonte que estimasse quanto rendimento a sua invenção poderia gerar. A resposta foi «10 000 000 de dólares». Isto era certamente motivo para celebrar, juntamente com a observação numa leitura para Edwin Blumenthal de que a sua última configuração estava correta. Contudo, juntamente com a notícia entusiasmante de que estavam a aproximar-se da conclusão da sua invenção, veio um lembrete semelhante ao referido nas primeiras leituras: os parceiros deviam

lembrar-se de que «a mente é o construtor», e que se devia dar o devido pensamento às suas intenções e propósitos. Como nas leituras anteriores de poços de petróleo e novamente discutido nas Leituras de Vida e agora revisitado nas leituras de ciência, empreendimentos deste tipo exigiam um acordo antes que o bem se manifestasse.

O rancheiro e petrolífero de Oklahoma, Curtis Wilmot, tinha dito isto da melhor forma numa carta a Cayce em 1923: «Todas as mãos têm de estar a puxar juntas com um propósito comum», e esse propósito comum não podia ser pelo desejo de riquezas, mas para o «propósito de Deus», ou o «Primeiro Propósito».

Por muito otimista que Blumenthal estivesse na altura, o problema não era pôr a máquina em movimento, mas mantê-la em movimento. Independentemente de como estivesse configurada, não rodava mais do que algumas rotações antes de ir abaixo. Com o colapso do mercado de ações no inverno de 1929 e após a entrada de um segundo psíquico como consultor principal no projeto do motor Stansell, o seu empreendimento comercial acabou. Mais tarde ainda, após um incêndio ter destruído a Brinkman Engineering Company em 1942, os protótipos dos motores Stansell foram vendidos para sucata metálica. Vinte anos mais tarde Stansell faleceria. Tudo o que tinha saído das leituras do motor foi um design inovador para rolamentos de esferas que Stansell, Cooney e outro parceiro patentearam, mas que não tiveram sucesso em lançar no mercado.

Contudo, ao longo dos anos de construção de protótipos, Morton nunca perdeu a fé no dispositivo, mas deixou-o ir de qualquer forma. A razão ostensiva foi porque o seu outro grande projeto — o Hospital Cayce para Pesquisa e Iluminação — se tinha nesta altura tornado uma realidade.

Marion Stansell (e a sua esposa). Ele trabalhou no motor até à sua morte em 1963

Thomas Joseph Sugrue (1907-1953)

TOM SUGRUE:
À SOMBRA DAS PIRÂMIDES

Edgar e Hugh Lynn trabalhavam ao lado da equipa de construção dando os toques finais no edifício principal do hospital. Juntando-se a eles nos andaimes estava o melhor amigo de Hugh Lynn, Tom Sugrue, nas férias de verão da faculdade.

Sugrue, de vinte e três anos, tinha mais entusiasmo do que talento como carpinteiro, mas acolheu os conceitos apresentados

nas leituras de Cayce como poucos outros. Ninguém no tempo de vida de Cayce escreveria tão extensivamente sobre Edgar ou faria tanto para popularizar o seu trabalho. Mas apesar das dezenas de milhares de palavras que passariam pela sua máquina de escrever, Sugrue manteve em segredo a razão pessoal e imperiosa pela qual tinha tal fé em Cayce. Nem revelaria como era membro do mesmo grupo de almas a quem era dada a oportunidade de realizar nesta vida o que tinha falhado em fazer no antigo Egito.

A introdução de Sugrue ao trabalho de Cayce deu-se em 1926 quando conheceu Hugh Lynn na Universidade Washington and Lee, onde ambos eram alunos do segundo ano. Tom usava um gorro, dedilhava um cavaquinho e cantava uma cantiga irlandesa. O jovem franzino e ruivo de Naugatuck, Connecticut, perguntou a Hugh Lynn de onde era. Hugh Lynn disse-lhe Virginia Beach, e Tom respondeu com uma observação depreciativa que daria o tom para os vinte e cinco anos seguintes da relação deles.

Sugrue queria ser escritor mais do que qualquer outra coisa. Tinha saído do ensino secundário há dois anos e trabalhava como caixa num banco de Connecticut quando o presidente do banco lhe pediu para escrever uma história para o jornal local sobre o piquenique da empresa. O artigo foi bem recebido e inspirou-o a inscrever-se na Universidade Washington and Lee. Desde o momento em que ele e Hugh Lynn se conheceram, discutiam sobre praticamente tudo, por vezes resolvendo as suas divergências com uma luta a murro. Discutiam sobre as coisas mais mundanas — desde como decorar o quarto do dormitório a quem tirava melhores notas. Discutiam sobre onde iriam viver quando se graduassem, qual era a melhor fraternidade e, acima de tudo, sobre religião.

Tom, um católico devoto, tinha outrora considerado estudar para o sacerdócio. Ele não só rejeitava o que Hugh Lynn tinha para lhe dizer sobre a reencarnação e sobre as histórias de Jesus que Hugh Lynn afirmava não terem entrado na Bíblia, mas achava-as absurdas. Hugh Lynn acabou por o desafiar a ir a Virginia Beach e conhecer o seu pai. Tom apenas concordou em fazê-lo, disse ele, com a intenção de provar que «Cayce era uma fraude».

Em privado, Hugh Lynn revelou as grandes esperanças que tinha para Tom numa carta ao seu pai: «Conheci um rapaz . . . que um dia será bem conhecido como escritor . . . Ele está muito interessado e estou ansioso por colocá-lo [na lista dos que vão receber Leituras de Vida]. Dámo-nos miseravelmente mal, ambos demasiado sarcásticos e discordamos em muitas grandes ideias, contudo devemos ter tido alguma atração [numa encarnação anterior].»

Foi organizada uma leitura em junho de 1927 quando Tom e Hugh Lynn vieram a Virginia Beach nas suas férias de verão para ajudar na construção do hospital. Mal Tom chegou, começou a pontificar sobre o «ardil» do fenómeno psíquico. Hugh Lynn e Gladys ficaram felizes por lhe dar corda suficiente, como diziam, «para ele se enforcar».

Tom não ficou inicialmente impressionado com o que veio na sua Leitura de Vida, pois havia coisas que Hugh Lynn poderia ter partilhado previamente com o seu pai. A Fonte discutiu a influência que várias estrelas e planetas tinham no comportamento de Tom e descreveu-o como sendo «de mente elevada» e um amante do belo — quer na música, poesia, literatura ou ao ar livre. A Fonte disse que ele era «alguém que é atraído por poucos, contudo atrai muitos», que era «excêntrico de

uma forma . . . bem-visto, de boas intenções . . . contudo não bem fundamentado».

Sugrue não podia argumentar o contrário. Escrevia poesia além de um romance não publicado, era um músico consumado e não gostava de nada melhor do que estar ao ar livre. Um argumento convincente também poderia ser feito de que ele não estava bem fundamentado: cedia a tentações com demasiada facilidade, quer fosse para pregar um punho a Hugh Lynn ou meter-se com uma colega da faculdade. Foi o que veio a seguir na leitura que despertou o seu interesse.

A leitura indicava que ele, tal como Arthur Lammers, tinha sido outrora um monge, sugerindo que a vida num claustro tinha não só promovido o seu interesse pelo Catolicismo, pela escrita e pela erudição, mas também pela música. Na sua encarnação mais recente tinha sido um cruzado na Terra Santa. A Fonte disse que era por isso que ele tinha um desejo inato de ver as Terras Santas e escrever sobre elas — o que, de facto, Tom tinha desejado desesperadamente fazer e mais tarde, após uma peregrinação a Jerusalém, escreveria um livro sobre elas.

A encarnação mais relevante de Tom foi como escriba no antigo Egito, quando se tinha envolvido numa conspiração que colocou Edgar Cayce, então o sumo sacerdote Ra Ta, contra Hugh Lynn, que era o Faraó. Tom tinha tomado o partido de Edgar contra Hugh Lynn, que estava a ser influenciado por Morton. Assim, não era de admirar que Hugh Lynn e Tom fossem propensos a discutir como discutiam nesta encarnação. Havia um karma sério que precisava de ser trabalhado entre eles.

«A entidade estava então entre os que se levantaram em rebelião aquando da expulsão do sacerdote [Edgar Cayce], e

liderou contra esse trono [onde se sentava Hugh Lynn] . . . e a entidade ganhou e perdeu nesse período, contudo muito do impulso presente é visto dessa experiência . . . Esse do conselho a muitos para a tomada de posição definitiva pelo Correto como deve ser tomada, e o impulso para escrever [sobre os ensinamentos] . . . e no mesmo se encontrará na presente experiência as maiores forças conforme podem ser manifestadas pela entidade.»

Hugh Lynn e Edgar interpretaram isto como significando que Tom participava na reunião de almas que foram atraídas juntas a partir da sua estada egípcia e que ele encontraria a sua vocação a escrever sobre o que aprendeu com a experiência. Como os Cayce e Gladys bem sabiam, uma das grandes realizações que a equipa tinha assumido no Egito foi a construção do que a Fonte chamava «O Templo Belo», que era um centro de saúde e rejuvenescimento, semelhante em muitos aspetos ao que o hospital Cayce seria nos tempos modernos. Apenas no Egito, o empreendimento tinha terminado com a expulsão de Ra Ta, o Sumo Sacerdote.

Esta interpretação fazia todo o sentido para todos, exceto para Tom. Nos dias que se seguiram, contudo, quando Tom teve oportunidade de estudar as outras Leituras de Vida, a sua própria começou a fazer mais sentido. Edgar compreendia pelo que ele estava a passar.

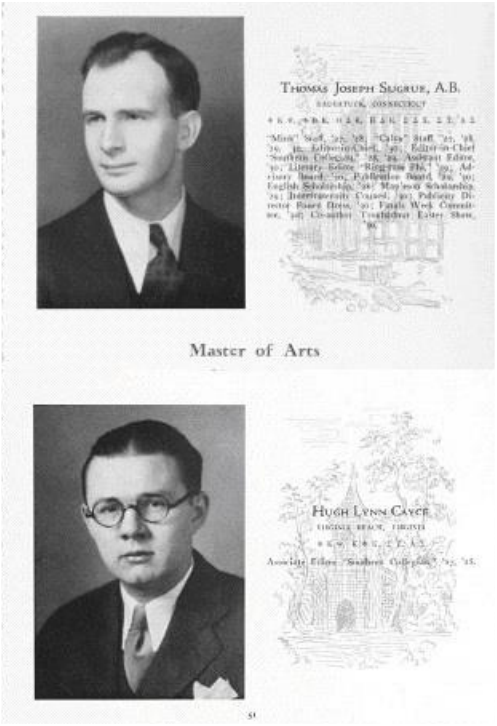
«Ficar habituado às ideias [na casa dos Cayce] é . . . como viver com tribos da selva que não usam roupas», explicou Edgar a Tom. «Ao fim de um ano ou dois percebes que tu és o de aspeto engraçado com todas as tuas roupas.»

Sugrue tornou-se um convertido assumido ao trabalho na sua segunda viagem a Virginia Beach no dezembro seguinte, quando recebeu uma leitura médica. O que lhe foi dito deixou-o chocado e estupefacto. Em transe, Cayce revelou detalhes íntimos da sua vida pessoal que uma pessoa normal não poderia possivelmente saber — nem mesmo Hugh Lynn, que nesta altura partilhava o quarto de dormitório com ele. A leitura indicava que ele tinha contraído gonorreia — um facto que Tom nunca tinha revelado a ninguém — e avisou que haveria consequências nefastas se ele não seguisse uma dieta especial, injeções de medicação na sua uretra e o que a Fonte descreveu como uma «vida limpa e pura». Em transe, Cayce aconselhou-o a não se preocupar, «pois a preocupação trará as maiores perturbações para o sistema».

Tudo mudou para Tom uma vez realizada esta leitura. Hugh Lynn relatou como o seu amigo começou a estudar o que se tinha tornado agora um arquivo massivo de leituras e à noite se juntava à família para discutir reencarnação, astrologia e medicina. Juntamente com Hugh Lynn, fizeram um esforço concertado para superar o seu passado kármico e aprender a trabalhar juntos. Lutas ainda ocorriam, mas eram sobre como as leituras eram melhor interpretadas. Sugrue obteria ainda conselho em transe sobre editores e diretores a quem devia submeter manuscritos e, quando mais tarde lhe foi dada a oportunidade de escrever a biografia de Cayce, conselho em transe sobre como aspetos das leituras e as pessoas nela contidas deviam ser melhor apresentados aos leitores.

À medida que a construção do hospital Cayce se aproximava da conclusão, Sugrue tomou a decisão de se dedicar inteiramente ao trabalho em Virginia Beach. «Decidi [aquando da graduação] entrar no trabalho como uma carreira para a vida», escreveu ele a Edgar. «E como tenho plena fé nele e em si . . . deveria neste

momento colocar-me inteiramente nas mãos . . . [da Fonte] tanto física como mentalmente.»



Entradas de Tom Sugrue e Hugh Lynn Cayce no livro do ano de 1930 da Universidade Washington and Lee.

Ele foi trabalhar imediatamente, primeiro recrutando a ajuda do seu professor universitário favorito e de Hugh Lynn. Graças aos seus esforços coordenados, o distinto professor de psicologia da Washington and Lee, William Mosely Brown, ficou intrigado com o trabalho a ser feito em Virginia Beach e daria o discurso de dedicação do hospital a 11 de novembro de 1928. Morton, de pé ao lado de Edgar após o comovente discurso, ficou tão emocionado com o momento que se inclinou para ele e disse: «[Aqui] ergue-se o nosso grande carvalho, Edgar, da terra em direção ao céu.»

A relação contínua de Tom e Hugh Lynn com Brown traria ainda mais o professor para o meio de Cayce. Alguns meses mais tarde, quando Morton propôs construir uma faculdade no mesmo campus do hospital, Brown foi escolhido como seu presidente e

encarregado de selecionar o corpo docente. A Universidade Atlântica seria para a comunidade académica o que o Hospital Cayce devia ser para a medicina.

A primeira sessão de planeamento do hospital foi um alarme para os desafios que se avizinhavam para todos. As discussões começaram no momento em que todos se sentaram para os trabalhos. A discordância inicial foi sobre se devia ser colocado um telhado de folha de flandres ou de telha na garagem para doze carros que estava então a ser construída para os funcionários atrás do hospital. A seguir vieram discussões inflamadas sobre salários de funcionários, taxas de pacientes do hospital e outros assuntos financeiros. Como Morton pagava as contas, fazia invariavelmente a sua vontade, o que Tom compreendeu, pelo seu próprio estudo das leituras, que não era como devia ser.

Morton e Edgar tiveram de aprender a trabalhar juntos, tal como Tom e Hugh Lynn tentavam fazer.

William Mosely Brown (1894-1966)

"O rebelde que tentou destruir as coisas no Egito parece ter agora uma oportunidade para recompor tudo", alertou Tom a Edgar. "Esperemos todos que ele tenha desenvolvido a força necessária para isso."

A abertura do Hospital Cayce foi celebrada em Virginia Beach! (na 67th com a Atlantic Avenue).

Essas preocupações foram colocadas de parte quando, a 11 de fevereiro de 1929, o hospital Cayce admitiu o seu primeiro paciente — Charles Dillman, um vendedor de móveis do Michigan —, que sofria de uma condição sinusal crónica. Nove dias depois, o seu problema tinha desaparecido. Antes da sua partida, tinha chegado a segunda paciente, uma mulher de trinta e seis anos que sofria de problemas digestivos há mais de um ano. Outros dois chegariam antes do final do mês: um homem de cinquenta e oito anos com um tumor na bexiga e a esposa de um farmacêutico que tinha asma, bronquite e distúrbios na vesícula biliar. Ao longo dos dez meses seguintes, mais de quarenta pacientes seriam admitidos, incluindo Sugrue, que estava a ser tratado para uma doença venérea. Embora Sugrue também viesse a sentir alívio dos seus sintomas enquanto esteve no hospital, eventos infelizes já em curso conspirariam contra a conclusão do seu tratamento e voltariam para o assombrar de forma altamente trágica: ele passaria grande parte da sua carreira literária posterior confinado a uma cadeira de rodas.

Esta eventualidade, no entanto, não estava na mente de ninguém quando todos deram o seu contributo para fazer do hospital Cayce e da Universidade Atlantic um sucesso. Nunca antes Edgar tinha dado tantas leituras físicas e nunca antes tinha havido tantos médicos presentes para tratar os pacientes exatamente como as leituras recomendavam. Durante os primeiros três meses do novo ano, Edgar deu mais de duascentas leituras, muito mais do que jamais tinham sido realizadas antes. Também pela primeira vez, havia uma lista de espera para

marcações que se estendia por meses no futuro. Os dias difíceis em Dayton pareciam ter ficado finalmente para trás.

Morton partilhava do entusiasmo de Edgar, mas rapidamente desviou a sua atenção para a Universidade Atlantic. Embora houvesse cursos regulares de matemática, ciências e artes, a faculdade ofereceria o que agora se poderia denominar um currículo “Nova Era”. Inventores e engenheiros como Tim Brown e Marion Stansell apresentariam aos estudantes novos conceitos científicos, e Morton e o seu irmão criariam uma série de cursos de "vanguarda" sobre filosofia, metafísica, espiritualismo e as ciências esotéricas sugeridas nas leituras.

Tom e Hugh Lynn estavam igualmente entusiasmados, pois ambos seriam empregados na universidade. Após a graduação, Tom escreveria textos de Relações Públicas tanto para o hospital como para a universidade e mudar-se-ia para um apartamento no terceiro andar do edifício do hospital. Hugh Lynn seria contratado como bibliotecário da universidade e, além disso, assumiria o programa desportivo. Para jovens graduados universitários, o futuro reservava verdadeiramente possibilidades anteriormente inimagináveis. Estavam no centro do que prometia ser uma comunidade diferente de tudo o que alguma vez existira — exceto, talvez, no Egito.

Artigo do Alexandria Times-Tribune (Elwood, Indiana) a celebrar a abertura da Universidade Atlantic, 1 de dezembro de 1930.

Embora Cayce e muitos outros na direção do hospital acreditassem que Blumenthal não deveria tentar lançar uma faculdade antes de o hospital ser autossustentável, eles capitularam depois de Morton prometer financiar pessoalmente e

supervisionar todos os custos de arranque. A direção decidiu a favor de Morton presidir a um recém-formado Conselho Educativo, composto por ele próprio, Edwin e Tim Brown, que desenvolveria e operaria uma universidade com fundos que acreditavam vir a ser obtidos a partir do motor Stansell. O conselho não prestaria contas a ninguém a não ser a si próprio.

Isto, como Sugrue mais tarde cronicaria, foi outro aviso não atendido. Edgar não tinha voz nas decisões do Conselho Educativo, nem foi consultado ou solicitado a dar conselhos em transe. E a sua falta de envolvimento não era uma questão da sua agenda preenchida. A verdade, como mais tarde se tornou evidente, mas não expressa na altura, era que Morton não considerava Edgar Cayce um homem instruído. Ele sublinhava repetidamente que Edgar não tinha escolaridade formal, quanto mais um diploma universitário, e que tinha sido ele, Morton, quem tinha tirado o psíquico da "obscuridade". Tal atitude contrastava impressionantemente com o que vinha através das leituras sobre a parceria: que a "mente é o construtor" e que deveria ser dada a devida atenção à forma como a instituição devia ser operada. "Não sejas ditatorial, nem dominador na tua própria atividade", foi dito a Morton.

Edgar foi novamente desfeiteado numa matéria de jornal que delineava o currículo proposto pelo Dr. Brown para a Universidade Atlantic. Além dos cursos convencionais encontrados em outras faculdades de artes liberais, o fenómeno psíquico seria estudado, mas puramente sob a perspetiva científica. "Serão utilizados os mesmos métodos gerais que são utilizados em todas as outras ciências", disse Brown aos jornalistas, "[mas nós não estamos] categoricamente interessados em espiritualismo, mediunidade, clarividência ou qualquer outra das charlatanices comumente conhecidas."

A ilação de que a "charlatanice" estava a ter lugar do outro lado da rua do local proposto para a Universidade Atlantic chocou Edgar. Ele também achou perturbador que o trabalho dos parceiros em Virginia Beach estivesse a ser separado em dois empreendimentos distintos. O mesmo cenário, como Sugrue mais tarde detalharia, tinha tido lugar no Egito quando Edgar, como o sacerdote Ra Ta, foi marginalizado e depois expulso da corte do Faraó. Uma comunidade de almas com ideias semelhantes a operar em parceria era o que as leituras pediam.

Infelizmente para Sugrue, e em menor grau para Hugh Lynn, em virtude da sua idade e relativa inexperiência, os seus papéis no drama que se desenrolava foram desempenhados apenas a partir dos bastidores. O papel de Tom era cronicar o que se passava e não participar ativamente na tomada de decisões.

"Parece que tu ficarás como guarda principal ao portão do hospital, e eu ao portão da universidade", disse Morton sobre os seus respetivos papéis e os de Edgar. A título de pedido de desculpas por não o incluir no processo de tomada de decisão, Morton disse: "Nunca perdi o meu afeto por ti, pelos teus, ou pelo trabalho, nem quero usurpar qualquer poder mandão que de alguma forma procure tirar vantagem de alguém. No entanto, sê paciente até que eu possa encontrar-me completamente a mim próprio, o que não é assim tão fácil sob a terrível tensão e pressão que estão constantemente sobre mim."

Por muito que Morton estivesse a sentir a tensão de gerir uma empresa de corretagem em Nova Iorque e de construir uma universidade em Virginia Beach, Edgar, também ele, estava sob considerável tensão. Por omissão, ele era o administrador em funções no hospital, enquanto ao mesmo tempo dava leituras e as

explicava aos pacientes. Além disso, com Morton e os seus contabilistas preocupados com a construção de um campus universitário, ninguém estava a cargo da contabilidade do hospital, um assunto que causou considerável fricção quando Morton exigiu uma prestação de contas detalhada das despesas.

Insatisfeito com o que recebeu, Morton solicitou que as despesas fossem reduzidas e que fossem feitos esforços para manter o orçamento alinhado com as receitas. Como logo se tornou evidente, nenhuma pessoa individual estava a cargo dos negócios nem nenhuma pessoa individual estava a cargo da compra de fornecimentos. Para piorar as coisas, metade dos pacientes que tinham sido admitidos no hospital não tinham dinheiro para pagar as suas visitas ou não mantinham as suas contas em dia.

Edgar prometeu a Morton pôr os livros em ordem. Sobrecarregado com outras tarefas, ele entregou a responsabilidade ao seu pai, que foi temporariamente contratado como agente central de compras até que outra pessoa fosse encontrada para assumir o cargo. Leslie, que tinha um longo historial de fracassos comerciais, estava ainda menos equipado do que Edgar para assumir a responsabilidade.

Tom Sugrue e Hugh Lynn viram os sinais claramente. Não havia trabalho em equipa, um assunto sobre o qual a Fonte discorreu longamente. Quando a situação atingiu um ponto de crise, as leituras foram mais uma vez interrompidas por uma presença celestial, só que desta vez pelo próprio Mestre. Numa linguagem que facilmente poderia ser confundida com uma passagem da Bíblia, a "entidade" que falava através de Cayce enfatizou a urgência da cooperação antes que o seu empreendimento se afundasse.

Que cada um esteja atento a esse lugar, a esse nicho, a esse [propósito] que cada um deve preencher. Cooperai com os outros indivíduos, trabalhando nas suas capacidades individuais, para que todo o [propósito] seja como um só, assim como o Pai e Eu somos um em vós. Não falo de mim mesmo, mas para que saibais a verdade, tal como foi entregue no dia em que andei entre os homens e me tornei conhecido como o 'filho do homem' e o salvador . . . Aqui, meus irmãos, viestes novamente para cumprir, neste lugar, um princípio glorioso, um glorioso artigo de trabalho entre os filhos do homem.

Apesar das admoestações, não há evidências de que os membros da direção do hospital tenham agido de acordo com o conselho dado. Dave Kahn estava a enviar os seus pagamentos mensais para Virginia Beach como tinha prometido quando a associação governativa foi formada, mas os seus cheques eram passados pessoalmente a Edgar, não para a conta do hospital. Gertrude realizava todas as leituras, mas ficava em casa, raramente se aventurando no próprio hospital para visitar os pacientes. Linden Shroyer, aparentemente com ciúmes do papel que Gladys desempenhava como principal confidenciante de Edgar, culpou-a pelos derrapagens de custos e pela falha em manter os livros. Edgar, o administrador principal, era em última análise o responsável pelo funcionamento geral do hospital, mas como Tom e Hugh Lynn notaram, a sua saúde e visão estavam a deteriorar-se sob o stresse. Ele não era um homem de negócios nem nunca tinha fingido sê-lo. No entanto, cada vez mais, era este o papel que lhe pediam para desempenhar.

As questões financeiras tornaram-se gradualmente o foco de toda a discórdia. E a pairar sobre elas, como nuvens de tempestade, estava aquilo que viria a ser a Grande Depressão. Até

ao final de 1929, os pacientes do hospital não estavam a pagar as suas contas, e no primeiro ano de funcionamento da universidade, mais de 40 por cento dos estudantes que entravam seriam incapazes de pagar a propina.

A quantidade de dinheiro que os Blumenthal perderam durante a Depressão varia dramaticamente dependendo de em quem se acredita. Tom Sugrue afirmou que os Blumenthal perderam mais de 1 milhão de dólares. Morton afirmou que as suas perdas foram mais próximas de 100 000 dólares e, mais ainda, que ele e o seu irmão passaram a Depressão em grande estilo, período durante o qual fizeram férias dispendiosas.

O facto de Morton e Edwin não terem perdido o seu assento na bolsa até 1937 e de terem feito respetivamente viagens à Europa e a Cuba após o colapso do mercado de ações sugere que as suas perdas não foram tão devastadoras como Sugrue acreditava. No entanto, o relato de Morton sobre os eventos que transcorreram imediatamente antes e depois do colapso contrasta impressionantemente com os registos existentes.

Morton e o seu irmão afirmariam que as leituras em transe não lhes deram qualquer pista sobre os eventos vindouros, o que foi a razão principal que mais tarde dariam para se desencantarem com Cayce e para não conseguirem, em consciência, continuar a levar a sério os seus conselhos em transe ou a continuar a apoiar o esforço do hospital.

"Muitas vezes me perguntei se a era louca pelo dinheiro dos anos vinte não teve algum efeito sobre Cayce", escreveria Blumenthal mais tarde. "As pessoas estavam a fazer fortunas da noite para o dia, e o próprio Cayce tinha-se movido bastante depressa do limiar da pobreza para um mundo de dinheiro e

abundância material. É muito possível que esta tenha sido a causa de algumas das suas inconsistências. De qualquer forma, os seus dons psíquicos pareciam nunca beneficiar os seus benfeitores, e falharam-me no momento em que poderiam ter sido da maior ajuda."

Blumenthal faria referência particularmente aos eventos em torno de 29 de outubro de 1929, o que tem sido chamado de "Terça-Feira Negra", quando os preços na bolsa caíram dez pontos logo de manhã e, até ao final do dia, perderam trinta pontos.

De acordo com o relato de Morton sobre o que aconteceu nesse dia, ele ligou para Virginia Beach e pediu que Edgar fosse para Nova Iorque para estar ao seu lado, para que as leituras pudessem ser realizadas numa base horária. Além disso, de acordo com Morton, a informação subsequente que veio através das leituras em Nova Iorque indicava que o pior tinha passado. O mercado iria estabilizar e em breve começaria a subir.

O registo de arquivo não apoia as afirmações de Blumenthal. Não só Morton e Edwin foram avisados do colapso nas leituras, como também o foram David Kahn e Tim Brown, que receberam leituras consistentes com as recebidas pelos Blumenthal. E ao contrário dos Blumenthal, Kahn saiu do mercado. Brown não o conseguiu fazer porque tinha colocado uma parte da sua carteira nas mãos de Morton para supervisionar como achasse melhor.

As referências nas leituras às agitações vindouras foram mais notáveis no verão de 1929, e pelo outono, Morton e o seu irmão estavam tão preocupados com o que vinha através delas que viajaram para Virginia Beach com o propósito expresso de clarificar os avisos de desastre iminente. Durante a sua última

sessão em Virginia Beach, realizada um pouco antes da Terça-Feira Negra, a Fonte disse que uma das maiores contas dos Blumenthal poderia ser "eliminada" no dia seguinte. "Melhor vender e depois comprar de volta a um preço mais baixo numa data posterior", veio a recomendação.

O contacto seguinte de Edgar com os Blumenthal foi por telefone em Virginia Beach no início de novembro, após a Terça-Feira Negra, altura em que Morton solicitou a confirmação de que deveria estar "fora" do mercado. O conselho foi o mesmo dado anteriormente. Foi dito a Morton para se manter fora do mercado até instrução em contrário.

A viagem que Edgar fez a Nova Iorque, referida por Morton como tendo tido lugar no final de outubro, não ocorreu na realidade senão em novembro. A leitura teve um tom particularmente espiritual: um lembrete a Morton e Edwin de que a "união" que eles representavam com Cayce seria "invejada por muitos" e que era da sua responsabilidade "honrar" a confiança que lhes tinha sido dada mantendo-se firmes.

"Aquele que fornece o pão para os irmãos controlará muitas cidades", disse a Fonte. "Aquele que honra o seu Deus não ficará sem plena recompensa, diz o Senhor. Pois àquele que amei, a esse também levantarei. Aquele que ensina ao seu irmão o caminho certo não ficará sem recompensa."

Os Blumenthal receberam mais algumas leituras antes de deixarem Nova Iorque em férias prolongadas. Morton e Adeline foram para França e Norte de África, e Edwin e a sua esposa foram para Cuba. Nenhuma da sua correspondência sugere que se tivessem sentido traídos por Cayce ou que as leituras lhes tivessem falhado quando eram mais necessárias. Tudo o que está

claro a partir do registo é que as agitações no mercado tinham abalado Morton e encheu-o de medo. E em vez de se voltar para Edgar Cayce em busca de ajuda, ele convidou outra psíquica para a sua vida.

Para Sugrue, o drama que se desenrolava tinha mais de dois milénios. Ra Ta estava fora. Morton tinha escolhido uma Alta Sacerdotisa para instalar no Templo Belo.

PATRICIA DEVLIN:
A ALTA SACERDOTISA

O hospital Cayce estava ainda nas etapas de planeamento quando a esposa de Morton, Adeline, teve um sonho perturbador que desejava que Edgar interpretasse. Ela viu o número 32 e depois vivenciou o seguinte:

[Vi] Morton a casar-se com outra rapariga, a abandonar-me. Apelai à sua mãe, Freda, e ela disse: 'Não, não vejo razão para o parar se ele se quer casar com ela.' 'Mas eu amo-o', respondi. Ela era feia e uma loira grande. Morton casou-se com ela e eu fui ao casamento. Depois eu queria que o Morton se divorciasse dela e se casasse novamente comigo porque eu simplesmente o adorava. Mas isso não foi consentido. Vi-a sentar-se numa cadeira [e] a fumar um cigarro enquanto rezava a Deus. Ela era desprezível para mim.

Edgar tinha dado anteriormente a Adeline dezoito leituras de interpretação de sonhos. Não há registo de que alguma para este sonho tenha sido realizada. Em retrospetiva, dado o quão precisas

e perspicazes eram as outras leituras de sonhos de Adeline, mais notavelmente sobre o filho "fraco de mente" dela e de Morton, isto faz pensar sobre que dificuldades futuras poderiam ter sido evitadas se Edgar tivesse realizado a interpretação do sonho.

O número 32 pode ter sido uma referência a 1932 — o ano em que antigos membros da direção do hospital Cayce se enfrentaram em tribunal, a Universidade Atlantic fechou as suas portas e Morton deixaria Adeline por outra mulher. Essa mulher era de facto uma loira feia e fumadora compulsiva. De acordo com Gladys, ela era "gordinha" com mechas de vermelho-morango no cabelo. Embora Adeline desejasse fazer a paz com Morton e retomar o seu casamento, o relacionamento deles terminou numa amarga batalha pela custódia.

A outra mulher que figurou no drama foi Patricia Couglin Devlin, de vinte e cinco anos, uma ex-operadora de central telefónica no edifício da Broadway onde os irmãos Blumenthal tinham a sua empresa de corretagem em Nova Iorque. Nenhum registo detalha as circunstâncias do que transcorreu entre ela e Morton à porta fechada, mas o que quer que tenha tido lugar foi mais complexo do que um marido deixar a sua esposa por outra mulher.

Devlin era casada quando conheceu Morton. E à medida que o casamento de Morton se desmoronava, ela viveu intermitentemente tanto com Morton como com o seu marido numa variedade de apartamentos e casas, além de ter vivido brevemente com o irmão de Morton, Edwin. Tudo o que se pode dizer com certeza é que Morton considerava "Pat" psiquicamente dotada e procurou ajudá-la a desenvolver os seus dons. Ele e o seu irmão acabaram por colocá-la a cargo dos seus negócios em Virginia Beach.

O facto de Devlin ser operadora de central telefónica no edifício de escritórios de Blumenthal pode ou não ter "melhorado" a sua capacidade de fornecer informações psíquicas detalhadas. Gladys, que falava com o escritório de Morton três a quatro vezes por dia, estava convencida de que ela escutava as suas conversas. Independentemente da fonte da sua informação, no entanto, não há dúvida de que ela tinha um conhecimento íntimo dos negócios pessoais e empresariais de Morton e Edgar antes de Morton a contratar como sua assistente pessoal em 1929. A própria Devlin afirmou que a sua fonte de informação eram os mesmos "canais psíquicos" a que Edgar Cayce acedia e disse a Morton que só tinha de fechar os olhos para entrar num estado de transe induzido por si própria que lhe permitia viajar subconscientemente para Virginia Beach para ver o que se passava no hospital. A correspondência de Morton apenas revela que ele "descobriu" em Devlin o que tinha visto em Edgar Cayce em Dayton e, tal como tinha feito com Cayce, atribuiu a si próprio o crédito por ajudar Devlin a desenvolver o "precioso dom" que ela possuía.

Não existem registos de quando a sua relação com Morton passou além da de empregada e empregador. Os Cayce sabiam apenas que ela começou a acompanhar Morton a Virginia Beach no início de 1929, ajudou-o a preparar palestras que ele deu no hospital e foi posteriormente colocada a cargo dos negócios da Universidade Atlantic. No ano seguinte, ela daria as suas próprias palestras no hospital e tornar-se-ia a principal fonte de informação psíquica para a Stansell Motor. Tal como a entidade DeWitt Clinton tinha falado anteriormente através de Edgar, falava agora através dela, embora não com o mesmo detalhe. Para surpresa de Tim Brown e Stansell, a entidade Clinton afirmava agora que o marido desempregado de Patricia, Paul Devlin, poderia tanto

resolver as dificuldades do motor como ajudá-los a construir um dispositivo antigravidade.

Edgar expressou apenas um leve interesse naquela a quem chamou a "protegida" de Morton quando foram apresentados pela primeira vez em Virginia Beach. Ele, também, a encorajou a desenvolver os seus talentos psíquicos. Embora ela e Edgar não pareçam ter tido qualquer discussão sobre as suas respetivas responsabilidades relativamente ao desejo contínuo dos irmãos Blumenthal por informação psíquica, tornou-se claro em breve que ela não só estava a dar a Morton e Edwin conselhos psíquicos sobre o mercado de ações, mas também estava a consultar sobre matérias relacionadas com as contas do hospital. A única coisa que ela aparentemente não conseguia fazer eram as leituras médicas.

Dado que virtualmente todos os empregados, tanto do hospital como da universidade, tinham sido avaliados pela Fonte, é digno de nota que nenhuma leitura dedicada tenha sido solicitada sobre a adequação de Devlin. A primeira referência significativa nas leituras é uma única pergunta colocada à Fonte em fevereiro de 1930, quando Edwin estava aparentemente preocupado com problemas que estava a ter em manter-se "sintonizado" enquanto trabalhava com Devlin em transe. Numa resposta particularmente reveladora, a Fonte disse que ele não deveria colocar a sua "confiança em poderes feitos por mãos". Como surgiram divergências entre os membros da direção no setembro seguinte, Kahn decidiu, para o melhor interesse da parceria, realizar uma leitura para perguntar se Morton, como Presidente da Associação, estava a ser devidamente servido pela sua "conselheira espiritual" Patricia Devlin. Desta vez a Fonte simplesmente respondeu: "Deixai-os [os parceiros] responder por si próprios."

A única sessão em transe inteiramente dedicada a Devlin foi uma leitura física realizada a 11 de janeiro de 1931, para diagnosticar e recomendar tratamento para dores que ela estava a ter nas costas e no plexo solar. Cayce — em transe — prescreveu um tratamento padrão que consistia numa mudança de dieta e na aplicação de compressas de sais de Epsom e óleo de rícino, indicando que, caso ela seguisse as recomendações, as suas dores desapareceriam dentro de dois ou três dias.

Edgar poderá muito bem ter ficado aliviado por não ter de dar leituras aos Blumenthal enquanto trabalhava simultaneamente no hospital. Dar conselhos sobre o mercado de ações não tinha sido do seu agrado e era visto por si mais como um meio para manter o hospital à tona. E Morton parecia estar a receber ajuda genuína dela. Como Edgar observou numa carta a Tim Brown: "[Tem] certamente [havido] algumas coisas maravilhosas que Morton tem conseguido obter através da sua ajudante e assistente lá no escritório."

As sessões em transe de Devlin eram diferentes das de Edgar. Ela conseguia lembrar-se da informação que alegadamente vinha através de si, e falava na sua voz normal usando frases claras e distintas, sem o uso repetitivo de pronomes, advérbios e linguagem bíblica que por vezes tornava as leituras de Cayce difíceis de entender. Morton viu claramente esta diferença como uma grande vantagem, bem como a sua disponibilidade para se reunir com ele de um momento para o outro. Amigos de David Kahn relatavam ver Morton a entrar e a sair do apartamento dela a todas as horas do dia e da noite, o que o preocupava mais a ele do que aparentemente aos Cayce. "Isto provavelmente vai acabar num tiroteio perigoso", escreveu Kahn, "mas não é da minha conta."

O presidente da Universidade Atlantic, Mosley Brown, teve o primeiro confronto sério com ela. No início de outubro de 1929, enquanto Devlin reanalisava a correspondência da universidade, descobriu que, sem o conhecimento de Morton, Brown tinha contratado mais dois professores do que o acordado numa reunião anterior. Embora Morton estivesse justificadamente chateado, Devlin estava pronta para ir para a guerra. Como Morton disse mais tarde: "A Pat acenou com a sua bonita cabeça ruiva, pôs o chapéu e saiu, regressando com um advogado."

Devlin desempenhou um papel crescente na supervisão das contas do hospital. Pouco depois do seu confronto com Brown, ela e Morton visitaram o hospital e chamaram Edgar à parte, informando-o de que as despesas tinham de ser cortadas e que dependia dele garantir que os empregados cumpriam as novas regras. O que mais perturbou Edgar nessa reunião foi o pedido dela e de Morton para que Edgar reduzisse a concessão de leituras "gratuitas" e se concentrasse nos clientes pagantes.

Após o colapso do mercado de ações, quando Morton e Edwin fizeram as suas viagens ao estrangeiro, Devlin foi colocada a cargo de supervisionar todos os seus interesses em Virginia Beach. O próprio Edgar não se opôs ao arranjo, pois isso retirava a responsabilidade dos seus ombros e dos de Gladys. O desafio de Edgar surgiu em janeiro de 1930, quando ela o informou de uma decisão que tinha sido tomada, presumivelmente com a bênção de Morton, para limitar o número de leituras dadas a pacientes que fossem incapazes ou estivessem indispostos a pagar por elas.

Edgar, movido à ação, escreveu imediatamente a Morton informando-o em termos inequívocos de que o único poder para limitar quem receberia ajuda era um poder mais elevado do que

qualquer um deles. “[Ninguém] tu ou qualquer outra pessoa . . . pode controlar as leituras”, escreveu ele. “[Tu e eu] podemos ser capazes de controlar os momentos em que daremos as leituras, mas para quem vão ser, e quando vão ser dadas — no minuto em que fizermos isso, perdemos a própria . . . base de todo o trabalho . . . Lembra-te de que o Mestre não se recusou a curar todos os dez leprosos, embora apenas dois tenham voltado e dito ‘obrigado’.”

Morton não pressionou o assunto quando ele e Adeline regressaram a casa vindo da Europa, mas Gladys e outros notaram uma mudança que se tinha apoderado dele. Como Gladys refletiu mais tarde: “O Sr. Blumenthal nunca mais foi o mesmo após o seu regresso. Em algum ponto do caminho, ele perdeu aquele contacto mágico que o tinha protegido.” A este respeito, ela não se referia apenas à sua capacidade de ganhar dinheiro, mas também à sua saúde. Enquanto Devlin fornecia cada vez mais informações sobre o mercado de ações, Morton voltava-se para Edgar em busca de conselhos de saúde relacionados com o stresse.

Neste ponto, as leituras imploravam para que os parceiros começassem a cooperar. Onde a Fonte descrevera a cooperação como uma “necessidade” quando os parceiros se juntaram pela primeira vez, indicava agora que “tudo estaria perdido” a menos que a cooperação se tornasse a sua “tarefa” e “propósito” centrais. A mensagem era quase idêntica à dada para a parceria de Edgar Davis e Frank Seiberling: “A menos que haja uma coligação dos interesses . . . muito do que tem sido como um sonho . . . será perdido. Em vez de . . . ampliar as diferenças que existiram [agi] à maneira do amor fraterno . . . A lei do Senhor é como a espada de dois gumes.”

A 16 de fevereiro de 1930, Devlin relatou a Morton o que descreveu como a notícia "desenganadora" de que Edgar estava a levá-lo numa "viagem financeira". Os gastos não tinham sido cortados no hospital, como tinha sido prometido. Além disso, a investigação pessoal de Devlin tinha revelado o que ela determinou ser um excesso de hóspedes não pagantes a viver no último andar do hospital, cujas contribuições para o resultado final ela declarou serem marginais. Entre os culpados estavam Tom Sugrue, Leslie Cayce, as irmãs de Edgar, Annie Cayce e Sarah Cayce Hesson; e a prima de Gladys, Mildred Davis. Ela também nomeou Booker Avery, o homem de manutenção e motorista do hospital que, segundo Devlin, usava o automóvel do hospital para frequentes excursões pela noite dentro.

Morton convocou uma reunião de emergência da direção do hospital. Quando todos chegaram e Devlin conduziu Tim Brown e Morton colina acima até à sala de reuniões, um dos seus saltos altos prendeu-se em algo enterrado no relvado. Descobriram um cano. Tim Brown seguiu o cano e descobriu que ele ia da linha de água do hospital até ao chalé de um vizinho. Quando lhe pediram para explicar o arranjo, Edgar admitiu que tinha deixado o vizinho ligar-se à linha de água do hospital em vez de o fazer passar pela despesa de cavar o seu próprio poço. E não, o vizinho não estava a compensar as contas do hospital pela água.

Havia mais um problema que lançava uma sombra sobre os procedimentos. Shroyer, o encarregado dos registos do hospital, não conseguia encontrar o livro-razão que detalhava os desembolsos. Por mais que ele e Gladys tentassem, o livro-razão não conseguia ser encontrado até que Devlin "psiquicamente" liderou a busca até ao porão do hospital, onde o livro desaparecido foi descoberto debaixo do que Morton denominou uma "pilha de detritos".

Devlin tinha agora a sua prova irrefutável — este livro-razão revelava pagamentos excessivos para alimentação, equipamento hospitalar estranho e muitas despesas pessoais da família Cayce e do pessoal do hospital. Irregularidades adicionais foram alegadamente descobertas quando Devlin consultou comerciantes a quem tinham sido feitas grandes compras.

"Eu [simplesmente] não sou assim tão bom homem de negócios", admitiu Edgar quando confrontado pelo livro-razão e pela contabilidade de Devlin. "Causa-me certamente uma grande frustração dar o meu melhor e depois descobrir que fiquei muito aquém do que deveria ser feito."

Uma leitura subsequente colocou de facto a culpa em Edgar. "Esta presente discórdia . . . tem sido . . . o gasto extravagante de . . . Edgar Cayce." Embora a Fonte, quando questionada sobre especificidades, tenha sugerido que isto só poderia ser visto como uma extravagância em termos materiais: "[a sua extravagância só pode ser] julgada por indivíduos. [Mas] não a partir daqui." A este respeito, Edgar tinha sido extravagante, mas a sua era uma extravagância caracterizada pela caridade, não por um estilo de vida sumptuoso.

Outra reunião especial da direção foi realizada a 16 de setembro de 1930, na qual Morton e o seu irmão assumiram o controlo total do hospital. Edgar não teria autoridade para pagar contas ou aceitar novos pacientes sem aprovação prévia. Apenas a equipa de enfermagem, com um corte no salário, receberia alojamento e alimentação, e um dispositivo conhecido como "regulador" seria colocado no automóvel do hospital para registar e restringir o seu uso não autorizado. Além disso, os médicos do hospital, doravante, deveriam responder diretamente aos

Blumenthal, e não a Edgar. O golpe esmagador final para Edgar foi Morton exigir que David Kahn não recebesse mais leituras.

A própria Devlin apresentou o caso contra Kahn à direção. Como ela tinha descoberto na sua investigação dos registos do hospital, Kahn não só tinha sido faltoso no fabrico das suas contribuições contratuais para o fundo do hospital, como também tinha cobrado à conta do hospital 7000 dólares em mobiliário da sua própria fábrica em Nova Iorque. Sob interrogação, Edgar admitiu que ele também tinha ficado surpreendido por ter recebido uma fatura de Kahn pelo mobiliário, mas tinha-a pago sem questionar. Ninguém, acreditava ele, se deveria sentir obrigado a fazer doações. Elas deveriam vir do coração.

Apesar do pedido de compreensão de Edgar, Morton manteve-se irredutível. Kahn não devia receber mais leituras. Edgar ficou furioso. "Com todo o afeto que tenho por ti, e com tudo o que aprecio do que fizeste por mim", disse-lhe Edgar, "no dia em que eu não puder dar uma leitura para o Dave Kahn ou para qualquer membro da sua família ou para qualquer pessoa, é o dia em que o 'pequeno Eddy' estará sete palmos debaixo da terra."

A prisão de David Kahn instigada pelos Devlin em 1933 colocou-o em risco de perder os seus negócios e de ir à falência.

A 28 de fevereiro de 1931, as portas do hospital fecharam-se para sempre e, um mês depois, realizou-se uma reunião da direção em Nova Iorque durante a qual a Associação foi dissolvida. Poucos meses depois disso, a universidade também fechou as suas portas. Ao contrário de Edgar, que assinava quaisquer papéis que lhe fossem colocados à frente pelos advogados de Morton, David Kahn deu luta e foi depois notificado por Devlin com uma

intimação. Ela processou-o em nome de Morton e Edwin por notas promissórias que ele tinha cossobrescrito para a propriedade do hospital e por opções de ações que ele tinha comprado à margem antes do colapso. Depois Morton e Edwin, usando novamente Devlin como intermediária, processaram Edgar num outro processo civil por vários centenas de dólares que alegavam que Edgar tinha sacado em despesas não autorizadas nos meses finais do declínio do hospital.

Edgar foi autorizado a regressar ao hospital para recolher os registos das leituras em transe, um relógio que lhe tinha sido dado pelos carpinteiros que construíram o edifício do hospital e uma imagem da sua mãe, que esteve pendurada sobre a lareira na entrada. O problema era que ele em breve não teria lareira própria sobre a qual a pendurar. Morton, usando novamente Devlin para agir como seu agente em Virginia Beach, despachou um xerife para notificar os Cayce com uma ordem de despejo. A casa que os Cayce acreditavam ter-lhes sido dada pelos Blumenthal foi em última análise determinada como pertencendo à associação do hospital e, tal como o edifício do hospital, entrou em liquidação judicial. Acabaram por ser entregues, por ordem judicial, aos Blumenthal. Se Edgar tivesse dado luta e não tivesse assinado documentos dando a Morton autoridade sobre a associação, as circunstâncias poderiam ter tomado um rumo diferente. Mas como ele explicou a Hugh Lynn, o hospital tinha sido um sonho partilhado e, sem Morton, o sonho era apenas tijolos e argamassa.

Infelizmente para Sugrue e para tantos outros que os Cayce consideravam família, não havia dinheiro para manter ele ou qualquer outra pessoa na equipa. Tom regressaria à sua casa no Connecticut e acabaria por arranjar um emprego num jornal que lançaria a sua carreira literária; apenas sem os enfermeiros no hospital a lembrarem-no de aderir aos seus tratamentos médicos,

o vírus tinha-se alojado nas suas articulações. Altura em que regressou ao seio dos Cayce e acabou por escrever a biografia de Edgar, as suas articulações tinham inchado ao ponto de ser necessária uma cadeira de rodas.

Gladys, novamente sem salário, estava a dormir num catre num quarto com correntes de ar num chalé alugado em Virginia Beach partilhado pelos quatro Cayce. Escondidas debaixo do seu catre estavam as caixas de arquivo de leituras que ela tinha recolhido desde os seus dias em Selma. O facto de Morton não ver valor a longo prazo nelas foi uma bênção disfarçada, pois caso contrário ele poderia tê-las reivindicado como propriedade pertencente a si, tal como a máquina de escrever do hospital dela.

Como o sonho de Adeline tinha avisado, Morton divorciar-se-ia dela. Nos anos vindouros, ela sofreu um esgotamento nervoso, tal como o seu filho. A mulher que uma vez tinha sido casada com um dos corretores de ações mais ricos de Nova Iorque tornar-se-ia primeiro enfermeira e depois empregada doméstica.

À medida que estes eventos se desenrolavam, os Blumenthal não perderam tempo a liquidar o que restava do hospital. Devlin despediu os médicos e terapeutas do hospital e, por tostões, desmantelou e vendeu o equipamento. Dias depois, uma equipa de carpinteiros chegou para transformar o edifício do hospital num hotel. O novo Templo Belo tinha de facto a sua Alta Sacerdotisa.

O Princess Pat Hotel, nomeado em honra da sua gerente Patricia Devlin, teve uma grande inauguração completa com um coreto e champanhe, mas fecharia as suas portas quatro anos depois por falta de hóspedes. Mais tarde ainda, o antigo edifício do hospital seria vendido e transformado numa discoteca, depois

num clube de oficiais, clube de campo e, eventualmente, num Templo Maçónico. Uma década após o falecimento de Edgar, Hugh Lynn teria um grande prazer em finalmente reaver a propriedade para dar continuidade ao trabalho de Cayce. “Como tropas a reocupar terreno perdido numa escaramuça anterior, os seus soldados espirituais desfrutaram de uma sensação de triunfo”, escreveria o biógrafo de Hugh Lynn.

Numha estranha reviravolta do destino, os irmãos Blumenthal, que partilhavam uma casa com Devlin — e intermitentemente com o marido dela —, viveriam em relativa proximidade com os Cayce pelo resto das suas vidas. Após o fracasso do Princess Pat Hotel, os Blumenthal declararam falência e, em 1946, mudaram-se permanentemente para Virginia Beach. Anos antes dos seus respetivos falecimentos em 1954 e 1980, Morton operava a Patricia G. Devlin Printing Company, que vendia postais de boas-vindas e postais ilustrados especializados na Atlantic Avenue. Após o falecimento de Devlin em 1951, Edwin trabalhou como cozinheiro de comida rápida na marginal.

Os Blumenthal mudaram-se para casa dos Devlin e trabalharam com a sua empresa de impressão.

Apesar do envolvimento dos irmãos Blumenthal na vida de Patricia, ela e o seu marido Paul foram enterrados juntos no Cemitério Católico de St. Mary em Norfolk, Virgínia, aquando dos seus falecimentos em 1950 e 1951.

Se não tivesse sido pela intervenção de David Kahn e de uma mão-cheia de recetores gratos das leituras que formaram o que se tornou a Associação para a Pesquisa e Esclarecimento (A.R.E.), os Cayce poderiam ter-se visto a caminho de ir viver com a família de Gertrude em Hopkinsville. Mas tal não veio a

acontecer. Foram angariados fundos para comprar aos Cayce uma casa própria no Arctic Circle e, com isso, as leituras foram iniciadas mais uma vez.

Como Virginia Harding, uma mulher que sofreria provações não muito diferentes das dos Cayce, aconselharia mais tarde Edgar: “Aqueles que têm consciência devem continuar como fizeram os desbravadores do passado . . . Há tanto lenho morto que tem de ser cortado antes que a luz da verdade possa ser revelada.”

Mitchell Hastings (1910-1994) no Arizona, 1933.

MITCHELL HASTINGS: DESAPARECIDO EM AÇÃO

Apesar do apoio dos membros da A.R.E. que compraram uma casa para Gladys e os Cayce habitarem e cujas quotas de membros forneciam rendimento para que continuassem a realizar leituras, o fim do hospital e o stresse de recomeçar levaram Edgar à beira de um esgotamento nervoso. Agora com cinquenta e quatro anos, sentia como se a sua vida estivesse acabada.

Gladys descreveu a sua alma gémea como “apática” e “incapaz de se concentrar”. Os amigos ficavam perturbados ao vê-lo “perplexo” e “inseguro”. Tinham todas as razões para estar preocupados, pois o seu ser físico refletia claramente a sua

agitação interior: Edgar perdeu temporariamente a voz mais uma vez; sofria de neurite e obstipação grave; precisava agora de óculos, e uma simples constipação levava-lhe semanas a superar. Em menos de três meses, estava nove quilos mais leve e o seu rosto habitualmente bronzeado estava abatido e ceroso. “A menos que sejam feitas alterações, isto pode tornar-se uma condição muito grave”, avisou uma leitura física.

A família e os amigos estavam assim seriamente preocupados quando, sem aviso prévio, Edgar pediu a Gladys para cancelar as leituras agendadas e, a 27 de fevereiro de 1934, deixou Virginia Beach rumo ao Arizona. Quanto tempo ficaria fora e se continuaria ou não com as leituras quando regressasse era uma incógnita para qualquer um. Tudo o que Edgar disse à sua família foi que ele e Mitchell Hastings, o filho de vinte e três anos de novos membros da A.R.E. de Nova Iorque, viajariam juntos e que escreveria para casa quando tivessem oportunidade.

Hugh Lynn ficou mistificado pelo comportamento do seu pai e tentou imediatamente perceber como Hastings se encaixava na história mais ampla, e a relação do jovem homem com a equipa principal de pessoas atraídas pelo trabalho de Cayce. Hastings tinha estado ligado à equipa em encarnações anteriores, mas o seu papel estava mais proximamente identificado com o que tinha acontecido na Atlântida do que no Egito. O futuro do trabalho, suspeitava ele, estava agora a ser impulsionado por um grupo diferente de indivíduos daqueles que anteriormente se tinham juntado para construir o hospital. Os atlantes estavam a assumir o controlo.

Mitchell não tinha estado presente na primeira leitura que recebeu, que foi realizada em Nova Iorque a 14 de novembro de 1933, enquanto Mitchell era um estudante universitário em

Harvard. A família Cayce tinha estado numa viagem a Manhattan para angariar fundos para a recém-nascida A.R.E. O pedido para uma Leitura de Vida tinha vindo através dos pais de Hastings, Theodore e Carolyn, ricos membros da alta sociedade de Park Avenue e teósofos que receberam as suas próprias leituras no dia seguinte.

Cayce — em transe — sugeriu que Mitchell era um indivíduo profundamente talentoso e espiritual que tinha muito a oferecer ao mundo caso se focasse em matérias científicas relacionadas com energia elétrica. Além disso, foi identificado numa encarnação anterior, juntamente com Edgar Evans Cayce, como um dos cientistas na Atlântida que tinha poderes psíquicos altamente desenvolvidos e que tinha ajudado a construir a "pedra de fogo" na central elétrica atlante que tinha levado à destruição desse continente. Esta Leitura de Vida foi especialmente convincente para a família Hastings, pois, sem o conhecimento de Cayce no seu estado acordado, o jovem Mitchell já tinha sido reconhecido como um génio em ascensão no campo da energia eletromagnética e estava a realizar experiências em Harvard usando cristais para alterar frequências elétricas.

No mês seguinte, quando os Cayce estavam de volta a Virginia Beach, Edgar recebeu um pedido para dar a Mitchell uma segunda leitura. Uma leitura física realizada a 13 de dezembro descreveu males graves nas costas e no abdómen relacionados com uma lesão na qual Mitchell tinha fraturado várias das suas costelas. Isto, também, foi uma prova convincente da clarividência de Cayce, visto que não tinha sido dito a Edgar que Mitchell se tinha lesionado seriamente a jogar futebol americano e tinha de facto fraturado três costelas. O diagnóstico provou ser preciso em cada detalhe e, após seguir o plano de

tratamento prescrito, Mitchell ficou em breve de pé e viria a ganhar vários campeonatos amadores de golfe e ténis.

A convite de Edgar, Mitchell viajou para Virginia Beach para as férias de Natal em 1933, onde ele e Edgar se conheceram pessoalmente pela primeira vez. Gostaram tanto da companhia um do outro que Mitchell foi convidado a ficar até ao Ano Novo e, algo invulgar para um novo membro da A.R.E., foram-lhe dadas umas sem precedentes catorze leituras ao longo dos dois meses seguintes. Como parte dos tratamentos prescritos para a lesão nas costas de Hastings, as leituras recomendaram que ele passasse algum tempo no Arizona, onde pudesse ir para ao sol e para o ar seco para recuperar mental e fisicamente. Uma leitura física que Edgar recebeu para si próprio nesse mês de dezembro tinha também recomendado que ele fosse para ao sol e para o ar seco. Assim, foi perfeitamente natural que os dois homens — um psíquico, o outro cientista — decidissem, no impulso do momento, fazer umas férias.

Como mais tarde viria a ser revelado, Mitchell estava sob tanto stresse quanto Edgar, não apenas em resultado da sua lesão, mas também devido às críticas dos seus professores, que não partilhavam das teorias radicais do jovem homem sobre eletromagnetismo. Eles tentavam orientá-lo para o que acreditavam ser uma direção mais convencional. Hastings tinha conseguido prolongar as suas férias de Natal porque tinha decidido abandonar Harvard.

Tal como dois rapazes da escola a faltar às aulas, Edgar e Mitchell despediram-se apressadamente de amigos e familiares e deixaram Virginia Beach no Pontiac de Mitchell, acompanhados pela secretária de Edgar, Gladys Davis, que estava a pedir boleia para Selma para visitar a sua família. Depois de deixarem Gladys

no Alabama, conduziram para oeste através do Mississippi, Louisiana e Texas, chegando a Willcox, Arizona, a 10 de março, onde Edgar recebeu um telegrama de Gladys a solicitar que ele desse uma leitura de emergência para um amigo da família que tinha sofrido um ataque cardíaco. Como Gladys apenas sabia que Edgar se dirigia para o Arizona, o telegrama tinha sido reencaminhado do Alabama para o Texas e finalmente para Willcox, onde alcançou Edgar. Mitchell conduziu e transcreveu a sessão em transe de cinco minutos, que é a única leitura registada como tendo sido realizada durante o que viria a ser a excursão de um mês de Edgar.

A dupla conduziu depois para Bonita, fora de Bisbee, Arizona, onde montaram acampamento no “76 Ranch”, que se tornaria a base de operações para as suas expedições subsequentes, incluindo uma viagem ao México.

Uma casa de hóspedes típica no “76 Ranch” de 4100 acres, propriedade na altura do famoso criador de gado Wilfred Taft Webb.

O “76 Ranch” remonta à década de 1870 e foi o local da batalha de índios Apache de KH Butte em 1881 e do assalto ao pagador de Wham em 1889. O rancho era um notável "rancho para turistas" na década de 1930, quando Edgar e Mitchell lá estiveram.

Muitos anos passariam antes que os detalhes da sua aventura se tornassem conhecidos da família e dos amigos, e mesmo assim, é apenas através da correspondência posterior de Mitchell com Edgar, de breves comentários que Edgar fez a Hugh Lynn e de uma entrevista com o filho de Mitchell que a história mais ampla é agora conhecida.

Com toda a probabilidade, Edgar não falou abertamente sobre a viagem porque não desejava chamar a atenção para a sua exaustão nervosa e o abandono repentino da sua família e responsabilidades. Tudo o que escreveria mais tarde a amigos sobre a viagem foi que tinha tido "algumas experiências bastante interessantes". Mitchell também não discutiu as suas atividades diárias, mas por outras razões. Elas seriam difíceis de acreditar para a maioria das pessoas. Ele já estava preocupado com o que os colegas estudantes e os seus professores de Harvard pensavam dele e do seu trabalho. As leituras em transe que tinha recebido anteriormente de Cayce sobre engenharia e eletromagnetismo eram o único feedback positivo que tinha recebido relativamente àquelas que os seus professores acreditavam ser teorias fundamentalmente falhadas.

Além de apanhar sol e ar seco, Mitchell e Edgar tinham ido em busca de "pedras que falam". Mais especificamente, estavam a prospetar lapis linguis, ou azurite, um mineral azul-escuro que ocorre quer em cristais quer em massas baças com forma de cogumelo. De acordo com leituras que Hastings tinha recebido antes em Virginia Beach, pessoas com inclinação psíquica podiam segurar azurite nas suas mãos durante cinco ou dez minutos ou usá-la contra a pele sob a forma de um pendente e potencialmente elevar as suas vibrações psíquicas a tal ponto que coisas milagrosas poderiam acontecer.

Um exemplo espetacular de azurite em camadas com malaquite de Brisbee, Arizona. É de um azul "azur" profundo.

Este não era um conceito inteiramente novo nas leituras de Cayce. Em muitos casos, Cayce tinha recomendado que um indivíduo se cercasse de uma rocha, mineral ou gema particular, o

que influenciaria uma variedade de condições físicas, mentais e espirituais. Pedra-de-sangue e rubis, por exemplo, foram recomendados a uma mulher de Cuba para ajudar a transcender influências negativas de encarnações passadas. A uma mulher nascida na Argentina foi dito para usar topázio, pois a sua beleza, pureza e clareza trar-lhe-iam força. O conhecimento de como estas rochas e minerais devem ser usados, deixam claro as leituras, era uma ciência altamente desenvolvida na Atlântida e no antigo Egito, mas tristemente, em tempos mais modernos, tinha sido corrompida ou totalmente perdida.

Edgar e Mitchell acabariam por ir dar a território de prospeção de minerais.

A azurite detém um significado especial no corpo mais amplo das leituras de Cayce. Foi este mineral e possivelmente outras pedras preciosas que Cayce sugeriu serem o "Urim e Tumim" mencionados em Êxodo 28:15-21, os quais foram colocados no peitoral do sumo sacerdote Aarão e que foram por ele usados para determinar a vontade do Senhor para o seu povo. Além de coisas não especificadas que poderiam acontecer quando uma pessoa com inclinação psíquica manuseasse ou "escutasse" o mineral, as leituras sugeriam que a azurite, quando exposta ou carregada pela luz do sol e mantida na mão ou contra a pele, poderia melhorar a capacidade de um indivíduo para seguir mais de perto o seu caminho vocacional.

Como tanto Cayce como Hastings tinham decisões importantes de carreira a tomar, fazia todo o sentido que a prospeção de azurite fosse a sua atividade principal nesta viagem de campo. Para além de quererem apanhar sol e respirar o ar seco, isto explica por que escolheram especificamente visitar o Sul do Arizona e, em excursões diárias, aventurar-se no México. Edgar

estava aberto à possibilidade de que manusear o mineral o pudesse ajudar a decidir se devia ou não ficar em Virginia Beach e continuar o seu trabalho. Mitchell poderia usá-lo de forma semelhante para o ajudar a decidir se devia ou não regressar a Harvard e seguir uma carreira como engenheiro eletrotécnico.

Apesar das complicações ao longo da sua jornada — tiveram numerosos problemas mecânicos com o carro, juntamente com furos nos pneus a intervalos regulares ao longo do caminho —, encontraram azurite com sucesso em minas de cobre em redor de Bisbee e Douglas, Arizona, e mais a sul, no México, fora do que se presume ser Nogales e Agua Prieta — regiões fronteiriças notáveis por lapis de alta qualidade. Numa viagem de campo particular, aventuraram-se várias centenas de pés subterrâneo adentro num poço de mina abandonado, levando consigo picaretas e lanternas. Leituras de prospecção foram presumivelmente dadas, semelhantes às que Cayce deu a homens do petróleo do Texas uma década antes, mas estas nunca encontraram o seu caminho de volta para Gladys Davis e para o cofre de Cayce.

Após selecionarem espécimes particularmente grandes e coloridos, Cayce e Hastings lavaram e limparam as suas amostras de azurite e colocaram-nas ao sol para secar. O que aconteceu a seguir poderia facilmente ser descrito como matéria de ficção. Eles tiveram visões — o que Hastings chamou de “miragens” nas quais imagens oníricas de pessoas cavalgavam na sua direção em cavalos, e estranhos aproximavam-se deles para transmitir uma curiosa parte de informação ou conselho. No caso de Mitchell, ele encontrou uma “beleza ruiva”, que se apresentou a ele, desapareceu, e mais tarde apareceria em carne e osso quando ele regressou a casa, a Nova Iorque.

A mãe de Edgar, Carrie Elizabeth Cayce (nascida Major).

Talvez a mais surpreendente e reveladora destas visões tenha sido uma que tiveram num campo no Novo México. Uma aparição da falecida mãe de Edgar apareceu e falou com Edgar sobre o futuro. Ela instou-o a não perder a esperança e a não se preocupar com a sua precária situação financeira. E ele não deveria duvidar do poder e da veracidade da informação que vinha através dele. Em experiências visionárias anteriores, Edgar apenas tinha visto ou ouvido visitantes espirituais. Mas no Novo México, talvez ajudado pelo próprio poder de mente de Hastings e pela vibração aumentada da azurite que carregavam consigo, Edgar alegadamente recebeu uma manifestação mais tangível da visita. A sua mãe entregou-lhe um dólar de prata e, quando ela desapareceu de vista, a moeda permaneceu na palma da sua mão.

No Domingo de Páscoa, 16 de abril, Cayce regressou a Virginia Beach com o dólar de prata da sorte no seu bolso e um entusiasmo renovado, como disse, "para ser de maior serviço ao seu próximo". Mitchell, carregando sacos carregados com uma variedade de amostras minerais, permaneceu no "76 Ranch" por mais um mês antes de regressar a Harvard, onde se graduaria com distinção e viria eventualmente a conhecer e casar com a "beleza ruiva" das suas visões.

Isto não foi, no entanto, o fim da história. Tal como Cayce entregaria leituras cada vez mais perspicazes nos anos vindouros, Hastings também tinha um futuro emocionante pela frente. A sua primeira grande inovação, inspirada pelas leituras de Cayce, foi sobre "eliminadores de estática" cristalinos que revolucionariam a indústria eletrónica e lhe renderiam uma reputação bem merecida como um dos principais engenheiros eletrotécnicos da sua geração. Também com o conselho em transe de Cayce, Hastings seria pioneiro da rádio FM na NBC e desempenharia um papel fulcral no desenvolvimento da tecnologia de computadores na IBM.

Além das suas muitas realizações científicas e de como elas se relacionam com o conselho em transe que recebeu, Hastings foi também significativo para a história de Cayce por ser um dos raros indivíduos em quem Cayce confiava para realizar sessões privadas em transe. Ele também produziu a única gravação de voz existente de Cayce a dar uma leitura. Por razões não compreendidas na altura nem agora, Edgar e Mitchell apenas tinham de estar em estreita proximidade um do outro para Cayce experienciar poderes elevados de clarividência consciente. O mesmo, aparentemente, era verdade para Hastings. Os atlantes, parecia, operavam de alguma forma num nível psíquico diferente da equipa que tinha estado junta no Egito. Como tinha sido prefigurado pela leitura do motor Stansell, os atlantes podiam e iriam usar a ciência e a tecnologia para transformar o planeta.

Mitchell Hastings, Hugh Lynn, Edgar, Gladys Davis e Carolyn Hastings no topo do Empire State Building, 1934.

Graças às leituras de gemas e minerais fornecidas a Hastings, muitos estudantes do trabalho de Cayce descenderiam sobre a Ala

Morgan do Museu de História Natural de Nova Iorque onde, diziam as leituras, um bloco particularmente enorme de azurite quase pura estava alojado. Tal espécime, com quase cinco pés de altura, pesando quatro toneladas e meia, e extraído em Bisbee, Arizona, estava de facto em exibição no museu, onde está hoje. Este espécime particular foi durante muito tempo conhecido como a "pedra que canta" porque tantos visitantes do museu relataram ouvir um som de zumbido quando se colocavam ao lado dela. Estranhamente, a pedra parou de cantar há uma década. Como os investigadores de Cayce subsequentemente descobriram, o silêncio da pedra coincidiu com uma renovação do museu. A pedra foi removida de uma posição de destaque em frente às janelas da galeria onde ficava sob a luz solar direta e foi colocada no fundo da sala onde é banhada em luz artificial. Talvez um dia um curador esclarecido posicione o maciço espécime de volta à luz do sol, e ela cantará novamente.

O bloco de 4,5 toneladas de minério de azurite-malaquite do Arizona no Museu de História Natural na cidade de Nova Iorque.

O dólar de prata de Cayce também se tornou assunto de pesquisas adicionais. Hugh Lynn eventualmente libertou-o do seu pai. Desejoso de aprofundar uma história de todo inacreditável, ele enviou a moeda para o Tesouro Federal para exame, desencadeando uma cadeia de eventos que quase resultou na sua prisão. Como os agentes do FBI devidamente o informaram, o dólar de prata era perfeito em quase todos os aspetos. Apenas não tinha uma marca da casa da moeda. Hugh Lynn, então na casa dos trinta anos, escapou ao processo por falsificação alegando inocência: Se ele próprio tivesse produzido a moeda, por que teria arriscado chamar a atenção para si e para a sua família enviando-a para as autoridades federais? O único lamento de Hugh Lynn foi

que nada do que disse pôde convencer o FBI a devolver o dólar de prata.

O tipo de marca da casa da moeda que faltava na moeda de prata de Carrie.

EILEEN GARRETT:
UMA HISTÓRIA DE DOIS PSÍQUICOS

Apenas uma vez Edgar Cayce solicitou uma leitura em transe a outro psíquico. Parte da razão era porque o seu círculo de amigos de confiança não incluía psíquicos praticantes e também porque Edgar preferia usar o seu tempo livre a pescar e a trabalhar no seu jardim. Além disso, por que pedir conselho psíquico a outra pessoa quando se podia fornecê-lo a si próprio? Por outro lado, Hugh Lynn, que assumiu a gestão da A.R.E. após o fim do hospital, recebeu leituras de muitos psíquicos famosos do seu tempo, assistiu às suas palestras e comparou as suas experiências com as do seu pai.

Hugh Lynn foi um passo mais além a 3 de fevereiro de 1934, quando a renomada psíquica de Londres Eileen Garrett estava a visitar Nova Iorque numa digressão pelos EUA. Com a ajuda da mãe de Mitchell Hastings, Carolyn, ele organizou para que o seu pai e Garrett se encontrassem na casa de Staten Island dos membros da A.R.E. Ernest e Margaret Zentgraf. Cayce, considerado por muitos como o maior psíquico da América, deu a Garrett uma leitura de manhã, e Garrett, a psíquica mais famosa

da Europa, deu a Cayce uma leitura de tarde. O que estas leituras revelaram sobre o seu respetivo trabalho não só forneceu uma perceção única sobre como e por que a informação psíquica lhes era disponibilizada, mas também sobre as respetivas fontes da sua informação.

A irlandesa Garrett, dezasseis anos mais nova que Cayce, tinha muito em comum com o seu homólogo nascido no Kentucky. Ambos tinham companheiros de brincadeiras espirituais com quem partilhavam aventuras de infância. Garrett chamava aos seus "as crianças". Ambos viam auras coloridas ao redor de pessoas e plantas — o que Garrett descrevia como "envolventes". Eles também viam e conversavam com pessoas mortas. No caso de Garrett, o seu primeiro encontro foi com a sua Tia Leon, que apareceu logo de manhã carregando um bebé nos braços. Ela disse à adolescente Eileen que teria de "ir embora" e "levar o bebé comigo". Apenas mais tarde foi revelado que a Tia Leon e o seu bebé tinham morrido nessa manhã durante o parto. Eileen, também, tal como o jovem Eddy, teve dificuldade em aclimatar-se à escola e era rotineiramente repreendida por relatar o que outros consideravam mentiras e histórias fantasiosas.

As dificuldades de Cayce, no entanto, empalidecem em comparação com as de Garrett. Os seus pais, um protestante e a outra católica, casaram-se em segredo e depois cometeram suicídio em vez de enfrentar o que seria certamente o ridículo sectário na comunidade agrícola irlandesa onde Eileen nasceu. Ela foi enviada para um colégio interno em Londres, casou-se aos quinze anos com um homem doze anos mais velho e deu à luz três filhos que não sobreviveriam à adolescência. O seu primeiro marido obrigou-a a visitar um psiquiatra porque considerava as suas visões prova de loucura. O seu segundo marido foi morto em batalha na Primeira Guerra Mundial. Um noivo subsequente

sucumbiu a uma doença súbita antes que os votos pudessem ser trocados.

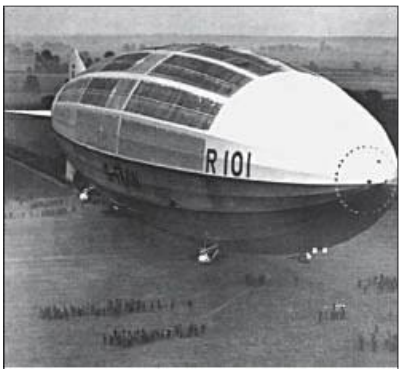
Por mais dolorosas que estas tragédias fossem, cada uma serviu como um catalisador para o desenvolvimento adicional das suas capacidades psíquicas. No caso do seu primogénito, Garrett estava a empurrar o seu bebé num carrinho de bebé quando ouviu uma voz desencarnada dizer-lhe que a criança não estaria com ela por muito tempo. Meses mais tarde, ele adoeceu subitamente com meningite. Enquanto ele jazia a morrer nos seus braços, ela veria o "envolvente" envelope de cor da criança subir como uma nuvem nebulosa e deixar o seu corpo. Ela não se enlutaria no sentido convencional, pois sabia com certeza, como escreveria, "que a morte não era um fim, mas levava a outros estados de ser".

Avançando no seu caminho para se tornar uma psíquica praticante, ela falaria com os mortos, forneceria conselhos e consolação aos doentes e enfermos, e preveria eventos futuros. Tal como as de Cayce, as suas sessões em transe não eram realizadas em salas escurecidas nem acompanhadas de teatralidades. Não havia levitação de mesas, tocar de instrumentos musicais do outro mundo, nem manifestações vaporosas de ectoplasma fantasmagórico. Garrett colocava-se num transe hipnótico induzido por si própria, e entidades falavam através dela.

Ao contrário de Cayce, as entidades de Garrett apresentavam-se no início da leitura. Eram descritas como os seus "controlos" através dos quais ela podia obter informação psíquica ou conversar com outros espíritos. A sua entidade de controlo mais frequente era Uvani, que pretendia ser um soldado árabe do século XIV. Abdul Latif, um médico persa do século XVII, lidava principalmente com diagnóstico e cura. Entidades que se

chamavam Tahotah e Ramah não reivindicavam encarnações terrenas.

Durante a sessão em transe mais amplamente relatada de Garrett, realizada em Londres em 1930, Uvani apresentou o Tenente de Aviação Irwin, Capitão do dirigível R101 que tinha caído dois dias antes em França. Garrett forneceu um relato tão abrangente e técnico do desastre que a Scotland Yard se envolveu. Os investigadores não conseguiam explicar como Garrett poderia possivelmente ter obtido informação tão precisa e detalhada, nem era isto tudo. Naquilo que se tornou uma série de leituras sobre o R101, membros da tripulação e passageiros também viriam através de Garrett para partilhar detalhes estranhamente precisos das suas vidas, juntamente com relatos em primeira pessoa dos seus últimos momentos nos destroços em chamas.



O R101, a maior aeronave na altura, pesava quase 260 000 libras vazia e tinha 777 pés de comprimento e 131 pés de largura. Eram precisas 400 pessoas para o mover. (Algumas das quais aparecem nesta foto.)

O Tenente de Aviação Herbert Carmichael Irwin, AFC, da Royal Air Force, falou através de Eileen, relatando o que tinha corrido mal com a aeronave quando ela caiu dois dias antes.

Assim foi lançada a sua carreira. Embora tanto ela como Cayce dessem leituras para celebridades, líderes mundiais e executivos corporativos, nenhum dos dois tiraria proveito comercial destas associações. Tal como Cayce, Garrett não cobrava por dar conselhos em transe, acreditando que a informação psíquica não devia ser usada para enriquecimento pessoal, mas para a melhoria da humanidade. Também semelhante ao que vinha através das leituras de Cayce, Garrett acreditava que, com treino, qualquer pessoa era capaz de clarividência, telepatia e do que ela denominava "mediunidade psíquica". Não havia magia envolvida, apenas sensibilidade ao poder inerente da mente inconsciente.

A área onde Garrett e Cayce mais diferiam era como acreditavam que os seus respetivos talentos deveriam ser usados. Enquanto Cayce dedicou principalmente a sua carreira a dar leituras de saúde e espirituais a indivíduos que vinham a ele em busca de ajuda, Garrett entregou-se a equipas de cientistas e investigadores. Viajando extensivamente, ela deixou-se de bom grado ser testada, analisada e entrevistada mais do que qualquer psíquico antes ou desde então, e ao submeter-se a uma intensa

escrutínio científico, o seu trabalho tornou-se em grande parte responsável pela criação de programas de pesquisa paranormal em universidades e centros de estudo por todo o mundo. Ela também fundaria uma editora, uma revista e uma fundação filantrópica que promoveria e disseminaria amplamente estudos científicos e académicos do paranormal. Hoje, a biblioteca A.R.E. Cayce em Virginia Beach é apenas um dos muitos beneficiários da sua generosidade.

Em 1934, quando Garrett, de quarenta e um anos, foi apresentada a Cayce, de cinquenta e sete anos, na espaçosa casa da família Zentgraf em Staten Island, Garrett já estava na sua segunda digressão pelos EUA. Descrevida por aqueles que a conheciam como "atrativa de uma forma imponente e viçosa", a encorpada Garrett, com cabelo castanho curto, estava ricamente vestida e usava uma variedade das suas pulseiras, braceletes e anéis de marca registrada. A acompanhá-la na digressão estava a sua filha de dezoito anos, a futura Eileen Garrett Coly. Que ela trouxesse a sua filha foi providencial, pois Edgar estava acompanhado por Hugh Lynn, de vinte e sete anos. Tal como Hugh Lynn orientaria a A.R.E. no futuro, Eileen Coly daria continuidade ao legado de Garrett como Presidente da Parapsychology Foundation, e os seus respetivos filhos, Charles Thomas Cayce e Lisette Coly, preservariam os seus legados no século seguinte.

Embora o encontro de Staten Island fosse um experimento e não fosse visto como um duelo entre os maiores psíquicos do mundo, um elemento de competição amigável estava naturalmente na mente dos treze amigos e membros da família que testemunharam o que teve lugar. Qual psíquico forneceria as perspetivas mais convincentes? Pelo facto de Cayce ficar frequentemente com a família Zentgraf — a sua residência era o

equivalente a um Centro da A.R.E. em Nova Iorque —, os Cayce tinham o que se poderia chamar de vantagem de jogar em casa. Ainda assim, circunstâncias invulgares que antecederam os eventos principais mantiveram os participantes em sobressalto. Na manhã em que as leituras deviam ser dadas, Cayce recebeu pelo correio, endereçado à casa dos Zentgraf, um pacote vindo da Índia. O pacote continha uma bola de cristal. Ninguém entre os presentes afirmou saber quem o tinha enviado ou porquê.

Se a bola de cristal tivesse sido entregue na casa de Cayce em Virginia Beach, não teria recebido o mesmo grau de atenção. Aqui em Staten Island, no entanto, as circunstâncias eram substantivamente diferentes. O pacote, que não continha nenhuma carta de acompanhamento nem cartão de identificação, deve ter sido enviado antes de Hugh Lynn agendar o encontro entre Garrett e o seu pai. Como saberia alguém que Edgar estaria hospedado com os Zentgraf neste dia particular? Igualmente de deixar perplexo era a possível ligação entre a bola de cristal e eventos não explicados que tinham tido lugar na última visita de Cayce à casa dos Zentgraf.

Uma bola de cristal da casa dos Cayce, possivelmente a bola de cristal recebida nesse dia. Tem 3 polegadas de diâmetro e não tem imperfeições.

No passado mês de outubro, quando Cayce tinha ficado com os Zentgraf enquanto dava leituras a apoiantes da A.R.E. de Nova Iorque, um indiano de turbante tinha misteriosamente chegado à porta pedindo para falar com Edgar. Edgar encontrou-se com o estranho exótico e, antes do ponto final da partida abrupta do visitante, entregou uma mensagem verbal conhecida apenas por Edgar. Gladys Davis, que tinha estado presente, acreditava que o homem de turbante era algum guia espiritual disfarçado.

Aumentando o mistério estava o facto de este mesmo indiano ter visitado Cayce em vários pontos de viragem importantes na sua carreira, incluindo um dia, mais de duas décadas antes, quando Cayce tinha entrado no malfadado acordo comercial para realizar leituras em Hopkinsville.

Noutra ocasião, o indiano — que aparentemente não envelhecia — tinha-lhe aparecido num passeio de Nova Iorque, ajoelhou-se diante dele e ofereceu-lhe bênçãos e um aviso sobre uma reunião que ele tinha agendada num hotel trinta minutos mais tarde. A aparição mais recente do indiano, no outubro anterior, tinha coincidido com Edgar ter contraído um caso de pneumonia com risco de vida.

Estaria a entrega de uma bola de cristal, enviada pelo correio da Índia, de alguma forma ligada ao que poderia ser uma reaparição do misterioso homem de turbante? Poderia a bola de cristal estar de alguma forma ligada com a leitura que Cayce estava prestes a dar a Garrett ou com a leitura que Garrett lhe ia dar a ele? Hugh Lynn, sentado numa cadeira de encosto rígido na espaçosa sala de estar do segundo andar dos Zentgraf, deve ter tido estas perguntas em mente quando guiou o seu pai para o que seria uma sessão em transe de trinta e cinco minutos. Ele não pediria, contudo, informação sobre a bola de cristal senão mais tarde nesse dia. Primeiro na sua agenda estava descobrir como e onde Garrett obtinha a sua informação.

"Qual é a fonte da informação psíquica da Sra. Garrett?", perguntou Hugh Lynn logo após a sessão ter começado.

Cayce — em transe — respondeu de forma quase idêntica a quando Lammers fez uma pergunta semelhante. "Uma parte é da alma . . . que fez e faz um canal através do qual forças espirituais

ou psíquicas se podem manifestar num mundo material . . . Também daquelas influências do exterior que são . . . professores, instrutores, diretores, ou aqueles que dariam àqueles no plano material a melhor compreensão."

Também em consonância com a informação que tinha vindo anteriormente, Cayce disse que o propósito de Garrett dar a informação era uma oportunidade para o crescimento da alma e que, quando tal informação é usada para a autossatisfação, os resultados seriam contenção e conflito. Quando usada para o bem, os resultados trariam os frutos edificantes de tais atividades.

"Como pode a Sra. Garrett desenvolver a sua capacidade no grau mais elevado?", perguntou Hugh Lynn mais adiante.

"Mantendo-se em acordo no eu interior com aquilo que é o mais elevado que se pode manifestar através das capacidades e faculdades do corpo da alma. Assim pode dar ao investigador, assim pode dar àqueles que bateriam à porta."

Novamente, esta informação não era nada que não tivesse sido dado anteriormente em leituras. Garrett foi descrita como acedendo à sua informação psíquica através da subjugação da sua mente consciente. Também de forma semelhante a leituras anteriores sobre Cayce, Garrett foi descrita como tendo desenvolvido as suas capacidades psíquicas em encarnações anteriores. As encarnações anteriores mais relevantes tinham sido no Médio Oriente, o que era então a Pérsia e a Arábia, quando se dizia ter ela contribuído muito para os corações e mentes das pessoas como professora.

Quando Hugh Lynn deu seguimento perguntando quem eram os seus guias espirituais, a Fonte surpreendeu-os ao prefigurar o

que seria revelado quando fosse a vez de Garrett dar uma leitura para Cayce. “Deixai-os antes falar por si próprios. Pois os seus nomes estão antes na experiência dela, na busca dela.”

Hugh Lynn e outros interpretariam esta e posteriores referências como significando que vários espíritos ou entidades estavam a trabalhar através de e com Garrett para obter informação. Além disso, esses espíritos ou entidades poderiam razoavelmente ser entendidos como estando a consultar os mesmos registos acedidos por Cayce. O fator definidor ou talvez limitador era a intenção ou o grau de desenvolvimento da alma do investigador. Quando perguntado: “Está a Sra. Garrett a contactar as fontes mais elevadas possíveis para obter informação de acordo com o seu desenvolvimento?”, a Fonte respondeu: “À medida que a alma procura, cada vez mais alto, [pode] haver essas influências . . . na experiência para o desenvolvimento de outros na sua abordagem a tais reinos. Quando a alma procura para si própria, para a proteção do próprio eu e para as atividades do próprio eu, ela [apenas] atinge o mais elevado que é para o desenvolvimento dessa alma. Quando o eu está aberto àqueles que questionariam ou aconselhariam, [está] dependente do desejo, dos propósitos, dos objetivos, quanto a de que fonte ou canal . . . ”

Em outras palavras, Cayce estava a sugerir que, quando alguém procura apenas para si próprio, a fonte mais elevada possível está limitada ao que é necessário e suficiente apenas para o desenvolvimento dessa alma. Quando alguém procura para o desenvolvimento dos outros, a fonte ou canal que atinge depende dos seus desejos, propósitos e objetivos, e poderia viavelmente ser de fontes mais elevadas do que as que contactaria de outra forma.

Hugh Lynn colocaria um pouco mais tarde esta questão sobre o seu pai, e não sobre Garrett: “Se Edgar Cayce alguma vez teve controlos, ele sabe quem são?” Esta era uma pergunta compreensível, pois apenas em raras ocasiões quem ou o que falava através de Cayce parava e se identificava. Mas quando isso acontecia, quem ou o que vinha através dele fazia questão de interromper a leitura para o fazer. A resposta e a troca subsequente foram particularmente esclarecedoras. “Qualquer pessoa pode falar que possa procurar, se a entidade ou as atividades da alma o permitirem; ou se o desejo dos indivíduos que procuram assim o determinar a ponto de fazer um canal definido.”

Isto sugeria que quem ou o que quer que viesse através de Cayce em transe poderia depender do investigador. Mais intrigante foi a resposta quando Hugh Lynn perguntou sobre o poder de clarividência de Cayce. A Fonte disse que Edgar não tinha de entrar em transe para aceder a informação psíquica, mas que ele era na verdade “mais [psíquico] no estado normal ou físico do que no estado hipnótico”. O que era necessário para Edgar exercitar esta capacidade presumivelmente latente era purificar-se das suas “influências carnais”. Além disso, que “com a regeneração que deveria vir para a experiência da entidade, esta pode então ser a maneira, o canal, o caminho através do qual muito das forças construtivas pode ser dado”.

Esta resposta surpreendeu Hugh Lynn, tal como surpreendeu os outros. Mas Gladys e a família Cayce, a algum nível, compreenderam que esta afirmação tinha mérito. Edgar já vivenciava uma ampla gama de talentos paranormais no seu estado acordado — mais a cada novo ano. Ele simplesmente não falava sobre as experiências nem optava por explorar este lado do seu eu acordado. Os críticos já o consideravam “estranho”. Não se

sabia como os Cayce e as suas vidas poderiam ser afetados negativamente se fosse descoberto que, além do que Edgar podia fazer quando "dormia", ele podia conscientemente ler mentes, intuir eventos futuros e conversar com desencarnados.

Também digna de nota foi a referência à rejuvenescimento. Desde o fim do hospital Cayce, Gertrude e Gladys Davis temiam pela saúde de Edgar. Que ele de alguma forma precisaria de se "rejuvenescer" era uma possibilidade distinta. Gladys e os Cayce só tinham de considerar a última visita de Edgar à casa dos Zentgraf quando o indiano tinha aparecido. Edgar tinha contraído um caso de pneumonia tão grave que uma ambulância tinha sido chamada para o levar para o hospital. Contra o conselho de todos, Edgar tinha inexplicavelmente subido para um quarto no andar de cima com Hugh Lynn e trancado a porta. Ele disse a Hugh Lynn que tinha de se curar a si próprio, que foi o que fez. Se Edgar tivesse discutido este evento com a sua família, as suas preocupações persistentes poderiam ter sido mitigadas. Mas ele teimosamente não falava sobre isso. Nem revelou o que o indiano lhe tinha dito.

Teria o misterioso homem de turbante avisado Edgar para não ir para o hospital? Teria ele dito a Edgar para se curar a si próprio em vez disso? Edgar não tinha respondido satisfatoriamente a nenhuma destas perguntas. Ele tinha simplesmente subido as escadas, trancado-se num dos quartos e, horas mais tarde, encharcado em suor, saído do quarto, tendo-se curado a si próprio da pneumonia. A última leitura sugeria agora que ele poderia ter de se curar a si próprio novamente. Se assim fosse, para quando seria? Haveria outra aparição do homem de turbante?

Quem ou o que falava através de Cayce nesta leitura foi a última pergunta de Hugh Lynn na sessão. Tal como as observações anteriores que o seu pai tinha feito em transe, a resposta veio como uma surpresa, e não uma surpresa agradável: "Sendo dirigido . . . a partir dos registos através de Halaliel."

A menção do nome de Halaliel foi suficiente para causar arrepios a todos na sala. Esta era uma entidade que só recentemente tinha feito aparições nas leituras. Na primeira aparição da entidade, cinco meses antes, Halaliel foi apresentado como "um novo iniciado" a oferecer os seus serviços para se tornar o canal ou controlo de Cayce dedicado a aprimorar a sua capacidade psíquica. Halaliel viria mais tarde a fazer uma visita de regresso inesperada numa leitura que solicitava informações sobre o novo chanceler da Alemanha, Adolf Hitler.

Numa voz trovejante e totalmente ominosa, foi isto o que veio através dele: "O fraco, o instável, deve entrar no crisol e tornar-se como nada, assim como Ele [o Mestre dos Mestres], para que possam conhecer o caminho. Eu, Halaliel, falei."

Halaliel, indicavam as leituras, era um anjo da mais alta ordem que, ao lado do Arcanjo Miguel, tinha lutado contra Ariel, o defensor e companheiro de Lúcifer. Halaliel era o que se poderia razoavelmente descrever como o Senhor do Karma, cujo poder endireitaria caminhos e corrigiria faltas e fraquezas humanas ao trazer um "entendimento" imediato ou forçado. Apenas o preço que se pagava por tal "entendimento", deixavam claro as leituras, seria "pesado". No caso de Hitler, esse entendimento viria com uma nação a fazer uma guerra devastadora contra outras.

Halaliel estava agora de volta, a pairar em algum lugar na sala ou noutra dimensão e a falar através do adormecido Cayce numa leitura destinada a Eileen Garrett. Apenas a leitura de alguma forma parecia não ser tanto sobre uma colega psíquica, mas sobre Edgar e o futuro do trabalho de Cayce. Precisaria Edgar de um controlo designado? E se sim, seria Halaliel?

Isto tornou o que se seguiria na leitura de Garrett assustador e tanto mais impressionante. Hugh Lynn conduziu a sessão de uma hora e vinte minutos com Garrett sentada no mesmo sofá onde Cayce se tinha deitado anteriormente. O diálogo começou imediatamente após Garrett adormecer num transe e o controlo de Garrett se apresentar.

"Sou eu, Uvani, saúdo-vos, amigos. A paz esteja convosco e na vossa vida, e no vosso trabalho, e na vossa casa. Saúdo-vos, meus amigos. O que gostariam de mim, por favor?"

Hugh Lynn perguntou a Uvani o que ele lhes podia dizer sobre o trabalho de Cayce.

"Pouco mais do que vós próprios sabeis", respondeu Uvani, e procedeu a descrever como Cayce era particularmente sensível e intuitivo, daí a sua capacidade de viajar etericamente e trazer de volta informação derivada psiquicamente. Como expandido mais tarde na leitura, dizia-se que Edgar passava por vários planos para obter os registos necessários da vida de um indivíduo. A sua passagem etérica, declarou Uvani, era lenta e perigosa, pois Cayce não solicitava assistência ao viajar e estava a despender muita "força" para ir além de si próprio.

Naquilo que parecia ser um convite para Cayce se voltar para alguma outra entidade em busca de ajuda, Uvani descreveu um

peso oneroso nos ombros de Edgar. “Faz um grande desgaste [para ele] . . . usando a sua plena alavancagem etérica e está também a recorrer à sua própria luz espiritual para vossa assistência. Embora se possa dizer, portanto, que ele sempre usou isto sem ajuda [na forma de um controlo], ele está a dar-vos algo da sua própria vida.”

Hugh Lynn também queria saber se o seu pai realmente encontrava alguém ou algo do outro lado quando ia recolher informação psíquica. Uvani disse que suspeitava que Cayce não estava sozinho quando chegava para consultar os registos akásicos, o que Uvani chamava de “salão da sabedoria”, mas admitiu que não conseguia ver quem estava à espera ou a ajudar Cayce a obter o conhecimento desejado.

Como esta leitura sugeria, e uma leitura posterior elaboraria, o próprio Uvani não podia ir ao mesmo destino que Cayce ou subir por tantos planos como Cayce era descrito como fazendo. Ao viajar assim, sustentava Uvani, era difícil para Cayce traduzir o que encontrava para uma linguagem facilmente compreensível ou para o que Uvani descrevia como os próprios “entendimentos” de Edgar, e assim transmitir melhor ou mais claramente a informação que encontrava. Uvani parecia novamente estar a convidar ou a tentar Edgar a procurar ajuda de alguém ou algo que estaria presumivelmente a fazer o trabalho pesado em seu nome.

Tão bem-sucedido quanto Uvani disse que Edgar era nas suas viagens etéricas e como o próprio Cayce observou na leitura no início desse dia, Uvani disse que Cayce era capaz de fazer muito mais no seu estado acordado do que fazia no seu estado de transe subjugado. Entre os dons disponíveis para Edgar estaria a imposição das mãos para curar os doentes, quer fossem pessoas

que vinham a ele em busca de ajuda médica ou ajuda médica que o próprio Edgar necessitasse. Uvani observou ainda que Edgar não estava disposto a percorrer a distância extra necessária para aceder a esta capacidade latente. Edgar tinha-se convencido de que tinha de estar em transe hipnótico para realizar o que fazia e que era assim que queria.

Para Edgar superar o que se poderia chamar o seu obstáculo mental, Edgar só tinha de pedir ajuda, o que era claramente a forma de Uvani estender mais uma proposta para Edgar convidar uma entidade de controlo para a equação. No entanto, como Uvani também disse: "Se ele está feliz no seu próprio estado, também é bom, pois o que é bom para ele, como ele conhece e entende . . . é provavelmente a interpretação correta."

Em consonância com as leituras que Cayce tinha realizado para si próprio, Uvani descreveu encarnações anteriores que tinham levado ao desenvolvimento psíquico de Edgar. A diferença, neste caso, foi a expansão ou elucidação de Uvani sobre uma vida passada que Cayce teve na Índia, a qual ele disse que Edgar esteve a reprimir. Foi nesta vida, disse Uvani, onde Edgar tinha sido torturado e era a razão pela qual Edgar tinha sofrido de problemas relacionados com a garganta. "Pois ele evidentemente sofreu, foi torturado, foi magoado; e descobrirá, meu amigo, que algum dia, se quiser, eu falaria consigo sobre estas muitas coisas que o retiveram na vida, a . . . [propensão] quase a sufocar, a incapacidade por vezes de ser capaz de obter as palavras claramente."

Estas observações ressoaram com Hugh Lynn, tal como com o seu pai. Uma encarnação indiana tinha sido referenciada antes nas Leituras de Vida de Cayce, mas nunca tinha sido mais do que uma nota de rodapé. Os detalhes não tinham surgido como para as

suas vidas no Egito e na Pérsia. No entanto, como era sabido por todos na família Cayce, Edgar tinha uma afinidade inexplicável por obras de arte da Índia, especialmente trabalhos com elefantes. Ele tinha fotografado elefantes de circo quando se tornou fotógrafo pela primeira vez e colecionava elefantes em miniatura esculpidos e de vidro, que mantinha numa prateleira atrás da sua secretária no escritório de Virginia Beach.

Mais relevante para o que Uvani estava a dizer, Edgar tinha tido muitas enfermidades relacionadas com a garganta ao longo dos anos, não sendo a menor delas o seu caso debilitante de laringite que durou um ano. Quando tinha optado por ignorar ou reprimir os seus dons psíquicos, parecia sempre perder a voz. Seria apenas uma coincidência que a laringite debilitante da sua juventude fosse descrita em leituras anteriores como sendo tanto fisiológica como psicológica? O que Uvani parecia agora estar a sugerir era que, se Cayce abraçasse a sua encarnação anterior na Índia, não só superaria as dificuldades que tinha com a sua garganta, mas que muitas novas perceções lhe seriam também reveladas e resultariam maiores poderes psíquicos.

Apenas alguns de muitos na coleção de elefantes de Edgar.

"Dizer-lhe-ei o que fazer, e faça-o com grande seriedade e grande cuidado", disse Uvani, estendendo novamente um convite. "Com a sua cooperação . . . [eu vou] pedir e insistir nessa força através de outra pessoa que o ajudará, o libertará e lhe dará maior capacidade para alcançar estas coisas."

A referência não era ao próprio Uvani. No entanto, Uvani afirmava saber da entidade de quem falava, dizendo: "Há aqueles ao meu redor que falam frequentemente, que o conhecem bem."

Hugh Lynn perguntou se esta era a mesma entidade que tinha falado através de Edgar na leitura que ele tinha dado para Garrett. Uvani não quis dizer: “Eu não estava presente, meu amigo, nesta experiência; também não tenho a permissão do seu pai para falar disto.”

Neste ponto da leitura, o próprio Edgar, sentado ao lado de Hugh Lynn, interveio: “Pode falar sobre isso.”

Uvani respondeu, fazendo referência sem explicação a alguém ou algo que era o “progenitor” de Edgar e presumivelmente era a fonte real ou primária da informação de Cayce. Ao fazê-lo, no entanto, Uvani continuou a ser evasivo sobre quem era a entidade que Uvani queria que Edgar aceitasse como parceiro:

Um homem de físico forte e ardente . . . ele sabe . . . muito da lei mosaica, ele sabe a lei da Caldeia e a lei do egípcio . . . e em mais de uma ocasião se revelou. Agora por que não o deixam vir e quebrar alguma da escuridão . . . Se . . . permitirem que este venha a existir, libertarão todo um fundo de capacidade e dar-lhe-ão a maior clarificação com todo o seu trabalho, retirando muito da exaustão e confusão . . . [de entrar num estado de transe hipnótico]. Se soubesse o poder infinitivo para o bem que tem atrás de si, não estaria descorçoado neste momento . . . Se abrir os seus braços para a ajuda amorosa que este lhe daria, renovaria uma virilidade . . .

Quando pressionado por Hugh Lynn, e tendo recebido a permissão de Edgar para falar mais sobre este assunto, Uvani ainda não revelaria o nome da entidade, apenas pistas tentadoras.

“Conecta de alguma forma com o trabalho dele o nome Halaliel?”, perguntou Hugh Lynn.

“Nós sabemos o significado do nome, meu amigo”, respondeu Uvani. “Está conectado tão definitivamente ao longo de um período de tempo de que acabámos de falar . . . um que respondeu, um que foi chamuscado, um que superou, um que sobreviveu.”

Seria a referência à encarnação indiana? Teria a garganta de Edgar sido queimada nesta vida, talvez por falar de coisas que eram proibidas? Ou seria este que foi chamuscado Halaliel na sua batalha celestial com o Ariel de Lúcifer? Uvani não disse. Apenas continuou a fazer um convite:

Espero bem, meu amigo, que permita que este habitante se aproxime muito. . . . Porque . . . nem sempre sabe como usar esse fundo ilimitado que é seu, dir-lhe-ia que valeria muito a pena permitir ajuda, para que possa haver muita beleza e entendimento, muito mais humildade e muito mais cura, da sua experiência na encarnação indiana . . . Há mais alguma coisa que gostaria de me dizer antes de eu partir?

Esta foi a deixa de Uvani para que Hugh Lynn terminasse a sessão. Ele teria provável tempo para apenas uma ou duas perguntas finais. “Pode dizer-nos alguma coisa relativamente a este cristal enviado ao meu pai da Índia?”, perguntou Hugh Lynn. “Sabe quem lho enviou?”

Uvani respondeu:

Tenho muita certeza de que há uma conexão definitiva entre isso e . . . a própria experiência de [Cayce], e sinto uma certeza

muito definitiva de que é, afinal de contas, o que chamam de espelho. Olhe para dentro dele, meu amigo, e veja a coisa que tem perturbado a sua vida . . . Não creio que o seu pai [Edgar Cayce] deseje de todo olhar para dentro do cristal, mas tenho a certeza de que, se o fizer, verá esta experiência [da Índia] que está a evitar. É-lhe dado como um símbolo.

A mensagem aqui, como a resposta de Uvani sugeria, era que Halaliel tinha de alguma forma enviado a bola de cristal e, além disso, que ele poderia ser o indiano que tinha aparecido e desaparecido misteriosamente em momentos cruciais na vida de Cayce. Talvez este fosse um desses momentos.

Edgar estava a ser convidado a fazer o que Garrett tinha aparentemente feito anos antes ao permitir que Uvani controlasse ou agisse como seu agente etérico. A entidade neste caso, Halaliel, poderia potencialmente mover o trabalho de Cayce para um nível totalmente novo — um no qual a soma total dos seus poderes psíquicos se manifestaria ou seria libertada no seu estado consciente. Milagres poderiam ser seus para realizar.

Para começar a jornada, foi dito a Cayce que ele só tinha de olhar para dentro da bola de cristal, onde seriam reveladas imagens da encarnação indiana que ele tinha vindo a reprimir. Veria ele, por acaso, a sua língua a ser arrancada pela raiz ou visões de ser torturado por revelar mistérios ocultos do universo?

Sempre cortês, Uvani despediu-se. “E agradeço-lhe, meu amigo, por esta oportunidade de falar consigo. Que o bom Senhor na Sua infinita misericórdia, Senhor de todo o universo, o inspire, abençoe e guarde.”

Aqui a leitura terminou.

Eileen Garrett e Edgar Cayce diriam adeus e não voltariam a cruzar caminhos. Mas isto não terminaria a relação entre a A.R.E. e a Parapsychology Foundation de Garrett. As relações permaneceriam sempre cordiais. Antes da morte de Garrett em França em 1970, ela daria uma palestra principal numa conferência da A.R.E. e foi apresentada por Tom Sugrue.

Edgar aparentemente nunca olhou para dentro da bola de cristal. Nem convidou Halaliel para as suas leituras. Por mais tentado que devesse ter estado, Uvani estava talvez correto ao sugerir que Edgar não estava preparado, disposto ou desejoso de explorar a sua encarnação indiana ou de ter um intercessor ou controlo. Mesmo que dar as leituras tenha provado ser um esforço grande demais — segundo todos os relatos acelerando o seu falecimento prematuro —, Cayce preferiu fazer o seu próprio trabalho pesado etérico. Nem estava ansioso por vivenciar o tipo de desenvolvimento da alma e "entendimento" que poderia vir lado a lado com o convite a Halaliel para entrar na sua vida. Edgar acreditava, e as leituras viriam mais tarde a confirmar, que ele estava a ser dirigido por ninguém menos que o Mestre dos Mestres, o próprio Jesus.

Enquanto Halaliel não foi convidado para se juntar à festa, por assim dizer, a bola de cristal permaneceu propriedade da família Cayce, embora não tenha sido usada para o seu propósito pretendido. O neto Charles Thomas Cayce recordar-se-ia com carinho de brincar com ela quando era criança. Ele tirava-a da prateleira do escritório do seu avô e rolava-a pelo corredor. Para pino de bowling, ele usava a coleção de elefantes em miniatura do seu avô.

Ernest Zentgraf (1877 a 1960).

ERNEST ZENTGRAF:
A CONTEMPLAR O SUICÍDIO

A relação de Edgar com Helene e Ernest Zentgraf foi muito além da concessão de um porto de abrigo nas suas viagens a Nova Iorque. Três membros da família tinham sido tratados com sucesso no hospital Cayce e Ernest tinha sido o primeiro presidente do Conselho de Curadores da A.R.E. Eles e os seus seis filhos, membros da família alargada e empregados receberiam coletivamente quase duzentas leituras espirituais e médicas. A Helene — cujo amor pela vida, dedicação à família e generosidade foram uma inspiração para todos os que a conheciam —, Edgar teceria um elogio dos mais magnânimos: "Se eu tivesse de escolher uma mulher no mundo para moldar a minha vida, seria você."

Gladys Davis e os Cayce ficaram, assim, profundamente entristecidos por uma chamada telefónica da filha de dezassete anos de Helene, Margaret, a 19 de abril de 1934, menos de três meses após Edgar ter dado a leitura para Eileen Garrett. Ernest tinha desaparecido de casa, levando consigo uma pistola. Tinha sido visto pela última vez num pequeno café em Reading, Pensilvânia, onde tinha enviado um postal a indicar que estava prestes a tirar a própria vida. Sabendo o que sabiam sobre Ernest

— uma vez tomada uma decisão sobre algo, ele invariavelmente ia até ao fim —, Helene e os Cayce temiam o pior.

Ernest tinha sofrido um esgotamento nervoso, resultado de uma depressão decorrente da sua crença de que era um fracasso como homem de negócios, marido e pai. Margaret não partilhou as especificidades, mas como mais tarde seria revelado por outros, Ernest, de cinquenta e seis anos, tinha sido o fiduciário de um fundo fiduciário familiar de 2 milhões de dólares, a maior parte do qual tinha perdido no mercado de ações e em outros maus investimentos. Pouco antes do seu desaparecimento, a irmã de Ernest, Marie, beneficiária do fundo, tinha criticado severamente Ernest pela sua gestão das contas da família.

Edgar tinha suspeitado de algo em relação à situação financeira difícil da família porque Ernest tinha solicitado anteriormente uma série de leituras de negócios relativas à venda de uma grande extensão de terreno no norte do estado de Nova Iorque e a dificuldades que estava a ter na sua fábrica de produtos de papel em Staten Island. As leituras tinham aconselhado repetidamente Ernest a manter a calma e a não fazer nada precipitado; os seus desafios empresariais acabariam por se resolver por si próprios. Edgar estava também ciente de que a instabilidade mental era recorrente na família. A irmã de Ernest tinha tido de ser temporariamente hospitalizada por comportamentos obsessivos e irracionais.

Edgar, sensível ao desejo de privacidade da família, não fez mais perguntas. A pedido de Margaret, foi realizada uma leitura na mesma tarde e outra na manhã seguinte para determinar se Ernest ainda estava vivo e, em caso afirmativo, onde estava e o que poderia ser feito para o trazer de volta a casa.

A mensagem que voltou não era animadora. Nenhuma informação poderia ser dada sem que Ernest ou o seu eu superior solicitassem que fosse prestada ajuda. Além disso, como indicado na leitura, Ernest tinha construído uma verdadeira "parede" mental a separá-lo de ajuda externa. Nenhum membro da família, nem mesmo Edgar Cayce em transe, poderia interferir diretamente no que era uma questão do livre-arbítrio de Ernest. Se Ernest escolhesse matar-se, a decisão era unicamente sua. Como a Fonte deixou claro:

Cada alma deve procurar . . . dentro de si própria. O desejo de Ernest constrói uma parede de resistência tão grande entre o conhecido e o desconhecido como a que pode ser construída por qualquer desejo por parte dos indivíduos. Pois cada um é o teste daquilo que mantém como o seu ideal. E, como dado, não se deve procurar através de tais canais aquilo que impediria qualquer alma de encontrar aquela que é a sua própria cruz a carregar.

Edgar explicou este conceito a Margaret pelo telefone e também numa carta que escreveu a Helene: "Esta é uma daquelas coisas difíceis de compreender . . . As leituras são dadas totalmente a partir do ângulo mental e espiritual, pois fomos instruídos a não usar estes canais para forçar uma pessoa contra a sua vontade . . . ou para sobrepôr o desejo de outra . . . Mesmo num caso como este em que o homem significa tanto para nós, estamos impotentes. A vontade de um homem é suprema."

Ainda assim, Edgar não estava prestes a desistir. Ernest era um amigo demasiado querido e as consequências de ele cometer suicídio eram demasiado horríveis de imaginar. Leituras anteriores dadas para indivíduos com tendências suicidas indicavam que o suicídio, exceto em raras instâncias, era um ato supremamente egoísta que degradava a alma e derrotava o próprio

propósito da vida. A premissa nas leituras é que o suicídio essencialmente priva a alma de lições que precisa de enfrentar e que, a algum nível, escolheu. Não só o suicídio era visto como um ato de egoísmo, como a informação de Cayce afirma que a alma terá simplesmente de enfrentar novamente as mesmas questões que levaram ao suicídio em primeiro lugar.

"Por que está o pensamento sempre comigo de me matar?", perguntou a Cayce uma bailarina da Broadway que sofria de anorexia. "Autocondenação", veio a resposta. "Por que é o suicídio considerado errado?", perguntou uma dona de casa e mãe do Michigan. "Enquanto houver aqueles que dependam do corpo . . . Nenhum homem vive para si mesmo, nenhum homem morre para si mesmo. Nenhum homem esteve tão em baixo que alguma alma não tenha dependido dele, confiado nele para obter força."

A recomendação que vinha consistentemente através de Cayce era para o indivíduo fortalecer a sua vontade, colocando os seus receios de parte, fazendo o bem pelos outros e deixando Deus encarregar-se do resto. "Quando o desejo pela morte e o desejo pela vida se apresentarem . . . faz da tua vida uma com o Seu amor! Quando tais desejos . . . [se apoderarem] olha ao redor de ti e vê a luta que tantas almas estão a fazer para manter o corpo e a alma unidos. Como é que ministraste de QUALQUER forma para tornar o fardo DELAS mais leve? Ao aligeirar o fardo de outro, o teu próprio é aligeirado em dobro." Cayce — em transe — ofereceu também uma oração que ajudaria a acalmar o impulso suicida. "Quando este pensamento ocorrer, que a tua oração seja como indicado: Senhor, Aqui estou eu — Teu! Usa-me nessas formas e maneiras que entenderes, para que eu possa sempre glorificar-Te."

Como transmitir esta mensagem a Ernest? Ele tinha partido para paradeiro desconhecido, levando a sua pistola consigo. Helene e o motorista da família já tinham conduzido até Reading e procurado por ele em todos os lugares em que conseguiam pensar. Tinham mostrado uma fotografia de Ernest a lojistas, polícias e estranhos na rua. Não havia uma pista sobre o que tinha acontecido com ele.

O plano que Edgar e Helene conceberam foi para Edgar usar os seus dons psíquicos de modo a que não interferisse com o livre-arbítrio de Ernest, mas antes, através de oração e comunicação direta a nível de alma para alma, fortalecer e apoiar Ernest num momento de óbvia necessidade. Os Zentgraf em Staten Island e os Cayce em Virginia Beach abririam um canal psíquico através do qual pudessem receber quaisquer conselhos ou perspetivas que a Fonte tivesse para a família, e através do qual pudessem enviar as suas orações diretamente a Ernest. Assim começou o que se tornou a primeira de trinta e três sessões em transe realizadas entre 19 de abril e 11 de junho de 1934, durante as quais os Zentgraf e os Cayce enviaram o seu amor e orações a Ernest e talvez também abriram um diálogo psíquico de alma para alma.

A segunda leitura da série, realizada a 20 de abril, começou não com uma pergunta, mas com uma declaração de intenção: "Terá diante de si a família de Ernest Zentgraf em 400 St. Paul's Ave., Staten Island, N.Y., na sua busca para manifestar o Seu amor durante esta hora de provação. Dar-lhes-á o necessário para capacitá-los a continuar no caminho em que Ele gostaria que prosseguissem."

A Fonte voltou com uma oração que seria semelhante a como praticamente cada leitura subsequente começaria e terminaria:

Deus, seja feita a Tua vontade! Tu conheces as fraquezas da carne. Tu conheces o propósito de cada alma. Sê Tu o guia. Dirige as nossas palavras, guarda os nossos corações, limpa esse fardo na alma dele através das promessas que deste no Teu Filho de que, se lançarmos os nossos fardos sobre Ele, Ele será fiel em socorrer e ajudar na hora da provação e da tentação. Estê connosco, com ele, e que as palavras da nossa boca e as meditações dos nossos corações sejam aceitáveis aos Teus olhos, meu Senhor, meu Redentor, o Cristo! . . . Mantém a fé. Reza a oração e fala a sério.

Durante a terceira leitura a família recebeu um sinal de esperança: Ernest, foi-lhes dito, estava "ainda entre os vivos". Nesta mesma sessão, a Fonte aconselhou contra um indivíduo tirar a própria vida: "Profanar o corpo que é o templo do Deus vivo é diminuir-se a si próprio . . . Destruir o mesmo é ser fraco e indigno daqueles privilégios que foram teus nas tuas relações na terra . . . Coloca o teu fardo sobre Ele, e Ele sustentar-te-á, guiar-te-á e guardar-te-á."

A 24 de abril, durante a sexta leitura da série, a família pediu que através de Cayce lhes fosse permitido "instá-lo a ter fé no seu desejo pela sua casa". Cayce — em transe — enviou a oração, mas indicou que Ernest estava a resistir e agora aparentemente doente. Um discurso estranho seguiu-se, como se a Fonte se tivesse afastado e uma entidade espiritual angélica estivesse a falar diretamente com Ernest através do canal aberto de Cayce, mas apenas aqueles que escutavam a leitura podiam ouvir a parte do Espírito na conversa:

"Por que te rebelas contra esses impulsos que surgem? Por que continuas a subjugar o melhor eu, provocando esses efeitos que enfraquecerão esses desejos? . . . Não cedas ao eu, mas antes

a esse desejo que está a crescer em ti para estares com e entre aqueles que mais te amam."

De forma semelhante, a 25 de abril, o Espírito estava aparentemente a falar novamente de forma direta com Ernest, ou com o seu eu superior, implorando-lhe que escutasse. "Deixa-O, o teu Mestre, o teu Deus . . . fazer o Seu caminho contigo . . . Pois, através dos teus esforços pode ainda vir a alegria no conhecimento de que Ele vive em espírito nos corações daqueles que adorariam como um irmão, como um amigo. Pois Ele caminhará contigo e falará contigo, se apenas abrires o teu eu interior para ouvir a Sua voz! Escuta esses avisos — agora!"

A leitura realizada no dia seguinte, a oitava da série, refletiu o que parecia ser outro passo atrás para Ernest. Embora ainda vivo, estava a resistir a contacto adicional. O Espírito, através de Edgar, implorou — quase exigiu — a atenção de Ernest. "Viste o caminho de saída! Vem! Tu virás! Deixarás aqueles [que te amam] saber e cumprirás essa promessa feita a ti próprio de que lhes deixarias saber! Deixa-os saber!"

A mensagem, para Ernest contactar a casa, foi aparentemente recebida. A 28 de abril, foi-lhes dito que ele tinha escrito uma carta à família. No dia seguinte, porém, Ernest tinha aparentemente dado outro passo atrás. Não havia forma de saber se a carta tinha sido enviada pelo correio. O Espírito continuou novamente um diálogo, mas transmitiu, através de Cayce, apenas fragmentos do que estava a ser dito. "Onde está? . . . Isto recua!" Nem os Zentgraf nem os Cayce tinham uma pista do que estava a ter lugar, exceto que Ernest deveria estar a passar por alguma nova tribulação. A única notícia positiva veio no final da leitura: "Ainda no corpo!"

A 2 de maio, durante a décima segunda leitura da série, houve indicação de que Cristo estava à espera nos bastidores, a pairar sobre Ernest, antecipando uma resposta aos apelos do Seu mensageiro espiritual: "O Cristo! Sim! Que estejas disposto a que Ele, o Deus, o Cristo, o amor, te guie!"

Respondeu Ernest? Não houve indicação na leitura do dia seguinte, apenas uma curiosa referência: "Muita água ao redor do corpo esta manhã!"

Teria Ernest ido agora para a beira-mar? Atlantic City? Não havia forma de saber pelas leituras. Mas o tempo estava a esgotar-se. "Vem!", ordenou o Espírito dois dias depois. "Vem enquanto podes."

A família estava também a tentar contactar Ernest através de jornais.

O Espírito continuou a rogar a Ernest a 7 de maio. "Ele bate à porta da tua consciência. Não O deixarás entrar?" Depois, no dia seguinte: "Não tenhas medo." E no dia subsequente: "Ele prometeu esconder aqueles na sombra das Suas asas. Ele prometeu e coloca os Seus braços amorosos ao redor daqueles que procuram deixá-O fazer o Seu caminho com esses corações que estão cansados ou sobrecarregados com os cuidados da terra."

A décima oitava leitura da série, na qual a Fonte presumivelmente falou através de Cayce, confirmou que Ernest ainda estava vivo, mas que tinha agora mudado de localização novamente. A 12 de maio veio uma mensagem de tom igualmente positivo. "Tudo muito mais leve ao redor do corpo, ao redor das atividades da alma no presente."

A 14 de maio, Cayce — em transe — disse que mais "espiritualidade" estava a entrar na compreensão que Ernest tinha de si próprio e que ele estava "rodeado de verde". Ernest, neste ponto, parecia estar ao ar livre, talvez numa floresta. Como seria mais tarde revelado numa leitura subsequente, Ernest estava num vale arborizado num cemitério.

A 19 de maio, parecia haver outro revés. "Obstáculos" tinham regressado para o assombrar. O Espírito estava novamente a rogar a Ernest para pedir ajuda ao Cristo. "Deixa-O entrar. Deixa-O guiar. O louvor através da tua alma provocará a rutura daquelas coisas que impediriam. Não sejas uma pedra de tropeço para ti próprio."

A família tentou atrair Ernest com boas notícias sobre o seu negócio.

Finalmente, a 25 de maio, na vigésima sétima leitura, Ernest parecia preparado para uma reviravolta. "Há o desejo a ser feito . . . "

O progresso continuou a ser mostrado quatro dias depois. "Abriste o caminho."

A 2 de junho não houve desenvolvimentos adicionais que viessem através da leitura, mas Gladys Davis teve uma premonição sob a forma de um sonho vívido de que Ernest tinha regressado a casa. Edgar não queria que Gladys partilhasse o sonho com Helene, pois poderia dar-lhe falsa esperança. Gladys pensou de outra forma e, contra as objeções de Edgar, escreveu a Helene:

Acho que . . . [Edgar] tinha medo de que o sonho pudesse ser verdade. E no entanto sei desde o início que preferia saber. Os homens são tão diferentes; por vezes a própria coisa que eles acham que está a proteger uma mulher é a própria coisa que mais magoa. Como vê, desde que o Sr. Zentgraf se foi embora, tenho estado a rezar para ter uma visão de modo a ajudar . . . Esta é a primeira coisa que veio e não sei se é real ou não; no entanto sei que me afetou da mesma forma que as poucas outras visões reais que tive. É uma maravilha para todos nós, e especialmente para a Sra. Cayce e para mim, o quão forte e autoconfiante (ou melhor, confiante em Deus) tem sido ao longo desta situação que 'atingiu em cheio' no mais íntimo. No entanto, faz-me sentir e saber o que a mulher ideal deveria ser: 'Poderosa na batalha — a servir o Senhor.'

A 9 de junho, Ernest estava novamente em movimento, a caminhar por campos de cereais, que era aparentemente o campo de um agricultor. A leitura de 11 de junho abriu com uma nota muito positiva: "Mais esperançoso . . . melhores condições." No entanto, de forma frustrante, não foram dados detalhes. Terá Ernest finalmente estendido a sua mão ao Cristo?

Estranhamente — mas muito entusiasmante para todos os envolvidos —, a mensagem maior veio minutos depois, logo após a leitura de 11 de junho ter terminado. Sem indução, depois de Gertrude dar a Cayce a sugestão para sair do transe, a Fonte exclamou: "Quão belo é o rosto daqueles sobre quem o Senhor, o Cristo, sorri! Ele caminharia e falaria contigo, meus filhos."

Ernest Zentgraf regressou a casa nessa noite vindo de Filadélfia. Tinha visitado a beira-mar, caminhado num campo de um agricultor e passado tempo num cemitério. Tinha também escrito uma carta, como referido nas leituras. Após muita

consternação, tinha finalmente enviado a carta em Filadélfia, e ela chegou a Staten Island no dia seguinte ao da sua própria chegada a casa. A carta cronicava as suas provações e tribulações, bem como a sua eventual viragem para Cristo em busca de ajuda no seu momento de necessidade. Helene referiu-se à carta como uma "coisa sagrada", pois mostrava-lhe "o nascimento de uma alma". Aqui, em parte, estava o que dizia:

Há cinco meses os meus assuntos pareciam tão sem esperança, a confusão tão grande, que eu não conseguia ver a minha saída . . . Fiz tanta asneira com os meus próprios assuntos . . . Tive estado a viver num 'Paraíso dos Tolos' e precisava deste choque para limpar a minha alma. Confessei os meus erros a Deus e sei que Ele me perdoou, pois milagres aconteceram.

As sessões em transe tinham também tocado Helene. Como ela escreveu a Edgar: "Aprendi muito através desta experiência: a necessidade de viver cada hora da vida tão claramente quanto possível. Estou mais certa de Deus como Presença e Poder do que alguma vez na minha vida. A Lei Divina deve ser manifestada através de nós e este é agora o meu trabalho."

Ernest Zentgraf com um neto, c. anos 1930.

A casa dos Warshawsky em Detroit onde Gladys Davis e os Cayce ficaram, realizaram leituras e foram presos!

MAURICE MITSHKUN: PRENDAM CAYCE!

Cayce tinha cinquenta e oito anos quando aceitou um convite para visitar a "Cidade dos Motores" em meados de novembro de 1935. As suas intenções eram dar leituras para os membros da A.R.E. da área de Detroit, bem como reunir-se com médicos e quiropráticos locais desejosos de aprender mais sobre os seus tratamentos de saúde inspirados em transe. Graças aos esforços de divulgação de apoiantes de Cayce como Harry Bonelli, Gerente Geral da gigantesca fábrica da Buick em Detroit, e Charles Dillman, o vendedor de móveis na vizinha Dearborn que tinha sido o primeiro paciente do hospital Cayce, um grupo amplo e divergente de membros da A.R.E. aguardava a sua chegada. Entre eles estavam Abe e Bessie Warshawsky, que acolhiam Edgar, Gertrude, Hugh Lynn e Gladys na sua casa na Webb Avenue.

Edgar deu treze leituras ao longo de um período de quatro dias quando, na tarde de 21 de novembro, lhe foi solicitado que desse uma leitura de saúde para Betty Ruth Mitshkun, de vinte anos. Como era prática habitual, não foi dita a Edgar a condição da mulher, apenas o seu nome e o endereço na Waverly Avenue onde ela poderia ser encontrada na altura em que a leitura estava a ser realizada. A sessão em transe de quarenta e cinco minutos que resultou não foi extraordinária quando vista no contexto mais amplo das estimadas cinquenta e duas centenas de leituras de saúde que Cayce tinha realizado anteriormente, mas merece nota uma vez que eventos surpreendentes se desenrolariam mais tarde.

Betty Ruth Mitshkun sofria de uma condição respiratória que Cayce — em transe — disse ser causada por uma lesão no seu nascimento ou na primeira infância. As recomendações incluíam manipulações espinais, uma dieta geradora de alcalinidade e sessões de tratamento com uma "célula húmida", um dispositivo que usa uma bateria de baixa voltagem para estimular as glândulas para promover eliminações de venenos.

Os aspetos atípicos da leitura foram que a própria Betty Ruth não tinha solicitado a leitura, não se tinha candidatado a membro da A.R.E., não tinha pago as respetivas quotas, nem era provável que estivesse ciente de que a leitura estava sequer a ser realizada. Tecnicamente, isto estava a violar as regras cardinais dos estatutos da recém-nascida A.R.E., que se destinavam a fornecer uma barreira de proteção legal entre Edgar Cayce a dar conselhos em transe e os estatutos que regiam os prestadores de cuidados de saúde.

Nesta instância particular, no entanto, os Cayce não estavam preocupados porque as quotas de membro foram pagas por um amigo da família Mitshkun, e o pai de Betty Ruth, Maurice, que tinha solicitado a leitura em seu nome, tinha preenchido a candidatura. Além disso, ele já tinha testemunhado uma sessão em transe. Presumia-se que ele compreendia a natureza das leituras e os meios pelos quais eram dadas. O desejo de avançar e ajudar uma jovem gravemente doente sobrepôs-se aos procedimentos operacionais padrão.

Ao longo dos nove dias seguintes, foram dadas mais dezoito leituras, incluindo uma que foi testemunhada por mais de quarenta pessoas — muitas das quais eram médicos e profissionais de medicina. O único sinal de aviso precoce de que algo estava errado foi a chegada inesperada, no dia vinte e oito, de

um homem que se identificou como “Sr. King”, o qual afirmava ter uma criança em necessidade desesperada de ajuda médica de Cayce. Como nenhum membro da A.R.E. o tinha encaminhado para os Warshawsky para uma leitura e ele não estava disposto a pagar quotas nem a assinar papéis de membro, nenhuma leitura foi dada.

Dois dias depois, no sábado, 30 de novembro, pouco antes das 14h00, quatro agentes de polícia, incluindo um inspetor de saúde do Michigan, chegaram à casa dos Warshawsky e prenderam Edgar, Gertrude, Hugh Lynn e Gladys sob acusações de exercício ilegal da medicina. O mandado de captura foi assinado por Maurice Mitshkun e incluía acusações de que tratamentos de saúde para Betty Ruth tinham sido recomendados — o que era verdade — e de que tratamentos tinham sido ministrados — o que era falso.

O proprietário da M. Mitshkun Co. Railway Equipment Company, Maurice Mitshkun, tinha pensado que, embora a sua filha não estivesse presente na leitura, de alguma forma tratamentos tinham sido ministrados. Ele queixou-se de que ela não tinha sido curada.

O mandado de captura para a família Cayce e Gladys Davis, 30 de novembro de 1935.

Maurice Mitshkun, como em breve se tornou claro, não tinha compreendido adequadamente o formulário de membro que tinha assinado nem a natureza do conselho em transe que tinha recebido. Ele aparentemente acreditava que Edgar Cayce poderia “curar” a sua filha simplesmente entrando em transe e não a encontrou curada quando a viu a seguir. Além disso, o médico da sua filha tinha declarado a leitura “sem valor”. Sem primeiro se

encontrar ou falar com Edgar ou dar a leitura a um dos médicos familiarizados com os métodos de Cayce, este médico tinha recomendado que Mitshkun apresentasse queixa.

Os detetives da polícia levaram o bloco de taquigrafia de Gladys como prova. Em seguida, escoltaram-na e aos três Cayce até à cadeia do condado, onde foram processados e encarcerados a aguardar a leitura da acusação. Seguindo o procedimento policial padrão, as suas roupas, carteiras, bolsas e chaves foram retiradas, deixando cada um com 1,50 dólares para cigarros e doces.

O momento da sua prisão numa tarde de sábado, quando os tribunais estavam fechados, e a visita anterior do Sr. King, que mais tarde se revelou ser um polícia à paisana, não agouravam nada de bom. O plano desde o início, aparentemente, era o procurador montar um caso contra os Cayce e Gladys Davis e mantê-los atrás das grades durante todo o fim de semana.

Se tivessem sido presos no dia anterior, ou até mais cedo no mesmo dia, os "forasteiros" teriam comparecido perante um juiz e sido libertados a aguardar uma audiência formal.

Edgar estava desconcertado. Tendo longamente percorrido a linha ténue entre oferecer conselhos em transe e prestar aconselhamento médico, ele conseguia compreender como isto lhe poderia ter acontecido a si, mas ter a sua família e secretária tratadas como criminosas comuns estava além da compreensão. Mais tarde, olhou para o incidente como um mal que veio por bem, pois revelou o bem que podia ser feito numa cela de prisão.

Gladys e Gertrude foram levadas para a secção feminina da prisão e colocadas cada uma numa cela estreita equipada com um beliche e um sanitário. Edgar e Hugh Lynn, no entanto, foram

trancados dentro de uma "cela de detenção" com cerca de vinte a vinte e cinco reclusos a aguardar a leitura da acusação, a sentença ou a transferência para outra instalação. Conforme Hugh Lynn, de vinte e oito anos, recontou a história, assim que a porta da prisão se fechou com estrondo atrás deles, os outros reclusos reuniram-se num círculo ameaçador ao redor dele e de Edgar. O líder do grupo — sem dúvida um indivíduo capaz de impor a sua vontade fisicamente — exigiu os três dólares que lhes tinham sido dados, e eles prontamente os entregaram. Quando outras exigências de extorsão se prestavam a ser feitas sobre eles, ocorreu um evento notável. O líder perguntou a Edgar por que tinham sido presos e, ao responder, Edgar exibiu o seu raramente manifestado poder de clarividência consciente. Sem entrar num estado de transe, disse aos seus companheiros de cela a razão real pela qual eles, os outros reclusos, ali estavam.

"Tal como a todos vós, há algo por trás daquilo de que são acusados, a causa real, a razão real para o vosso confinamento", disse Edgar. Depois olhou diretamente para o líder da cela. "É acusado de bater numa criança com um automóvel. É por isso que está aqui. Mas a razão real para o seu confinamento é um conflito com a sua esposa que já dura há muito tempo. Estava muito, muito zangado depois de uma discussão com ela. Por causa dessa raiva, entrou no seu carro e arrancou rapidamente sem estar muito atento e abalroou uma criança."

Hugh Lynn descreveu o líder da cela a ficar pálido e os outros reclusos, ao ouvirem as suas "histórias de fundo", a ficarem boquiabertos com as "verdades" que Cayce lhes revelou. Como seria de esperar, a Edgar e Hugh Lynn foram dados os dois melhores colchões da cela de detenção, juntamente com um tratamento preferencial geral.

Felizmente, Edgar e Hugh Lynn não tiveram realmente de dormir nos colchões, uma vez que eles, juntamente com Gertrude e Gladys, foram libertados sob fiança através da intercessão oportuna de pessoas que tinham assistido às suas leituras em transe em Detroit. Metade da sua fiança foi prestada por Harry Bonelli, que tinha recebido na semana anterior uma leitura bem-sucedida para cálculos renais, e a outra metade por Charles Dillman. Em vez de uma noite na prisão, foram levados a um restaurante e ao teatro.

Num acordo de delação premiada no março seguinte, as acusações contra Hugh Lynn, Gertrude e Gladys foram retiradas, e Edgar, sob o conselho do seu advogado, deu-se como culpado de acusações reduzidas. O juiz ficou satisfeito por Edgar não ter examinado nem tratado fisicamente Betty Ruth, mas sob uma interpretação estrita da lei do Michigan, Cayce — não licenciado para praticar medicina — tinha dado informação que constituía um diagnóstico médico. Como ninguém além dos Cayce e de Gladys Davis tinha sido prejudicado ou incomodado, nenhuma multa ou tempo de prisão se justificava.

O Edifício do Condado de Wayne em Detroit onde os Cayce muito provavelmente foram a julgamento.

Um trecho da transcrição do julgamento em março de 1936.

Cayce foi sentenciado a um curto período de pena suspensa em Virginia Beach. Por acaso, serendipidade ou as forças universais em ação, o agente de liberdade condicional de Norfolk atribuído ao seu caso era o cunhado de um membro da A.R.E. a quem Edgar tinha ajudado a superar lesões sofridas num acidente de automóvel debilitante. O agente gostava de fazer verificações de rotina ao seu libertado condicional de Virginia Beach, durante

as quais recebia leituras médicas, vocacionais e de negócios, incluindo conselhos sobre a obtenção de um empréstimo para habitação.

O conselho em transe improvisado de Cayce na prisão foi um dos vários exemplos da sua clarividência consciente, a qual parecia aumentar após o fim do hospital Cayce e a "tutela" dos atlantes que estavam agora a trabalhar com Cayce.

Noutro caso notável, que teve lugar quando Edgar e Hugh Lynn estavam a jantar num restaurante de um hotel, Edgar parou uma mulher quando ela estava prestes a sair pela porta. Ele desculpou-se educadamente pela intrusão, explicou brevemente quem era e instou a mulher — uma perfeita desconhecida — a não andar de carro nesse dia. A conversa não durou mais do que alguns minutos, após o que Edgar se despediu da mulher e regressou à sua refeição.

No dia seguinte, Edgar e Hugh Lynn regressaram ao mesmo restaurante, onde encontraram a mulher à espera deles. Ela estava quase "sem fôlego" enquanto abraçava e abençoava Edgar por lhe ter salvo a vida. Apenas horas antes, tinha recebido notícias de que um parente, com quem pretendia fazer uma viagem de carro, tinha sofrido um acidente de automóvel fatal. Por causa do aviso de Edgar, ela tinha decidido ficar em casa e tinha instado o condutor — em vão — a fazer o mesmo. A mulher trazia consigo um telegrama a confirmar o acidente.

A viagem de Edgar a Detroit é também relevante para um aspeto do seu trabalho que há muito intrigava os estudantes das leituras: as suas previsões de eventos mundiais futuros. A 3 de março de 1936, após a leitura da sentença e na sua viagem de comboio de regresso de Detroit para Virginia Beach, Edgar

sonhou que tinha renascido no ano de 2158 no Nebraska, o qual, devido a sismos ou à guerra, se tinha tornado numa região costeira. Embora fosse apenas um rapaz neste sonho, ele insistia com os seus mais velhos que tinha sido Edgar Cayce numa vida anterior e que tinha sido preso em Detroit. Disse que, se alguém o levasse de volta à cidade, ele conseguiria encontrar os registos policiais reais.

Iria a América eventualmente autodestruir-se como tinha acontecido com a Atlântida? Foi assim que muitas pessoas escolheram interpretar a informação que veio através do sonho. Deve notar-se, no entanto, que isto veio através de um sonho e não de uma leitura. Além disso, quase todas as chamadas "previsões" que se diz surgirem nas leituras de Cayce não são na verdade apresentadas como factos, mas como declarações sobre o que poderia acontecer dadas as circunstâncias atuais. O futuro, como Cayce repetidamente dizia, não estava cravado na pedra. Era o que se mantinha no coração e na mente de uma pessoa que determinava o seu futuro, tanto individual como coletivamente. Além disso, as orações fervorosas e a intercessão de apenas algumas almas dedicadas poderiam mudar o curso da humanidade.

Como Cayce diria alguns anos mais tarde a Sherwood Eddy, o influente missionário protestante e autor que tocou a vida de milhões:

"As orações de dez podem salvar uma cidade, as orações de vinte e cinco podem salvar uma nação, tal como as orações e atividades de um só podem! Mas na união está a força."

A foto de Anne Neumark de 16 anos (centro), a sua gémea Sara (Sadie) e a irmã Goldie (Dolly) no seu passaporte dos EUA obtido enquanto viviam em Petrogrado, Rússia. Nasceram nos EUA de pais letões, partiram em jovens com os pais e regressaram a Boston em 1923.

ANNE NEUMARK:
ARTISTA NO ASILO

O encerramento do hospital Cayce tinha tornado ainda mais difícil para os doentes encontrar Cayce e obter leituras. Havia também o problema adicional de localizar médicos dispostos a tratar os pacientes como as leituras recomendavam. Mesmo membros célebres da A.R.E., como o produtor de cinema Jessie Lasky e o compositor George Gershwin, não conseguiam localizar médicos dispostos a agir com base nos tratamentos recomendados — apesar do facto de, no caso de Lasky, os seus médicos considerarem o diagnóstico de doença cardíaca de Cayce como "perfeito". No caso de Gershwin, os médicos não consideraram os tratamentos dietéticos de Cayce como sendo relevantes para a "depressão mental" para a qual procurava alívio. Gershwin morreu de um tumor cerebral cinco anos após a sua leitura, e Lasky mais tarde caiu morto com um ataque cardíaco.

Para Anne Neumark, de trinta e dois anos, presa a uma maca no Ward's Island Hospital, o maior asilo de loucos da cidade de Nova Iorque, os desafios eram muito maiores. A sua condição mental era considerada desesperada e o seu estado físico deteriorou-se ao ponto de estar reduzida a 36 quilos. E sem fundos para obter cuidados privados, tinha de confiar unicamente numa equipa de médicos e enfermeiros cujas cargas de trabalho não permitiam mais do que um exame sumário mais do que uma vez por semana.

Como ela encontrou Cayce em 1938 e recebeu o tratamento médico recomendado em transe no ano seguinte foi nada menos do que um milagre.

O Dr. Frank Dobbins, o médico de clínica privada que veio em socorro de Anne, era um de apenas três médicos em toda a Nova Iorque que se tinham dedicado a usar as leituras em transe de Cayce para tratar os seus pacientes. Por esta altura, não era apenas o fracasso do hospital, mas também a má imprensa que se seguiu que afastava outros médicos do tipo de medicina holística sugerido pelas leituras. A descoberta da penicilina em 1928 já tinha colocado em marcha um abandono popular das abordagens naturais à medicina. Por volta de 1938, os meios de comunicação retratavam os médicos como "cientistas" que acabariam por fornecer curas para quaisquer males e doenças que afligissem a raça humana sob a forma de uma simples pílula. As inovações que Cayce recomendava em termos de dieta, terapêutica preventiva e saúde holística eram vistas pela comunidade médica como antiquadas ou, pior ainda, como uma alternativa perigosa à "medicina moderna".

Antes de descobrir as leituras de Cayce, o próprio Dr. Dobbins tinha-se conformado com os ditames mais elegantes dos

seus colegas. Depois, tal como o Dr. House antes dele, foi tocado pelas leituras de formas que tornaram impossível para ele virar as costas aos métodos pioneiros no hospital Cayce. Osteopata, tinha-se mudado de Maine para Nova Iorque em 1932 para tentar expandir a sua prática. Depois veio um dia em que uma dona de casa de Nova Iorque chegou ao seu consultório e lhe entregou uma leitura de Cayce que tinha obtido no hospital em Virginia Beach, esperando que Dobbins tratasse a sua filha com base no que ali dizia. Dobbins tinha reticências óbvias, mas, tendo acabado de chegar à cidade e tendo muito poucos pacientes, disse que tomaria a leitura em consideração após examinar primeiro a paciente ele próprio.

Antes de estudar a leitura, fez à criança um exame físico completo. Mais tarde nessa noite, investigou a leitura e, para seu choque e surpresa, o diagnóstico coincidia exatamente com o seu. Quando chegou ao fim da leitura, o seu choque transformou-se em incredulidade. Dobbins quase caiu da cadeira quando chegou à parte em que foi perguntado a Cayce — em transe — para onde a mãe deveria levar a sua filha para tratamentos em Nova Iorque: "Encontra o Dobbins!" Se a leitura tivesse sido dada mais tarde, uma vez que Dobbins estivesse mais estabelecido, ele poderia não ter ficado tão atónito. Quando a leitura foi dada, o seu nome nem sequer constava da lista telefónica. Dobbins tornou-se em breve um devoto seguidor de Cayce e usava as leituras para diagnosticar 95% dos seus casos.

Outro convertido dedicado à visão de medicina de Cayce foi o Dr. Harold J. Reilly, um fisioterapeuta que viria, mais do que qualquer único médico nas duas décadas após o encerramento do hospital, a popularizar o valor das leituras médicas e, com isso, fornecer à família Cayce um fluxo constante de novos membros para a A.R.E.

Usando o conselho em transe e o seu próprio charme considerável e perícia médica, Reilly foi capaz de reubicá-la de um pequeno ginásio no Bronx para um conjunto de salas no Rockefeller Center, onde os seus clientes passariam a incluir uma série de pessoas famosas dos negócios e profissionais em Nova Iorque e Hollywood. Eventualmente, especializar-se-ia em todas as formas de terapia sem medicamentos, usando técnicas que tinha aprendido na American School of Naturopathy e na American School of Chiropractics. O seu conhecimento médico único e a ênfase na aptidão física tinham sido evidentes em todo o lado no seu pequeno ginásio, que oferecia uma linha completa de equipamento de exercício, bem como muitos tipos de hidroterapia, eletroterapia e outras formas de terapêutica manipulativa. "É um velho cliché dizer que os americanos cuidam melhor dos seus carros do que dos seus corpos", dizia aos pacientes. "Mas não deixa de ser verdade. Menos cera no carro e mais óleo de amendoim no corpo deveria ser a regra nos lares para um país mais forte e mais saudável."

Um terceiro médico de Nova Iorque, Henry Hardwicke, interessou-se particularmente por leituras referentes à nutrição e à sua relação com o frescor dos alimentos e como são preparados. Ele lideraria o caminho realizando estudos que referenciam os efeitos negativos de fumar cigarros e inalar vapores de automóveis e outros vapores tóxicos. Ele até abordou assuntos que eram cada vez mais tabu, tais como o desequilíbrio químico que resultava da toma de antibióticos. Tal como Dobbins e Reilly, ele via todos estes fatores como "armadilhas perigosas" que conspiravam para tornar mais difícil manter-se saudável e evitar doenças.

Dr. Harold Reilly 1895 a 1987.

Anne Neumark, a paciente confinada no Manhattan Psychiatric Center em Ward's Island, precisaria da sabedoria combinada de todos estes três médicos, juntamente com Cayce, para verdadeiramente efetuar a sua cura. Por mera coincidência — intervenção Divina, diriam mais tarde os fãs do trabalho de Cayce —, os três médicos, acompanhados por Edgar, estavam em palco no Hotel McAlpin em Nova Iorque na noite de 6 de dezembro de 1938, a palestrar sobre as práticas de saúde holística pioneiras no hospital Cayce. Entre outros tópicos abordados estava a terapia alternativa para doentes mentais — algo que talvez nunca antes tivesse sido discutido num fórum tão público fora de uma faculdade de medicina. Uma chuvada repentina e trovejante fez com que uma costureira de trinta e dois anos, a irmã gémea de Anne Neumark, corresse para o átrio do hotel em busca de abrigo. Ela poderia não ter prestado atenção ao que estava a ter lugar na sala de conferências do hotel não fosse pela aparição dramática de um segundo visitante inesperado no hotel nessa noite.

Enquanto a chuva batia nas passeios fora do hotel, o Dr. Dobbins estava em palco a partilhar a história de um antigo funcionário dos correios de Nova Iorque que tinha sido enviado

para uma instituição mental no norte do estado. Os médicos tinham-no diagnosticado como sofrendo de uma doença mental relacionada com o stresse, mas eram incapazes de apurar o que tinha realmente causado a sua condição. Um marido e pai de quarenta e seis anos, de resto normal e bem ajustado, tinha regressado a casa do trabalho uma noite e explodido com raiva súbita, espancando a sua esposa e quase matando um dos seus três filhos. A polícia tinha sido chamada e ele foi subsequentemente remetido para um asilo de loucos, colocado numa cela acolchoada, e não pôde ser examinado em segurança durante vários dias sem usar uma camisa de forças.

A esposa do funcionário dos correios sabia sobre Cayce através da sua irmã, que era ama dos dois rapazes novos de David Kahn. Com a ajuda de Kahn, ela obteve uma leitura de Cayce e, graças a Dobbins, tratamento. A leitura identificou a raiz do problema como um acidente no qual ele tinha escorregado num pedaço de gelo em frente à estação dos correios e lesionado a sua coluna. Dobbins administrou os tratamentos osteopáticos recomendados na leitura e, após catorze sessões, o paciente recuperou completamente. Isto veio como uma revelação para aqueles no auditório, pois ilustrava como casos de aparente doença mental podiam ter causas físicas. A "fúria dos correios" ainda não tinha recebido um nome.

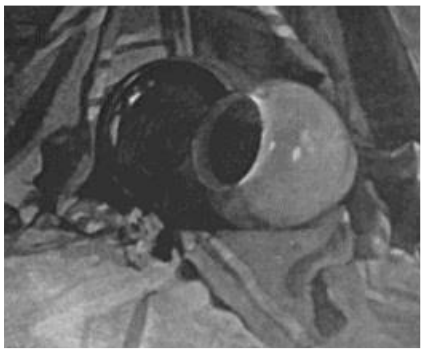
Enquanto o Dr. Dobbins contava a história, não fazia ideia de que o seu antigo paciente, Thomas Scanlon, que queria conhecer Edgar Cayce em pessoa, estava sentado na plateia. Para grande surpresa de todos, Scanlon, descrito como um gigante de homem, levantou-se no fundo da sala e anunciou: "Eu sou esse homem, e tudo o que o doutor disse era verdade!"

Scanlon nunca antes se tinha identificado publicamente; a doença mental era uma daquelas condições que só era discutida em privado entre membros da família e com médicos. À medida que Scanlon subiu ao pódio para lhe apertar a mão e contar a sua própria história pelas suas próprias palavras, Edgar começou a chorar, tal como membros da plateia. Entre eles estava a irmã gémea de Neumark.

Inacreditável como a história lhe parecia, ali no palco estava o próprio Scanlon, regressado à sua antiga posição no serviço de correios, a fundamentar o tratamento prestado por Dobbins que tinha sido recomendado por Cayce. Além disso, na plateia estava Kahn, que tinha pago pelo tratamento osteopático de Scanlon, e Hugh Lynn, agora a trabalhar a tempo inteiro para o seu pai, que tinha sido instrumental na coordenação dos seus esforços. Após a palestra terminar e os participantes se reunirem para deixar o hotel, a irmã de Anne implorou-lhes que ficassem e ouvissem a história trágica da sua irmã.

Anne, uma estudante de arte de Boston, tinha-se mudado para Nova Iorque com o sonho de se tornar uma pintora de retratos profissional. A primeira exibição pública do seu trabalho, numa prestigiada galeria de Manhattan, tinha sido extremamente bem recebida e ela estava posicionada para ganhar terreno numa profissão difícil e altamente competitiva. Depois, inexplicavelmente, começou a agir de forma irracional. Subitamente desatava em lágrimas e tornava-se violenta. No momento seguinte ria-se estrondosamente e caía num torpor. Magoou-se a si própria e depois aos outros. Os médicos não sabiam como ajudar. Pelo seu próprio bem e pelo daqueles ao seu redor, Anne foi remetida para o hospital psiquiátrico em Ward's Island, adjacente a Randall's Island. A sua condição continuou a deteriorar-se. Após um episódio no qual rasgou o seu colchão ao

meio com as unhas, foram-lhe colocadas contenções. Incapaz ou indisposta a comer, era agora apenas pele e osso. Já não reconhecia os membros da família, nem conseguia comunicar de qualquer forma compreensível. A terapia de eletrochoque era ineficaz; ela era considerada tão fraca devido à anemia que qualquer choque súbito no seu sistema poderia resultar na sua morte. Ao ritmo a que a sua irmã estava a perder peso, Sara acreditava que ela poderia não passar do Ano Novo.



O trabalho de Anne conforme apresentado na brochura de 1933-1934 da Designer's Art School de Boston, Massachusetts.

Após ouvir a sua história, Cayce agarrou o braço de Hugh Lynn e disse-lhe para marcar uma consulta de emergência. Kahn voluntariou-se para pagar a sua adesão à A.R.E. e para visitar Ward's Island a fim de consultar os seus médicos para verificar a veracidade da história. Ele faria muito mais, intercedendo em nome da indigente família Neumark para que fossem dados a Anne cuidados especiais, e escreveu cartas a vários membros abastados da A.R.E. para angariar dinheiro para pagar o seu tratamento.

A primeira de seis leituras médicas, realizada a 13 de janeiro de 1939, sugeria que a sua condição era de facto grave, mas que a recuperação era possível. De forma semelhante ao funcionário dos correios Tom Scanlon, a causa da sua doença mental estava ligada a uma lesão espinal na parte inferior das suas costas, na área

lombar e do cóccix. Nenhuma referência explícita foi feita nesta primeira leitura sobre como ela tinha sofrido a lesão — algo curioso considerando a frequência com que comentários eram fornecidos na maioria das outras leituras deste tipo. Tudo o que foi dito a este respeito foi que ela tinha experienciado um trauma que tinha causado tanto uma lesão física, resultando no seu estado mental afetado, como uma lesão emocional que tinha despedaçado aquilo que, disse Cayce, eram as suas "esperanças" e "aspirações". Qualquer que fosse a causa, o seu eu superior tinha-se separado do seu eu físico terreno. Ela tinha entrado naquilo a que Cayce chamava "a terra de fronteira" e recomendou fortemente que grande cuidado precisava de ser tomado, pois ela estava "tão perto da possessão".

A candidatura de Anne Neumark para membro da Associação para a Pesquisa e Esclarecimento, assinada por David Kahn, 1938.

O ponto principal na lista de recomendações era removê-la do hospital e colocá-la num ambiente que Cayce descreveu como sendo de "gentileza, de bondade, de paciência". Um acompanhante de cuidados constantes a tempo inteiro era necessário — alguém que fosse fisicamente capaz de a controlar, mas também de o fazer de uma "maneira amorosa, bondosa e paciente". A desnutrição, e não a anemia, estava na raiz da sua perda de peso, uma condição que poderia ser remediada com abundância de alimentos integrais nutritivos. Além da osteopatia, que ajudaria a reparar o seu sistema cerebrospinal, ela devia ser submetida a tratamentos com uma "célula húmida", o dispositivo desenvolvido no hospital Cayce e construído por Tommy House que transmitia uma corrente elétrica suave através do corpo. No caso de Anne, o aparelho devia ser usado em conjunto com uma solução de cloreto de ouro, a qual modificaria a corrente para uma

frequência particular que complementaria a capacidade do corpo para se curar a si próprio. Embora qualquer número de médicos pudesse conduzir os tratamentos, Dobbins foi identificado pelo nome como sendo o mais adequado.

A fechar, Cayce encorajou todos os que trabalhavam com ela de que os resultados valeriam bem os seus esforços. “A beleza desta alma, as suas capacidades como uma influência criativa nas vidas daqueles que a tragam de volta . . . da própria terra de fronteira, vale todo o esforço, todo o amor, toda a bondade que se possa dar.”

Um dispositivo de energia subtil, a bateria de Célula Húmida recomendada por Cayce e construída de acordo com as suas especificações em transe.

Kahn, que visitou Anne várias vezes antes de a leitura ser realizada, confirmou tudo o que havia sido transmitido nas leituras. Anne tinha o aspeto de uma anoréxica e o seu corpo estava coberto de marcas negras e roxas decorrentes dos esforços que a equipa médica fizera para a imobilizar. E isto era apresentar sob uma perspetiva positiva a forma brutal como ela estava a ser tratada num hospital onde um pequeno corpo docente de médicos e enfermeiros cuidava de uma população de mais de três mil doentes mentais. O último “embate” com os seus cuidadores resultara, de algum modo, na fratura dos ossos de um dos pés de Anne. Assim, não foi surpresa alguma que a primeira recomendação surgida na leitura tenha sido a de a retirar do hospital.

Kahn aproveitou a oportunidade para realizar entrevistas com a equipa do hospital, com a mãe de Anne e com duas irmãs. A sua investigação, combinada com referências em leituras

subsequentes, sugeria que tinha de facto ocorrido alguma lesão física e mental não divulgada que desencadeara a sua doença mental. Os pormenores não seriam descobertos durante várias semanas, mas, pelo que Kahn apurara, imediatamente antes do seu colapso mental, Anne tinha agendado uma reunião com um homem que estava interessado em comprar a sua obra de arte. A mãe e as irmãs de Anne não sabiam se ela tinha ou não visitado o homem, mas parecia uma coincidência demasiado grande que o compromisso agendado tivesse coincidido com as suas crises. Não tinham conseguido questioná-la sobre o assunto porque, nessa altura, ela já começara a ter acessos de fúria e estava incompreensível. Curiosamente, ela vociferava sobre um homem a carregar um guarda-chuva preto.

Enquanto Kahn continuava a investigar este assunto e o Dr. Dobbins iniciava tratamentos osteopáticos diários, chegaram fundos de doadores da A.R.E. dispostos a ajudar a transferir Anne para outra unidade de cuidados. Este foi um dos vários tópicos abordados na leitura seguinte que Cayce lhe dedicou. As notícias eram animadoras. A sua condição estava a melhorar; os tratamentos especificados na primeira leitura deviam continuar. Além disso, as providências que estavam a ser tomadas para que Anne fosse transferida para uma unidade de cuidados privada eram fundamentalmente corretas. O fator determinante mais importante era o cuidado prestado pela pessoa contratada para estar com ela. “Estar disposto por uma remuneração é uma coisa”, advertiu Cayce. “Estar disposto por amor e pelo elemento humano é outra. Estar disposto devido a experiências físicas, mentais e espirituais é ainda outra.”

Anne foi transferida para uma residência particular, muito próxima do consultório do Dr. Dobbins em Staten Island, para que ele a pudesse visitar mais facilmente. Aqui, ela melhorou

notavelmente. Ainda não conseguia comunicar de forma compreensível e não estava ao ponto de se conseguir alimentar sozinha, mas as crises eram menos frequentes e mais espaçadas. A camisa de forças já não era necessária.

Quando Cayce realizou a sua quarta leitura, a 4 de maio de 1939, tinha havido uma melhoria tão grande que já não era necessária uma cuidadora profissional a tempo inteiro. A sua mãe assumiu o controlo, auxiliada pelos irmãos. Anne era agora capaz de comunicar em frases completas. Embora não se conseguisse lembrar dos acontecimentos anteriores à sua hospitalização, não tinha perdido as suas competências na pintura e, embora houvesse períodos em que apenas olhava fixamente para o cavalete ou não se aproximava dele de todo, começou gradualmente a fazer esboços. Como Kahn relataria: "Na minha visita... ela estava tão calma, recatada e lúcida como qualquer pessoa que alguma vez tenha conhecido. O passado é um em branco total para ela. Ela não compreende como se encontra no seu ambiente atual, exceto que, como lhe disse, era para descanso, tranquilidade e cuidados adequados num hospital de convalescença para pessoas que sofreram choques."

A quinta leitura da série, realizada a 26 de julho, confirmou o que a família já sabia ser verdade: Anne continuava a melhorar em quase todos os aspetos. A única coisa invulgar nesta leitura foi uma observação curiosa na qual Cayce — em transe — revelou pormenores do seu estado mental que, dizia claramente a leitura, não deveriam ser partilhados com a doente. Ela estava demasiado frágil emocionalmente; a lesão que conduzira à sua doença mental deixara cicatrizes que não eram físicas e ainda precisavam de cura. Esta foi, de facto, uma revelação muito invulgar de surgir numa leitura e foi repetida numa leitura subsequente:

"Há tanto a reter... Isto é melhor não ser revelado neste momento. Há ainda demasiadas perturbações no âmbito das experiências..."

Com a ajuda de membros da família, das leituras de Cayce e, eventualmente, da própria Anne, Kahn apurou a verdade. Anne tinha sido convidada a levar amostras da sua obra de arte ao apartamento de um potencial cliente. Assim o fez e foi brutalmente atacada. Na luta para se libertar, lesionara a coluna vertebral. O choque nervoso, aliado à lesão, provocara-lhe a insanidade. Nenhuma menção foi feita ao misterioso guarda-chuva, mas só se podia imaginar.

A cura física e, depois, a cura emocional continuaram. Embora nesta altura ela não estivesse consciente de que as leituras em transe estavam a ser usadas para a tratar, nem de quem era Edgar Cayce, sabia que algo estranho e invulgar estava a acontecer. Um homem chamado David Kahn deu-lhe um emprego no seu consultório, e alguns dos seus amigos da distante Virginia Beach estavam a ajudar a sua família. Kahn continuou a registar a sua melhoria diária, assim como Dobbins, que relatou em julho: "Ela está com um aspeto perfeitamente maravilhoso, está muito mais ativa, ria muito mais e apanhei-a a cantar várias vezes. Tentamos encontrar desculpas para tudo o que seja divertido. Penso que não há nada melhor do que uma boa gargalhada para descontrair."

Com o tempo, ela começou a perguntar quem era Edgar Cayce. Quando descobriu que ele era a origem da ajuda médica que estava a receber, escreveu-lhe uma carta e ele, por sua vez, respondeu-lhe, oferecendo encorajamento. Ele recebeu uma resposta à sua carta vários dias depois: "Querido Sr. Cayce: Muito obrigada pela carta. Aprecio imenso o seu interesse por mim.

Também ouvi tantas coisas agradáveis a seu respeito; parece tão estranho escrever-lhe e ter-vos a todos [em Virginia Beach] a gostar de mim sem nunca me terem visto. Espero um dia ser capaz de fazer algo por si através do meu próprio trabalho."

A sua relação de correspondência contínua com Edgar resultaria na obtenção de uma Leitura de Vida, que se revelou extremamente esclarecedora. Na encarnação anterior a ter nascido como Anne Neumark, ela fora uma mulher chamada Mana Smyrth, que vivera em Salem, Massachusetts, durante a caça às bruxas, quando sofrera perseguição e fora submetida "a submissão" ao ser repetidamente afundada na água. Desta encarnação, ela desenvolvera um medo dos homens — uma condição exarcebada no presente. O seu amor pela arte e o seu talento como pintora tinham sido desenvolvidos na encarnação anterior a essa, quando fora aluna de Peter Paul Rubens, um dos maiores artistas que já existiram.

Uma pintura a pastel de Neumark cortesia de Nancy Membrez.

"Pelo que no presente verificamos que a atividade da entidade deve seguir esta linha [de empenho artístico], seja a óleo ou em aguarela", recomendou a Fonte.

Neumark seguiu o conselho das leituras. Ela viria a tornar-se uma retratista de grande sucesso em Nova Iorque, com quadros em várias coleções de museus. Hoje, após o falecimento de Neumark aos 91 anos, em 1997, a sua reputação continua a crescer. O retrato que ela pintou e que Edgar pessoalmente mais estimava foi um que ela fez dele quando Edgar visitou o seu atelier em Nova Iorque, em 1940. Ele pendurou o retrato por cima da sua secretária em Virginia Beach, não só pela beleza que nele

encontrava, mas também como uma lembrança constante do bem que podia advir das leituras.

Uma gravura assinada e datada de Anne Neumark recentemente doada aos arquivos da Fundação Edgar Cayce.

Retrato de Edgar Cayce por Anne Neumark, 1940. Que dádiva notável vinda de uma (antiga) aluna de Rubens!

Virginia Harding e Faith Hope Charity Harding, de cinco anos, 1940.

FAITH HARDING:
A PEQUENA PROFETISA

Edgar retirava uma alegria e um encanto crescentes da companhia de crianças cujos pais tinham recebido leituras salvadoras de vidas. Embora ainda demorasse vários anos até que ele e Gertrude tivessem os seus próprios netos, havia mais do que suficientes bebés Cayce — como Edgar gostava de lhes chamar — para preencher o vazio. Um deles tinha nascido de um casal que fora paciente no hospital Cayce. A mãe fora anteriormente informada de que não seria capaz de ter filhos e estava a

considerar a adoção quando uma leitura lhe disse que daria à luz não uma, mas duas crianças, o que de facto se veio a verificar. Anteriormente, tinha havido Edgar Cayce Jones, batizado em honra de Edgar pelo amor, companheirismo e leituras em transe que ele dera aos pais da criança, Alva Jones e o seu marido Lamar. O irmão de Gladys e a sua esposa, que tinham ambos tido leituras, deram à luz Thomas Jefferson Davis, chamado "T.J.", que viria a viver com Edgar e Gertrude intermitentemente ao longo da sua infância. Depois, houve Caroline House, nascida de Tommy e Doris House. Eles eram praticamente como família.

As leituras de Edgar para Caroline House e para os outros bebés Cayce tornaram claro para ele e para Gertrude quão importante era o ambiente familiar para a saúde e para o crescimento espiritual. Isto tornou-se ainda mais evidente em leituras para Faith Harding, de quatro anos, cujas capacidades psíquicas eram tidas como rivais das do próprio Edgar.

Edgar soube da criança pela primeira vez através de uma carta que recebeu a 22 de fevereiro de 1940, enviada por Leila Learned, um membro da A.R.E. no Connecticut que andara a ouvir relatos curiosos e completamente fantásticos sobre Faith, vindos da região de Wyoming Valley, no leste da Pensilvânia. Dois dias depois, Cayce receberia uma carta de outra membro, Josephine Buchanan, com comentários igualmente intrigantes: "Ela é a criança profetisa que tem feito, verbalmente, as profecias mais impressionantes desde que tinha seis meses de idade — quando começou a falar. Talvez saiba da existência dela. Faith Hope Charity Harding é o nome."

A "Pequena Profetisa", como Faith era chamada, tinha nascido em Trucksville, Pensilvânia, filha do inventor de bases para máquinas de escrever Harry C. Harding e da sua esposa,

Virginia. Segundo a lenda popular, Faith conseguia falar em frases completas com apenas dezoito meses e eram-lhe atribuídos notáveis poderes de clarividência. Dizia-se que os médicos que a examinavam ficavam perplexos com o seu vocabulário espantoso, com as frequentes referências bíblicas, com as previsões de acontecimentos futuros e com as mensagens altamente invulgares de amor e esperança que ela transmitia.

Segundo a lenda popular, Faith conseguia falar em frases completas com apenas dezoito meses e eram-lhe atribuídos notáveis poderes de clarividência. Dizias-se que os médicos que a examinavam ficavam...

Num incidente relatado de precognição, Faith desatou a chorar e exigiu ser tirada de um autocarro apenas alguns minutos antes de este explodir em chamas. Noutro, teve uma visão de que a sua escola primária se estava a incendiar, como de facto se veio a confirmar. Houve também exemplos de cura espontânea, como quando Faith se afastou de casa e passou a manhã sentada debaixo de uma macieira com o filho de um trabalhador grego imigrante, que sofria de poliomielite. Inexplicavelmente, a poliomielite do rapaz tinha desaparecido no dia seguinte.

Faith Hope Charity Harding, 1942-43.

Um jornalista local que investigava as alegações testemunhou a criança a profetizar. Impressionado com o que vira, consta que se despediu do emprego e começou a registar as palavras dela para a posteridade. Com a bênção de Virginia Harding e o consentimento de "A Entidade" — aquilo que se dizia falar através de Faith —, as suas palavras foram partilhadas com a comunidade em geral numa série de colunas semanais de jornal. Uma dessas comunicações, quando Faith tinha apenas quatro anos, começava com uma frase em latim, outra dissertava sobre a Epístola de Paulo e uma terceira citava literalmente uma extensa passagem do Livro de João.

As comunicações "do outro mundo" de Faith impressionaram de tal forma Leila e Arthur Learned que estes se tornaram padrinhos devotados de Faith e acolheram o seu batismo num templo xintoísta que tinham importado para a sua casa no Connecticut. Este fora o mesmo templo onde tinham sido proferidas palestras por Alice Bailey, uma notável teósofa e escritora, pelo arcebispo católico William Francis e por Kahlil Gibran, o poeta libanês e autor de O Profeta.

Menos de um mês depois de Edgar ter recebido as suas primeiras comunicações sobre Faith, Josephine Buchanan estava novamente em contacto com Edgar pedindo que Faith fosse objeto de uma Leitura de Vida. Buchanan relatou ter visitado a criança na Pensilvânia e ter visto nela "uma prova inequívoca da orientação [Divina]". Descreveu-a em termos quase angélicos: "adorável... natural, doce, feliz e boa, irradiando luz e amor. Tem absolutamente de a conhecer!"

No início de 1940, Faith transmitiu uma mensagem tão relevante hoje como o era na altura, durante a Segunda Guerra Mundial.

"...julgastes os vossos irmãos... E desmantelais as suas intenções e desvirtuais os seus propósitos... 'Este país ou aquele país não tem razão e eu gostaria que fossem vencidos!'... Primeiro, deve haver paz nos vossos corações. Amor por todos... independentemente da crença, cor ou nacionalidade. Pois Deus soprou em todos vós o Sopro da Vida... Se vos amásseis uns aos outros tão fortemente como vos odiais... alcançaríeis a vitória. Olhai para o vosso irmão com... uma preocupação pelo seu bem-estar... Não sabeis que o ódio, a dúvida, a inveja e a superstição, vividos e transmitidos de geração em geração, criam um monstro e refletem sobre vós tudo o que derramastes sobre as raças e a humanidade?... E este concentra-se num Líder que o evoca e vos mostra a imagem que traçastes dele e dos seus... E quando provais de tal, invocais a Deus... 'Ó Deus... Destrói os meus inimigos... para que eu me possa vingar!' Não, diz o Criador, não estais isentos de culpa e sofreis também ao lado do vosso irmão a quem negastes a luz... Pensais que o Criador ama uma criança e despreza a outra? Pensais que vós... sois dotados de toda a bondade e que o vosso irmão é odioso aos Seus olhos?... [Que] vós e apenas vós desfrutarão do sorriso favorecido do Criador, do qual fazeis tanto parte como a folha faz parte da árvore? Nos vossos... templos... adorais mais o dogma do que o Espírito. E quereríeis que todos os filhos da terra assim adorassem — e criais um padrão à vossa imagem. Nisso reside o pecado... renunciai ao vosso desejo de egoísmo... Amai toda a humanidade como vos amais a vós mesmos. E pedi para serdes amados por Ele. Depois, procurai um irmão... a quem tanto odiastes... e dizei: 'Tu és meu irmão e temos um só Pai e Ele ama-nos por igual. Apoia-te no meu braço... [e] eu seguro o teu braço quando sofrer de fraqueza. E assim caminhamos juntos...'"

Por muito difícil que fosse acreditar que uma menina de quatro anos tinha transmitido tal missiva — sendo o texto acima apenas parte de uma recitação de 1000 palavras —, Faith estava a fazer algo muito semelhante ao que Cayce fazia em algumas das suas próprias leituras.

A mãe de Faith tinha recusado inúmeros pedidos para testar Faith "psiquicamente", mas depois de saber o que Cayce fazia, e como o fazia, e com o incentivo dos Buchanan e de outros membros da A.R.E., concordou em deixar Edgar fazer uma leitura. Uma sessão de transe de trinta minutos foi realizada em Virginia Beach a 30 de março de 1940, enquanto Faith e a sua mãe estavam em casa, em Trucksville.

A Fonte surpreendeu os ouvintes ao dizer que a entidade conhecida como Faith Harding era "um canal escolhido que o Pai concedeu aos filhos dos homens" e que ela era "um vaso através do qual o Príncipe da Paz traria encorajamento, garantia e... mensagens de esperança e de luz para... aqueles que estão não só mentalmente mas fisicamente doentes... para aqueles que estão inquietos, em vez dos enfermos".

Faith Harding faria isto, afirmava a leitura, através da sua própria capacidade psíquica de comunicar com "paciência", "amor" e "bondade", e através da "imposição das mãos", um talento que ela desenvolveria à medida que crescesse.

"Ele prometeu colocar-se no lugar daqueles que estão descorajados, desolados, que perderam uma visão, que perderam a esperança", disse a Fonte. "Portanto, que esta entidade seja esse canal através do qual muitos possam obter esperança, muitos possam ser despertados para a consciência de que o Senhor está

próximo, de que Ele está à porta da vossa consciência, para que possais ser despertados!"

De acordo com a leitura, Faith tinha passado por muitas encarnações anteriores, e esse facto continuaria a ser-lhe útil nos anos vindouros. As mais importantes foram as suas encarnações como Isabel, a mãe de João Batista, e como Santa Cecília, que, durante a época romana, trouxera muito ao mundo através da sua música de inspiração divina. A pequena Faith representava uma energia feminina poderosa que inaugurava aquilo a que Cayce chamou o "fruto do espírito da verdade".

No entanto, por mais talentosa que esta criança fosse na sua presente encarnação, a Fonte também admoestou os pais de Faith e aqueles que a rodeavam a nutri-la e a cuidar dela atentamente, a proporcionar-lhe amor, bondade e serenidade nas coisas que trazem "forças construtivas, esperançosas e prestáveis às experiências dos outros", e a não permitir que ela experimentasse "desconfiança", "inveja", "malícia" ou "ciúme". A leitura afirmava que, dada a sua "natureza especial", ela nunca vivenciaria "um mundo normal ou um ambiente normal", mas que, ainda assim, devia ser proporcionada à criança uma infância tão típica quanto possível. Além disso, devido a vários aspetos astrológicos e permanências noutros planos, Faith, se fosse deixada sem orientação, desejaria casar cedo. Seria melhor que ela incorporasse plenamente os seus dons, sugeria a leitura, antes de se partilhar com outra pessoa no matrimónio. A concluir, a Fonte disse: "Que não haja uma adoração do corpo da entidade, mas sim das suas capacidades para despertar nos corações e mentes dos outros o conhecimento de que o dia do Senhor está próximo!"

Santa Cecília e Santo Agostinho com São João, São Paulo e Maria Madalena, (1516-17). Pintura de Rafael. (É interessante que o artista tenha colocado Santa Cecília com Paulo, João e Maria, a quem ela teria conhecido numa encarnação anterior como Santa Isabel.)

Edgar teve a oportunidade de conhecer Faith e a sua mãe a 16 de abril de 1940, na casa do membro do conselho da A.R.E. Milton Harrison e da sua esposa Irene, em Bronxville, Nova Iorque. Na altura, Faith e a sua mãe, Virginia, estavam a caminho de Tryon, na Carolina do Norte, para se reunirem com o conselho de uma fundação interessada em ajudar a desenvolver os dons de Faith.

No seu breve encontro, Edgar caraterizou a criança como "encantadora" e considerou a mãe extremamente conhecedora sobre fenómenos psíquicos e o movimento espiritualista. Segundo Virginia, os talentos psíquicos de Faith tinham despertado a atenção da família pela primeira vez quando, com pouco mais de um ano de idade, ela acordava no meio da noite, pegava num lápis de cera e rabiscava palavras em folhas de papel soltas. As palavras acabaram por se tornar mensagens, que foram reconhecidas pelos amigos e vizinhos dos Harding como proféticas. Perto dos dois anos, ela já comunicava sob a forma de escrita automática, o que fazia à noite em rolos compridos de papel de embrulho simples. Eventualmente, passou a profetizar sem a necessidade de escrever palavras. Sentava-se quieta e depois entrava num estado de êxtase espiritual no qual a Entidade assumia o controlo.

Embora o próprio Edgar estivesse convencido da integridade tanto da mãe como da filha, havia certos aspetos da abordagem da mãe que lhe causavam preocupação. Tal como uma típica mãe de

palco de Hollywood, Virginia Harding estava demasiado ansiosa por promover a sua filha. Dave Kahn tinha feito propaganda a favor de Edgar de forma muito semelhante à de Sra. Harding em relação à filha, mas havia uma diferença importante além da idade.

À parte das histórias que a Sra. Harding contava sobre a filha, ela transportava consigo um álbum de recortes de jornal e uma pasta de declarações juradas e assinadas por pessoas que tinham testemunhado os seus prodígios. Tinha também uma fotografia que se dizia ter sido tirada durante o batismo de Faith, a qual afirmava ser prova de uma presença Divina. A pairar perto da cabeça da criança estavam as imagens sombrias e indistintas da Mãe Maria, de Cristo, de Buda e de uma série de outras figuras que Edgar reconheceu como homens e mulheres santos. Apesar de o próprio Edgar ter uma vez experimentado duplas exposições e de Arthur Conan Doyle ter sido publicamente humilhado por Houdini por ter sido enganado, acreditando na autenticidade de fotografias semelhantes, Edgar deu a Gladys e a Gertrude a impressão de que acreditava que a fotografia era uma visão genuína de espíritos Divinos reunidos para abençoar Faith durante o seu batismo.

Enquanto Edgar estava em Bronxville, realizou uma segunda leitura para a criança e, mais uma vez, a Fonte dirigiu um aviso àqueles que tinham "o privilégio de ter a seu cargo o cuidado e a atenção a esta entidade nesta experiência material". A leitura pedia que os pais "atentassem aos avisos indicados" e lembrava-os do caráter especial da sua filha. Faith Harding, afirmava a leitura, expressava a "voz da própria natureza... no riso... no olhar do seu olho, no movimento do seu corpo, no sapateado dos seus pés, expressando-se de uma forma que traz às mentes e à

consciência daqueles que procuram conhecer Deus e os caminhos de Deus para com os filhos dos homens".

A Faith está a começar a crescer... só pernas e braços! c. 1940.

Perto do final desta segunda leitura, perguntaram a Cayce se mais alguma coisa podia ser dita sobre esta criança. "Mundos poderiam ser preenchidos com o que pudesse ser dado!", disse a Fonte. "Mas que cada um de vós aqui viva de tal modo a consciência de Cristo manifestada no Mestre que possais ser considerados dignos de ser como aqueles que recolheriam as migalhas de sabedoria que serão manifestadas através desta entidade!"

Neste ponto da leitura, Gladys e outros na sala tomaram consciência de uma presença do outro mundo, tal como anteriormente tinham sentido quando houvera um visitante angelical. Embora as janelas estivessem fechadas, um vento soprou pela sala, fazendo uma pilha de notas dactilografadas em estenografia de Gladys Davis cair em cascata pelo chão. Uma vibração fez estremecer as vidraças das janelas.

“ESCUTAI, Ó AMIGOS!”, anunciou Cayce de repente, numa voz que as testemunhas disseram ter mais força e fúria do que em qualquer outro momento de que se pudessem lembrar. “EU, MIGUEL, SENHOR DO CAMINHO, DAR-VOS-EI UM AVISO!”, continuou Cayce. “Inclinai as vossas cabeças, ó vis da Terra! Sabei o que vos foi confiado! Vivei a vida, para que não sejais considerados amaldiçoados por serdes indignos da confiança que vos foi dada!”

Todos na sala permaneceram num silêncio estupefacto enquanto o Arcanjo Miguel, o anjo que se encontra diante do “Trono do Pai”, falava em e através de Cayce. Como Gladys descreveu mais tarde, havia tanta energia na sala que sentiu como se o bloco de estenografia na sua mão estivesse a ser puxado para longe dela.

Não se sabe o quão pouco ou muito Gladys e os Cayce sabiam sobre as circunstâncias em redor de Faith Harding ou dos seus pais na altura em que esta leitura foi dada, ou se compreenderam o pleno alcance desta admoestação do Arcanjo Miguel. No entanto, pouco depois de Faith e da sua mãe deixarem Bronxville, e nos meses que se seguiram, tornou-se claro para todos os envolvidos que a vida da criança estava a tomar um rumo trágico para pior. Embora Edgar nunca mais voltasse a ver Faith, os relatos sobre o que estava a acontecer iam filtrando através de amigos.

Edgar, Gertrude e Gladys souberam em breve que Virginia Harding tinha erguido um templo em Tyron, na Carolina do Norte, onde iniciados da “Fundação Cruz e Círculo” se devotariam à “Pequena Profetisa” e aos seus ensinamentos. Milhares de dólares tinham sido angariados para instalar Faith e a sua mãe no que foi descrito como um templo grego e para as fazer

transportar numa carrinha com o logótipo da Pequena Profetisa pintado nas portas. Faith, em suma, tornara-se uma celebridade psíquica. E mais estava para vir no ano seguinte.

"Faith Hope Charity Harding... é ou a maior oráculo de todos os tempos ou... a fraude mais engraçada deste lado de Delfos", anunciou um repórter no We the People, um dos programas de rádio mais ouvidos do país. Um artigo na revista Time sobre ela seguir-se-ia e, depois, um contrato de cinema com um estúdio de Hollywood. No auge do seu renome, foi-lhe alegadamente oferecida a quantia de 10 000 dólares — o equivalente hoje a 162 000 dólares — para que provasse as suas capacidades proféticas a um comité auto-intitulado Conselho Universal de Investigação Psíquica.

Strange Workings of a Child's Mind, Manifestations of "Second Sight" and the Occult...

...and a Tiny Girl Stumps the Experts on a Subject for Which Science Has No Answer —Yet

Pigtails

Faith estava a obter muita atenção da imprensa, mesmo fora do seu estado natal. Eis uma página inteira no Albuquerque Journal em março de 1940.

O pai de Faith, o inventor Harry Harding, ficou enfurecido com a atenção dada à sua filha e enfurecido com o comportamento da sua esposa. Ele acusou-a de explorar a criança para a sua própria fama e notoriedade pessoais. Em cartas e declarações no tribunal de divórcio, Harry Harding detalhou as más ações de Virginia, incluindo a alegação de que ela tinha feito embelezamentos nas mensagens psíquicas da sua filha antes de chegarem ao público. Ele contratou depois um médico que sugeriu que a sua esposa sofria de delírios e requereu uma ordem judicial para reter a custódia total da criança até que a mãe pudesse ser submetida a terapia psiquiátrica.

Virginia Harding contra-atacou, retratando o seu marido como cruel, insensível e incapaz de compreender ou apreciar o dom que lhes tinha sido dado em Faith. Numa carta a Edgar, Virginia afirmou que Harry "se certificaria de que nada [sobre Faith] voltaria a chegar aos ouvidos do público".

Apesar das dificuldades que furavam em torno da "Pequena Profetisa", as suas previsões de acontecimentos futuros provaram ser de uma precisão impressionante. Faith descreveu como e quando a guerra na Europa começaria e a batalha que determinaria o resultado das hostilidades. Ela também descreveu, no outono de 1940, como a América seria arrastada para a guerra por aquilo que disse ser um "ato" de agressão por parte de uma nação asiática pequena, mas não nomeada — uma previsão que foi simetricamente feita numa das leituras de Cayce.

A 3 de janeiro de 1941 — quase um ano antes do ataque surpresa a Pearl Harbor —, uma mensagem surgiria através de Faith para ser apresentada ao Presidente Roosevelt e foi imediatamente enviada por estafeta para a Casa Branca. "Pensais que tendes amigos nos ventos do sul, mas eles são poucos",

anunciou a Entidade. “E eles cercam-vos juntamente com Espanha, México e Japão... Sabei isto e vigiai pelo cumprimento — tal como foi dado um aviso à Casa num telegrama respeitante ao Havai, vigiai ainda assim o aviso.”

O próprio Edgar foi objeto de uma das suas últimas previsões. Ele foi informado por Virginia Harding de que a Entidade dissera que, a menos que ele parasse imediatamente de dar leituras e partisse num retiro prolongado para “jejuar” e “rejuvenescer”, os seus sonhos sobre a sua própria morte tornar-se-iam realidade, e a humanidade sofreria uma “perda deplorável”.

O divórcio dos Harding e a batalha pela custódia atingiram o seu clímax com o testemunho de um psiquiatra que declarou que a mãe de Faith era certificadamente louca. O juiz declarou que, a menos que Virginia Harding concordasse em ser submetida a uma lobotomia, concederia a custódia total a Harry. Não querendo ser submetida ao procedimento, Virginia renunciou à custódia. Seria Harry a focar-se em criar a filha e os seus três irmãos mais velhos, fazendo tudo o que podia para deixar o passado para trás.

Virginia, contudo, desejosa de permanecer perto dos seus filhos, mudou-se para a casa ao lado. Num golpe de destino estranho e talvez totalmente assustador, que teve lugar após a decisão do juiz, um incêndio deflagrou na oficina da cave do seu marido. Uma faísca saltou pelo espaço onde Harry tinha as mãos imersas num tanque de solvente inflamável. Ele ficou queimado dos pés à cabeça. Os seus gritos trouxeram Virginia da casa ao lado, cuja experiência de enfermagem pode ter-lhe salvo a vida. A dinâmica da relação deles é incerta, mas ela cuidaria dele até que recuperasse a saúde. Hoje Virginia é recordada tanto como enfermeira como poetisa.

Quanto a Faith, a sua vida mudou radicalmente. O acordo de publicação feito com o jornal local terminou, o contrato de cinema expirou e nada mais se escreveu sobre ela ou os seus talentos. Com a ajuda do seu pai, ela fez tudo o que pôde, disse mais tarde, para bloquear "sonhos, visões e vozes" e tudo o que pertencesse ao mundo espiritual. Como confidenciou mais tarde, isto não foi algo fácil. Ela acordava com o que classificava como "pesadelos". Mais tarde, com o incentivo do seu pai, foi hospitalizada, onde passou por tratamentos psiquiátricos típicos da época. No final da sua adolescência, a sua "cura", como um vizinho a descreveu, estava completa. Faith casou jovem, pouco depois de conhecer o seu marido. O seu casamento fora previsto num sonho que ela não conseguira bloquear. O seu sonho incluía detalhes como com quem casaria, o número de filhos que teriam e onde viveriam.

Edgar nunca soube o que tinha acontecido a Faith e aos Harding, mas compreendeu, ainda assim, que o ambiente caótico da vida familiar de Faith tinha destruído o seu dom incrível. Talvez apreciasse agora, mais do que nunca, o amor e a proteção que os seus pais e avós lhe tinham proporcionado na quinta em Beverly. Quantas outras crianças, perguntava-se naturalmente, teriam nascido com dons como os seus e os da Pequena Faith Harding?

As leituras tinham tornado claro que cada lar deveria manifestar a experiência de Deus na terra. "Na constituição do lar, fazei-o como aquilo que pode ser o modelo de um lar celestial", aconselhara a Fonte a uma jovem prestes a casar. "Não como algo reservado apenas como um lugar para dormir ou descansar, mas onde não só o próprio, mas todos os que ali entrarem possam sentir, possam vivenciar, pelas próprias vibrações que são criadas

por cada um na sacralidade do lar, uma ajuda, uma esperança no ar em redor do lar...”

“Fazei do vosso lar, da vossa morada, um lugar que um anjo desejaria visitar, onde um anjo procuraria ser um hóspede. Pois trará as maiores bênçãos, as maiores glórias, o maior contentamento.” Edgar Cayce leitura 480-20

Burton Wheeler (1882-1975) na capa da revista Time, 18 de junho de 1923.

BURTON WHEELER: CANDIDATO A PRESIDENTE

Liderança, integridade, competências diplomáticas, histórico de votação e filiação partidária são todas considerações ao votar para a Presidência dos EUA. Nesta equação, Edgar Cayce adicionou influências astrológicas e experiências ganhas em encarnações de vidas passadas. Esta foi a razão principal pela qual Cayce — em transe — apoiou o senador de terceiro mandato Burton Wheeler em detrimento do incumbente Franklin Delano Roosevelt na corrida de 1940 para a presidência, e pela qual voluntários da campanha da A.R.E. trabalharam arduamente para o colocar na Sala Oval. Tendo vivido como um centurião romano tornado cristão e, mais tarde, como um explorador viking amante

da liberdade, Wheeler estava unicamente preparado para enfrentar o desafio de liderança.

"Nenhum dos outros indivíduos que foram sugeridos para o cargo tem ideais e propósitos tão próximos dos da entidade Burton Wheeler", declarou a Fonte a 26 de novembro de 1939. Juntamente com este apoio convicto veio um aviso nefasto e profético: "A menos que haja um com esses princípios que encontramos presentes na intenção e propósito de Wheeler, uma experiência triste ocorrerá para esta terra durante quarenta e dois e três ('42 e '43)."

Constou que Wheeler acompanhou o realizador Frank Capra à noite de estreia de Mr. Smith Goes to Washington em 1939.

A experiência "triste" foi a entrada da América na Segunda Guerra Mundial, na qual mais de 400 000 americanos e mais de sessenta milhões de pessoas em todo o mundo perderiam as suas vidas. Como Wheeler, o "progressista combatente" de Montana, um defensor das liberdades civis contra o recrutamento, contra a guerra e contra as grandes empresas, poderia ter gerido a diplomacia de forma diferente no período que antecedeu a guerra e o que foi revelado nas leituras solicitadas por ele e pelos trabalhadores da campanha da A.R.E. é apenas parte da intrigante história do que poderia ter sido se Wheeler e não Roosevelt tivesse ocupado a Sala Oval.

Embora o nome de Wheeler tenha praticamente desaparecido do discurso político da nossa nação, os fãs de cinema de hoje conhecê-lo-ão como a inspiração para o agora clássico Mr. Smith Goes to Washington, o filme de 1939 que fez de Jimmy Stewart uma estrela. Baseado no livro The Gentleman from Montana, conta a história de um jovem senador idealista de uma pequena

cidade não identificada do oeste que se dirige a Washington e se vê subitamente a lutar sozinho contra políticos implacáveis e corruptos empenhados em destruí-lo. O que o filme não mostra é o que seria da personagem de Stewart quando a sua notoriedade o coloca a um pequeno passo de se tornar o próximo Presidente dos EUA.

Com um metro e oitenta de altura, um caraterístico chapéu Stetson amolgado, mãos expressivas e uma passada firme, Wheeler não era um orador polido, mas pela "força natural de vontade" e pelo "seu dom de linguagem", como os jornalistas o descreviam, era um orador eficaz. Nascido em Massachusetts no seio de uma família de quacres pacifistas dedicados, começou a sua carreira trabalhando para pagar os estudos na Faculdade de Direito da Universidade de Michigan, indo de porta em porta a vender livros de culinária. Os clientes simpatizavam imediatamente com ele, tal como mais tarde aconteceria com os eleitores. Tendo obtido o seu diploma em direito, partiu para a Costa Oeste, mas só chegou até Butte, em Montana, onde perdeu tudo o que possuía — uma mala de roupas e um bilhete de comboio — num jogo de póquer. Sem dinheiro para continuar a sua viagem, colocou uma placa e abriu um escritório de advocacia. A sua decisão de representar imigrantes humildes e trabalhadores mineiros de Montana, bem como o meio de transporte em que chegara a Butte, renderam-lhe a alcunha de "Boxcar Burt".

Sendo um jovem advogado, Wheeler não sabia o que o esperava quando enfrentou a Anaconda Copper, que era o maior empregador de Montana e o maior proprietário terreno do estado. Como Wheeler promoveu descobrir em breve, a Anaconda também "possuía" os partidos políticos do estado, a assembleia legislativa, o governador e os funcionários locais até ao nível do

condado. Embora tenha ganho numerosas batalhas menores a nível local, sentia-se impotente para travar o que considerava ser a degradação do ambiente e as condições de trabalho sub-humanas nas minas. Com amplo apoio do operariado, candidatou-se à assembleia legislativa do estado. "Se for eleito, não vou fechar a Anaconda", jurou, "mas vou tirá-la da política."

Apoiado numa vaga de sentimento populista, serviu como representante estadual de 1910 a 1912 e como procurador federal do distrito de Montana de 1913 a 1918. Quando a Anaconda descobriu que Wheeler não podia ser subornado, recorreu a todo o tipo de meios desleais para se livrar do jovem rebelde. A manobra saiu-lhes pela culatra. Ele conseguiu obter concessões importantes de saúde e ambientais — mais tarde emuladas por outros estados. Tocou os corações dos eleitores imigrantes ao defender os direitos dos alemães étnicos e trouxe à luz o que declarou ser a deturpação quase total dos acontecimentos que levaram à entrada da América na Primeira Guerra Mundial.

Embora fosse um pacifista assumido, os seus sentimentos contrários à guerra eram mais matizados do que os dos isolacionistas da sua época. Ele acreditava que os americanos estavam a ser enganados por banqueiros e industrialistas de interesses especiais cujo desejo não era tornar o mundo livre para a democracia, mas sim livre para a expansão do imperialismo. Os eleitores não esqueceriam tão cedo as suas observações proféticas, nem os apoiantes da A.R.E. duas décadas mais tarde, quando se juntaram à sua equipa de campanha.

Eleito para o Senado dos EUA como democrata em 1922, Wheeler usou o seu primeiro grande discurso para enfrentar a corrupção no que viria a ser o escândalo de suborno de "Teapot Dome". As conclusões subsequentes valeram a Wheeler um

amplo apoio, mas uma represália violenta por parte do gabinete do Procurador-Geral, que indiciou Wheeler sob acusações forjadas de tráfico de influências. No meio da controvérsia, foi convidado para se candidatar a Vice-Presidente numa lista progressista de terceiros com o Senador Robert La Follette, combatendo o que chamavam "um governo à venda pelo licitante mais alto". Na altura, como mais tarde, a filiação partidária e os rótulos ideológicos eram secundários em relação às causas; ele aliar-se-ia a democratas, republicanos e progressistas e, como resultado, foi elogiado ou criticado em várias etapas da sua carreira por ser simultaneamente um liberal e um progressista, um pilar do partido, um renegado do partido e, finalmente, um revolucionário.

O programa de La Follette e Wheeler era tão radical como algum dia se vira na política dos EUA. O seu programa exigia a tomada de controlo dos caminhos-de-ferro pelo governo, a eliminação de empresas privadas de serviços públicos, a proibição do trabalho infantil, o direito dos trabalhadores a organizarem sindicatos, uma maior proteção das liberdades civis, o fim do imperialismo dos EUA na América Latina e um plebiscito antes que qualquer Presidente pudesse voltar a levar a nação para a guerra. O ponto mais alto da sua agenda era acabar com o que chamavam de esquemas de subsidiação corporativa. Embora La Follette e Wheeler tenham perdido as eleições, provaram decisivamente que se podia forjar uma coligação populista rural-urbana — um legado que Franklin Delano Roosevelt usou para impulsionar com sucesso o New Deal.

Certificado para contribuições para o Partido Progressista para a campanha presidencial de 1924, na qual La Follette concorria a Presidente e Wheeler a Vice-Presidente.

Wheeler apoiou inicialmente o Presidente Roosevelt e permaneceria firmemente um defensor das reformas do New Deal. A relação deles deteriorou-se quando foram tomadas decisões que ele acreditava que levariam inevitavelmente os EUA para a Segunda Guerra Mundial. Neste ponto, Wheeler era inflexível. Na década de 1920, fora um crítico contundente da "diplomacia do dólar" que enviara fuzileiros dos EUA para a Nicarágua e opusera-se àqueles que pediam a guerra com o México. Na década de 1930, opôs-se veementemente a embargos comerciais ao Japão. Isto não nascia do desejo de que os EUA permanecessem isolacionistas, mas sim porque acreditava que fazê-lo forçaria inevitavelmente o Japão a declarar guerra aos EUA. Estava igualmente relutante em fornecer armas sob o regime de empréstimo e arrendamento e dólares americanos à Grã-Bretanha. A menos que os EUA avançassem e se juntassem ao esforço de guerra — o que ele acreditava não ser necessário —, isto também arrastaria inevitavelmente os EUA para a guerra. "Não se pode meter a aba da camisa num espremedor de roupa e puxá-la para fora de repente quando o espremedor continua a girar", argumentou apaixonadamente.

Aquele que foi amplamente visto na altura como a rotura definitiva de Wheeler com Roosevelt ocorreu quando o Presidente tentou aprovar medidas que, em nome de uma "reforma judicial", limitariam a idade dos juízes do tribunal e, assim, permitiriam a Roosevelt nomear seis juízes do Supremo Tribunal da sua própria escolha. Embora Wheeler simpatizasse com os motivos de Roosevelt — o Presidente desejava preservar as suas árduas reformas do New Deal de serem desmanteladas por uma maioria republicana no Supremo Tribunal —, Wheeler opôs-se à medida por uma questão de princípio. Considerava as reformas propostas como uma usurpação do poder anticonstitucional que destruiria o Tribunal como uma instituição independente. Arriscando todo o

seu futuro político ao liderar a oposição contra o seu próprio partido Democrata, Wheeler combateu com sucesso o projeto de lei no que foi descrito como a "batalha mais feroz da história americana entre dois ramos do nosso governo sobre um terceiro".

Progressistas e conservadores elogiaram por igual a coragem de Wheeler, razão pela qual, no final da década de 1930, havia um movimento bipartidário crescente a pedir que ele se candidatasse a Presidente. Entre os seus muitos apoiantes estava Milton Harrison, na altura membro do conselho de administração da A.R.E., que viria a tornar-se presidente do conselho em 1941. Tinha sido na sua casa e na de Irene, em Bronxville, Nova Iorque, que Edgar conhecera a jovem Faith Harding e a sua mãe.

Um mediador de relações laborais de grande sucesso, presidente de banco e Secretário da Associação de Banqueiros Americanos, Harrison passou a conhecer e a respeitar Wheeler quando testemunhou perante o Congresso dos EUA na Comissão de Comércio Interestadual do Senador Wheeler. Os sentimentos de Harrison eram partilhados pela sua esposa, Irene Seiberling, herdeira da fortuna da Goodyear Tire and Rubber Company que, tal como o seu marido, era amiga próxima de Edgar e tinha recebido numerosas leituras empresariais e espirituais. Embora apenas tangenciais ao que se tornou uma série de leituras sobre Wheeler, tanto as Leituras de Vida de Harrison e da sua esposa como o interesse no trabalho de Cayce contribuiriam para o trabalho deles com Bill Wilson e para a criação dos Alcoólicos Anónimos.

Milton Whateley Harrison (1889-1949) foi um membro ativo do Conselho da A.R.E. e serviu como Presidente em 1941. Durante uma leitura que Edgar deu para Milton, descreveu ter tido a seguinte experiência: Quando se aproximou da Casa dos Registos e pediu o "livro" de Milton, o Guardião tirou-o de uma secção diferente do habitual, dizendo: "Este é de um grupo especial, como vê — e tenho de o ter de volta." Depois, quando o Sr. Cayce devolveu o livro, este estava aberto — e o Guardião pegou nele, dizendo: "Estou relutante em tirá-lo de si ainda — tanto mais pode ser dado."

Na segunda das leituras com referência a Wheeler, realizada em 1938, Harrison perguntou diretamente se Wheeler se tornaria o próximo Presidente dos Estados Unidos. "É muito provável que Burton Wheeler seja o próximo Presidente, se optar por aceitar", veio a resposta. Esta resposta resultou em Harrison e a sua esposa investirem-se totalmente numa campanha para colocar Wheeler na Casa Branca. Para estarem certos de que estavam a tomar a decisão correta, colocaram a questão a Cayce numa leitura de acompanhamento. Harrison perguntou: "Estou a seguir o meu melhor bem espiritual, e o bem do país, nas minhas atividades e associações em prol de Burton Wheeler para a Presidência dos

Estados Unidos?" A resposta foi novamente resplandecentemente positiva. "Pois verificamos... nessa entidade Burton Wheeler, a orientação de haver um esforço unido para o país em todas as suas fases, em todos os seus empreendimentos e nos seus problemas, nas suas falhas bem como nas suas virtudes — mais do que possa haver em qualquer outro indivíduo que tenha sido, ou que verificamos que possa vir a ser oferecido como alguém para preencher esse cargo."

Quanto ao motivo pelo qual os outros eram inadequados, Cayce foi bastante específico. "Com todos os outros que foram mencionados... há demasiados interesses particulares a defender por grupos bem como por secções do país, bem como problemas que são mais de interesse internacional. Contudo, com as capacidades de Burton Wheeler, há aqui uma base para uma unificação destas divisões que não se encontra em nenhum dos outros — não excetuando sequer o atual ocupante desse cargo [Franklin Roosevelt]."

Harrison não era de modo algum o único membro da A.R.E. interessado em Wheeler. Harold Sherman, um escritor notável sobre temas metafísicos e um bom amigo de David Kahn, estava a negociar com Wheeler para escrever a sua biografia. A forte posição antiguerra e anticorrupção de Wheeler ressoava tanto em Sherman como em Kahn, e eles encorajaram Harrison a aproximar-se de Wheeler, falando-lhe sobre o trabalho de Cayce. Queriam também ver se ele concordaria em solicitar uma Leitura de Vida. Depois de falar com Wheeler sobre Cayce, Harrison relatou que Wheeler estava "muito entusiasmado!". Ele queria uma leitura, como disse Harrison, "para saber que está a fazer a coisa certa". A leitura subsequente, realizada a 29 de março, quando Wheeler estava no Edifício de Escritórios do Senado, augurava-lhe um bom futuro. Não só estava astrologicamente bem

situado para estar na Sala Oval, como as suas encarnações em vidas passadas eram os seus pontos mais fortes.

Cayce — em transe — apresentou Wheeler como uma alma que tinha alterado os caminhos de muitos, "não meramente pelo seu valor histórico nas experiências do homem, mas pelas mudanças e pelas atividades operadas pelo facto de a entidade ter tomado tal posição perante oposições que poderiam ter feito parte da experiência." Identificado como sendo do signo de Peixes, foi descrito como tendo uma natureza rebelde que o levava "a estar constantemente naquelas posições onde as coisas e as condições têm de ser concretizadas", contudo também "degradê, um amante do belo, da arte, do lar e de todas as coisas que contribuem para a defesa do mesmo." Em consonância com aquilo em que os seus eleitores mineiros de cobre e trabalhadores imigrantes acreditavam, Cayce disse: "A entidade é também atenciosa para com aqueles que fornecem as fontes, ou os meios através dos quais estas coisas podem ser realizadas; bem como em relação à liberdade de pensamento, no que respeita à forma como os indivíduos podem adorar... os ditames da sua própria consciência."

Outras influências planetárias foram também importantes para fazer de Wheeler um líder entre os homens. Sob a influência de Vénus, Wheeler tinha desenvolvido "o amor pelo belo, pelo harmonioso, e contudo temperado com justiça e misericórdia; e ainda assim com aquela firmeza que é o resultado da aplicação da disciplina em tais relações." Sob a influência de Júpiter, tinha desenvolvido uma "liderança rebelde" como alguém que deveria ter "influência sobre muitos, em vez de poucos." Com a influência de Úrano, tinha vivenciado extremos, "tendendo a contribuir para a liderança; não de uma forma autoritária, mas... que transparece uma convicção nascida da honestidade,

integridade, justiça, misericórdia, verdade e consideração pelas relações com as Forças Criativas." Estes comentários refletiam, de facto, os atributos de uma alma preparada para liderar o país. Eram, no entanto, as suas encarnações anteriores que mais influenciavam o seu estilo particular de liderança — aquilo que as leituras sugeriam ser as suas capacidades de liderança únicas.

Naquela que Cayce descreveu como sendo a encarnação mais importante de Wheeler, uma em relação à qual "seria bom que a entidade tivesse a história dessa permanência na sua totalidade", ele foi identificado como nada mais nada menos que Cornélio, "o primeiro dos oficiais romanos a assumir uma posição aberta com os seguidores do Nazareno." Em consonância com a história relatada na Bíblia, Cayce descreveu Cornélio como um centurião encarregado das forças romanas estacionadas em Cesareia, onde se associou aos seguidores de Jesus e, através da oração e de visões, passou a conhecer a relação do homem com Deus.

Depois, houve a receção da visão como o aviso de que ele, Cornélio, deveria mandar chamar alguém [Pedro] que o familiarizaria com as verdades que tinham sido proclamadas por esse representante do reino celestial. [Esta experiência]... contribuiu para aquela grande mudança que ocorreu no governo daquela terra; e para a modificação da autoridade daqueles que foram colocados no poder através das atividades das autoridades em Roma; tornando possível, com os seus companheiros, que surgissem as grandes oportunidades para o homem em todos os quadrantes da vida... Assim, no presente, a entidade pode, como alguém investido de autoridade, alguém com poder, promover essas atividades nas quais haverá nos corações de homens e mulheres... a oportunidade de os povos se tornarem cada vez mais conscientes da sua necessidade de voltar a esses princípios, a essas verdades... Pois de tais experiências vem o poder e a

capacidade da entidade para não só liderar e dirigir homens de várias posições ou estatus, mas para ser uma voz ouvida entre as nações da terra.

Isto era todo o apoio com que os Harrison poderiam ter sonhado. Mas havia mais a dizer, tudo igualmente positivo. Noutra encarnação, Wheeler foi identificado como Heth Erichlson, um viking que tinha navegado com Leif Ericson, para quem tinha construído navios e ajudado a estabelecer povoações. Nesta encarnação, a Fonte disse: "Houve as tentativas feitas uma e outra vez para trazer ajuda e auxílio a essa nova liberdade numa terra na qual havia abundantes oportunidades de toda a natureza, não só para as realizações materiais dos suprimentos para o físico, mas também as oportunidades para o progresso mental e espiritual." A Fonte prosseguiu dizendo que Wheeler, no presente, usava estas experiências "ousando fazer aquilo que a consciência manda no que respeita a promover a liberdade de pensamento, de atividade, para os outros."

Outras encarnações foram também mencionadas. Tinha estado na Pérsia, onde fizera sacrifícios para que outros pudessem ficar mais familiarizados com os ensinamentos do líder dessa época. Wheeler, nessa altura chamado Philon, tinha "encurtado" essa experiência para maior benefício do seu semelhante, tal como, disse Cayce, estava a fazer na sua presente encarnação. A referência ao facto de ter sido "encurtado" não foi desenvolvida, mas Harrison e Sherman entenderam isto como sendo possivelmente uma referência à candidatura fracassada de Wheeler a Vice-Presidente. Só mais tarde assumiria um significado diferente, tal como a referência de Cayce a Leif Ericson.

“Antes disso, verificamos que a entidade esteve na terra agora chamada egípcia, entre aqueles que entraram na terra com os vindos da terra atlante.” Foi aí, disse Cayce, que ele tinha ajudado o Faraó a “pôr as coisas em ordem para um mundo conturbado e dilacerado; tornando possível uma união das atividades com as da terra,... agindo antes como alguém que seria chamado no presente de um mensageiro da paz!”

Ao descrever ainda outra das experiências de Wheeler a que ele poderia recorrer no presente, Cayce disse: “Mais uma vez pode a entidade no presente encontrar-se nessa posição... onde pode estar não meramente como um Pacifista, mas conduzindo, proclamando, levando a paz através do amor fraterno, da bondade, da mansidão e da paciência — tal como era e é o grande princípio d’Aquele que foi verdadeiramente o Pacificador!”

Aqui, a recitação de Cayce das encarnações anteriores terminou e começou um período de perguntas e respostas, típico das Leituras de Vida.

“Estou a seguir um rumo de vida correto de acordo com a minha experiência?”, perguntou Wheeler.

“A seguir o rumo de vida correto ao ajudar e dirigir os teus semelhantes de forma representativa.”

“Está indicado que serei o próximo Presidente dos Estados Unidos?”

“Se houver a escolha por parte da entidade de que deseja sê-lo, mas que a entidade defina isso segundo os seus princípios e não os de outra pessoa, pode ser, esta entidade, Presidente.”

“Existe um destino coerente com o destino da nação para que eu seja o próximo Presidente?”

“A menos que surja alguém como esta entidade para dirigir não só o navio do Estado, mas o destino dos povos desta terra, as perturbações e as lutas têm de aumentar.”

Nesta mesma linha surgiu a pergunta final de Wheeler. “Há algum conselho que me possa dar sobre se posso ou não prestar o meu maior serviço de vida através da Presidência dos Estados Unidos?”

“Eis o maior serviço, tal como prestaste não só à tua nação como governante em Cesareia enquanto Cornélio, mas a toda a humanidade, devido à posição que assumiste nessa altura!”

Esta resposta final, “a posição que assumiste”, tinha grande relevância, não só para Wheeler, mas pessoalmente para Cayce, um grande leitor da Bíblia. A fé e a convicção de Cornélio naquilo que tinha vivenciado eram tão grandes que ele — um guerreiro romano — tinha pousado a sua espada e tornado o primeiro génio cristão. O que a leitura parecia estar a sugerir era a força e a coragem do pacifismo de Wheeler. Ele era um guerreiro sem espada.

Teria Wheeler encontrado força nas palavras de Cayce? De acordo com David Kahn, sim, embora o Senador não tenha deixado qualquer registo escrito sobre como isso possa ter afetado a sua tomada de decisão no período que antecedeu as eleições de 1940. E a tomada de decisão foi o que ele foi forçado a fazer naquela que viria a ser a sua reunião mais importante, mantida em privado, com Franklin Roosevelt.

À medida que a primária Democrata se aproximava, não havia dúvidas de que Wheeler estava preparado para um cargo mais elevado. Tinha a confiança de liberais e conservadores, do trabalho e do capital, e tinha reunido uma poderosa aliança de companheiros pacifistas, incluindo Charles Lindbergh, enquanto tentava manter a América fora da guerra. Tinha também aparecido na capa da revista Time e fora descrito pela revista Nation como entrando na convenção Democrata "com um historial político mais limpo do que qualquer candidato presidencial." A questão pendente e imprevisível que selaria a eleição, no entanto, era como os eleitores americanos veriam o potencial papel da América na guerra.

Embora Wheeler fosse um pacifista, acreditava que os Estados Unidos, devido a erros diplomáticos anteriores, seriam inevitavelmente arrastados para a guerra que ele tinha feito tanto pressão para evitar. Ele tinha-a visto aproximar-se desde o tratado de paz de Versalhes, que acreditava ter quase garantido o reatamento das hostilidades. E, se a guerra era inevitável, não desejava dividir o partido ao candidatar-se a Presidente e arriscar que um Democrata ou Republicano reacionário entrasse na Casa Branca e des fizesse o bem duradouro que tinha sido alcançado com o New Deal de Roosevelt.

Milton Harrison, da A.R.E., no entanto, sabia o que a imprensa e o público não sabiam. Não havia qualquer rutura entre Wheeler e Roosevelt. Embora tivessem divergido sobre que medidas deveriam ter sido tomadas para evitar que os EUA fossem arrastados para a guerra, o Presidente reconheceu a Wheeler que isso eram "águas passadas". Tanto Roosevelt como Wheeler queriam seguir em frente, e Roosevelt ofereceu a Wheeler a Vice-Presidência. Wheeler só tinha de dizer que sim.

Numa reunião privada com Roosevelt, Wheeler aconselhou o Presidente a não procurar um terceiro mandato. Caso Roosevelt optasse por procurar a nomeação do seu partido, no entanto, Wheeler disse que não se oporia a ele numa lista progressista, como tinha feito anteriormente com La Follette, pois isso dividiria o Partido Democrata e resultaria inevitavelmente no retrocesso das reformas do New Deal. Wheeler disse também que não aceitaria a Vice-Presidência, uma vez que o Presidente iria, apesar da sua postura pública em contrário, levar o país para a guerra.

Aquando da morte de Roosevelt, Wheeler ter-se-ia tornado Presidente dos Estados Unidos se tivesse aceite o convite para ser Vice-Presidente.

Wheeler não podia, em boa consciência, fazer campanha por um cargo que comprometesse os seus princípios antiguerra. Isto, em essência, era o que as leituras de Cayce sugeriam que poderia acontecer, mas não colocavam nos mesmos termos em que Harrison os possa ter entendido. Wheeler poderia efetivamente ter-se tornado Presidente (por virtude da morte de Roosevelt no cargo) se tivesse aceite a nomeação para Vice-Presidente, a qual esteve sobre a mesa se Wheeler não tivesse recusado servir.

"É muito provável que Burton Wheeler seja o próximo Presidente se optar por aceitar", dissera Cayce. Verdadeiro, também, como Cayce tinha referido em relação à encarnação persa de Wheeler, Wheeler tinha uma disposição cármica para colocar os interesses de um líder escolhido à frente dos seus próprios. Ele tinha "encurtado" a sua carreira pelo que considerava ser o bem maior.

Wheeler fê-lo novamente. Ao não embarcar no projeto da administração Roosevelt e com o subsequente ataque a Pearl

Harbor, “Boxcar Burt” foi vilipendiado na imprensa como “Bolchevique Burt”. Viria a perder o seu assento no Senado numa segunda volta das primárias com um candidato cujo nome, ironicamente, era Leif Erickson. Nenhuma menção foi feita ao facto de que, se os repetidos avisos de Wheeler tivessem sido ouvidos uma década antes, a América poderia nem ter sido compelida a ir para a guerra em primeiro lugar.

A questão mais importante em 1940, contudo, é se a decisão de Wheeler de se afastar foi ou não a correta para ele e para o futuro da nossa nação. Pela decisão de Wheeler de não comprometer os seus princípios antiguerra, os EUA foram privados do que, em retrospetiva, sabemos agora que teria sido a sua presidência. Terá Wheeler feito bem em manter-se firme nas suas convicções e afastar-se, ou deveria ter aceite a nomeação?

Nenhuma leitura de acompanhamento pós-eleitoral foi solicitada, pelo que Cayce — em transe — não foi convidado a pronunciar-se. Com base nas leituras anteriores, contudo, a Fonte disse claramente que Wheeler era o melhor candidato e faria o melhor Presidente. Ele garantiria a segurança da nossa nação e aderiria àquele que tem de ser o seu ideal: “Em Deus Confiamos.” A partir deste ponto de vista, é razoável concluir que Wheeler não deveria ter deixado que as suas convicções pacifistas o impedissem de se juntar à administração Roosevelt.

“Toma as coisas, condições e circunstâncias onde elas estão, não meramente onde desejas, esperas ou queres que estejam”, aconselhara Cayce numa leitura para uma jovem que enfrentava um dilema semelhante, mas de menor importância. Ele disse também repetidamente que o bem maior viria na liderança. Como Cayce indicou em muitas leituras anteriores e voltaria a indicar, “o serviço é a medida da grandeza” e “só no serviço pode

qualquer alma encontrar progresso ou desenvolvimento.” Melhor teria sido que Wheeler estivesse na Casa Branca, onde, disse-lhe Cayce, “está o maior serviço.”

Este conselho foi claramente expresso na própria leitura de Wheeler: “não estejas meramente como um Pacifista, mas conduzindo, proclamando, levando a paz através do amor fraterno, da bondade, da mansidão e da paciência — tal como era e é o grande princípio d’Aquele que foi verdadeiramente o Pacificador!”

“...aquela nação que até colocou na sua atual unidade monetária ‘Em Deus Confiamos’... Esse princípio está a ser esquecido... e esse é o pecado da América.” (Da leitura de Cayce 3976-29 em 1944.)

Louise Brigham Chisholm (1875-1956) destacada na National Magazine, (Volume 37, Out. 1912 - Março 1913).

LOUISE BRIGHAM:
A FILHA DO ESTALAJADEIRO

Entre muitas outras pessoas de relevo que encontraram o seu caminho até Edgar Cayce na década de 1940 estava Louise Brigham, uma célebre assistente social e artista conceptual de Nova Iorque cujas aventuras pelo mundo foram tão notáveis como a jornada espiritual que a levou a Virginia Beach. Graças a uma doação generosa de Brigham, um cofre à prova de fogo foi construído na casa de Cayce para preservar e proteger as leituras. Também graças a Brigham, Gladys recebeu um pequeno lote de terreno em Virginia Beach, onde construiu a sua primeira e única casa.

Como se tornaria hábito de Brigham, de sessenta anos, duas vezes por ano ela fazia férias no Hotel Martha Washington, na Atlantic Avenue, a uma curta caminhada da casa de Cayce. Todas as manhãs sentava-se tranquilamente no gabinete de Gladys e estudava o agora extenso arquivo de Leituras de Vida; o resto do seu dia era passado a escrever a sua autobiografia. Ao contrário das memórias dos seus contemporâneos, as suas não começavam com o seu nascimento, que fora em Boston em 1875. O capítulo de abertura da história de Brigham cronicava acontecimentos quase dois milénios antes, quando, numa encarnação anterior, ela fora a filha de um estalajadeiro de Belém. Embora hoje o paradeiro das memórias de Brigham seja desconhecido — ela morreu sem família aos oitenta e um anos num lar de idosos em Nova Jérsia —, os pormenores da sua história extraordinária podem ser colhidos dos seus outros escritos, das catorze leituras de Cayce que recebeu e da sua correspondência e conversas com Gladys e Edgar.

A história que Brigham mais gostava de contar era como o seu compromisso com o trabalho social e a arte se uniram no verão de 1906. Nessa altura, vivia setecentas milhas a norte do Círculo Polar Ártico, num acampamento de mineração de carvão

na ilha norueguesa de Spitsbergen, onde a principal fonte de alimento era carne de baleia, urso polar e rena. Como Louise — uma órfã de Boston que tinha estudado arte em Nova Iorque — veio a viver numa ilha remota com oitenta homens e apenas outra mulher é uma espécie de mistério. Louise nunca explicou adequadamente os pormenores, deixando Hugh Lynn com a noção equivocada de que Brigham era a viúva do Cônsul dos EUA na Noruega.

Longyearbye, conhecida como Longyear City até 1926, está localizada no vale de Longyeardalen. A cidade foi estabelecida por e batizada em honra de John Munro Longyear, cuja Arctic Coal Company iniciou ali as operações de mineração de carvão em 1906.

Brigham era hóspede do empresário mineiro John Munro Longyear e da sua esposa, Mary Beecher, a quem Louise pode ter conhecido em Boston, onde o seu pai fora em tempos proprietário de uma farmácia. Uma mulher profundamente religiosa e dedicada à justiça social, Louise era a companheira de viagem da idosa Mary Beecher, uma patrona das artes, fundadora de várias associações de beneficência e que, em anos posteriores, financiaria a primeira Versão King James da Bíblia em Braille. O que é significativo sobre os dois verões que Brigham passou em Spitsbergen foi a forma como escolheu ocupar o seu tempo.

As provisões e outros equipamentos necessários para a operação do acampamento mineiro tinham de ser transportados em caixas de madeira em navios de abastecimento vindos do continente. As caixas vinham em todos os formatos e tamanhos: caixotes massivos que continham uma casa portátil na qual Brigham e os Longyear viviam, caixas de ferramentas e equipamentos com seis pés de comprimento, e sortidos de caixas

de chá e recipientes de mercearia seca. Quando os mantimentos eram desembalados, as caixas começavam a acumular-se. Como Louise notaria mais tarde, as caixas eram um recurso rico numa ilha onde a madeira não estava disponível e a única vida vegetal consistia em "pão da fome", o musgo comestível de que as renas se alimentavam, e "salgueiro polar", que crescia apenas duas polegadas de altura.

Louise aproveitou a oportunidade para explorar um conceito que tinha concetualizado ainda na escola de arte em Nova Iorque. Vendo os caixotes de madeira a acumular-se, perguntou aos seus anfitriões se podia fazer algo prático a partir daquelas "sobras" para mobilar o acampamento. "Isolada de outros materiais, as possibilidades da caixa pareciam maiores do que nunca, e o trabalho, que diariamente crescia em interesse, foi iniciado", escreveria ela mais tarde. "Enquanto trabalhava naquela terra maravilhosa e distante de dia contínuo, cercada por montanhas e glaciares, senti de novo a verdade, tão familiar a todos, de que o trabalho, para ter valor real, tem de ser honesto, útil e belo."

Louise requisitou um baú de ferramentas manuais que usou para construir uma ampla variedade do que veio a ser conhecido como "mobiliário de caixas". Entre as suas muitas criações estavam estantes, armários, cadeiras, lavatórios e uma mesa de jantar com um aparador. Ela retirava e reutilizava os pregos, aplainava as arestas agressivas, envernizava a madeira com graxa de sapatos e óleo de baleia e, em seguida, desenhava padrões estêncil sobre as superfícies. À medida que vários exploradores do Ártico visitavam o acampamento no seu caminho para o Polo, comentavam quão atraentes e engenhosas eram as criações de Brigham — uma influência civilizadora e um toque de lar nas vastidões do Ártico. Um visitante, o Príncipe Alberto do Mónaco, que observou Brigham na sua bancada de trabalho, ficou tão

comovido que a encorajou a ensinar as suas competências a outros. As caixas naqueles dias custavam meros tostões, eram abundantes em todo o lado e, quando usadas como Brigham fazia, detinham valor artístico, social e prático.

Príncipe Alberto do Mónaco, c. 1910.

Como Brigham observaria mais tarde: “Se... [as crianças] pudessem ser encorajadas a complementar o seu trabalho escolar com materiais encontrados em casa, encontrariam ao seu alcance uma oportunidade prática para a atividade criativa e para a aplicação de princípios educativos. Que melhor oportunidade para tais usos pode ser fornecida do que pela caixa encontrada em ou perto de cada lar? Eis uma oportunidade muitas vezes negligenciada para a transformação de material humilde... em objetos de beleza e utilidade.”

Louise lançou assim a sua carreira ensinando como materiais reciclados ou reaproveitados — principalmente caixas — podiam ser trabalhados para criar todo o tipo de mobiliário doméstico e, mais importante, como os jovens, independentemente de saberem ler ou escrever, podiam usar competências básicas de carpintaria que aprendiam ao fazer esse mobiliário para melhorar as suas vidas e o ambiente em que viviam. Os seus designs de mobiliário modular de caixas e métodos de ensino levá-la-iam em viagens

por todo o mundo, onde iria tanto educar como estudar o design de artesanato e as tradições de diferentes países e culturas. As suas criações foram exibidas em museus e galerias; livros e folhetos destacando o seu trabalho tornaram-se manuais em turmas de jovens e jovens adultos lecionadas em todo o mundo. O seu trabalho influenciaria profundamente Frank Lloyd Wright e o Movimento de Artes e Ofícios Americano, e os seus designs modulares podem razoavelmente ser considerados o precursor das vastas linhas populares de mobiliário doméstico pronto a montar da IKEA.

"Não desperdices, não passarás necessidade" era a sua mensagem principal e estava enraizada numa convicção profundamente sentida sobre o que ela acreditava ser o Cristianismo. Que o menino Jesus tivesse nascido numa manjedoura, que tivesse trabalhado como um humilde carpinteiro e que tivesse alimentado as multidões com cinco pães e dois peixes transmitia um princípio central do Seu ministério: simplicidade de vida, bondade para com todos e boa gestão da abundância de Deus.

Embora Brigham não pregasse o Evangelho e só mais tarde na sua vida viesse a conhecer Edgar Cayce e a explorar as suas próprias associações bíblicas em vidas passadas, há muito que se dedicava a atender às necessidades sociais e físicas da sociedade. Criada num subúrbio de Boston e órfã aos dezanove anos, Brigham encontrara o seu caminho para Nova Iorque e estudara no Pratt Institute e na Chase School, que hoje é conhecida como Parsons. Durante este tempo, envolveu-se profundamente no movimento internacional "Settlement House Movement", cujo objetivo era encorajar ricos e pobres a viver em maior proximidade em comunidades intencionais. Imóveis em zonas urbanas pobres eram adquiridos, dotados de pessoal voluntário de

todas as faixas de rendimento e classes sociais, e eram fornecidas refeições nutritivas, infantários, serviços de saúde e jurídicos, bem como instalações recreativas. No início dos seus vinte anos, juntou-se a uma equipa de trabalhadores comunitários em Cleveland, Ohio, e estabeleceu a sua própria casa de acolhimento, a "Sunshine Cottage", que eventualmente se tornou num orfanato e abrigo para sem-abrigo.

Em 1907, após o seu regresso da Noruega, embarcou na sua campanha para levar o "mobiliário de caixas" ao mundo. Ao longo da década seguinte, visitou dezassete países e publicou um livro prático de grande sucesso, apropriadamente intitulado Box Furniture, que ainda hoje se encontra em impressão. Ilustrado com desenhos de linhas simples, o seu livro oferece dezenas de planos de mobiliário diferentes, conselhos sobre como selecionar e desmontar caixotes, e instruções sobre carpintaria básica. Conselhos complementares eram também oferecidos sobre padrões de design e esquemas de cores. Não foram apenas os seus designs engenhosos e a sua apresentação que vingaram, mas também a mensagem social que os acompanhava. Após uma bem-sucedida exposição de museu do seu mobiliário em 1910, responsáveis da cidade de Nova Iorque permitiram-lhe usar a Gracie Mansion, a antiga residência do presidente do município de Nova Iorque, como sede do "laboratório" de carpintaria para rapazes da sua Home Thrift Association. "Damos a cada rapaz um conjunto das sete ferramentas simples e mostramos-lhe o início do seu trabalho", disse Brigham. "Depois, ele faz o resto." Eventualmente, a associação foi aberta também a raparigas, e o movimento espalhou-se. Em Boys Town, Nebraska, por exemplo, o Padre Joseph Flanagan tinha órfãos a produzir e a expedir mobiliário de caixas que era comercializado por todo o país.

Foto do New York Times, 19 de janeiro de 1913, do "laboratório" de carpintaria para rapazes da Home Thrift Association da Miss Brigham na Gracie Mansion (a antiga residência do presidente do município de Nova Iorque). Começou em apenas duas salas, mas rapidamente ultrapassou o seu espaço, expandindo-se para mais de 600 aprendizes no seu primeiro ano de funcionamento.

Todo o mobiliário no apartamento de Louise em Nova Iorque (63 peças) foi feito a partir de caixas velhas pelos rapazes da sua Home Thrift Association como demonstração de gratidão. Cada artigo é original no design, destinado a satisfazer alguma necessidade especial e a preencher algum espaço particular. A secretária, por exemplo, é construída em redor de uma janela que projeta luz sobre a secção de escrita que fica logo no interior.

A montra para o mobiliário de caixas de Brigham era o seu apartamento na East 89th Street, em Nova Iorque, onde experimentava novos designs e onde muitos jornalistas, professores e colegas artistas encontravam inspiração. Entre outros visitantes esteve o industrialista de Cleveland Henry Arnott Chisholm, a quem Louise provavelmente conhecera anos antes, quando era assistente social em Ohio. Viúvo recente, Chisholm, de sessenta e quatro anos, casou com Brigham, de quarenta e um anos, em 1916. O casamento deles foi feliz, embora curto. Ele morreu em Yokohama, no Japão, em 1920, na segunda viagem ao mundo do casal.

Independentemente de para onde Brigham viajasse, levava a sua caixa de ferramentas consigo. O seu destino favorito era a Terra Santa, que visitou duas vezes, e em ambas as ocasiões celebrou o Natal em Belém. Juntar-se-ia a outros peregrinos e passaria a noite sob as estrelas a reinterpretar o nascimento de

Jesus. Também pesquisou o vestuário feminino hebraico tradicional dessa época, que consistia numa túnica ou veste até aos tornozelos feita de tiras de pano preto e de cores alternadas e um toucado ou véu drapeado. Tão comovida ficou com a experiência que, a cada Natal, independentemente de onde estivesse a viajar no mundo, vestia-se com trajes hebraicos tradicionais e recontava a história da natividade ao público.

Dadas as suas inclinações, não era de admirar que, de acordo com várias leituras de Cayce, ela tivesse estado em Belém e testemunhado o nascimento de Jesus numa encarnação anterior. Inicialmente, Brigham resistiu veementemente à informação que veio através de Cayce nas Leituras de Vida. Isto não se devia a falta de fé nas capacidades de Cayce; dois dos seus amigos próximos tinham recebido conselhos valiosos em transe, e ela própria recebeu conselhos médicos que podem ter-lhe salvo a vida. Durante mais de uma década tinha estado a fazer tratamento para um problema gastrointestinal grave que as recomendações de Cayce resolveram em poucas semanas. O problema que Brigham tinha com a informação que vinha nas suas Leituras de Vida era que o relato de Cayce sobre o nascimento de Jesus era marcantemente diferente do que a tradição da igreja ensinara e que ela tomara como verdade absoluta. Não era que o relato de Cayce contradissesse o relato bíblico. Antes, era muito mais abrangente e apresentava, entre outras coisas, Brigham a ajudar Maria a dar à luz Jesus.

A primeira Leitura de Vida que Brigham recebeu foi realizada em Nova Iorque a 20 de abril de 1936, no apartamento de David Kahn na West 77th Street. Brigham soubera de Cayce através da sua amiga Lillian Cox, que tinha recebido várias leituras de saúde bem como espirituais, e da filantropa de Nova Iorque Irene Seiberling, com quem Brigham assentava nos

conselhos de várias associações de bem-estar social. Seiberling acompanhou Brigham à casa de Kahn para presenciar a leitura em pessoa, como faria em várias ocasiões subsequentes em que Brigham recebeu leituras. Ao contrário de muitos recetores das Leituras de Vida, a Fonte indicou que as encarnações anteriores de Brigham eram poucas em número. Fascinantes e importantes embora fossem as suas encarnações na antiga Atlântida e no Egito, foi a vida de Brigham na Terra Santa que atraiu a atenção de todos e viria a ser estudada durante muitos anos.

Na Terra Santa, durante o período em que encarnou, descrito nas leituras como uma época de "grandes mudanças, grandes oportunidades", que tinham sido trazidas pelas "orações de muitos", o nome de Brigham era Sarapha, e ela era a filha de Apsafar, o proprietário da estalagem de Belém onde José e a sua esposa grávida Maria tinham procurado refúgio. A história do que aconteceu foi detalhada nas duas Leituras de Vida de Brigham e foi referenciada em mais de dez outras Leituras de Vida de outras pessoas que ela conhecera ou encontrara nessa altura. Este é o conjunto de material que eventualmente trouxe Brigham ao gabinete de Gladys em Virginia Beach, e foram os seus esforços pioneiros para cruzar as leituras da natividade que dão aos estudantes de Cayce hoje uma visão para uma história muito mais abrangente do nascimento de Jesus.

De acordo com as leituras, o tempo estava frio na noite em que José e Maria, acompanhados por outros familiares e colegas carpinteiros que trabalhavam com José, chegaram à estalagem. Dizia-se que José tinha trinta e seis anos; Maria dezasseis. Ao crepúsculo, quando o grupo chegou, Apsafar disse a José que "não havia lugar na estalagem". A razão, como consta no Evangelho de Lucas e confirmado por Cayce, era que a estalagem já estava cheia de pessoas que tinham vindo a Belém pelo mesmo

motivo que José. Estava a ser feito um recenseamento e a ser cobrados impostos.

Cayce entra em consideravelmente mais detalhes. Gargalhadas e zombarias na estalagem seguiram-se à visão do idoso José com a jovem e bela esposa, que estava grávida. Isto foi particularmente perturbador para a filha de Apsafar, Sarapha, que não conseguia compreender por que razão o seu pai parecia ser tão cruel ao ponto de mandar embora a grávida Maria. O que Sarapha não sabia era que o seu pai era um essénio, a mesma seita judaica de José e Maria. Foi por isso que a família tinha ido para esta estalagem em particular. Aqui fica apenas o início da intriga que estava para vir.

Apsafar guardou este conhecimento para si, pois era perigoso estar associado aos essénios. Os governantes romanos da Judeia estavam à procura de uma essénia que estivesse prestes a dar à luz. Tinham sido alertados para o nascimento de um Messias judeu por visitantes do Egito, da Índia e da Pérsia — aqueles que foram descritos na Bíblia como os "Mágicos". Apsafar estava assim a proteger José e Maria ao fazer um espetáculo ao recusá-los na estalagem; o plano era mantê-los fora da vista numa estrebaria próxima que fora construída na encosta de uma gruta. Apsafar e a sua família tinham de ter cuidado também por outras razões. O cobrador de impostos romano em Belém tinha intenções amorosas para com a jovem filha de Apsafar. Embora Sarapha o tivesse rejeitado, o cobrador de impostos tinha deixado claro o seu contínuo interesse por ela. Não se sabia quando é que ele poderia aparecer inesperadamente na estalagem.

Sarapha foi descrita como uma jovem bonita, apenas um ano mais nova do que Maria. Empática com a situação do casal que fora recusado, perguntou ao pai se podia prestar ajuda. Foi-lhe

dada permissão para visitar a estrebaria, mas apenas depois de ter terminado as suas tarefas na estalagem.

Depois a entidade, Sarapha, ajudou, para que tudo estivesse preparado quando, ao fim da tarde — no momento em que o sol, em toda a sua glória das Colinas da Palestina, quase deu voz à natureza, proclamando o anunciar de uma nova esperança, um novo nascimento para a terra, e a glorificação da esperança do homem em Deus —, o espetáculo da Sua Estrela no céu noturno trouxe temor e fascínio a todos os que a contemplaram.

Depois, quando foi sabido pela entidade que a gruta, o estábulo tinha sido ocupado... oh, a pressa; oh, o desejo de ir ver o que essa experiência poderia ser, tomou conta de todo o ser da entidade! E assim que as suas tarefas foram concluídas em casa — como o espaço era muito próximo —, a entidade partiu. Mas enquanto a entidade caminhava ao ar livre nessa Véspera, o brilho da Sua Estrela aproximou-se cada vez mais. E a entidade ouviu [o Anjo], tal como os Pastores: "Paz na terra, Boa Vontade para com os homens."

Surgiu novamente aquele temor, aquele sentimento de uma nova criação, de uma nova experiência, quando a entidade entre aqueles — apenas com a acompanhante mais próxima da Mãe... [Sarapha] apressou-se para os aposentos onde a Mãe jazia, em todo aquele temor de uma nova experiência, e a luz como a da Sua Estrela encheu o lugar, a entidade contemplou então pela primeira vez o bebé. Essa foi a experiência máxima, até ao pedido para que ela — também — pudesse segurar aquela criança gloriosa nos seus braços também! Depois, quando isto se tornou uma realidade, houve aqueles sentimentos, aquelas experiências — Oh, quem dera que o mundo pudesse conhecer a beleza, a

alegria, a glória das experiências da Sua Vida nos seus próprios corações, mentes e seres!

Ali a entidade viu também os pastores reunirem-se, ali a entidade viu também no dia seguinte os Mágicos — com os seus animais ou camelos carregados, com todo o seu louvor por aqueles que tinham mantido a fé, ao fazer e preservar, ao manter e ajudar aqueles que estavam em necessidade, que estavam sós — contudo Deus com eles! Houve aquelas experiências da presença, bem como aquilo que foi expresso nessas línguas estranhas para a entidade, embora a entidade soubesse e pensasse e sentisse e experimentasse a reverência e o temor demonstrados por todos...

Sarapha e Maria tornaram-se próximas ao longo dos vinte e nove dias em que se disse que Jesus e a sua família estiveram sob a proteção da família de Apsafar na estrebaria. A experiência de beijar Jesus e segurá-lo nos seus braços ficaria para sempre gravada na sua alma e foi a razão pela qual, como Cayce apontaria em transe: "Será de admirar que tenhas olhado longamente para o rosto daqueles que tinham acabado de nascer e te tenhas perguntado... qual seria o seu propósito, as suas provações, as suas alegrias, as suas dores na terra?"

Nos anos após Maria e José deixarem a estalagem, Sarapha desejou manter contacto com a família, mas sendo as comunicações difíceis na altura, ouvia apenas relatos esporádicos. Ficou especialmente preocupada quando foi emitido o édito do Rei Herodes para massacrar os recém-nascidos judeus, o que é descrito na Bíblia como o "Massacre dos Inocentes". Como afirmava a leitura: "Isto deu origem a dias, semanas e meses em que a entidade se perguntava e perguntava e perguntava... No entanto, muitas vezes a entidade, na quietude da noite, recordava

os acontecimentos [em Belém], e havia a procura cada vez maior quanto ao que tinha acontecido à Sua Estrela, à Sua Luz."

Cayce continuou: "Ao longo dessas experiências, então, a entidade... procurou notícias quanto ao Seu progresso, ao acompanhar aquilo que se tinha tornado quase como uma história; no entanto, a entidade apegou-se a essas visões, a essas experiências... durante esses períodos em que contemplaram a luz, em que contemplaram a Criança nos braços da Mãe — e aquele momento glorioso em que tinha sido colocada nos seus próprios braços, e a entidade tinha pressionado os seus próprios lábios na testa daquele Bebé!"

Após a morte de Apsafar, Sarapha mudou-se de Belém para os arredores de Jerusalém, onde abriu uma estalagem, identificada nas leituras de Cayce como a "Wayside". Aqui ouviu mais notícias de Jesus; como ele se tinha tornado carpinteiro como o seu pai. Ela desejava ir ver o seu rosto, mas os seus deveres na estalagem impediam-na de o fazer. Não voltaria a vê-Lho até ele passar no caminho para Jerusalém, seguido por uma enorme multidão de pessoas. Ela teve dúvidas, tal como os outros. Jesus parecia ser um mero homem, que "parecia exercer tão pouco daquela aplicação material necessária de um poder e força gloriosos."

Foi só após a crucificação de Jesus que ela voltou a visitar Maria e teve a oportunidade de conhecer as Santas Mulheres que tinham estado em redor de Jesus. Sarapha manteve-se firme na sua fé e esteve entre as primeiras mulheres a sofrer o martírio quando soldados romanos tentaram dispersar uma multidão de cristãos. Foi a fé de Sarapha, que foi transportada para a sua encarnação como Louise Brigham, que as leituras diziam que a

tinha sustentado e sustentaria. Esta era presumivelmente a razão pela qual ela tinha tido tão poucas encarnações.

"Agarra-te a isso, ó Filha do Estalajadeiro, ó Contempladora da Sua Glória", disse-lhe Cayce. "Oh, os sentimentos alegres e graciosos que enchem a tua alma e ser com a riqueza da terra derramada aos Seus pés, com aqueles que experimentaram os humildes pastores que vieram ver essa visão gloriosa, e eles — também — não foram impedidos de contemplar o rosto do seu Salvador. E tu, também, ó Filha, podes conhecer o Seu rosto — mas volta-te para dentro! Pois aí podes encontrá-Lo, como tão frequentemente fizeste nesses dias, nessas semanas, nesses meses, nesses anos em que recordaste no teu íntimo essas experiências gloriosas, esses acontecimentos gloriosos daquele dia em que o Bebé, o menino Jesus esteve nos teus braços."

Brigham tinha muitas perguntas que colocaria a Cayce em leituras de acompanhamento e nos seus estudos de outras Leituras de Vida relacionadas com a natividade. Entre elas estava uma pergunta que forneceu uma pista sobre o seu próprio carma na sua presente encarnação. A sua pergunta relacionava-se com o cobrador de impostos romano que ela tinha rejeitado em Belém. Teriam voltado a cruzar-se? Na verdade, sim. Ele era a mesma pessoa que Henry Chisholm, o homem que ela pode ter amado ou com quem se tinha relacionado em Cleveland, e que reencontrou em Nova Iorque após a morte da esposa dele. Aquele a quem ela tinha rejeitado na sua encarnação anterior, acabou por casar desta vez.

Além da sua fé firme no "Mestre Carpinteiro" e de outras inclinações que surgiram como resultado da sua experiência como estalajadeira na Terra Santa, estava o seu desejo inato de viajar,

de cuidar de viajantes, de proporcionar conforto aos pobres, bem como de construir mobiliário de caixas.

Cayce — em transe — disse-lhe poeticamente o que ela sentia no seu coração: "Isto deu origem a esses sentimentos na experiência de todo e qualquer viajante de que havia um cuidado e um pensamento pelo seu próprio... descanso, harmonia e beleza... [não importa onde]. Podia a entidade então imaginar um lar, quer terreno quer espiritual, sem um construtor ou um carpinteiro?"

Louise Brigham com Gladys Davis, c. 1936.

George Conjar, c. 1939.

GEORGE CONJAR: CURADO!

"Estás a sair-te muito bem, muito bem...", disseram ao jovem de dezanove anos George Conjar.

Estas foram as palavras proferidas pelo Dr. Charles Custer, chefe dos serviços médicos do Sanatório para Tuberculosos do Estado da Pensilvânia, em South Mountain, com o intuito de confortar o jovem. Apenas Conjar, no quarto 441 da ala masculina de South Mountain, num complexo de edifícios onde vivera nos últimos três anos, sabia que não estava bem. A tuberculose tinha-lhe destruído o pulmão esquerdo e a infeção espalhara-se para o direito. Estava a escarrar bocados de muco com sangue; a febre e os suores frios impediam-no de dormir; e tinha perdido quase vinte libras nas últimas onze semanas. Mas neste dia, 8 de julho de 1943, ele tinha razões para acreditar que as suas orações seriam respondidas. A trezentas milhas de distância, em Virginia Beach, Edgar Cayce ia entrar em transe para tentar salvar-lhe a vida.

Quatro anos antes, Conjar era um estudante feliz e saudável do penúltimo ano do ensino secundário em Harrisburg, Pensilvânia — um dos cinco filhos nascidos no seio de uma família de imigrantes da Europa de Leste da classe trabalhadora. Um estudante de mérito, era presidente de turma e jogava na equipa de futebol americano. Depois, no final do outono de 1939, enquanto jogava uma partida de futebol fora numa tarde particularmente fria e chuvosa, lesionou-se e mais tarde ficou doente com pneumonia. Passou as férias de Natal na cama e regressou à escola quando o semestre seguinte começou. Por todas as aparências externas parecia estar a sair-se bem, mas quando a sua escola o testou para a tuberculose, os resultados vieram positivos para TB em "fase incipiente" no seu pulmão esquerdo. Como a TB era uma doença contagiosa, foi retirado da

escola. Por mandato estatal, foi depois enviado para um Preventório, uma instituição concebida para conter e tratar crianças que tinham sido expostas à tuberculose, mas que ainda não apresentavam sintomas.

O South Mountain Restoration Center era apenas um palheiro sem aquecimento e tendas até 1902, altura em que foram adicionadas várias cabanas de 8 x 10 onde dormiam 5 pessoas em cada uma. Em 1938 parecia mais com isto e era 1 dos 700 Sanatórios para TB nos Estados Unidos. Estas eram comunidades autossuficientes que ficaram conhecidas como "salas de espera para a morte".

A estadia de três meses de Conjar no Preventório de South Mountain não foi de todo uma experiência desagradável — mais parecida com um "acampamento de verão", diria ele mais tarde, exceto pelo facto de que as crianças — com idades compreendidas entre os quinze meses e os dezoito anos — raramente podiam ir ao ar livre. Havia ainda assim muito exercício, contudo, maioritariamente sob a forma de calistenia e natação numa de duas piscinas cobertas, juntamente com um ocasional jogo de beisebol ao ar livre. Além das piscinas cobertas, o enorme edifício de quatro andares em que vivia continha um auditório, uma biblioteca e quatro salas de aula onde eram lecionadas nutrição, higiene e uma ampla gama de outras matérias. Havia também salas de convívio onde os pacientes podiam ir ouvir rádio, jogar cartas e conversar entre si.

Conjar fez amigos facilmente entre os cerca de trezentos pacientes que viviam nos dormitórios e, com visitas regulares da sua família, os meses passaram rapidamente. Ele tinha a certeza de que tinha derrotado a doença. Tinha ganho peso — graças às porções generosas de comida servidas três vezes por dia — e

ganho músculo, o resultado da calistenia. Estava ansioso pelo futebol e por começar o seu último ano quando, como procedimento de rotina antes da alta, foi testado novamente. O raio-X mostrou que o seu pulmão esquerdo tinha piorado. Em vez de ser enviado para casa, foi transferido para o Sanatório de South Mountain, um hospital de sete andares e complexo de cabanas diretamente do outro lado da rua do Preventório. Como não havia cura conhecida para a TB, era para aqui que a maioria dos pacientes ia para morrer. Quer fossem alguns meses ou anos, era apenas uma questão de tempo.

Enquanto os pacientes no Preventório eram apenas crianças, aqui havia jovens e velhos por igual, quase mil doentes com TB no total. Com a lembrança constante de que a morte era o passo seguinte inevitável — o cemitério de TB de South Mountain ficava diretamente atrás do edifício —, havia um sentimento de escuridão e desânimo. George experimentava a mesma vasta gama de emoções mutáveis que os outros: esperança, desespero, amor, tristeza, felicidade e tragédia. Ele gostava de jogar cribbage, visitar a capela, caminhar pelos corredores e viver numa cabana pitoresca onde outros pacientes com casos menos graves viviam. Foi aqui que estava hospedado quando a sua primeira frenicotomia foi realizada. O procedimento envolvia fazer uma pequena incisão na pele logo acima da clavícula e "esmagar" o nervo frénico, paralisando assim uma porção do seu diafragma e diminuindo o volume de ar que conseguia levar aos seus pulmões. O procedimento pode ter sido moderadamente eficaz a abrandar o progresso da sua infeção, mas deixou-o mal do estômago e cada vez mais a ter de arfar por ar.

No final do primeiro ano, a sua doença era considerada moderadamente avançada e ele foi transferido para o edifício principal do hospital. O tratamento foi avançado para incluir o

pneumotórax, que consistia em bombear ar para a cavidade pleural em redor do seu pulmão esquerdo, colapsando assim a área doente. Ainda assim, a sua condição continuou a deteriorar-se. Além de tossir sangue, havia febres e suores noturnos. O seu estômago era tão sensível à comida que só conseguia comer migalhas de pão. Como viria a tornar-se a sua rotina, ele guardava fatias de pão na gaveta do seu quarto e, ao longo do dia, colocava pequenas migalhas na língua até que se dissolvessem.

Quando os raios-X mostraram que o seu pulmão direito também estava agora infetado, os médicos recomendaram uma toracoplastia, na qual várias das suas costelas seriam removidas para colapsar permanentemente o seu pulmão esquerdo, de modo a que o seu pulmão direito pudesse ser poupado. Isto era simplesmente um pesadelo para George — um antigo jogador de futebol americano e beisebol, outrora orgulhoso do seu corpo e da sua boa aparência física. Bastava-lhe olhar para o outro lado da sala de jantar para ver os pacientes da toracoplastia — "curvados como corcundas", como dizia — para conhecer o seu futuro.

Desanimado, acreditando que a sua vida teria terminado se ficasse em South Mountain por mais tempo, fez as malas e, sem dizer nada a ninguém, escapou pelos portões principais para pedir boleia até casa. Foi acolhido calorosamente pela sua família — mas não pelos amigos e vizinhos. Qualquer pessoa que entrasse em contacto com ele poderia potencialmente ficar infetada. Estava também demasiado fraco até para fazer as tarefas de rotina em casa e não era bem-vindo no hospital local. Os médicos não queriam os seus pacientes expostos a ele.

Cinco meses mais tarde, a poucos dias de fazer dezoito anos, regressou a South Mountain, agora resignado ao seu destino.

Um dos companheiros de quarto com quem gostava de jogar cribbage era um jovem estudante do seminário presbiteriano, Howard Roemer. Tal como George, estava no estado crítico da doença. Tinha perdido vinte libras, sofria de náuseas e a simples visão da comida deixava-o doente. Após uma das suas muitas conversas, Howard deu-lhe um livro novo do autor Tom Sugrue, There Is a River, a primeira biografia de Cayce, que tinha sido lançada apenas no mês anterior. George gostou tanto que decidiu imediatamente escrever a Cayce e obter uma leitura. Se soubesse quantos pedidos não atendidos já existiam para leituras de Cayce — a lista de espera era de quase dois anos —, poderia ter ficado descorajado de sequer tentar. Mas George, como admitiu mais tarde, era ingénuo. "Tinha de tentar."

Numa caligrafia fina mas instável, Conjar apresentou-se numa carta datada de 25 de maio de 1943, dedicando mais palavras à sua incapacidade de pagar para se juntar à A.R.E. do que a descrever a sua condição.

Foi-me dito que é pedida uma quantia de vinte dólares aos membros. Provavelmente já percebeu a esta altura que estou desempregado — que não tenho dinheiro. Recebo alguns dólares da minha mãe de vez em quando e, se for necessário, poderia recorrer a ela... No entanto, sou contra tomar esta decisão porque gostaria de pagar a minha própria dívida. Após algum debate, pensei no seguinte: Sr. Cayce, se me desse uma leitura que resultasse numa cura, oferecer-lhe-ia os meus serviços durante oito horas de todos os dias por um ano na prática de ajudar o meu semelhante. Faria isto inteiramente de forma gratuita, sem cobrar comida ou alojamento, e qualquer tipo de trabalho que me fosse atribuído seria assumido com um coração alegre. No caso de não ocorrer cura alguma, tentaria de qualquer forma, na mesma medida, fazer um pouco de trabalho manual que pudesse render

alguns dólares. Este dinheiro eu enviaria para a sua fundação na esperança de que outro pudesse talvez ser beneficiado... Provavelmente compreende que a minha razão para a frase anterior não é trazida por qualquer falta de caridade; a minha saúde exigiria uma paragem neste ponto.

Ao despedir-se, Conjar disse simplesmente: “Bem, creio que disse tudo o que precisa de ser mencionado. Encerrando com toda a sinceridade, George Conjar.”

Edgar respondeu três dias depois:

Recebi a sua do dia 25. Anexo um formulário [de inscrição na A.R.E.]. Terei todo o gosto em tentar ser de utilidade — e dependerá inteiramente de si pagar alguma coisa ou não. Apenas sinto, pela experiência passada com este problema, que pode ser ajudado, mas sinto que provavelmente terá de estar em casa, embora não pense que o custo dos seus tratamentos seja muito elevado... Apenas esperando ser o meio de prestar um serviço.

Foi marcada a data de 8 de julho para a leitura. Para ter a certeza de que Edgar — em transe — o encontraria, George disse que estaria no quarto 441, na cama “ao lado da janela” e que, quando a leitura estivesse a ser dada, estaria em “oração e meditação”. Expressou também, como faria repetidamente na sua correspondência futura, quão grato estava por Edgar estar a fazer isto por ele.

“Até lá [quando a leitura for dada]”, escreveu a 11 de junho, “direi um inadequado obrigado pelo serviço que tão graciosamente me está a prestar. Que Deus o abençoe sempre e que Ele o recompense de alguma forma por esta bondade que me demonstrou.”

Um excerto da carta de George ao Profeta Adormecido, anexando a sua inscrição para membro da associação.

O compromisso de George no Diário de Tarefas de Cayce para 8 de julho de 1943.

A espera de um mês de Conjar para receber a leitura foi difícil. Continuou a perder peso de forma constante e por duas vezes colapsou inconsciente num estado de choque, tendo de ser reanimado. O que o manteve de pé foi a convicção de que Cayce forneceria ajuda. Pouco antes do momento em que deveria receber a leitura de Cayce, escreveu uma carta ao médico-chefe encarregado da supervisão, o Dr. Custer, para partilhar o seu entusiasmo. Na mesma carta, expressou também a sua intenção de deixar South Mountain no próprio dia em que recebesse a leitura e regressar a casa para iniciar os tratamentos recomendados.

No dia seguinte, o Dr. Custer chamou Conjar ao seu gabinete para lhe dizer que ele estava a cometer um erro grave. Ao fazê-lo, o Dr. Custer contou a história de um jovem com distúrbios mentais que tinha depositado a sua fé num "culto" e tinha prescindido de ajuda médica profissional, o que levara a um fim trágico. Não desejava que George cometesse o mesmo erro. Conjar contra-argumentou dizendo ao médico que Cayce não queria que ele se juntasse a um culto. Ele estava a agir por bondade, procurando ajudar as pessoas que recorriam a ele usando os seus talentos dados por Deus.

O Dr. Custer, subitamente irado, exigiu saber quem lhe tinha falado sobre Cayce. Relutante em implicar o seu amigo Howard, George fez referência à popular apresentadora do programa de rádio Isabelle Manning Hewson, que tinha feito um segmento

sobre Cayce. Em vez de discutir mais o assunto, Custer pegou no telefone e ligou para a estação de rádio que transmitia o programa dela. Para alarme de George, Custer passou a apresentar uma queixa, alegando que Hewson estava a levar os seus pacientes à "histeria" com as suas noções ridículas. Mencionou depois o nome de Conjar, citando-o como um paciente que se tinha tornado mentalmente desequilibrado pela discussão de Hewson sobre Cayce.

"Ele pensou que eu seria forçado a esquecer-me de si", confidenciou mais tarde Conjar a Edgar por carta. "Disse depois que não me queria a agitar os outros pacientes com as minhas ideias malucas, embora eu nunca me lembre de ter agitado ninguém de forma alguma. Durante todo este tempo ele esteve a falar sem qualquer ideia aparente sobre em que consistia o seu trabalho, e isto apesar de a minha carta relativamente às suas leituras ser bastante clara."

Quando uma enfermeira na sala saiu em defesa de Conjar, o Dr. Custer ficou ainda mais irritado. Como George escreveu mais tarde: "Começou então a falar da minha religião e de como o senhor não estava em conformidade com ela. Eu respondi que um padre católico, que sabe muito mais sobre a minha religião do que eu, foi curado ao seguir o tratamento prescrito pelas leituras. 'Aposto que o nome dele não estava no livro', disse ele. 'Não', disse eu, 'mas qualquer médico pode ir lá abaixo e examinar os vários históricos clínicos e ver por si mesmo o trabalho das leituras.' Isto deixou-o momentaneamente sem resposta e depois disse-me para ir buscar o livro [de Cayce]. Quando regressei, ele estava a olhar para o meu gráfico e depois disse-me: 'George, estás a sair-te muito bem, muito bem. Não quero que vás para casa desfazer este bem.' Bem, isso certamente atingiu-me... Ele diz-me que estou a sair-me muito bem. De onde é que ele tirou

essa informação? Ele queria que eu pusesse fé na profissão médica e a falar assim. Não pude responder antes de ele me encaminhar para o corredor."

O Dr. Custer faltou ao seu compromisso seguinte com Conjar, o que acabou por ser bom, pois George tinha recebido a leitura de Cayce pelo correio. Como Custer estava demasiado ocupado para o atender, a mãe de George assinou a sua saída do hospital e levou-o para casa. Ele mal podia esperar para começar o plano de tratamento.

A Fonte, falando através de Cayce, descreveu a condição tuberculosa de Conjar como estando em "fase avançada", mas não tão perdida que não respondesse ao tratamento se ele seguisse consistentemente as recomendações. "Esta perturbação pode não só ser atenuada e travada, como o corpo pode ser capaz de fazer um bom trabalho e contribuir para as coisas espirituais da vida."

Inalar os vapores de aguardente de maçã de um pequeno barril de carvalho queimado foi um dos mesmos tratamentos que Cayce usou para salvar a vida de Gertrude Cayce muitos anos antes. O Calcios recomendado por Cayce ainda está disponível hoje e é uma boa fonte de cálcio natural.

As recomendações, em resumo, eram as seguintes: ele devia manter-se quieto, de preferência em casa, e inalar os vapores de aguardente pura de maçã de um pequeno barril de carvalho queimado. Além disso, dia sim, dia não, devia ingerir uma colher de chá cheia de Acigest, um tipo comummente disponível de ácido clorídrico, misturado num copo de leite cru. Devia também tomar o suplemento de cálcio Calcios, que devia espalhar finamente numa bolacha de trigo integral como faria com a manteiga. E em vez de permanecer no interior, como tinha sido

prescrito no sanatório, devia ir para o ar livre. “Mantenha-se ao ar livre quando for prático... Fique fora do ar da noite, mas tenha bastante ventilação... Mantenha-se ao sol, mas não ao sol do meio-dia — em vez disso, fique à sombra, mas ao ar livre. Descanse bastante... Um pouco de exercício pode ser feito; apenas coisas como caminhar ou afins.”

Conjar foi também aconselhado a prestar atenção cuidadosa à sua dieta, que devia consistir em comer marisco e peixe, incluindo espinhas, duas vezes por semana. Frango, incluindo ossos estufados, devia ser consumido noutras refeições. Nenhuns outros tipos de carne deveriam ser consumidos, a menos que fosse caça selvagem. Além disso, devia beber bastante leite e produtos lácteos. Grandes quantidades de vegetais e frutas cozinhados e crus deveriam também ser consumidas, mas estes deveriam ser “amarelos”, tais como abóbora amarela, pêssegos amarelos, batata-doce amarela e cenouras amarelas. A Fonte não explicou como os alimentos com esta cor particular se encaixavam na equação do tratamento, nem Conjar perguntou, mas a razão, como mais tarde viria a ser evidenciado em estudos de fitoquímicos, mostra que estas frutas e vegetais são extremamente ricos em compostos químicos orgânicos que o corpo converte em vitaminas A e C, ácidos gordos ómega-3 e folato.

Isto, juntamente com a recomendação de que recebesse uma leitura de controlo oito semanas após o início do tratamento, foi a extensão dos conselhos. Para ajudar a dar o melhor uso ao conselho, anexada à leitura ia uma ilustração do barril de carvalho queimado e de como ele deveria ser configurado para que ele pudesse inalar melhor os vapores da aguardente de maçã.

Conjar recebeu a leitura numa segunda-feira, chegou a casa no dia seguinte e escreveu a Edgar na quarta-feira. “Até sexta-

feira espero ter tudo a postos e ser capaz de começar a minha cura... Anexo também quatro dólares que consegui poupar da minha mesada. Em breve espero enviar-lhe dinheiro regularmente; primeiro para tentar pagar em parte o que está a fazer por mim e, em segundo lugar, na esperança de que com ele o senhor possa ser ajudado por mim na continuação do seu trabalho pelo seu semelhante. Muito obrigado pela sua bondade; não consigo expressar a minha gratidão adequadamente."

Conjar continuaria a escrever a Edgar, contando-lhe o progresso que estava a fazer, fazendo perguntas e invariavelmente anexando um ou dois dólares. No entanto, por mais esperançoso e empenhado que estivesse em cumprir as recomendações, tinha desafios a enfrentar. O principal deles era obter um barril de carvalho queimado. Numa carta que escreveu a um fabricante, indicou que não o usaria para fins de destilação, mas sim para seguir recomendações de saúde para o tratamento da TB. Em correspondência de resposta, o fabricante expressou a sua simpatia por Conjar e pela sua condição, mas disse que não estava licenciado para vender barris para fins medicinais. Conjar foi para o seu quarto no andar de cima e chorou na almofada, pensando que o seu tratamento teria de ser adiado até conseguir obter um barril de alguma forma. Nessa altura poderia ser demasiado tarde. Mas no dia seguinte ficou encantado ao ver subitamente um ser entregue pela mesma empresa a quem tinha feito inicialmente o seu pedido. Embora o fabricante não lho tivesse podido "vender", o agente de vendas ficara comovido com a carta de George e tinha-lhe "dado" um. Depois havia o problema de obter a aguardente. Aguardente de maçã não estava disponível em Harrisburg, apenas applejack. O irmão mais velho de George resolveu este problema fazendo uma viagem de carro até Maryland. Os outros produtos, Acigest e Calcios, foram obtidos mais facilmente. Assim, com um esforço concertado e bem

orquestrado por toda a sua família — o seu pai preparou o barril, os seus irmãos trouxeram a comida e a sua mãe preparou-a —, a sua cura começou.

Quatro dias após o início do plano de tratamento, Conjar relatou "uma sensação estranha e de cabeça leve durante um dia inteiro". Vinte e quatro horas depois, contudo, a sensação tinha passado. Ele experimentou depois uma ligeira febre que persistiu por uma semana e uma transpiração profusa. Não ficou preocupado; em vez disso, ficou satisfeito por o tratamento parecer estar a fazer efeito. Como tantas vezes antes, expressou os seus agradecimentos numa carta a Edgar. "O que fez por mim nunca poderei retribuir-lhe. Agradeço a Deus por me ter deixado entrar em contacto consigo... Se Deus quiser que a minha saúde seja restaurada através do senhor, isso deixar-me-á, acredito eu, mais feliz do que qualquer outra pessoa nesta terra. Já estou extasiadamente feliz pelo que já me aconteceu."

A correspondência de Conjar continuou a ser otimista. Em agosto, pouco mais de três semanas após agir de acordo com as recomendações, Edgar recebeu mais alguns dólares pelo correio, juntamente com uma nota: "Sinto-me muito bem desde que comecei o tratamento, em todos os aspetos. Realmente, um homem novo. O sol sabe maravilhosamente bem, também; é a primeira vez que estou ao sol por um período de tempo prolongado desde 1940."

Em resposta, Edgar encorajou-o a manter-se fiel ao regime. "Vai ter dias em que não se vai sentir tão bem, mas acredito sinceramente, por experiências passadas, que se fizer tudo o que as leituras sugeriram e não exagerar, vai obter resultados reais e sei que vai ser um homem novo e feliz, e estou ansioso... por falar consigo pessoalmente."

George também aguardava com expectativa esse momento. Isto, escrito no início de setembro, acompanhava a sua mesada de 2 dólares por mês: “Com a sua permissão irei a Virginia Beach para lhe agradecer pessoalmente. Não será um obrigado adequado, uma vez que nem consigo começar a pôr em palavras um ‘obrigado’ tão grande como o que sinto... Preciso de ajuda espiritual bem como física e, desde que o conheci, estou, eu sei, muito melhor espiritualmente e sinto-me muito melhor fisicamente.”

Edgar ficou satisfeito por George estar a pensar além da sua cura física. Enviou a George um exemplar de um livro novo, A Search for God, que era uma compilação de leituras espirituais que Edgar tinha dado para o grupo de membros da A.R.E. em Virginia Beach e Norfolk que se tinham reunido a partir de um profundo desejo de se compreenderem melhor a si mesmos e à sua relação com Deus.

Em resposta à carta de George, Edgar escreveu: “Precisamos de ajuda nas nossas vidas espirituais se quisermos usar melhor as nossas capacidades físicas, e tenho esperança de que possa, através dos meios da Associação, encontrar algo que valha a pena, tal como tantos outros... Se se mantiver bem próximo de todas as sugestões indicadas na sua leitura e for atento à sua dieta, sinto que se vai sair bem. Dê-nos notícias e... esperando vê-lo num futuro não muito distante.”

Oito semanas após o início do tratamento, Conjar candidatou-se a uma leitura de controlo como tinha sido indicado na sua primeira leitura. Numa nota de acompanhamento, expressou também o seu profundo prazer ao ler o livro A Search for God. “Foi como receber uma pérola rara depois de já ter recebido um

diamante raro. O senhor é tão bom. Não importa o que eu seja ou venha a ser, nunca me esquecerei da bondade que me demonstrou, nem da alegria que me deu, nem nunca deixarei de trabalhar para me fortalecer espiritualmente, de modo a poder duplicar parte desta bondade para com outro... Quero que saiba que, seja qual for o resultado, sou um homem muito mais feliz por o ter conhecido e sê-lo-ei sempre."

Ao longo desta correspondência, Edgar nunca aludiu às dificuldades que estava a ter com a sua própria saúde em deterioração, à lista de espera de leituras ainda por realizar ou ao ritmo frenético em que as estava agora a dar. A Fonte tinha dito que Edgar, para sua própria saúde, deveria restringir a quantidade de sessões de transe a duas por dia. Gertrude estava tão preocupada que o puxou para o lado, pedindo-lhe que abrandasse.

"Estás a matar-te", dissera Gertrude. Mas Edgar não quis ouvir. Levou-a até ao armazém das traseiras da casa deles e despejou um saco de correio inteiro cheio de correspondência no chão. "Como posso virar-lhes as costas?", perguntou ele. "Mata-me não fazer as leituras. Se exagerar, isso também me matará."

Cayce nunca aludiu ao drama que ocorria nos bastidores. Apenas agendou uma leitura de controlo para Conjar e pediu desculpas por ele ter de esperar até janeiro de 1944. "Sei que é muito tempo... mas é o melhor que podemos fazer neste momento. Agradeço-lhe muito pelo que disse. Todo o nosso propósito é ser de utilidade onde quer que e sempre que seja possível. Tenho a certeza de que se mantiver o seu pensamento correto, agir exatamente como pensa e rezar da mesma forma, vai ficar muito melhor."

George Conjar em recuperação.

Edgar não recebeu relatórios específicos da saúde de Conjar no período que antecedeu a segunda leitura; em vez disso, recebeu uma ordem de pagamento de 4 dólares e a promessa de 10 dólares por mês a serem aplicados numa inscrição vitalícia na A.R.E. Depois, pouco antes da data de 4 de janeiro em que a leitura deveria ser realizada, esta carta de Conjar chegou pelo correio:

Passaram quase cinco meses desde que comecei o tratamento como a leitura sugeriu e devo certamente dizer que me sinto ótimo. Como o dia 4 divulgará a extensão da minha melhoria, estou muito sobre brasas neste dia. Durante todos os meus três anos passados no sanatório apenas um raio-X acabou por ser favorável; os restantes — cerca de 10 em número — foram todos bastante desapontantes. Já passou muito tempo desde que me senti tão bem como hoje. O meu coração deve-lhe muito, não só pela minha leitura física, mas também pela ajuda espiritual que recebi através de si. A minha vida não pode deixar de ser feliz.

A leitura de controlo que Cayce realizou durou meros cinco minutos. A Fonte declarou que já não havia infeção, contudo ele deveria continuar os tratamentos previamente delineados para restaurar mais plenamente a sua saúde. Ele podia, de facto, começar o trabalho físico, com moderação. “Não trabalhe em

condições onde os pés fiquem frios ou húmidos, ou onde não haja ventilação adequada nos ambientes de trabalho. Mas o corpo pode começar com as suas atividades. Mantenha continuamente o pensamento construtivo dentro de si e dentro daquilo que faria pelos outros. Pois da forma como tratais o vosso semelhante tratais o vosso Criador. Tirai tempo para serdes santos. Fizestes promessas a vós mesmos, ao vosso Criador, aos vossos amigos. Lembrai-vos — o que prometestes, cumpri. Pois o Senhor tem necessidade daqueles que são honestos consigo mesmos."

Conjar estava extasiado. "Obrigado do fundo do meu coração", escreveu ele a 10 de janeiro. "Não consigo — nem as palavras conseguem — expressar... a alegria que preenche todo o meu ser a cada minuto de cada dia. A minha gratidão para consigo é igualmente inexpressível... o meu coração agradece-lhe sempre... Assim que conseguir fazer arranjos financeiros para uma viagem a Virginia Beach, vou visitá-lo para lhe poder agradecer pessoalmente pelas suas grandes bondades para comigo."

Apesar das exigências agora esmagadoras sobre o seu tempo, Edgar respondeu com uma carta longa e sentida. Isto, em parte, foi o que ele disse:

Aguardo com um enorme prazer e interesse o dia em que o poderei conhecer em pessoa. Acredito que vai ficar inteiramente bom deste problema. Sei que a minha própria esposa, que espero que conheça quando estiver aqui, em 1910 estava numa condição muito pior do que a sua, e está inteiramente boa e tem pouca ou nenhuma recorrência... Será muito bom para si verificar a sua condição com um raio-X e espero que obtenha resultados tão maravilhosos como muitos outros obtiveram. Deve ficar inteiramente bom, George, em possivelmente menos de um ano.

Conjar avançou e fez um raio-X no Hospital de Harrisburg. Nenhumas evidências da doença puderam ser encontradas no seu pulmão direito. O seu pulmão esquerdo tinha cicatrizes, mas estava livre de doença. O médico declarou-o curado. Como, ele não sabia, mas a recuperação de George, por qualquer medida, foi milagrosa.

A tragédia — como Conjar notaria mais tarde — era dupla. Os médicos tinham deixado morrer tantas outras pessoas quando o plano de tratamento de Cayce era tão eficaz, barato, acessível a quase todos e trazia tantos benefícios adicionais para a saúde. Todo o seu corpo fora rejuvenescido. O tratamento à base de produtos farmacêuticos que foi finalmente concebido e utilizado para tratar a TB na década de 1950, o qual viria a erradicar virtualmente a doença nos EUA e continua a ser o tratamento prescrito, atua no corpo tal como a quimioterapia. Mata a infeção, mas a um custo enorme para o corpo humano.

O outro desgosto de Conjar foi não ter conseguido agradecer a Edgar pessoalmente. No ano após ter ficado bom, enquanto os seus irmãos estavam longe a combater na Segunda Guerra Mundial e ele tinha de trabalhar para sustentar a família, a própria saúde de Edgar tinha-se deteriorado. Estava criticamente doente com pneumonia. Viria a falecer antes que Conjar pudesse pagar o bilhete de comboio.

Conjar não tinha outros desgostos. A vida era uma celebração. Todas as manhãs, às seis da manhã, parava na igreja para fazer uma oração pela bênção que lhe tinha sido concedida, tratava cada novo dia como uma oportunidade para partilhar a sua boa sorte com os outros e dava um terço de tudo o que ganhava para caridade e para a melhoria da humanidade. Conjar

prosseguiu até obter um diploma universitário em gestão e trabalharia para a mesma empresa de distribuição de produtos por grosso de Harrisburg, Pensilvânia, durante quarenta e um anos. Quando um arquivista da Fundação Cayce o foi entrevistar em 1998, ele tinha acabado de celebrar o seu septuagésimo quarto aniversário, e uma festa seria dada vários meses mais tarde para o seu quadragésimo quinto aniversário de casamento, na qual estiveram presentes os seus cinco filhos e sete netos. Hoje é um jovem feliz e saudável de noventa anos. Não voltou a passar uma noite num hospital desde quando, com a sua leitura de Cayce na mão, deixou o sanatório de South Mountain.

Em outubro de 1930, Edgar acordou de uma leitura com o seguinte relato: "Ao sair, percebi que tinha contactado a Morte, como uma personalidade, como um indivíduo ou como um ser. Percebendo isto, comentei com a Morte:

'Não és como és habitualmente retratada — com uma máscara ou capuz preto, ou como um esqueleto, ou como o Pai Tempo com uma foice. Em vez disso, és bela, de bochechas rosadas, robusta — e tens uma tesoura.' Na verdade, tive de olhar duas vezes para os pés ou membros, ou mesmo para o corpo, para o ver ganhar forma.

Ela respondeu: 'Sim, a Morte não é o que muitos parecem pensar. Não é a coisa horrível que é frequentemente retratada. Apenas uma mudança — apenas uma visita. A tesoura é de facto o instrumento mais representativo da vida e da morte para o homem. Esta, na verdade, une ao dividir — e divide ao unir. O cordão não se estende, como habitualmente se pensa, a partir do centro — mas é quebrado a partir da cabeça, da testa — essa porção mole que vemos pulsar no bebé. Por isso vemos os velhos,

sem que o saibam, ganhar força da juventude ao beijá-los ali; e a juventude ganha sabedoria com tais beijos.

Na verdade, as vibrações podem ser elevadas a tal ponto que voltem a acender ou a reorientar o cordão, tal como o Mestre fez com o filho da viúva de Naim. Pois Ele não o tomou pela mão (que estava atada ao corpo como era costume na época), mas antes acariciou-o na cabeça — e o corpo tomou vida da própria Vida! Portanto, vês, o cordão de prata pode ser quebrado — mas a vibração...'

Aqui o sonho terminou."

EDGAR CAYCE:
NA SUA PRESENÇA

A condição física de Edgar começou a deteriorar-se seriamente no início de 1944. Nesse mês de fevereiro, sofrendo de uma constipação grave e tosse, concordou em fazer umas curtas férias para visitar Tom Sugrue em Clearwater, Flórida. Gostava de caminhar na rebentação com a sua cana de pesca enquanto Tom se sentava na praia a apanhar sol numa cadeira de jardim. Mas quando Edgar regressou a Virginia Beach dez dias depois, a sua condição não tinha melhorado visivelmente. E apesar do conselho em transe em contrário, mergulhou de novo na realização de leituras — por vezes cinco ou seis num único dia — , embora a Fonte tivesse recomendado não mais de duas, ou nenhuma de todo.

No início de março, Edgar estava na cama com pneumonia. Apesar das ordens do seu médico e ignorando mais uma vez o conselho nas leituras, Edgar prescreveu a si próprio um medicamento potente — um composto de sulfa que tinha tomado

uma vez no início de uma constipação grave. O choque no seu sistema deixou-o numa condição de tal modo enfraquecida que foi forçado a ficar na cama e incapaz de dar mais leituras até 14 de março, altura em que deu uma para si próprio. Depois, contra os apelos de Gertrude e Gladys, começou a fazer leituras para alguns amigos em necessidade desesperada, e a 20 de março estava a dar nove leituras num único dia — isto além de tentar ler ou responder às cerca de quinhentas cartas que lhe eram enviadas todos os meses. Num único dia, recebeu um máximo histórico de 750 cartas. "É difícil ouvir os apelos de alguns que telefonam e enviam telegramas e não tentar fazer algo a respeito", escreveu ele a Edgar Evans, que estava então a servir no Corpo de Transmissões do Exército. "Mas [eu] só posso fazer até certo ponto."

A casa de Cayce e a sede da Associação para a Investigação e Iluminação (A.R.E.) em Virginia Beach, c. 1940.

O gabinete de Edgar.

Uma secretária que ajudava Gladys com a correspondência ficava tão perturbada pelo estado "debilitado" em que Edgar frequentemente se encontrava após dar leituras que se referia às suas sessões de transe como a "máquina de drenagem" e o encorajava a parar. "Hora a hora, dia a dia, eu conseguia sentir algum sustento vital de vida a esvair-se do corpo de um homem a quem tinha passado a admirar e a amar de uma forma pessoal especial", escreveu ela mais tarde.

Apesar das admoestações para abrandar, Edgar continuou a receber visitantes em Virginia Beach que vinham para presenciar leituras em transe ou procurar conselho e orientação psíquica. A mãe de Ernest Hemingway procurou conselho, tal como o líder de orquestra Vincent Lopez e, através de Harold Reilly em Nova Iorque, o futuro Governador de Nova Iorque e Vice-Presidente Nelson Rockefeller e o líder sindical George Meany.

Em 1944 chegou uma chamada telefónica para Edgar vinda do brevemente Presidente Harry Truman, que assumiria o cargo aquando da morte de FDR em abril de 1945.

Entre vários visitantes misteriosos a Virginia Beach por esta altura esteve um agente do governo não identificado que chegou de Washington, D.C., a 30 de maio de 1944. A pedido de Edgar, Gladys conduziu o visitante para o escritório e as portas foram fechadas. Tudo o que se sabe sobre a sessão de transe realizada em privado vem de uma carta que Edgar escreveu a Edgar Evans. O seu pai descreveu o seu visitante como "um dos mais altos

quadros", que era "um conselheiro daqueles que estão na autoridade, que eram os que formulavam os padrões sobre as inter-relações que haveriam de existir com todos os outros países após a guerra". Coincidentemente, por esta mesma altura, o estudante de teologia Harmon Bro, que estava a trabalhar como secretário sob as ordens de Gladys, relatou ter atendido uma chamada telefónica, a qual passou para Edgar, vinda do gabinete de Harry Truman.

Se Truman, que em breve se tornaria Presidente, recebeu uma leitura, ela nunca foi registada para o arquivo oficial. No entanto, umas espantosas 1385 leituras foram dadas entre junho de 1943 e junho de 1944. Depois disso, o número declinou vertiginosamente juntamente com a saúde de Edgar. Ele dormia mais tempo todas as manhãs e deitava-se mais cedo todas as noites. O seu jardim foi deixado ao abandono.

Em agosto de 1944, Edgar foi travado por um acidente vascular cerebral que deixou o seu lado direito parcialmente paralisado, impedindo-o de usar uma caneta ou dactilografar cartas. Por conselho do seu médico, foi recuperar para Roanoke, Virgínia, onde foi colocado sob os cuidados de um osteopata recomendado nas leituras. Ele e Gertrude ficaram no Meadow View Inn em Cloverdale, que era detido e explorado pelo seu médico e pela sua esposa. A esta altura o médico e a sua esposa teriam fechado a hospedaria e ido para a Flórida, mas por cortesia para com os Cayce, mantiveram um quarto aberto para verificar mais facilmente a condição de Edgar e permitir que os amigos fizessem visitas diárias.

Edgar Cayce a envergar o seu “roupão de leitura”, uma prenda afetuosamente feita para ele por uma das suas quatro irmãs, c. 1940-41.

A jardinagem era uma das paixões a que Edgar teve de renunciar devido à sua doença.

Gladys, de volta a Virginia Beach, escrevia cartas alegres para tranquilizar os espíritos dos Cayce de que a A.R.E. estava em boas mãos. No entanto, Edgar sabia bem os desafios colocados

sobre os ombros dela. Agora que ele tinha parado de dar leituras, a A.R.E. não tinha rendimentos. Amigos e recetores gratos das leituras ajudavam a suprir as necessidades diárias dela e da família, mas já não podiam arcar com pessoal extra para atender os telefones ou atualizar a correspondência.

O Meadow View Inn onde Edgar e Gertrude ficaram em Cloverdale, perto de Roanoke. Tinha sido originalmente uma casa de lavoura construída no século XIX e à frente dela estava a "Árvore Sagrada de Cloverdale" (que caiu numa tempestade de vento em 1961). A enorme nogueira-preta tinha estado ali durante 500 anos e tinha uma circunferência de 25 pés. A árvore era conhecida ao longo dos anos como a "Antiga Árvore de Adoração dos Índios".

Entre as cartas que chegavam a Virginia Beach estava uma de Hugh Lynn, destacado em França com o Terceiro Exército dos EUA, que escreveu ao seu pai uma sentida carta de encorajamento: "Sei, e fico feliz por isso, quão fácil será para ti esgueirar-te quando decidires fazê-lo. Tens de perceber que fizeste um trabalho magnífico... Não é por qualquer realização para ti próprio que te peço para continuares, mas por aqueles de nós que precisam da tua ajuda mais um pouco aqui. A cristalização dos nossos esforços está logo à frente, a moldagem do nosso trabalho para as massas está a ganhar forma e precisa da tua orientação, a influência sobre vários indivíduos importantes é necessária — preciso de mencionar os que te são próximos, os teus netos?"

A última leitura de Cayce alguma vez dada foi para o próprio Edgar a 17 de setembro de 1944. Havia poucas dúvidas na mente de quem quer que fosse de que uma presença angelical, o "Mestre dos Mestres", estava na sala e a falar através de Cayce. Aqueles

reunidos ao lado de Edgar foram aconselhados a estar em paz. "Não se perturbe o vosso coração", foram aconselhados. "Nem... tenhais medo, pois Eis que sou Eu, e prometi estar convosco, até ao fim do mundo."

As únicas recomendações que vieram nesta última leitura foram fornecidas para o conforto físico de Edgar.

Uma semana mais tarde Cayce sofreu outro acidente vascular cerebral, que resultou na paralisia completa de todo o lado esquerdo do seu corpo, do pescoço aos pés. Ainda assim, estava de bom humor e suficientemente forte para ditar uma lista de instruções para Gladys. Entre outras coisas, Gladys devia pagar o seguro do carro, tratar da conta do aquecimento e alugar o quarto extra na casa para ajudar a amortizar as despesas. Deixou também instruções para Rains, o jardineiro, abrir uma trincheira e plantar os seus bolbos de tulipa.

O Capitão Edgar Evans Cayce, temporariamente em casa de licença, chegou a Roanoke a 19 de novembro. Edgar fez um esforço para lhe sussurrar ao ouvido, dizendo a Edgar Evans que desejava passar os seus últimos dias em casa cercado pelas pessoas e coisas que mais amava. Edgar Evans prontamente embrulhou Edgar em cobertores, deu-lhe alta do Meadow View Inn e tomou o volante da ambulância que devolveu Edgar a Virginia Beach.

Em antecipação da chegada de Edgar, Gladys e os voluntários remodelaram a casa e fizeram uma limpeza de primavera. Apesar do seu entusiasmo exterior, contudo, aguardavam a chegada de Edgar com sentimentos mistos. Os relatórios que Gladys tinha recebido indicavam que Edgar estava

a recuperar, mas ela sabia intuitivamente — tal como Edgar Evans — que o fim estava próximo.

O próprio Edgar sabia que o fim se aproximava, e foi talvez por essa razão que pediu que a ambulância parasse em Blackstone, Virgínia, no caminho para Virginia Beach, para ver se Beatrice — a Pequena Anna — estava em casa. Ela também tinha sentido que o fim estava próximo e tinha conduzido até Virginia Beach na esperança de ver Edgar.

Ao chegar, Edgar teve de ser carregado para a sua casa em Arctic Crescent numa maca. Houve lágrimas, mas estas pertenciam a Edgar, feliz por estar em casa após três meses fora. "[Ele estava] tão feliz...", escreveu Gladys, "Mas de coração partido por estar em tal estado."

Embora paralisado do pescoço para baixo e mal conseguindo falar acima de um sussurro, ditou várias cartas, entre as quais para Hugh Lynn. "Acho realmente que melhorei mais desde que estou em casa do que em todo o tempo desde que fiquei doente", escreveu Edgar a 2 de dezembro.

Edgar entrou e saiu do estado de consciência durante os dez dias seguintes até que, a 13 de dezembro, entrou em coma, o qual durou toda a noite. Na manhã seguinte parecia muito melhor e a sua circulação parecia ter melhorado, mas já não estava alerta e não conseguia dormir mais de trinta minutos de cada vez sem acordar.

Jane Williams, uma amiga dos Cayce desde o fim do hospital, estava sentada com Edgar quando ele subitamente acordou e, num sussurro, lhe contou sobre um sonho que tinha tido. Ela não entendeu todas as suas palavras, mas ficou com a

certeza de que ele lhe tinha dito que seria “rejuvenescido” a 5 de janeiro.

Mais tarde nessa noite Edgar falou também com Gladys com uma clareza espantosa e uma profunda perceção. “Fé, esperança e amor — eles são reais”, disse-lhe ele. “A fé é a substância das coisas que se esperam, a evidência das coisas que não se vêm, mas é mais real do que qualquer coisa que possas ver. O amor é universal, não pessoal. Quando se torna universal, é [uma energia] criativa. Pode trazer vida tão certamente como dois corpos unidos se tornam um canal para a entrada de uma alma na terra.”

O Natal de 1944 não foi a ocasião feliz que tradicionalmente tinha sido no lar. Edgar estava novamente comatoso. Na véspera de Ano Novo, quando as buzinas da meia-noite soaram na estação naval próxima, ele reanimou.

“Bom Ano Novo!”, disse-lhe Gladys. “Vamos a sítios e fazer coisas em 1945!”

Edgar respondeu: “O mesmo para ti... se o Senhor quiser.”

Duas ou três vezes nessa noite, Edgar acordaria dizendo coisas como: “Este mundo está numa grande confusão e nós temos de o controlar. Apenas espero ser digno.”

A última conversa de Gertrude com Edgar foi a 2 de janeiro, logo após o pôr do sol. Ele disse: “Sabes que te amo.”

Gertrude acenou com a cabeça e ele perguntou: “Como sabes?”

Ela sorriu e disse: “Oh, eu simplesmente sei.”

Edgar olhou para ela com lágrimas nos olhos. “Não vejo como podes saber”, disse ele, “mas amo-te mesmo.” Após tomar um momento para ganhar forças, ou refletir, continuou. “Sabes, quando amas alguém, sacrificas-te por essa pessoa. E o que é que eu alguma vez me me sacrifiquei porque te amo?”

Gertrude desfez-se em lágrimas e saiu do quarto.

Gladys recordar-se-ia vividamente da sua última conversa com ele, no final da noite de 2 de janeiro de 1945. Como se despertado de um sono profundo, ele tentou erguer a cabeça e sussurrou-lhe que alguém estava na sala com eles.

“Quem é aquele homem?”, perguntou Edgar.

Gladys não conseguia ver ninguém, mas suspeitava que o Mestre dos Mestres tinha vindo por ele. Pediu a Edgar para descrever o que via.

“Ele parece um maestro de música”, disse Edgar. “[Ele está a tocar] uma música linda.”

Gladys perguntou que tipo de música estava a ser tocada.

“Não sei”, veio a resposta. “Não sei muito sobre música.”

Gladys tinha a certeza de que ele sabia. “Tu sabes tudo sobre música. Sabes tudo sobre as harmonias do universo.”

Às 7:15 do dia seguinte, Edgar parou de respirar. A sua jornada através da “outra porta de Deus” tinha começado, não com uma luz branca cegante, mas com música e um maestro

divino. Gladys e Gertrude também compreenderam o que tinha acontecido.

Na primeira experiência de oração de Edgar quando era criança em Beverly, a música tinha sido uma ponte ou meio de expressão ligando uma alma a Deus. Pessoas a rezar juntas podiam criar uma harmonia divina. Era inteiramente apropriado que Jesus aparecesse a Cayce como o Mestre Músico e que Gladys lembrasse a Edgar, que não tocava nenhum instrumento nem era particularmente dotado para a música, que ele sabia tudo sobre as harmonias do universo. Ele tinha-se dedicado a fazer o trabalho de Deus.

Gertrude viria a juntar-se a Edgar 3 meses mais tarde, a 1 de abril de 1945. E até à sua morte, a 12 de fevereiro de 1986, Gladys continuaria o trabalho com Hugh Lynn, Edgar Evans e muitos outros. A Associação para a Investigação e Iluminação cresceu desde então pelo mundo fora e continua a carregar o legado de Cayce.

"...A morte no físico é o nascimento no espiritual, percebes?"

Edgar Cayce (900-331)